

KÁTIA CAROLINE SOUZA FERREIRA

**DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E
OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA
ESCOLA: DESAFIOS E DILEMAS PARA
PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM PORTO SEGURO – BAHIA**

Orientadora: Professora Doutora Elsa Maria Bacala Estrela

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Instituto de Educação

Lisboa

2022

KÁTIA CAROLINE SOUZA FERREIRA

**DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E
OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA
ESCOLA: DESAFIOS E DILEMAS PARA
PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL EM PORTO SEGURO – BAHIA**

Tese defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Doutora em Educação no curso de Doutoramento em Educação conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias com o Despacho nº 221/2022 com a seguinte composição de Júri:

Presidente: Prof. Doutor António Teodoro

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Arguentes: Prof.^a Doutora Rosa Serradas Duarte

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Prof. Doutor Rui Trindade

Universidade do Porto

Vogais: Doutora Louise Lima

Investigadora do CeIED da ULHT

Prof. Doutor Bento Cavadas

Instituto Politécnico de Santarém

Prof. Doutor José Beltran

Universidad de Valencia

Orientadora: Prof.^a Doutora Elsa Estrela

Universidade Lusofona de Humanidades e Tecnologias

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Instituto de Educação

Lisboa

2022

*Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho
pelo qual se pôs a caminhar.*

Paulo Freire

Aos meus grandes incentivadores
e amores incondicionais:
meus pais, minhas irmãs,
minha filha, Lara,
e meu esposo, Fábio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me permitido realizar este sonho. Sem a fé neste Ser Supremo, que me guiou a cada instante, eu não teria conseguido, pois foi um caminho árduo, apesar de gratificante.

À minha orientadora, Professora Doutora Elsa Estrela, que para mim tornou-se uma grande amiga e incentivadora. Sempre esteve ao meu lado, em todas as minhas decisões relacionadas ao curso, em todos os momentos, me dando forças para prosseguir, me incentivando e me dando seu apoio incondicional. Obrigada por ter acreditado em mim, como sua orientanda, pela sua sabedoria, apoio, confiança e competência; jamais irei esquecer tudo o que fez por mim. És uma profissional em quem me inspiro muito e por quem tenho uma profunda admiração!

À Universidade Lusófona, através do Instituto de Educação, e aos professores do Doutorado em Educação, nas pessoas do professor Doutor António Teodoro, que para mim é um exemplo de profissional, dedicado e sempre disposto a nos ajudar, da professora Doutora Rosa Serradas e da Senhora Anabela Martins, que sempre estiveram prontas a nos atender, em qualquer situação. Vocês foram muito importantes nesse processo.

Ao Programa Erasmus+, agradeço a oportunidade concedida a mim, para a realização do estágio do Doutorado em Educação, na Universidade de Valencia, na Espanha, o qual oportunizou a menção ao Doutorado Europeu. Incluo neste agradecimento, especialmente, a Professora Doutora Lucimar Dantas, que tanto me apoiou e me deu forças, para que este momento se concretizasse.

A minha estima e mais profunda gratidão aos professores que me receberam na Universidade de Valencia, na Espanha: ao Professor Doutor José Beltrán, por ter me acompanhado e orientado durante todo o período em que estive na Universidade, por ter me recebido muito bem no Departamento de Sociologia e Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais, onde pude usufruir de informações, conhecimentos, acompanhamento de aulas e de atividades na Faculdade de Magistério e na Faculdade de Ciências Sociais, para compreender como são desenvolvidas atividades sobre Inovação Educativa e Formação de Professores na Universidade; ao Diretor do Instituto Universitário de Criatividade e Inovações Educacionais – Institut Universitari de la Creativitat i Innovacions Educatives – IUCIE –, Professor Doutor Benno Herzog e equipe, que durante três meses me recebeu e me acomodou muito bem no Instituto, prestando todo o apoio técnico necessário à minha investigação, sem

o qual a minha estada na Espanha teria sido muito mais difícil. Foram ricos momentos e um grande aprendizado!

À Prefeitura Municipal de Porto Seguro, através da Secretaria Municipal de Educação, por ter concedido a minha licença para estudos, durante todo o período do Doutorado, fato que contribuiu muito para a conclusão desta tese.

Aos professores e às professoras das Escolas Municipais de Porto Seguro, participantes desta pesquisa, que não mediram esforços, mesmo nos tempos pandêmicos que vivenciávamos no momento, e se dispuseram a participar desta pesquisa.

Aos meus pais, irmãs e familiares, pelo incentivo e força constantes. Sem vocês eu não conseguiria chegar onde cheguei.

Ao meu esposo, Fábio, por sua compreensão e paciência em cuidar de tudo, principalmente da nossa filha, enquanto eu estava fora do país, estudando.

À minha amada filha, Lara, a quem eu amo incondicionalmente, e quem me faz seguir adiante, sempre buscando o melhor para a nossa família. Gratidão, filha, pelo incentivo constante nos dias que passei longe de você, por me manter firme, me dando forças para prosseguir; sem esse apoio eu não conseguiria. Foi assim que eu descobri o quanto você é forte e preciosa demais para nós!

Aos meus amigos, colegas de trabalho e de Doutorado, que me apoiaram e me incentivaram, que sofreram comigo as angústias e expectativas, sempre emitindo palavras de ânimo e força. Penso em cada um de vocês com muito carinho, lembrando sempre do auxílio, desde o início dessa jornada, com apoio e incentivos constantes.

A todos e a todas que, direta e indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa. Saibam que mesmo não citando nomes, tenham certeza que sou muito grata a vocês, que tanto contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui. Sozinha, eu jamais conseguiria!

RESUMO

O presente estudo busca compreender os desafios e os dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em Porto Seguro – Bahia – Brasil, ao lidarem com as demandas de processos de inovação pedagógica em seu desenvolvimento profissional. O estudo parte da ideia de que o desenvolvimento profissional docente integra a reflexividade da prática, o que reverbera na transformação de suas práticas pedagógicas em sala de aula. Para a discussão, neste trabalho, elegemos três categorias teórico-analíticas: o “desenvolvimento profissional docente”, que está relacionado com a melhoria das condições de trabalho, da autonomia e da capacidade de ação dos professores, como um processo de desenvolvimento ao longo da vida, superando a fragmentação de momentos formais, tanto da formação inicial, quanto da continuada “inovação pedagógica”, a qual é associada à renovação pedagógica, à mudança, à melhoria, e envolve diversos contextos relacionados à educação, a exemplo de programas de ensino, escola, currículos; e “currículo”, compreendido como um conceito que interioriza lutas simbólicas e que tem potencial de agregar uma perspectiva intercultural. Assim, produzimos este trabalho com o objetivo de contribuir qualitativamente com as discussões pedagógico-científicas desenvolvidas nas variadas instâncias que fomentam a efetivação de políticas públicas para a formação de professores, visando o desenvolvimento profissional docente. A pesquisa foi realizada no município de Porto Seguro, situado no Extremo Sul do Estado da Bahia, Brasil, com professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas da rede pública municipal de ensino. A metodologia utilizada foi a de natureza qualitativa, de caráter descritivo, recorrendo a uma triangulação de instrumentos e procedimentos de recolha de informações, tais como análise documental, entrevistas e grupos focais. O procedimento utilizado para a análise dessas informações foi a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011). A análise das narrativas dos 12 participantes da pesquisa evidenciou que o estímulo e investimento na inovação pedagógica no município se encontra em restrição, visto que os 12 professores pontuam situações de faltas e ausências, o que aponta para carências na oferta de cursos pela Secretaria Municipal de Educação, no que tange à temática, bem como para cursos acionados pelos professores, com custos particulares, nesta mesma área. Há pouco aprofundamento teórico sobre o que vem a ser a inovação pedagógica e pouco espaço de trocas para movimentos e transformações em curso no município, o que se apresenta como desafios que necessitam ser contidos ou minimizados, no cotidiano docente. Assim sendo, é preciso avultar que, embora haja um caminho sendo percorrido do paradigma tradicional para o emergente, isso ocorre de forma restrita, considerando a necessidade de acompanhamento das inovações ocorrentes nos espaços sociais, ambientais e particulares da vida humana, especificamente no âmbito educacional.

Palavras-chave: inovação pedagógica; currículo; desenvolvimento profissional docente; mudanças na educação.

ABSTRACT

The present study seeks to understand the challenges and dilemmas faced by teachers in the early years of Elementary School, in Porto Seguro - Bahia - Brazil, when dealing with the demands of pedagogical innovation processes in their professional development. The study starts from the idea that teacher professional development integrates the reflexivity of practice, which reverberates in the transformation of their pedagogical practices in the classroom. For the discussion, in this work, we chose three theoretical-analytical categories: "teaching professional development", which is related to the improvement of working conditions, autonomy and the ability of teachers to act, as a process of development throughout the life, overcoming the fragmentation of formal moments, both in initial training and in continuous "pedagogical innovation", which is associated with pedagogical renewal, change, improvement, and involves various contexts related to education, such as teaching programs, school, curricula; and "curriculum", understood as a concept that internalizes symbolic struggles and that has the potential to add an intercultural perspective. Thus, we produced this work with the objective of contributing qualitatively to the pedagogical-scientific discussions developed in the various instances that promote the implementation of public policies for teacher training, aiming at the professional development of teachers. The research was carried out in the municipality of Porto Seguro, located in the extreme south of the State of Bahia, Brazil, with teachers from the early years of Elementary School in public schools. The methodology used was of a qualitative nature, of a descriptive nature, using a triangulation of instruments and procedures for collecting information, such as document analysis, interviews and focus groups. The procedure used to analyze this information was the content analysis technique by Bardin (2011). The analysis of the narratives of the 12 research participants showed that the stimulus and investment in pedagogical innovation in the municipality is restricted, since the 12 teachers punctuate situations of absences and absences, which points to deficiencies in the offer of courses by the Municipal Department of Education. Education, with regard to the theme, as well as for courses initiated by teachers, with private costs, in this same area. There is little theoretical depth about what pedagogical innovation is and little space for exchanges for movements and transformations underway in the municipality, which presents itself as challenges that need to be contained or minimized, in the teaching routine. Therefore, it is necessary to emphasize that, although there is a path being traveled from the traditional paradigm to the emerging one, this occurs in a restricted way, considering the need to follow up on innovations occurring in social, environmental and private spaces of human life, specifically in the educational scope.

Keywords: pedagogical innovation; curriculum; teaching professional development; changes in education.

RESUMEN

El presente estudio busca comprender los desafíos y dilemas que enfrentan los docentes de los primeros años de la Enseñanza Fundamental, en Porto Seguro - Bahía - Brasil, al enfrentar las exigencias de los procesos de innovación pedagógica en su desarrollo profesional. El estudio parte de la idea de que el desarrollo profesional docente integra la reflexividad de la práctica, que repercute en la transformación de sus prácticas pedagógicas en el aula. Para la discusión, en este trabajo, se eligieron tres categorías teórico-analíticas: “desarrollo profesional docente”, que se relaciona con la mejora de las condiciones de trabajo, la autonomía y la capacidad de actuación de los docentes, como proceso de desarrollo a lo largo de la vida, la superación de la fragmentación de los momentos formales, tanto en la formación inicial como en la continua “innovación pedagógica”, que se asocia a la renovación, al cambio, al perfeccionamiento pedagógico, e involucra diversos contextos relacionados con la educación, como los programas de enseñanza, la escuela, los currículos; y “currículum”, entendido como un concepto que interioriza luchas simbólicas y que tiene el potencial de sumar una perspectiva intercultural. Así, producimos este trabajo con el objetivo de contribuir cualitativamente a las discusiones científico-pedagógicas desarrolladas en las diversas instancias que promueven la implementación de políticas públicas para la formación de docentes, visando el desarrollo profesional de los docentes. La investigación fue realizada en el municipio de Porto Seguro, ubicado en el extremo sur del Estado de Bahía, Brasil, con docentes de los primeros años de la Enseñanza Fundamental en escuelas públicas. La metodología utilizada fue de carácter cualitativo, de carácter descriptivo, utilizando una triangulación de instrumentos y procedimientos de recolección de información, tales como análisis de documentos, entrevistas y grupos focales. El procedimiento utilizado para analizar esta información fue la técnica de análisis de contenido de Bardin (2011). El análisis de las narrativas de los 12 participantes de la investigación mostró que el estímulo y la inversión en innovación pedagógica en el municipio es restringida, ya que los 12 docentes puntúan situaciones de ausencias y ausencias, lo que apunta a deficiencias en la oferta de cursos por parte de la Secretaría Municipal de Educación Educación, en lo que se refiere al tema, así como para cursos iniciados por docentes, con costos privados, en esta misma área. Hay poca profundidad teórica sobre lo que es la innovación pedagógica y poco espacio para los intercambios de movimientos y transformaciones en curso en el municipio, que se presentan como desafíos que necesitan ser contenidos o minimizados, en el cotidiano docente. Por lo tanto, es necesario enfatizar que, si bien existe un camino transitado desde el paradigma tradicional hacia el emergente, este se da de manera restringida, considerando la necesidad de dar seguimiento a las innovaciones que ocurren en los espacios sociales, ambientales y privados del ser humano, específicamente en el ámbito educativo.

Palabras claves: innovación pedagógica, curriculum, desarrollo profesional docente, cambios en la educación.

ABSTRAIT

La présente étude vise à comprendre les défis et les dilemmes auxquels sont confrontés les enseignants des premières années de l'école élémentaire, à Porto Seguro - Bahia - Brésil, face aux exigences des processus d'innovation pédagogique dans leur développement professionnel. L'étude part de l'idée que le développement professionnel des enseignants intègre la réflexivité de la pratique, qui se répercute dans la transformation de leurs pratiques pédagogiques en classe. Pour la discussion, dans ce travail, nous avons choisi trois catégories théorico-analytiques : "le développement professionnel de l'enseignement", qui est lié à l'amélioration des conditions de travail, de l'autonomie et de la capacité des enseignants à agir, en tant que processus de développement tout au long de la vie, surmonter la fragmentation des moments formels, tant dans la formation initiale que dans « l'innovation pédagogique » continue, qui est associée au renouvellement, au changement, à l'amélioration pédagogiques et implique divers contextes liés à l'éducation, tels que les programmes d'enseignement, l'école, les programmes; et « curriculum », compris comme un concept qui intériorise les luttes symboliques et qui a le potentiel d'ajouter une perspective interculturelle. Ainsi, nous avons produit ce travail dans le but de contribuer qualitativement aux discussions pédagogiques et scientifiques développées dans les différentes instances qui promeuvent la mise en œuvre de politiques publiques de formation des enseignants, visant le développement professionnel des enseignants. La recherche a été menée dans la municipalité de Porto Seguro, située à l'extrême sud de l'État de Bahia, au Brésil, avec des enseignants des premières années de l'école primaire dans les écoles publiques. La méthodologie utilisée était de nature qualitative, de nature descriptive, utilisant une triangulation d'instruments et de procédures de collecte d'informations, telles que l'analyse de documents, des entretiens et des groupes de discussion. La procédure utilisée pour analyser ces informations était la technique d'analyse de contenu de Bardin (2011). L'analyse des récits des 12 participants à la recherche a montré que la relance et l'investissement dans l'innovation pédagogique dans la commune sont limités, puisque les 12 enseignants ponctuent des situations d'absences et d'absences, ce qui indique des lacunes dans l'offre de cours par le Département Municipal de Education Education, en ce qui concerne le thème, ainsi que pour les cours initiés par des enseignants, à frais privés, dans ce même domaine. Il y a peu de profondeur théorique sur ce qu'est l'innovation pédagogique et peu d'espace d'échanges pour les mouvements et les transformations en cours dans la municipalité, qui se présentent comme des défis à contenir ou à minimiser, dans la routine pédagogique. Par conséquent, il est nécessaire de souligner que, bien qu'il existe un chemin parcouru du paradigme traditionnel au paradigme émergent, cela se produit de manière restreinte, compte tenu de la nécessité de suivre les innovations qui se produisent dans les espaces sociaux, environnementaux et privés de l'humain, la vie, en particulier dans le domaine de l'éducation. .

Mots clés: innovation pédagogique; reprendre; le perfectionnement professionnel des enseignants; changements dans l'éducation.

ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	– Atendimento Educacional Especializado
ANPEd	– Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BA	– Bahia
CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CRFB	– Constituição da República Federativa do Brasil
DT	– Design Thinking
FAPERJ	– Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FNDE	– Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
GT	– Grupo de Trabalho
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFES	– Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
Moodle	– Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environmen
MST	– Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
ODS	– Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
PPEdu/UFMT	– Programa de Pós-Graduação em Educação / Universidade Federal de Mato Grosso
PROEJA	– Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos
PUC–SP	– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RO	– Rondônia
SciELO	– Scientific Electronic Library Online
TDIC	– Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TIC	– Tecnologias da Informação e da Comunicação
UFBA	– Universidade Federal da Bahia

UFES	– Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	– Universidade Federal Fluminense
UFG / CAJ	– Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí
UFRJ	– Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNASP	– Centro Universitário Adventista de São Paulo
UNDIME	– União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
UNESP / FCT	–Universidade Estadual Paulista/Faculdade de Ciência e Tecnologia
UNICAMP	– Universidade Estadual de Campinas
UNICEF	– Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIOESTE	– Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNOESC	– Universidade Federal do Oeste de Santa Catarina
USP	– Universidade de São Paulo

ÍNDICES

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	17
PARTE I – Problema e Problemática de Investigação – CAPÍTULO 1 – Percurso Metodológico	25
1.1 Os caminhos da pesquisa	26
1.1.1 <i>A Problemática</i>	26
1.1.2 <i>Questão de partida</i>	27
1.1.3 <i>Objetivos</i>	27
1.2 Tipo de Investigação	29
1.3 Universo e População	31
1.3.1 Trajetória acadêmica dos sujeitos da pesquisa	36
1.4 Processo de investigação e recolha de dados	39
1.4.2 Entrevistas	40
1.4.3. Grupos focais	41
1.5 Tratamento e análise dos dados	42
CAPÍTULO 2 - Análise das Pesquisas: Estado da Arte	49
2.1 Processos de inovação pedagógica: análise das pesquisas	50
2.1.1 O desenvolvimento profissional docente para além de uma perspectiva individual	52
2.1.2 As ações coletivas e interventivas necessárias às mudanças educacionais	57
2.1.3 A incompletude do percurso formativo	61
PARTE II – Pressupostos Epistemológicos e Teóricos da Investigação –	70
CAPÍTULO 3 – A educação a partir de novos paradigmas: pressupostos epistemológicos	70
CAPÍTULO 4 - As noções de desenvolvimento profissional docente e de inovação pedagógica	80
CAPÍTULO 5 - Para além de perspectivas individualistas: a atuação curricular	98
CAPÍTULO 6 - Dilemas enfrentados por professores no contexto educativo	107
CAPÍTULO 7 – O Contexto Educativo de Porto Seguro: Territórios Plurais e Políticas de Investimentos para a Inovação Pedagógica	114
7.1 Porto Seguro: um território de pluralidades e de potencialidades para a inovação pedagógica	115

7.2 Políticas de investimentos no processo de desenvolvimento profissional no contexto de Porto Seguro-Bahia	120
CAPÍTULO 8 – Percursos Formativos: narrativas e práticas	141
8.1 Análise de conteúdo das entrevistas	142
8.2 Análise de conteúdo dos Grupos Focais – Área Urbana e Educação do Campo	160
8.3 Desafios e Possibilidades da Prática: Uma análise do Contexto Educativo	183
CONCLUSÕES	190
BIBLIOGRAFIA	202
APÊNDICE A – Carta de Apresentação	ii
APÊNDICE B – Termo de Consentimento	iii
APÊNDICE C – Ficha de Identificação	v
APÊNDICE D – Roteiro de Entrevistas	vi
APÊNDICE E – Roteiros de Discussão de Grupos Focais	viii
APÊNDICE F – Categorias de análise documental	xi
APÊNDICE G – Categorias de análise das entrevistas (Partes I, II e III)	xii
APÊNDICE H – Categorias de análise dos grupos focais (Grupo 1 – Área Urbana / Grupo 2 – Educação do Campo / Roteiros I e II)	xlvi
APÊNDICE I – Grelhas de análise de conteúdo das entrevistas – Partes I, II e III.	lxxii
APÊNDICE J – Grelhas de análise de conteúdo dos grupos focais – Área urbana – Roteiros I e II	cvii
APÊNDICE K – Grelhas de análise de conteúdo dos grupos focais – Educação do Campo – Roteiros I e II	cxvi

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1	Organização do Ensino Fundamental no Brasil.....	29
TABELA 2	Identidade das escolas e dos sujeitos participantes da pesquisa.....	37
TABELA 3	Perfil dos sujeitos da pesquisa.....	38
TABELA 4	Documentos oficiais analisados.....	120
TABELA 5	Formações Continuidas ofertadas pela SME – 1º ao 3º ano.....	133
TABELA 6	Formações Continuidas ofertadas pela SME – 4º e 5º ano	134

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1	Categorias de análise documental.....	44
QUADRO 2	Categorias de análise das entrevistas	46
QUADRO 3	Categorias de análise dos grupos focais	48
QUADRO 4	Resumos de trabalhos encontrados no portal da CAPES.....	52
QUADRO 5	Resumos de artigos encontrados no «site» da ANPED.....	57
QUADRO 6	Resumos de artigos encontrados no «site» da SciELO.....	61
QUADRO 7	Núcleo de Estudos do Ensino Fundamental.....	136
QUADRO 8	Plano de Ação 2020.....	138
QUADRO 9	Roteiro 1 – Desenvolvimento profissional docente e inovação pedagógica.....	160
QUADRO 10	Instrumentos, contextos e conhecimentos.....	162
QUADRO 11	Desenvolvimento profissional e práticas pedagógicas.....	165
QUADRO 12	Estímulo para inovação pedagógica.....	168
QUADRO 13	Cobranças e imposições.....	172
QUADRO 14	Cursos de formação.....	175
QUADRO 15	Roteiro 2 – Desafios e dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental.....	177
QUADRO 16	Desafios enfrentados na prática.....	179
QUADRO 17	Dificuldades inovação pedagógica enquanto realidade.....	181

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Formação realizada no dia 12/06/2019 – Tema: Inovações pedagógicas na ação docente.....	135
GRÁFICO 2	Escolha da profissão docente.....	143
GRÁFICO 3	Experiências contributivas à profissão.....	144
GRÁFICO 4	Processo de construção profissional.....	145
GRÁFICO 5	Desenvolvimento profissional após graduação.....	147
GRÁFICO 6	Da teoria, aprendizado, à prática.....	147
GRÁFICO 7	Cursos relevantes.....	149
GRÁFICO 8	Momentos coletivos significativos.....	151
GRÁFICO 9	Inovação pedagógica.....	154
GRÁFICO 10	Trajetória docente e atuação inovativa.....	155
GRÁFICO 11	Desafios enfrentados.....	156
GRÁFICO 12	Mudanças, Currículo e Prática.....	157
GRÁFICO 13	Investimento.....	158

INTRODUÇÃO

Pensar a educação na contemporaneidade é um grande desafio, pois envolve o caminho para a construção de um pensamento complexo, aberto e livre, relacionado a uma capacidade de contextualização e integração (Morin, 2003), dentro de um universo de constantes mudanças e fluidez (Bauman, 2001). Segundo Bauman (2001), a modernidade pode ser definida como um tempo de liquidez, insegurança, incerteza, em que o antes ou o antigo, denominado por ele como “modernidade sólida”, seria substituído por uma artificialidade imediata. Assim, a fluidez, marca da contemporaneidade, manifesta-se em diversos contextos, como nas relações entre as pessoas e nas relações de trabalho (Bauman, 2001).

Ademais, o autor afirma que “os fluidos se movem facilmente”, uma vez que podem escorrer, esvair-se, respingar, transbordar. Eles “são ‘filtrados’, ‘destilados’”. Nesse sentido, eles se diferenciam dos sólidos, por não serem “facilmente contidos”. Desse modo, “contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho”. Sua mobilidade e inconstância são marcadas pela leveza, o que lhes traz mais facilidade e rapidez para se moverem (Bauman, 2001, p. 8).

Nesse sentido, as instituições sociais perdem a sua solidez e se liquefazem, trazendo, conseqüentemente, uma certa insegurança para aqueles que com elas interagem, e também um embate entre o velho e o novo. Ao pensarmos nas instituições escolares, por exemplo, observamos também um processo de ruptura e tensões entre o sistema curricular e a leitura de mundo¹ dos educandos, dentro de um contexto de inúmeras transformações políticas, econômicas, sociais, culturais e tecnológicas, ocorrendo de forma acelerada na sociedade (Freire, 1996).

Logo, é imprescindível que as instituições educativas repensem e reflitam sobre suas práticas, sobretudo no que concerne ao tipo de cidadão que pretendem formar, e mais especificamente, como tem se dado o próprio processo de formação do formador. É inevitável que as escolas sintam os reflexos dessas mudanças. Portanto, diversas comunidades científicas e organizações têm se preocupado em debater os novos papéis que estão se configurando nas comunidades escolares, principalmente em relação à melhoria da formação de professores.

Não podemos falar em melhoria na formação dos professores e em formação dos cidadãos sem pensarmos em um trabalho voltado para as proposições da Agenda 2030, uma agenda internacional aprovada em setembro de 2015, que visa alcançar o desenvolvimento

¹ Entendido como as experiências e saberes culturais, comunitários e sociais que os mesmos agregam durante a sua trajetória.

sustentável nas dimensões social, econômica e ambiental, por meio do cumprimento de 17 objetivos, os ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (UNESCO, 2021).

Precisamente, ao apresentar uma proposta de educação voltada para a cidadania, de educação sustentável, torna-se imprescindível que os professores tenham uma formação que lhes permita responder aos desafios da atualidade e preparar os futuros cidadãos para outros que possam surgir, no sentido de preparar as pessoas para responderem a esses desafios, sejam eles adversos, positivos ou benéficos, a exemplo das questões climáticas, da justiça ambiental, do enfrentamento da pobreza, atrelados as suas realidades.

Esta investigação está a responder aos ODS. Educar o cidadão para o risco, para a mudança, é onde este trabalho se insere, uma vez que poderá contribuir para preparar o professor a ter uma formação em diálogo com a realidade, com o contexto, conectada com o mundo, num contínuo, que respeita aquilo que cada um é e que põe no centro o lado humano, que representa aquilo que somos e o que sabemos, aproveitando os próprios recursos comunitários e as leituras de mundo dos educandos como fonte para uma educação criativa e transformativa.

Neste sentido, este trabalho pode ser inserido no ODS 4, o qual versa sobre uma educação de qualidade, e no ODS 1, que trata da erradicação da pobreza e da fome, tendo como base a educação para a autonomia e transformação social. Isso não o impede, entretanto, de abarcar outros ODS, pois acreditamos que, se os professores tiverem uma formação mais abrangente, que não se centraliza apenas nas técnicas, mas na concepção e na compreensão do mundo e de nós mesmos, podem, também, contribuir para outros ODS.

Carneiro (2003) ressalta que o século atual requer inovações na educação, que deve continuar valorizando a cultura tradicional e todos os seus elementos integradores, mas sem perder de vista a vertigem tecnológica que invade constantemente a vida das pessoas. Afirma, também, que o contexto do qual os sistemas educacionais fazem parte está sempre em mudança, e isso exige uma reflexão sobre a importância de se repensar os modos de aprendizagem nessa sociedade marcada pelas transformações do mundo moderno. Assim, escolas e sistemas educacionais devem ser transformadas em espaços onde alunos e professores possam construir projetos coletivamente, embarcando juntos na viagem para o mundo do conhecimento, utilizando a multiplicidade de informações para construir sociedades melhores (Carneiro, 2003).

Essas novas configurações encontram-se fundamentadas em mudanças de paradigmas educacionais, no decorrer do tempo. Para o filósofo Thomas Samuel Kuhn

(1998), a ideia do conceito de paradigma configura-se como uma estrutura intelectual geradora de novas teorias, sendo sempre contestado por novas pesquisas e sucessivamente substituído por outro. Tal pensamento é contrário aos estudos desenvolvidos pelo filósofo e sociólogo Edgar Morin (2005), dos quais esta pesquisa se aproxima. O autor afirma que esses diferentes modelos de paradigmas podem coexistir e conviver simultaneamente, tendo em vista a complexidade dos fenômenos que permite níveis distintos de observação “[...] que, ao mesmo tempo, separe e associe, que conceba os níveis de emergência da realidade sem os reduzir às unidades elementares e às leis gerais” (Morin, 2005 p. 138). Assim, propõe que na produção do conhecimento busca-se compreender a realidade, não de forma reduzida ou simplificada, mas uma complexidade geradora de um saber consciente (Morin, 2005).

Dito isso, no campo da educação estabelecemos uma breve discussão sobre as mudanças – e também coexistência – de um paradigma tradicional para um paradigma emergente, conceitos que impulsionam esta pesquisa. Segundo Ribeiro, Lobato e Liberato (2010), o paradigma tradicional, na educação, tem por base a apropriação, pelos cidadãos, da racionalidade técnico-científica, do conteúdo programático presente nos currículos escolares. O processo didático centra-se na transmissão do conhecimento, pelo professor, e no acúmulo desse conhecimento, pelos alunos. Os aspectos preponderantes desse paradigma são muito mais quantitativos – importância das notas, do resultado eficiente, da memorização mecânica, do ensino descontextualizado, pouco interativo –, por isso o erro deve ser evitado, o diálogo entre as pessoas e os diferentes saberes não são fomentados.

Fala-se, então, em uma cultura do ensino pautada na massificação, com foco na instrução, no treinamento, no conteúdo e no controle, associada a um período em que a memorização era muito valorizada. Esse tipo de paradigma foi construído no período industrial, e se fundamenta em uma perspectiva de educação bancária, em que o educador transmite o conhecimento, esperando que o educando receba e repita o que foi recebido, sem reflexão crítica e sem autonomia (Freire, 1996).

A descoberta de novas teorias científicas e, conseqüentemente, do avanço tecnológico, tem contribuído para a crise do paradigma tradicional – também conhecido como paradigma da instrução –, a qual incitou uma nova visão de mundo: um mundo possível, diverso, mutável, flexível, que apesar de apresentar elementos distintos, mostra uma complementaridade entre si (Ribeiro *et al.*, 2010). Alguns educadores, como Paulo Freire, Moacir Gadotti e Edgar Morin, são exemplos de autores pós-modernos que defendem que “a

construção do conhecimento ocorre pela interação entre sujeito e objeto” (Ribeiro *et al.*, 2010, p. 37).

Assim, segundo Martínez-Celorrio (2017), não faz sentido seguir um currículo fechado e aulas com conteúdos sem significados e desconectados da vida real: “moltes escoles, instituts i professors ja veuen que la matriu pedagògica tradicional no funciona ni és vàlida. No tè sentit seguir un currículum tancat, lliçó, amb presses i molta reiteració de continguts àrids i desconnectats de la vida real²” (p. 39).

Pensar uma nova forma de construção do conhecimento requer, então, novos paradigmas – ou o diálogo entre diferentes estruturas de produção de saberes – que estejam pautados em uma dimensão sistêmica (Capra, 1983) e ecológica (Santos, 2007), ou seja, uma perspectiva baseada na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos — sociais, culturais, físicos, biológicos, psicológicos. Busca-se, então, a reconfiguração de novas bases de integração e síntese, questionando os postulados advindos dos pilares da ciência clássica, a saber: princípios da ordem, de separação, de redução, da lógica indutivo-dedutivo-identitária, superando, assim, as noções de separação, dicotomia e exclusão (Giannella, 2015).

Sob este novo pressuposto epistemológico, o paradigma emergente da educação prioriza uma cultura da aprendizagem que pressupõe um processo de co-construção do conhecimento (Moraes, 2003). Nesta interação, se evidencia a valorização da leitura de mundo dos estudantes, integrada no processo de problematização dos diferentes contextos, no fortalecimento da autonomia dos sujeitos (Freire, 1996), além de facilitar o surgimento de inovações pedagógicas na escola.

Torna-se importante realçar que essas inovações não são apenas tecnológicas³. Devido às transformações na sociedade e às necessidades humanas dos novos tempos, surgem novas dimensões curriculares, à medida que novas crenças, valores e perfis sociais invadem as escolas e se refletem em sala de aula, o que exige uma certa reflexividade docente, para uma tomada de consciência da sua formação profissional, a fim de encarar os novos desafios. Desta forma, fala-se de um processo mais profundo de construção coletiva do Projeto Político

² Tradução: “Muitas escolas, institutos e professores já veem que a matriz pedagógica tradicional não funciona e não é válida. Não faz sentido seguir um currículo fechado, uma aula, com pressa e muita repetição de conteúdos áridos e desconectados da vida real” (Martínez-Celorrio, 2017, p. 39).

³ Em um momento de avanços tecnológicos, o uso das tecnologias digitais, as TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação –, estão remodelando a sociedade, criando novas formas e canais de comunicação (Castells, 2014). Atualmente, a sua importância se destacou, no intuito de impulsionar o educador a criar ambientes de aprendizagem e pensar criticamente sobre esse processo, juntamente com os educandos, que também terão como desafio o seu engajamento neste ambiente.

Pedagógico da escola e da incorporação de inovações, do ponto de vista da formação humana crítica, emancipatória, “neutralizando ao menos em parte os determinantes externos e alheios às funções da escola como espaço privilegiado da formação cultural” (Delgado, 2015, p. 773).

Assim, “o conceito de inovação apresenta diversas conotações, em diferentes setores. Relacionado à prática docente, abarca ideias relativas a noção de mudança e de ressignificação” (Ferreira & Estrela, 2020, p. 238). Importa, então, delimitar a investigação acadêmica para o estudo associado à renovação pedagógica, à mudança, à melhoria que envolve diversos contextos relacionados à educação, como programas de ensino, escola, currículo, dentre outros (Ferreira & Estrela, 2020).

Discute-se um processo formativo e inovativo, dialogado com as mudanças e discussões que vêm acontecendo no campo de estudos sobre currículo. Torna-se fundamental a compreensão mais aprofundada dos objetivos que envolvem a escola pública para as massas, entendendo as complexidades e implicações políticas inerentes à organização do ensino, que dão origem a diferentes configurações curriculares (Goodson, 1997). Problematisa-se que as narrativas dos currículos tradicionais refletem a visão hegemônica dos grupos dominantes. Tais narrativas, para Moreira e Silva (2011, p. 23), veiculam “ideias que transmitem uma visão do mundo social vinculada aos interesses dos grupos situados em uma posição de vantagem na organização social”.

Desta forma, torna-se necessário compreender o currículo como processo das dinâmicas formativas na relação com os saberes, das atividades e dos valores veiculados pelos conhecimentos e mediações didático-curriculares envolvidas (Macedo, 2016). Logo, é preciso valorizar os conteúdos culturais selecionados no currículo (Santomé, 1998), de forma que possibilitem espaços inovativos para novos conhecimentos, a partir dos saberes oriundos dos educandos, em suas múltiplas vivências.

Por isso, a formação passa a ter um papel central na atividade profissional do educador, que deverá repensar e aperfeiçoar constantemente sua prática docente, não apenas por meio de cursos de pós-graduação, vinculados à obtenção de títulos – primeira dimensão da formação continuada, com caráter mais individualizado –, mas, também, no que tange a encontros sistemáticos que possibilitem a reflexão, a crítica e o crescimento qualitativo na prática curricular – segunda dimensão, com caráter mais coletivo.

Este trabalho foca a segunda dimensão, um processo de organização pedagógica dinâmica que vai além da obtenção de um título. Essa dimensão integra a participação coletiva, interessa-se pela discussão, de forma contínua, da prática docente, do currículo

escolar, o que enriquece a formação profissional, pois inclui planejar, acompanhar, avaliar e relatar a própria prática curricular (Melo, 2007).

Nesse sentido, a pesquisa vai privilegiar o uso do termo desenvolvimento profissional, ao invés de formação continuada, uma vez que a noção transcende a perspectiva individual (Marcelo, 2009). Para Oliveira-Formosinho (2009), “a designação formação contínua analisa-a mais como um processo de ensino/formação e o desenvolvimento profissional mais como um processo de aprendizagem/crescimento” (p. 225). Além disso, conforme afirma Marcelo (2009), “[...] o conceito ‘desenvolvimento’ tem uma conotação de evolução e continuidade que, em nosso entender, supera a tradicional justaposição entre formação inicial e formação contínua dos professores” (p. 9).

Logo, o que se busca nesta investigação são inovações no campo da educação que referenciem práticas que visam melhorar o funcionamento dos sistemas de ensino e a estrutura das relações que ela mantém com a sociedade. Sendo assim, fala-se de uma inovação que, além de ampliar a autonomia pedagógica das escolas e dos professores, torna as escolas lugares mais democráticos, que facilitam para a compreensão do que dá sentido ao conhecimento (Carbonell, 2002). A formação de professores deve contribuir para que estes profissionais se posicionem de forma crítica e reflexiva em relação à sua prática pedagógica, auxiliando-os em sua própria formação, visando o desenvolvimento da autonomia e a construção da identidade profissional (Nóvoa, 1995).

Diante de toda essa problemática teórica e empírica, a temática aqui discutida tem como foco compreender os desafios e os dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em Porto Seguro-Bahia/Brasil – doravante Porto Seguro-BA –, no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito de seu desenvolvimento profissional. No que tange ao recorte temporal, a pesquisa está baseada nos processos educativos, compreendendo o período de 2014 a 2018, em que pudemos observar mudanças no cenário político nacional, de modo a fomentar uma grande reflexão sobre a importância da implementação de políticas educacionais efetivas, que garantam a qualidade da educação. O trabalho tem como recorte territorial, o município de Porto Seguro-BA, local em que exerço, há 19 anos, a função de coordenadora pedagógica, 12 destes no setor pedagógico da Secretaria Municipal de Educação, instituição responsável por grande parte da formação continuada ofertada aos professores da rede municipal de ensino. A escolha pelo estudo dos anos iniciais deu-se por ser uma importante etapa para a formação intelectual, social, cognitiva e psicológica de crianças na faixa etária entre 6 [seis] a 10 anos.

Este trabalho foi dividido em três partes e oito capítulos. A primeira parte - Problema e Problemática de Investigação – apresentam-se os Capítulos 1, com o «Percurso Metodológico», em que foram expostos a problemática, o tipo, a natureza e o universo da pesquisa, bem como os procedimentos de coleta e de tratamento das informações e o Capítulo 2, com a abordagem do «Contexto Geral da Investigação», em que se apresentam os conceitos mobilizados para explicar o fenômeno estudado, assim como as análises divulgadas por pesquisas catalogadas no banco de dados de dissertações e teses da CAPES e por artigos disponibilizados nos «sites» da ANPEd e da SciELO, considerando as palavras-chave «desenvolvimento profissional docente», «inovações pedagógicas», «mudança na educação» e «currículo», nos anos entre 2014 a 2018.

A Parte II da pesquisa – Presupostos Epistemológicos e Teóricos da Investigação – apresentam-se os Capítulos 3, 4, 5 e 6 os quais expõem-se a «Revisão de Literatura», em que se discute o panorama teórico e conceitual sobre o desenvolvimento profissional docente, os processos de inovação pedagógica e o currículo no contexto escolar, abordando a importância da formação de professores num contexto de reflexividade e de quebra do paradigma tradicional para o paradigma emergente, que integra a complexidade e pluralidades dos contextos.

Por fim, a Parte III – Estudo Empírico – traz os capítulos 7 e 8 os quais além de apresentarem o território de Porto Seguro-BA, como um espaço marcado por diferentes pluralidades, que possui potencial dialógico e inovador, dentro do cenário educativo, trazemos uma análise do contexto da educação do município, a partir das políticas de investimento no processo de desenvolvimento profissional docente. O objetivo é construir uma análise acerca do desenvolvimento profissional docente, da inovação pedagógica e da efetivação de políticas públicas de investimento educacional, envolvendo os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal de Porto Seguro-BA.

PARTE I – Problema e Problemática de Investigação –

CAPÍTULO 1 – Percurso Metodológico

1.1 Os caminhos da pesquisa

Os avanços tecnológicos em nossa sociedade vêm exigir um novo papel da escola e uma nova mentalidade do professor, trazendo-lhes grandes desafios e até mesmo causando tensões e dilemas na profissão. A sociedade globalizada interferiu sobremaneira na profissão docente, impondo mudanças na educação, devido ao crescente progresso tecnológico. O papel do professor passa a ser questionado, além de ser visto como o principal responsável pelo desenvolvimento das funções destinadas à escola. Podemos afirmar que nunca foi tão difícil exercer a profissão nos dias atuais, com muitos impasses e desafios para enfrentar⁴.

Desta forma, busca-se compreender como se mobilizar e construir saberes novos, a partir da existência de um espaço de troca de ideias, diálogos e debates coletivos, um espaço que tende para o repensar e o reformular do seu próprio contexto (Melo, 2007). Fala-se, então, de uma modificação nas concepções de ensino e de aprendizagem, do pensamento, hábitos e atitudes dos professores (Carbonell, 2002).

1.1.1 A Problemática

Este trabalho investiga os desafios e os dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em Porto Seguro-BA, no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito do seu desenvolvimento profissional. Deste modo, busca-se compreender os desafios e os dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em Porto Seguro-BA, no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito do seu desenvolvimento profissional. Este objetivo geral desdobra-se em outros objetivos específicos, os quais buscam: a) compreender a relação entre o desenvolvimento profissional docente e os processos de inovação pedagógica na prática desses professores, b) caracterizar o formato de políticas de investimento no processo de desenvolvimento profissional implementado pela Secretaria Municipal de Educação – SME, c) verificar se essa política influencia ou não para práticas educativas com inovações pedagógicas, além de d)

⁴ Parágrafo extraído de artigo publicado na Revista Abatirá – UNEB, intitulado “Desenvolvimento profissional docente e os processos de inovação pedagógica na escola: Dilemas e tensões”, das autoras: Ferreira, K. C. S. & Estrela, E. M. B., disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/8636/6143>.

identificar se há ocorrência de mudanças nas práticas pedagógicas e na gestão do currículo escolar, a partir do percurso formativo.

Durante os anos trabalhados na Secretaria Municipal de Educação – SME – de Porto Seguro-BA, pude acompanhar o trabalho realizado pelos professores da rede pública municipal de ensino, já que, em parte, minha função consistia em acompanhar o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas, verificar as dificuldades enfrentadas, para poder pensar em estratégias e ofertar formação profissional. Através dessa experiência, pude perceber que, apesar de os professores possuírem em seus currículos diversos cursos de formação continuada, na maioria dos casos as aulas continuavam apoiadas no paradigma tradicional, com poucas abordagens do paradigma emergente. Não foi identificada, muitas vezes, a busca por uma prática pedagógica que atendesse aos anseios da sociedade em transformação.

1.1.2 Questão de partida

Ao entender o desenvolvimento profissional docente como um processo que deve ser contextualizado no local de trabalho do professor, uma vez que toda formação pode, ou não, contribuir para as mudanças das relações que estruturam esse desenvolvimento (Ferreira, 2016), há que se questionar: Quais os desafios e os dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em Porto Seguro- BA, no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito do seu desenvolvimento profissional?

1.1.3 Objetivos

Com base nessa questão, buscamos compreender os desafios e os dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em Porto Seguro-BA, no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito do seu desenvolvimento profissional. Este objetivo se desdobra em outros específicos como caracterizar o formato de políticas de investimento no processo de desenvolvimento profissional implementado pela Secretaria Municipal de Educação – SME; verificar se essa política influencia ou não o fomento/surgimento de práticas educativas com inovações pedagógicas; identificar se há ocorrência de mudanças nas práticas pedagógicas e na gestão do currículo escolar, a partir do percurso formativo.

Utilizamos a abordagem de pesquisa de natureza qualitativa, de caráter descritivo, a qual, segundo Gil (1999), tem como finalidade principal a descrição das características de uma determinada população ou fenômeno. Recorremos a uma triangulação de instrumentos e procedimentos de recolha de informações, tais como análise documental, entrevistas e grupos focais. O procedimento utilizado para a análise dessas informações foi a técnica de análise de conteúdo, de Bardin (2011).

A seleção dos sujeitos e do campo da pesquisa ocorreu a partir do envio de um ofício ao Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de Educação, solicitando autorização para realizar a investigação, incluindo o acesso a documentos relacionados às condições da formação continuada ofertada e a informações sobre como ocorre o processo de planejamento e/ou formação nas escolas de anos iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino. Fomos prontamente atendidos pelos responsáveis pelo setor, que enviaram os documentos via «e-mail», para serem analisados.

Neste ínterim, foram escolhidas 4 [quatro] escolas para servirem como campo de pesquisa, 2 [duas] localizadas na área urbana e 2 [duas] localizadas na área do campo, estas últimas enquadradas na modalidade de Educação do Campo. O perfil escolhido para a realização da pesquisa, nessas escolas, além de pertencer aos anos iniciais do Ensino Fundamental [4º ao 5º ano], foi o de possuir reserva técnica⁵.

Como sujeitos da pesquisa, participaram 12 professores atuantes no 4º e no 5º ano do Ensino Fundamental. Pela organização do sistema, o 4º e o 5º anos são constituídos por alunos que já passaram pelo ciclo de alfabetização. Foram selecionados, entre os 12 professores, 8 [oito] para a realização das entrevistas, 2 [dois] de cada escola. Todos os 12 participaram do grupo focal, dividido em dois grupos, com 6 [seis] participantes, 3 [três] de cada escola, assim organizados: Grupo 1 – Escolas da área urbana; Grupo 2 – Escolas da Educação do Campo.

⁵ Lei nº 11.738/08, conhecida como Lei do Piso, que define o período para atividade extraclasse correspondente a 1/3 da jornada de trabalho do professor.

Tabela 1

Organização do Ensino Fundamental no Brasil

<i>Ensino Fundamental - Resolução nº 3 CNE/CEB</i>			<i>Faixa etária</i>
Anos Iniciais	1º ano	Ciclo de	6 anos
	2º ano	Alfabetização	7 anos
	3º ano		8 anos
	4º ano		9 anos
	5º ano		10 anos
Anos Finais	6º ano		11 anos
	7º ano		12 anos
	8º ano		13 anos
	9º ano		14 anos

Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

Considerando o contexto da pandemia provocada pelo Covid-19⁶, falamos com os diretores das escolas participantes, através de telefonema ou mensagem pelo «whatsapp», para contactar os professores. A partir daí, organizamos as datas e os horários para a realização das entrevistas e dos grupos focais, executados tanto presencialmente quanto «on-line», através de videoconferências, via Plataforma «Zoom Meetings», ação de grande importância, devido às condições de acesso a algumas escolas e devido ao contexto da pandemia. Utilizamos os «e-mails» disponibilizados pelos diretores escolares, para enviar aos sujeitos da pesquisa, a carta convite, bem como o «Termo de Consentimento Livre e Esclarecido» – TCLE –, explicitando os objetivos da pesquisa e convidando os professores a participarem da mesma.

1.2 Tipo de Investigação

A educação é um campo vasto e diversificado, quando se trata de pesquisa. Nos últimos 20 anos, observou-se um grande avanço no que diz respeito a pesquisas nessa área. Além disso, segundo André (2010), houve também mudanças no que concerne às temáticas, aos problemas, referenciais teóricos, às abordagens metodológicas e aos contextos de produção dos trabalhos científicos. E dentro dessa área, a formação de professores vem tomando grande importância, no que se refere à pesquisa, tomando por base as exigências em relação à educação básica de crianças e adolescentes. Nesse processo, têm-se destacado tanto a investigação quantitativa, centrada em números, estatísticas, dados exatos, quanto a

⁶ O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19, após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19). Disponível: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid> Acesso em: 22/02/2021.

investigação qualitativa, em que as palavras, o ponto de vista dos participantes, a compreensão do contexto, também são elementos importantes para análise.

O enfoque desta pesquisa é qualitativo, pois busca compreender os fenômenos e a atribuição de significados a eles atrelados, evidenciando e valorizando a perspectiva dos agentes nela envolvidos. Objetiva-se o aprofundamento da compreensão de um grupo social, a partir da realidade vivenciada e compartilhada com seus semelhantes (Minayo, 2002; Goldenberg, 2004).

Para a realização de uma pesquisa qualitativa, são necessárias três etapas: primeiro, a preparação da pesquisa; segundo, a coleta de dados; e em terceiro, a análise desses dados. As três etapas compreendem as formas de concretização de uma investigação qualitativa. O primeiro passo, ao preparar uma pesquisa, é decidir e delimitar o objeto de estudo, de modo que ele seja claro e específico, como é o caso do objeto de estudo dessa pesquisa: desafios e dilemas enfrentados pelos professores dos anos iniciais da rede de ensino público de Porto Seguro/BA diante dos processos de inovação pedagógica, no âmbito de seu desenvolvimento profissional. A partir daí, devemos explorar os motivos que nos levam a fazer determinada escolha de um objeto, e com isso estabelecer uma questão a ser estudada, encontrando o equilíbrio entre uma pergunta que seja interessante, mas também, possível de pesquisar.

A partir das leituras feitas no «Estado da Arte», encontramos autores que nos serviram de base para diversas teorias, para a pesquisa. Assim, utilizamos todo esse referencial teórico para a construção de fichamentos dos textos, com dados como nome do/s autor/es, título, edição, referências, etc. Esses passos fizeram parte da primeira etapa de concretização da nossa investigação, a preparação da pesquisa, e a partir daí prosseguimos com a coleta e a análise dos dados. Essa etapa de leitura e fichamentos foi realizada a partir de pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e no «site» da ANPED e da SciELO, nos períodos compreendidos entre 2014 a 2018, com a utilização dos seguintes indexadores: «desenvolvimento profissional docente», «inovação pedagógica», «mudança na educação» e «currículo».

Na etapa de coleta de dados, obteve-se o consentimento da Secretaria Municipal de Educação – SME – de Porto Seguro-BA, e a aceitação dos professores das escolas, para participação no processo de investigação. Desse modo, recebemos, via «e-mail», todo o material necessário para a análise dos dados da pesquisa, fornecido pelo Departamento Pedagógico da SME.

Por fim, na terceira etapa analítica, realizaram-se as entrevistas e os grupos focais. As entrevistas individuais aconteceram de forma presencial, nas escolas participantes da pesquisa. A partir desse contato individual com os professores, na escola, pudemos explicar como aconteceriam os grupos focais e verificamos os melhores dias e horários, em consenso, para atender a cada um dos professores que fariam parte da pesquisa. Devido à localização das escolas, sobretudo as escolas do campo, por situarem-se em diferentes povoados, além do contexto pandêmico vivenciado por todos, os grupos focais foram realizados por meio de videoconferências, através da Plataforma «Zoom Meetings». Todas as entrevistas foram realizadas nos meses de março e abril do ano 2021, já que não conseguimos iniciar no ano de 2020, devido à pandemia causada pelo COVID-19, iniciada em março do referido ano.

1.3 Universo e População

A pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado (Minayo, 2001). O primeiro passo é definir os sujeitos que serão pesquisados. Assim, esta pesquisa foi realizada com professores atuantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em escolas da rede pública municipal de Porto Seguro-BA, município situado no Extremo Sul do Estado da Bahia/Brasil, com uma população estimada de 148.686 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010).

O município de Porto Seguro é um dos pontos turísticos do Nordeste e integra a Costa do Descobrimento. Atrai quase um milhão de turistas por ano, devido às suas praias, ambientes costeiros e recursos marinhos (Porto Seguro, 2014), além de conter um ambiente natural extremamente rico em biodiversidade, o que faz da cidade um dos mais importantes destinos turísticos do país. Desde 1973, todo o município é tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional, e no ano 2000 foi elevado à condição de Patrimônio Natural Mundial, pela Unesco.

De acordo com o Censo Escolar⁷, a rede pública municipal de ensino de Porto Seguro é composta por 1.135 professores efetivos. Destes, 630 são lotados nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Com um total de 109 escolas, 100 atendem a este nível de ensino, distribuídas na sede da cidade – zona urbana –, distritos e povoados. As escolas localizadas nos distritos e povoados são consideradas Educação do Campo, inclusive as que se situam em aldeias indígenas.

⁷ Censo Escolar 2020, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/porto-seguro/pesquisa/13/78117>.

Há uma diversidade muito grande no que diz respeito à população de Porto Seguro, em toda a sua extensão territorial, e isso reflete na educação, pois o município tem escolas localizadas na área urbana, em aldeias indígenas, em fazendas, em assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST –, além de receber estudantes das mais diversas pluralidades, a exemplo daqueles pertencentes às comunidades ciganas.

Justifica-se a escolha dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pelo fato de ser uma importante etapa de escolarização das crianças com idade de 6 [seis] a 10 anos, ou seja, um nível de ensino que se apresenta como uma importante base para o desenvolvimento das potencialidades, habilidades físicas e emocionais da criança, sobretudo para o desenvolvimento de suas capacidades de apropriação do conhecimento.

Para a realização desta pesquisa, foram escolhidas 4 [quatro] escolas de anos iniciais do Ensino Fundamental, da rede pública municipal de ensino, sendo 2 [duas] localizadas na área urbana e 2 [duas] na área do campo. As escolas da área urbana são localizadas tanto em regiões centrais da cidade quanto em diferentes bairros, incluindo regiões mais periféricas. As demais localizam-se em povoados distintos. Assim, foram analisadas a diversidade de cada uma delas, em todos os aspectos, como localização, formação do quadro de professores, bem como a origem dos estudantes.

É importante ressaltar que o mundo rural brasileiro é marcado por processos de exclusão que vão atingir a identidade social, os modos de viver e de produzir no campo. Os grupos que vivem nesse espaço têm buscado novas formas de sobrevivência na gênese de uma classe de trabalhadores rurais (Wanderley, 2017). Um dos exemplos da exclusão que afeta as escolas do campo é a dificuldade de acesso a uma internet de qualidade. A escolha pelas escolas da Educação do Campo se deu para que pudéssemos perceber se ocorrem – e de que forma ocorrem – os processos de inovação pedagógica em localidades afastadas dos centros urbanos.

Nas escolas da área urbana, temos a Escola A, localizada no Complexo Frei Calixto, popularmente designado como Baianão, o qual compõe parte da periferia da cidade. O nível de ensino ofertado pela escola é o Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, nos turnos matutino e vespertino. Vale ressaltar que a região se formou de maneira desordenada, a partir da chegada de famílias que vieram para a cidade, após a queda da produção cacaueteira no sul da Bahia, em busca de empregos na área turística. Observando o histórico de formação desse espaço urbano de contenção que agrega a periferia da cidade, chama a atenção o êxodo rural e a busca por melhores condições de trabalho, bem como pessoas residindo em espaços com falta de

estrutura, o que reverbera na falta de acesso, também, à educação.

De acordo com dados do IBGE (2002), 65,33% da população da cidade vive no Baianão. Os alunos da escola são filhos de trabalhadores, com baixa escolaridade e nível socioeconômico também baixo. Não se pode olvidar o recorte étnico-racial dessas populações, uma vez que os espaços de periferia são habitados pelos corpos negros, historicamente excluídos na sociedade brasileira. São as classes empobrecidas de negros, pardos e mulatos que frequentam as escolas públicas⁸. A escola tem necessidade de reforma da estrutura física, a exemplo de bebedouros, e não possui quadra poliesportiva.

A Escola B, também localizada na área urbana, encontra-se mais próxima do centro da cidade. Os estudantes também são filhos de trabalhadores com nível socioeconômico baixo. A escola atende alunos da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental [1º ao 5º ano], nos turnos matutino e vespertino.

As referidas escolas urbanas retratam, em comum, um ambiente comunitário por vezes marcado pela violência, à qual se soma a ausência de políticas públicas ou a má qualidade na oferta da educação, bem como a influência dos pares e a perda de capital humano. Tudo isso pode se tornar variáveis para o processo de marginalização dos sujeitos, dentro de uma realidade desigual. Assim, a violência também faz parte do contexto escolar, e precisa ser interpretada de forma holística. De acordo com o Relatório do IPEA⁹, “o reconhecimento da origem transversal do problema da delinquência e criminalidade exige a coordenação de ações intersetoriais que perpassam as áreas de educação, saúde, habitação, cultura, esportes e mercado de trabalho, entre outras”.

Outras duas escolas pesquisadas pertencem à Educação do Campo, localizadas em povoados, afastadas da área urbana. A Educação do Campo foi construída observando os mais diversos sujeitos de uma realidade diversificada, a qual está associada a um histórico de complexidades que culminaram em uma luta por direito à educação, através de uma pauta social e coletiva, pois aborda os anseios da classe trabalhadora pela superação do sistema do capital.

⁸ Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/sites/unicef.org.brazil/files/2019-02/indicadores_qualidade_educacao_relacoes_raciais_escola.pdf Acesso: 28 abr. 2021.

⁹ Nota Técnica, nº 18, IPEA – Indicadores Multidimensionais de Educação e Homicídios e Territórios nos Territórios Focalizados pelo Pacto Nacional pela Redução de Homicídios. Março, 2016, Brasília. p.10. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27714. Acesso em: 29 nov 2020.p.10.

Logo, a Educação do Campo se configura também como uma reação ao processo de exclusão social a que foram submetidas as comunidades rurais que buscaram, ao longo do tempo, ter o direito de acesso à educação, reivindicando novas políticas públicas que garantam não apenas o acesso à escola, mas o direito a uma educação no/do campo (Silva, 2004). A discussão por uma Educação do Campo foi ganhando forma em 1997, no I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – ENERA. Segundo Arroyo, Caldart e Molina (2004),

“Educação do campo tem compromisso com a vida, com a luta e com o movimento social que está buscando construir um espaço onde podemos viver com dignidade. A escola, ao assumir a caminhada do povo do campo, ajuda a interpretar os processos educativos que aconteceram fora dela e contribuir na inserção de educadores e educandos na transformação da sociedade.” (p. 161)

Tal garantia vem sendo resguardada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96), a qual estabelece que os conteúdos da Educação do Campo devem estar ligados ao mundo do trabalho e ao desenvolvimento do campo, com foco no sujeito do campo, o que requer uma prática pedagógica inovadora, utilizando, assim, diferentes procedimentos, recursos e espaços que resgatem a riqueza das experiências vivenciadas nesse espaço.

Em Porto Seguro-BA, a partir das múltiplas territorialidades – urbano, rural e indígena –, também foram instituídas escolas do/no campo em assentamentos e acampamentos rurais do MST, que tem como um dos objetivos a construção de uma educação crítico-reflexiva. De acordo com Paula e Saveli (2012), os princípios pedagógicos do movimento são:

“1) Relação entre teoria e prática. 2) Combinação metodológica entre processo de ensino e de capacitação. 3) A realidade como base da produção do conhecimento. 4) Conteúdos formativos socialmente úteis. 5) Educação para o trabalho e pelo trabalho. 6) Vínculo orgânico entre processos educativos e processos políticos. 7) Vínculo orgânico entre processos educativos e processos econômicos. 8) Vínculo orgânico entre educação e cultura. 9) Gestão democrática. 10) Auto-organização dos/das estudantes. 11) Criação de coletivos pedagógicos e formação permanente dos educadores / das educadoras. 12) Atitude e habilidade de pesquisa. 13) Combinação entre processos pedagógicos coletivos e individuais.” (p. 19)

Em razão disso, a partir da campanha «Extremo Sul Pela Vida Agrotóxico Zero», em 2013, que teve como objetivo fomentar as atividades criativas e reflexivas nos assentamentos e escolas do campo, pautando temas relacionados aos riscos do uso de agrotóxicos, e também

destacando os princípios da agroecologia e o valor da vida, as escolas de assentamentos e projetos de Agroecologia começaram a inserir a temática da campanha, de forma interdisciplinar, nos componentes curriculares, visando a implementação do ensino agroecológico na escola.

A Agroecologia valoriza a utilização das técnicas mais antigas utilizadas pelos camponeses, com o objetivo de garantir linhas de produções livres de agrotóxicos. Pode incluir novas tecnologias, como o resgate de manejos e técnicas utilizadas em ecossistema semelhantes, práticas de conservação de água e manejo de animais, entre outros, fortalecendo os princípios básicos da ecologia, como a produção e preservação dos recursos naturais e os estudos e tratamentos do ecossistema. O termo agroecológico surgiu na década de 1930, como sinônimo de ecologia aplicada à agricultura (Gliessman, 2000; Rossi, 2015). Assim,

“A Agroecologia fornece as bases científicas, metodológicas e técnicas para uma nova revolução agrária não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Os sistemas de produção fundados em princípios agroecológicos são biodiversos, resilientes, eficientes do ponto de vista energético, socialmente justos e constituem os pilares de uma estratégia energética e produtiva fortemente vinculada à noção de soberania alimentar.” (Altieri, 2012, p. 15)

Cumprе salientar que nas escolas localizadas em assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – há uma perspectiva de luta pelo direito à terra, que permeia a construção do currículo. No início desta pesquisa, a Agroecologia era lecionada em caráter extracurricular, os alunos vivenciavam a prática do cultivo orgânico de hortaliças e verduras, na horta comunitária da escola. No ano de 2019, ela foi incluída no currículo formal das Escolas do Campo, no município.

O que torna esse processo uma inovação pedagógica é o fato de atrair um movimento novo, pois a Agroecologia visa aplicar saberes oriundos das vivências dos agricultores, integrando-os a múltiplas ciências, buscando um modelo de vida mais saudável para as pessoas, a fim de integrá-lo a um currículo situado, localizado e marcado pelas complexidades sociais inerentes aos fenômenos humanos. Logo, trata-se de uma experiência que pode evidenciar a figura do ator curriculante, que age de forma criativa e transformativa, dando vida ao currículo, ou seja, dando sentido concreto ao conhecimento, através de uma pluralidade de saberes.

A Escola C atende os anos iniciais do Ensino Fundamental, de 1º ao 5º ano. O entorno da escola é de área verde. Faz uso de ventilação natural, de fossa séptica e de poço artesiano,

construído com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE. Tem coleta de lixo periódica. Oferece atividades de ciclismo, letramento, música e percussão, através do Programa Mais Educação.

A Escola D, também localizada na zona rural da cidade, situa-se numa região reconhecida como violenta, e tem uma população com baixo nível de escolarização. A escola atende a Educação Infantil, anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e EJA, nos turnos matutino, vespertino e noturno. Possui uma sala de recursos multifuncionais, para Atendimento Educacional Especializado – AEE –, a qual recebe alunos com necessidades educativas especiais, no turno oposto ao que o aluno estuda.

Como o território rural da cidade é composto por acampamentos e assentamentos do MST, espaços em que também se localizam escolas municipais, a reforma agrária e uma nova forma de se pensar a agricultura têm sido a bandeira dos trabalhadores rurais sem terra. O MST se estrutura por meio de uma Coordenação e Direção Nacional, uma Coordenação e Direção Estadual, as Coordenações Regionais, as Brigadas, os Núcleos de Famílias e Setores. Na Regional do Extremo Sul, localiza-se a Brigada Elias Gonçalves de Meura [EGM], da qual faz parte o município de Porto Seguro¹⁰.

1.3.1 Trajetória acadêmica dos sujeitos da pesquisa

Para caracterizarmos o formato de políticas de investimento no processo de desenvolvimento profissional docente, pela Secretaria Municipal de Educação – SME –, bem como saber se essas políticas influenciam ou não as práticas educativas inovadoras, a partir do percurso formativo dos professores dos anos iniciais da rede pública municipal de ensino de Porto Seguro -BA, entrevistamos 8 [oito] professores pertencentes ao referido nível de ensino, e de quatro escolas, 2 [duas] localizadas na área urbana e 2 [duas] no Campo.

Para identificação das escolas e dos sujeitos participantes, a fim de garantir-lhes o anonimato, optou-se por usar numeração para identificá-los, conforme demonstra a tabela abaixo:

¹⁰ Disponível em <https://mst.org.br/quem-somos/>. Acesso: 27 mai. 2021.

Tabela 2

Identidade das escolas e dos sujeitos participantes da pesquisa

<i>Grupos</i>	<i>Participantes</i>
<i>Escolas da Área Urbana e Educação do Campo</i>	P01, P02, P03, P04, P05, P06, P07 e P08
<i>Grupos Focais</i>	P01 a P12
<i>Escolas</i>	Escola A, Escola B, Escola C e Escola D

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

O agendamento das entrevistas foi feito diretamente com os participantes, via «whatsapp», de acordo com sua disponibilidade de tempo. Como as escolas estavam fechadas para os estudantes, devido à pandemia, os professores encontravam-se em pleno labor nas instituições escolares, com entrega de atividades impressas e ensino remoto, o que facilitou o nosso acesso aos mesmos, para a realização das entrevistas, no horário do intervalo de suas respectivas atividades laborais. Assim, as entrevistas foram realizadas em diferentes dias, por levar em consideração a situação pandêmica que o país estava vivendo no momento.

Os encontros presenciais foram propícios à realização da próxima etapa da pesquisa – os grupos focais –, pois pudemos, pessoalmente, explicar aos professores o formato em que ocorreriam as próximas entrevistas, já que se tratavam de encontros virtuais – videoconferência via Plataforma «Zoom Meetings» –, para que todos pudessem participar conjuntamente, respeitando a dificuldade de locomoção dos participantes, bem como a questão do distanciamento social. A realização dessas entrevistas aconteceu durante um período de 40 dias, entre os meses de março e abril do ano de 2021.

Com a permissão dos participantes, as entrevistas foram gravadas. Após a gravação, foram transcritas, na íntegra, a fim de compreender as percepções dos participantes.

Tabela 3

Perfil dos sujeitos da Pesquisa

<i>Sujeito</i>	<i>Sexo</i>	<i>Idade</i>	<i>Tempo de Formação</i>	<i>Tempo na Escola</i>	<i>Formação Inicial</i>	<i>Formação Continuada</i>	<i>Área de Atuação</i>
<i>P01</i>	Fem.	48	23 anos	04 anos	Pedagogia	Especialização	Área Urbana
<i>P02</i>	Fem.	39	13 anos	13 anos	Pedagogia	Especialização	Área Urbana
<i>P03</i>	Masc.	42	21 anos	19 anos	Pedagogia	Especialização	Área Urbana
<i>P04</i>	Fem.	42	23 anos	18 anos	Pedagogia	Especialização	Área Urbana
<i>P05</i>	Fem.	44	25 anos	23 anos	Pedagogia	Mestrado	Educação do Campo
<i>P06</i>	Masc.	42	21 anos	21 anos	Pedagogia	Especialização	Educação do Campo
<i>P07</i>	Fem.	39	20 anos	20 anos	Pedagogia	Não tem Pós	Educação do Campo
<i>P08</i>	Masc.	46	23 anos	03 anos	Normal Superior	Especialização	Educação do Campo
<i>P09</i>	Fem.	44	21 anos	16 anos	Pedagogia	Especialização	Área Urbana
<i>P10</i>	Masc.	44	20 anos	07 anos	Letras	Não tem Pós	Educação do Campo
<i>P11</i>	Fem.	45	25 anos	25 anos	Pedagogia	Especialização	Educação do Campo
<i>P12</i>	Fem.	57	31 anos	31 anos	Pedagogia	Especialização	Área Urbana

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

Os sujeitos da pesquisa são professores efetivos e contratados que atuam no 4º e no 5º ano do Ensino Fundamental, nas escolas públicas municipais de Porto Seguro. A pesquisa contou com 12 professores. Destes, 8 [oito] participaram das entrevistas individuais e todos eles participaram do grupo focal. A escolha desses professores se deu pela sua atuação no mesmo nível de escolaridade – anos iniciais do Ensino Fundamental.

Dos 12 professores participantes da pesquisa, 8 [oito] são do sexo feminino e 4 [quatro] são do sexo masculino. Em relação à idade, 2 [dois] têm entre 36 a 40 anos, 7 [sete] têm entre 41 a 45 anos, 2 [dois] têm entre 46 a 50 anos e 1 [um] tem entre 56 a 60 anos. Em se tratando da formação inicial – graduação –, 9 [nove] cursaram Licenciatura em Pedagogia, 1 [um] cursou Licenciatura em Letras e 2 [dois] cursaram Normal Superior. No que diz respeito à pós-graduação, 1 [um] cursou Mestrado, 9 [nove] cursaram Especialização, 2 [dois] ainda não possuem curso de pós-graduação. Quanto ao vínculo desses professores com o município, apenas 1 [um] deles é contratado.

Uma vez que o grupo focal envolveu os 12 sujeitos, foi possível particularizar os dados coletados na ficha de identificação. Os sujeitos foram identificados através da numeração de 01 a 12, da seguinte forma: P01, P02, P03... a P12.

1.4 Processo de investigação e recolha de dados

Em pesquisas qualitativas, deve-se verificar se, de fato, a pesquisa “mede verdadeiramente o que o pesquisador propôs-se a medir, se seus processos metodológicos são coerentes e se seus resultados são consistentes” (Ollaik & Ziller, 2012, p. 231). Com o objetivo de recolher informações que tragam respostas para o nosso questionamento acerca dos desafios e dos dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental em Porto Seguro-BA, no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito do seu desenvolvimento profissional, recorreremos a uma triangulação de instrumentos e procedimentos que privilegiam o diálogo com os professores, além de contribuir para que os sujeitos se sintam à vontade para refletirem sobre suas práticas. Assim, as informações dos participantes foram coletadas por meio de entrevistas e grupos focais, além de análise documental, conforme explicitaremos a seguir.

1.4.1 Análise documental

Para caracterizar o formato de políticas de investimento no processo de desenvolvimento profissional implementado pela Secretaria Municipal de Educação – SME foi utilizada a técnica de análise documental, que é imprescindível na pesquisa qualitativa, pois grande parte das investigações baseiam-se em fontes escritas. São diversas fontes que podemos pesquisar, como atas, pareceres, fotografias, diários, projetos de lei, inventários, mapas, informativos, depoimentos orais e escritos, certidões, relatórios, inventários, testamentos, correspondências, ofícios (Santos, 2000).

Analizamos documentos legislativos oficiais nacionais, bem como aqueles oriundos da Secretaria Municipal de Educação, tais como Constituição Federal, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Resoluções, Decretos, Projetos, Planos e Regimentos de Formação de Professores, Avaliações de Formadores, Relatórios, Ofícios, Propostas Curriculares [BNCC], projetos de lei, informativos, depoimentos escritos. Esta etapa foi utilizada para responder ao seguinte objetivo específico: caracterizar o formato de políticas de

investimento no processo de desenvolvimento profissional implementado pela Secretaria Municipal de Educação – SME – e verificar se essa política influencia ou não o fomento/surgimento de práticas educativas com inovações pedagógicas.

Bardin (2011) afirma que a análise documental é uma fase preliminar da constituição de um serviço de documentação ou de um banco de dados, ou melhor definindo, é “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente do original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referência” (p. 51). Segundo a autora, o propósito dessa técnica é armazenar e facilitar o acesso ao observador, de modo que este obtenha o máximo de informações e pertinência.

1.4.2 Entrevistas

Para responder ao objetivo verificar se essa política influencia ou não o fomento/surgimento de práticas educativas com inovações pedagógicas, utilizamos entrevistas em profundidade, com a intenção de identificar as percepções dos sujeitos a respeito do seu papel e possível redefinição, construção e/ou reconstrução do mesmo, a partir do processo de desenvolvimento profissional docente.

Foi elaborado um documento orientador, para a entrevista, composto por três partes: a primeira tratou da construção da profissionalidade docente, quando foram apresentados relatos sobre a escolha da profissão e sobre as experiências da vida pessoal que contribuíram para o fazer pedagógico; a segunda parte discutiu sobre o seu desenvolvimento profissional, o que foi realizado pelos docentes depois da graduação, encontros coletivos com seus pares e a importância disso para a sua profissão; a terceira indagou sobre os desafios e os dilemas enfrentados no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito de seu desenvolvimento profissional. Após as entrevistas, observamos o que deveria ser analisado de modo qualitativo. Buscamos correlações entre os dados, desvelando seus significados. Os relatos dos sujeitos pesquisados foram reproduzidos, na íntegra, e excertos desses relatos foram utilizados no *corpus* do trabalho.

As entrevistas em profundidade podem focar duas perspectivas: a completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida, e a tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão. No caso deste estudo, a opção mais pertinente foi a tópica, justamente por focar as mudanças de práticas pedagógicas, após as vivências do processo de desenvolvimento profissional docente.

Portanto, os instrumentos utilizados se adaptaram às necessidades da pesquisa, bem como permitiram aos sujeitos pesquisados relatar sobre os desafios e os dilemas enfrentados no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito de seu desenvolvimento profissional.

1.4.3. Grupos focais

Por fim, utilizamos a técnica dos grupos focais, que se caracteriza como “um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de suas experiências pessoais” (Gomes, 2005). Trata-se de uma técnica qualitativa, com técnicas de entrevistas grupais, a qual foi usada para alcançar os seguintes objetivos específicos: compreender a relação entre o desenvolvimento profissional docente e os processos de inovação pedagógica na prática de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em Porto Seguro-BA, e identificar se há ocorrência de mudanças nas práticas pedagógicas e na gestão do currículo escolar, a partir do percurso formativo.

Segundo Iervolino e Pelicioni (2001), a “essência do grupo focal consiste justamente na interação entre os participantes e o pesquisador, que objetiva colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos (por isso é chamado grupo focal)” (p. 116). Uma das ações primordiais na utilização dessa técnica, afirmam as autoras, é a criação de ambientes, pelo moderador do grupo, que possam contribuir para que diferentes posicionamentos e pontos de vista sejam expostos pelos participantes, estabelecendo, ao final, alguma conclusão, sem que ocorra nenhum tipo de pressão para que isso aconteça. Ao utilizá-la, o pesquisador precisa tomar alguns cuidados, ao conduzir as discussões, a fim de identificar percepções sobre o que foi definido como foco de estudo.

Foram realizadas 02 [duas] sessões de entrevistas em grupo, para 02 [dois] grupos de professores, divididos da seguinte forma: 01 [um] grupo com 6 [seis] professores das escolas da área urbana e 01 [um] grupo também composto por 6 [seis] professores das escolas do campo. Desse modo, participaram dessas sessões de entrevistas em grupo, um total de 12 professores que atuam em turmas de 4º e 5º anos dos anos iniciais do Ensino Fundamental de Porto Seguro.

O documento orientador elaborado para a realização dos grupos focais foi composto por dois roteiros: o primeiro versou sobre o «Desenvolvimento Profissional Docente e

Inovação Pedagógica», cuja finalidade foi compreender e analisar o cotidiano dos professores nas escolas, bem como conhecer as suas experiências, seus referenciais de formação, suas crenças e valores, para que pudéssemos perceber os caminhos adotados para uma prática docente voltada – ou não – para os processos de inovação pedagógica; o segundo roteiro percorreu sobre os «Desafios e dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental», discutindo sobre como a sociedade exige mudanças nas práticas dos professores, sobretudo questionando o seu papel, passando a ser visto como o principal responsável pelo desenvolvimento das funções da escola, causando tensões e dilemas na profissão docente. Após as discussões, observamos o que deveria ser analisado e buscamos correlações entre os dados. Os relatos dos sujeitos pesquisados foram reproduzidos, na íntegra, e excertos desses relatos foram utilizados no *corpus* do trabalho.

1.5 Tratamento e análise dos dados

O procedimento utilizado para análise das informações obtidas através das técnicas de análise documental, entrevistas e grupos focais foi a análise de conteúdo de Bardin, conceituada pela autora como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”, o qual não se trata apenas de um instrumento, mas de uma gama de ferramentas de um único instrumento, adaptável e com uma grande disparidade de formas (Bardin, 2011, p. 37).

Segundo a autora, os passos para esse procedimento são a pré-análise, a análise do material e o tratamento dos resultados, que consiste no produto final. A pré-análise é a fase de organização, um período de intuições que objetiva operacionalizar e sistematizar as ideias iniciais, buscando um esquema preciso do desenvolvimento das operações. Nela, há a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses, dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentarão a interpretação final. Concluídas as diferentes operações da pré-análise, a fase de análise não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas. Na última fase, os resultados brutos são tratados de maneira a se tornarem significativos e válidos, daí o analista pode propor inferências e adiantar interpretações, frente aos objetivos previstos (Bardin, 2011).

Bardin afirma que nem sempre o interesse está na descrição dos conteúdos, mas no que estes podem mediar após análise, “no que poderão ensinar após serem tratados (por classificação, por exemplo) relativamente a ‘outras coisas’” (Bardin, 2011, p. 44). Nesse

sentido, a autora aproxima os saberes presentes no conteúdo, que podem ser de natureza psicológica, sociológica, histórica, econômica, dentre outras.

Por ser considerado “uma modalidade específica de abordagem qualitativa” (Minayo, 2000, p. 270), as informações obtidas por meio desse instrumento serão analisadas também de forma qualitativa, não havendo, desse modo, “um tratamento estatístico envolvido, mas um conjunto de procedimentos que visam organizar os dados de modo que eles revelem, com a máxima objetividade e isenção possível, como os grupos em questão percebem e se relacionam com o foco do estudo” (Iervolino & Pelicioni, 2002, p. 118).

Elaboramos quadros, por categorias, para facilitar a análise dos dados, bem como a análise documental, as entrevistas e os grupos focais. Estes dois últimos instrumentos contêm as respostas dadas pelos professores participantes da pesquisa, os quais foram devidamente identificados e estão relacionados a cada resposta, nos referidos quadros.

O primeiro quadro [Apêndice F] foi composto por categorias da análise dos conteúdos, tratados a partir da análise documental, as quais foram divididas em duas partes: a primeira trata da «Construção da Profissionalidade Docente e Desenvolvimento Profissional Docente», a segunda trata da «Inovação Pedagógica», as quais dividem-se em subcategorias que vão servir de elementos para embasar as análises.

Na parte I, as subcategorias relacionadas a Construção da Profissionalidade e ao Desenvolvimento Profissional Docente são:

- Processo de Construção profissional docente: Experiências de vida que influenciaram no processo de construção docente; vivências formativas relevantes para a experiência docente; tempo para planejamento, movimentos coletivos, trocas de experiências e estudos na escola.
- Desenvolvimento Profissional Docente: Processos formativos depois da graduação; cursos e práticas relevantes para a experiência docente; espaços de trocas e co-construção do conhecimento dentro e fora do espaço escolar.
- Desafios e Dilemas enfrentados pelos docentes: Identificação dos atravessamentos que perpassam a atividade docente; desenvolvimento de habilidades criativas para lidar com a realidade local; novas práticas/saberes/conhecimentos advindas da leitura de mundo dos educandos.

Na parte II as subcategorias relacionadas a Inovação Pedagógica, são:

- Trajetória docente e construção de uma atuação inovadora e transformativa na prática – descrição da atuação: Desafios enfrentados para atuar de maneira inovadora na

prática docente; mudanças na estrutura curricular e nas práticas pedagógicas, a partir do percurso formativo; investimentos para uma atuação transformativa e inovadora.

Quadro 1

Categorias de análise documental

ANÁLISE DE CONTEÚDOS NA ANÁLISE DOCUMENTAL

PARTE I – CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE			
Processo de construção profissional docente.	Experiências de vida que influenciaram no processo de construção docente.	Vivências formativas relevantes para a experiência docente.	Tempo para planejamento, momentos coletivos, trocas de experiências e estudos na escola.
Desenvolvimento profissional docente.	Processos formativos depois da graduação.	Cursos e práticas relevantes para a experiência docente.	Espaços de trocas e co-construção do conhecimento, dentro e fora do espaço escolar.
Desafios e dilemas enfrentados pelos docentes.	Identificação dos atravessamentos que perpassam a atividade docente.	Desenvolvimento de habilidades criativas para lidar com a realidade local.	Novas práticas/saberes/conhecimentos advindas da leitura de mundo dos educandos e do contexto.
PARTE II – INOVAÇÃO PEDAGÓGICA			
Trajetória docente e construção de uma atuação inovadora e transformativa na prática – descrição dessa atuação.	Desafios enfrentados para atuar de maneira inovadora na prática docente.	Mudanças na estrutura curricular e nas práticas pedagógicas, a partir do percurso formativo.	Investimentos para uma atuação transformativa e inovadora.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O segundo quadro [Apêndice G] contém as categorias de análise das entrevistas, as quais foram divididas em três partes: a primeira trata da «Construção da Profissionalidade docente»; a segunda, do «Desenvolvimento profissional»; a terceira, dos «Desafios e dilemas enfrentados no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito de seu desenvolvimento profissional», com a descrição das respostas dos professores.

Na parte I, as subcategorias relacionadas a Construção da Profissionalidade são:

- Escolha da Profissão Docente: os motivos que os levaram para escolher a docência como profissão.
- Experiências da vida pessoal e profissional que contribuíram para o fazer pedagógico: interlocuções entre vivências pessoais e profissionais.
- Descrição do processo de construção profissional docente: como se dá o processo de torne-se docente e o desenvolvimento profissional docente.

Na parte II as subcategorias relacionadas a Desenvolvimento Profissional Docente são:

- Desenvolvimento Profissional depois da graduação: quais os caminhos percorridos pelos sujeitos após a graduação; suas escolhas de especialização e atualização.
- Articulação dos aprendizados dos cursos com a prática pedagógica: quais os resultados do desenvolvimento profissional docente no fazer pedagógico dos sujeitos; possíveis críticas, estratégias e experiências.
- Relevância dos cursos para a experiência docente: como articulam teoria e prática para a inovação pedagógica.
- Momentos coletivos para trocas de experiências, planejamento e estudos na escola.

Na parte III as subcategorias relacionadas a desafios e dilemas enfrentados no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito de seu desenvolvimento profissional são:

- Processos de decisão na profissão docente: Como se preparar para agir e decidir sabiamente ao lidar com diferentes dilemas em sala de aula ou na profissão?
- Desafios enfrentados diariamente, na prática em sala de aula: como as vivências do fazer pedagógico se integram ao processo de co-construção do conhecimento e transformação criativa da realidade.
- Dificuldades enfrentadas no desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras para que a inovação pedagógica se torne realidade: quais desafios e potencialidades do campo no processo inovativo.

Quadro 2

Categorias de análise das entrevistas

CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS				
PARTE I – CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE				
Escolha da Profissão Docente.	Experiências da vida pessoal e profissional que contribuíram para o fazer pedagógico.		Descrição do processo de construção profissional docente.	
PARTE II – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL				
Desenvolvimento Profissional depois da graduação.	Articulação dos aprendizados dos cursos com a prática pedagógica.	Relevância dos cursos para a experiência docente.	Momentos coletivos para trocas de experiências, planejamento e estudos na escola.	
PARTE III – DESAFIOS E DILEMAS ENFRENTADOS NO CONTEXTO DE PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA, NO ÂMBITO DE SEU DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL				
Entendimento sobre inovação pedagógica.	Trajetória docente e construção de uma atuação inovadora e transformativa na prática – descrição dessa atuação.	Desafios no desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, enfrentados para atuar de maneira inovadora na prática docente.	Mudanças na estrutura curricular e nas práticas pedagógicas, a partir do percurso formativo.	Investimentos para uma atuação transformativa e inovadora.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

O terceiro quadro [Apêndice H] contém as categorias de análise dos grupos focais, as quais foram divididas em dois roteiros: o primeiro trata do «Desenvolvimento Profissional Docente e Inovação Pedagógica»; o segundo, dos «Desafios e dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental», também contendo a descrição das respostas dos professores participantes.

No roteiro I as subcategorias relacionadas a Desenvolvimento Profissional Docente e Inovação Pedagógica são:

- Concepção de educação, aluno e professor: como essa relação constrói a profissão docente.
- Instrumentos, contextos e conhecimentos trazidos das vivências pessoais para a construção da profissionalidade: como as vivências pessoais são valorizadas ou desvalorizadas no processo de construção da Profissionalidade.

-
- Relação entre o desenvolvimento profissional docente e as práticas pedagógicas inovadoras: como se dá o processo de integração entre teoria e prática para a transformação criativa da realidade.
 - Estímulo para inovação pedagógica no Município: Se existe fomento e estímulo para inovação pedagógica no Município; como avaliam o investimento feito pelo Município?
 - Regulação da Inovação: Sentimento de obrigação ou cobrança para serem inovadores, por imposição da sociedade ou por órgãos governamentais.
 - Cursos de formação na temática inovação pedagógica e instituição formadora: existe investimento e aprofundamento nessa temática?

No roteiro II as subcategorias relacionadas a Desafios e Dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do ensino fundamental são:

- Processos de decisão na profissão docente: Como se preparar para agir e decidir sabiamente ao lidar com diferentes dilemas em sala de aula ou na profissão?
- Desafios enfrentados diariamente, na prática em sala de aula: como as vivências do fazer pedagógico se integram ao processo de co-construção do conhecimento e transformação criativa da realidade.
- Dificuldades enfrentadas no desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, para que a inovação pedagógica se torne realidade: quais desafios e potencialidades do campo no processo inovativo.

Quadro 3

Categorias de análise dos grupos focais

CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS GRUPOS FOCALIS		
GRUPO 1 – ÁREA URBANA / GRUPO 2 – EDUCAÇÃO DO CAMPO		
ROTEIRO I – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA		
<i>Concepção de educação, aluno e professor: como essa relação constrói a profissão docente.</i>	Instrumentos, contextos e conhecimentos trazidos das vivências pessoais para a construção da profissionalidade.	Relação entre o desenvolvimento profissional docente e as práticas pedagógicas inovadoras.
<i>Estímulo para inovação pedagógica no Município: Existe fomento, estímulo para inovação pedagógica no Município? Como avaliam o investimento feito pelo Município?</i>	Regulação da Inovação: Sentimento de obrigação ou cobrança para serem inovadores, por imposição da sociedade ou por órgãos governamentais.	Cursos de formação na temática inovação pedagógica e instituição formadora.
ROTEIRO II – DESAFIOS E DILEMAS ENFRENTADOS POR PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL		
<i>Processos de decisão na profissão docente: Como se preparar para agir e decidir sabiamente ao lidar com diferentes dilemas em sala de aula ou na profissão?</i>	Desafios enfrentados diariamente, na prática em sala de aula.	Dificuldades enfrentadas no desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, para que a inovação pedagógica se torne realidade.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

CAPÍTULO 2 - Análise das Pesquisas: Estado da Arte

Organizamos este capítulo, a fim de contemplar o discurso teórico que embasa nossas análises de dissertações, teses e artigos selecionados, sendo utilizados como referência o Banco de Dados da Capes, os «sites» da ANPEd e da SciELO, fontes onde foram coletados esses trabalhos acadêmicos em análise.

2.1 Processos de inovação pedagógica: análise das pesquisas

Esta seção tem por objetivo expor as pesquisas catalogadas no banco de dados de dissertações e teses da CAPES, bem como artigos disponibilizados nos «sites» da ANPEd e da SciELO, considerando as seguintes palavras-chave: «desenvolvimento profissional docente», «inovação pedagógica», «mudança na educação» e «currículo», nos anos entre 2014 a 2018. Para tanto, selecionamos algumas dessas pesquisas, especificamente trabalhos com grandes contributos teóricos, empíricos e metodológicos, os quais possuem grande relevância e contribuição direta para este estudo. Criamos quadros sinópticos e discutimos o estado da pesquisa, com base em teóricos que asseguram tal discursividade. Selecionamos as produções acadêmicas em que apareceram as palavras-chave escolhidas como descritores, principalmente nos títulos. Após esse levantamento, foram observados os resumos, com a finalidade de identificar os objetivos dos estudos.

No percurso, buscamos responder às seguintes indagações: 1. Qual a média na quantidade de produções acadêmicas sobre os temas ‘desenvolvimento profissional docente’ e ‘inovação pedagógica’? Por quais profissionais esses temas têm sido abordados? Onde têm sido mais realizadas essas pesquisas? Quais as contribuições dessas publicações para a área da educação, conforme a visão dos autores das teses e dissertações, bem como da autora desta pesquisa?

Inicialmente, consultamos o banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES –, considerando as palavras-chave: «desenvolvimento profissional docente», «inovação pedagógica», «mudança na educação» e «currículo».

Para a palavra-chave «desenvolvimento profissional docente», foram encontradas 4.657 teses e dissertações publicadas entre 2014 a 2018, com o filtro «nome do Programa: Educação». A grande área do conhecimento onde essas pesquisas selecionadas estão ancoradas é a de Ciências Humanas, concentrando-se na área da Educação Escolar e Profissão

Docente. Refinando ainda mais a pesquisa, incluindo a informação «ensino fundamental» ao final do indexador, foram encontrados 542 trabalhos de mestrado e de doutorado.

Com a palavra-chave «inovação pedagógica» foram encontradas 265 teses e dissertações publicadas entre 2014 a 2018, com o filtro «nome do Programa: Educação». A grande área do conhecimento é a de Ciências Humanas, concentrando-se na área da Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica.

Em relação à palavra-chave «mudança na educação», foram encontradas 09 teses e dissertações publicadas entre 2014 a 2018. A grande área do conhecimento onde essas pesquisas selecionadas estão ancoradas é a área de Ciências Humanas, concentrando-se na área da Educação, especificamente na educação brasileira, em gestão e práticas pedagógicas, pensamento educacional brasileiro e formação de professores.

No que diz respeito à palavra-chave «currículo», foram encontradas 241 teses e dissertações publicadas entre 2014 a 2018. A grande área do conhecimento é a de Ciências Humanas, concentrando-se na Educação, especificamente em Currículo.

Buscando agrupar algumas dessas pesquisas em abordagens gerais, levando em conta a interface entre as noções principais da pesquisa, o nível educacional e a pertinência com o tema do trabalho, montamos quadros sinópticos: o quadro 4 [quatro] expõe a seleção feita no sítio da CAPES, contendo ano, instituição, autor, título, palavras-chave, descrição e resultados; o quadro 5 [cinco] mostra a seleção feita no sítio da ANPEd, contendo a mesma formatação do quadro anterior, porém contemplou apenas os anos de 2014 e 2015, por haver um nível de dificuldade em encontrar artigos que atendessem aos objetivos desta pesquisa; o quadro 6 [seis] apresenta a seleção feita mediante consulta no banco de dados da SciELO, nos anos compreendidos entre 2014 a 2018. Tanto na pesquisa feita no «site» da ANPEd quanto no «site» da SciELO foram consideradas as palavras-chave supracitadas.

Posteriormente, analisamos essas pesquisas, considerando as perguntas expostas no início deste capítulo, embasadas em um referencial teórico que fomenta a discussão sobre as palavras-chave, concedendo qualidade ao labor acadêmico. Ressaltamos que a forma de escrita das palavras e frases nos referidos quadros se apresenta tal como está escrito na página de informações dos «sites» supracitados – CAPES, ANPEd e SciELO.

2.1.1 O desenvolvimento profissional docente para além de uma perspectiva individual

Quadro 4

Resumos de trabalhos encontrados no portal da CAPES.

ANO: 2015	Tipo de pesquisa: Dissertação - Mestrado em Educação
Instituição	Fundação Universidade Federal do Piauí
Autor	SOUSA, MARIA DO SOCORRO BRITO DE OLIVEIRA
Título	O DESENVOLVIMENTO DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE: histórias de professores dos anos iniciais do ensino fundamental
Palavras-chave	Profissão Docente. Formação Profissional Docente. Profissionalização Docente.
Descrição	Apresenta, como objeto de estudo, a profissionalização docente dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, e para compreensão e desenvolvimento da investigação, delineia como objetivo geral, investigar o processo de desenvolvimento da profissionalização do professor que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental.
Resultados	Aduz, como resultados, que a profissionalização dos professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, os processos formativos contínuos e o desenvolvimento das práticas docentes envolvem a busca de melhores condições de trabalho, na expectativa de construção da autonomia e emancipação, como reconhecimento e valorização profissional e social da carreira de professor.
ANO: 2015	Tipo de pesquisa: Tese – Doutorado em Educação
Instituição	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Autor	NASCIMENTO, FRANC LANE SOUSA CARVALHO DO
Título	As dimensões pedagógica, didática, tecnológica e científica que impactam e subsidiam na formação e no desenvolvimento profissional dos professores do século XXI no Brasil e em Portugal
Palavras-chave	Pedagogia. Mestrado. Pedagógica. Didática. Tecnológica. Científica.
Descrição	O objetivo geral do estudo é analisar, em uma perspectiva comparativa, os cursos de formação inicial de professores do Brasil e de Portugal, tendo em vista o desenvolvimento profissional e a importância das dimensões pedagógica, didática, tecnológica e científica.
Resultados	Os resultados da pesquisa apontaram diferenças e semelhanças entre os cursos de formação de professor, no Brasil e em Portugal. Na formação inicial em Portugal há o predomínio das dimensões pedagógica e científica, em detrimento da didática e tecnológica. Inclusive, os professores

	consideram oportuno uma reestruturação do currículo para aprimorar a utilização das TICs. No Brasil, há maior relevância nas dimensões pedagógica e didática, desfavorecendo a tecnológica e científica. Os professores e os alunos especificam a necessidade de melhor sistematização do currículo para que sejam vivenciadas essas quatro dimensões. Portanto, nas duas realidades estudadas, as dimensões não estão sendo trabalhadas de forma equilibrada, o que dificulta o direcionamento de uma formação que favoreça no desenvolvimento profissional docente. No entanto, nos últimos anos, houve a expansão das funções, da área de atuação; melhoria na oferta de disciplinas; acréscimo da carga horária das atividades e reformulação da matriz curricular.
ANO: 2016	Tipo de pesquisa: Dissertação – Mestrado em Educação
Instituição	Universidade do Vale do Sapucaí
Autor	PELEGRINI, SANDRA APARECIDA DE PAULA VITOR
Título	FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DOCENTE DO ENSINO FUNDAMENTAL: permanente e não continuada
Palavras-chave	Formação Continuada; Formação Permanente; Profissional Docente; Ensino Fundamental I
Descrição	A pesquisa pretende compreender o que dizem os professores sobre a formação docente, refletir sobre o conceito de educação continuada e permanente defendida por Freire, nos municípios do sul de Minas Gerais, Campanha, Delfim Moreira e Silvianópolis.
Resultados	Os resultados apontaram que a formação é uma condição humana que acontece a todo tempo. Na docência, ela se dá nas reflexões sobre teoria e prática, na relação com o outro, seja com os colegas professores, com os formadores específicos, com os alunos em sala de aula.
ANO: 2016	Tipo de pesquisa: Dissertação – Mestrado em Educação
Instituição	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Autor	CORREA, DANIELLE VASCONCELOS
Título:	O PAPEL DAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS NA CONSTRUÇÃO DE CONCEPÇÕES, SABERES E PRÁTICAS DE PROFESSORAS QUE ATUAM NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS
Palavras-chave:	Ensino Fundamental de Nove Anos; Trajetória Profissional; Memória Docente; Identidade Profissional
Descrição:	O objetivo do trabalho é discutir sobre o papel das trajetórias profissionais na construção de concepções, saberes e práticas de professoras no trabalho com as crianças de 6 anos, inseridas no 1º ano do Ensino Fundamental, na rede privada de Belo Horizonte. O trabalho buscou estabelecer relações entre as concepções, os saberes e as práticas dessas docentes, sinalizando

	marcas das experiências da infância, acadêmica e profissional na formação da identidade de cada docente.
Resultados	Os resultados apontaram que os docentes agregam à sua prática profissional, os sentidos e significados construídos a partir de suas experiências de vida.
ANO: 2017	Tipo de pesquisa: Tese – Doutorado em Educação
Instituição	Universidade Federal de Santa Maria
Autor	BOROWSKY, HALANA GARCEZ
Título	OS MOVIMENTOS DE FORMAÇÃO DOCENTE NO PROJETO ORIENTADOR DE ATIVIDADE
Palavras-chave	Clube de Matemática. Projeto Orientador de Atividade. Formação Compartilhada. Atividade Orientadora de Ensino. Formação de Professores. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Educação Matemática.
Descrição	O principal objetivo foi investigar as relações essenciais do movimento de formação docente no projeto Clube de Matemática – na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. O projeto CluMat/UFSM, que iniciou como uma ação de extensão voltada a alunos dos anos iniciais, tem-se constituído como um espaço de formação aos seus participantes.
Resultados	Apresentou como resultados que um projeto orientador de atividade de formação docente, quando pautado na coletividade, prima por: conhecimentos científicos, organização do ensino e relações suficientes para que haja formação humana, para além das dimensões do próprio projeto.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Buscando responder às perguntas da pesquisa, identificamos uma média considerável na quantidade de produções acadêmicas desenvolvidas a partir dos descritores «desenvolvimento profissional docente», «inovação pedagógica», «mudança na educação» e «currículo». Os profissionais envolvidos em pesquisas com esses temas têm sido professores e estudantes de pós-graduação em licenciaturas, especificamente da área da educação.

Selecionamos as produções acadêmicas que apareceram com as palavras-chave escolhidas como descritores, principalmente nos títulos dos estudos. Após esse levantamento, foram observados os resumos, com a finalidade de identificar os objetivos dos estudos. O mapeamento das produções acadêmicas expostas no Quadro 4 [quatro] ressalta grandes contribuições no que diz respeito ao descritor «desenvolvimento profissional docente no ensino fundamental», segundo autores das dissertações e teses.

Sousa (2015) fundamentou a pesquisa na base epistêmica e metodológica, com estudos de Nóvoa (1997), Ramalho, Nuñez e Gauthier (2003), Romanowski (2007), Brzezinski (2002), Veiga (1998), Penin (2009), Perrenoud (1999), Passeggi (2008), Souza (2006), Poirier, Valladon e Raybaut (1999), Bertaux (2010), dentre outros¹¹. Apresenta, como resultado importante, que os próprios docentes pesquisados percebem a necessidade de relações colaborativas entre os pares, além de ultrapassar a formação estritamente técnica, sendo a mesma envolvida pelas dimensões técnicas, humanas, políticas, sociais e ética, dialogando, assim, com o universo dos educandos. De acordo com a pesquisadora (2015), “a profissão docente é apontada nas narrativas como atividade profissional complexa e desafiadora” (p. 73), contribuindo, desse modo, para a multidimensionalidade do trabalho docente. Ainda complementa que “é necessária uma mobilização social coletiva, no sentido de provocar, promover as inovações exigidas no atual contexto social, visando uma prática educativa que colabore com a transformação da sociedade” (p.76).

Nascimento (2015) realiza uma pesquisa com base qualitativa, tendo como fundamento teórico, Freire (1996), García (1999), Ramalho, Nuñez e Gauthier (2004), Houssaye (2004), Pintassilgo e Oliveira (2013), Shulman (2005), Saviani (2008), Nóvoa (1997). Observou-se que tais autores dialogam com os da pesquisa de Sousa (2015). O estudo também tem como propósito, discutir a importância da prática reflexiva, que leve a uma curiosidade epistemológica. Para isso, de acordo com a autora, “a formação inicial associada à continuada e à pesquisa são os componentes estratégicos para um bom desenvolvimento profissional docente” (Nascimento, 2015, p. 288).

Pelegrini (2016) traz uma discussão importante, a qual se aproxima desta pesquisa, que é pensar o trabalho pedagógico do educador, visando à transformação do mundo, na perspectiva freireana. Nesse sentido, assevera que, com base nos dados obtidos a partir da análise da pesquisa, foi possível perceber que a questão da formação continuada, no âmbito da educação pública, trabalhada nas escolas das redes municipais, necessita de maior conscientização, seja por parte dos gestores das referidas redes, como também dos profissionais docentes. Para que se compreenda que é preciso mais do que investimentos em formação continuada, há necessidade das redes municipais valorizarem e considerarem a importância da formação permanente, capaz de transformar a realidade da formação pública,

¹¹ Citamos, na bibliografia deste estudo, apenas as referências das produções selecionadas para o Estado da Arte. A bibliografia usada pelos autores pode ser consultada nas referidas produções.

não apenas em seu âmbito de eficiência profissional, mas, também, na dimensão da formação de cidadãos e cidadãs compromissados com o bem comum.

Contribui muito com o tema, o trabalho de Correa (2016), que utiliza a metodologia da história oral e de vida e das narrativas autobiográficas, para discutir sobre o papel das trajetórias profissionais na construção de concepções, saberes e práticas de professoras no trabalho com as crianças de 6 [seis] anos, inseridas no 1º ano do Ensino Fundamental, na rede privada de Belo Horizonte. Evidencia que, ao longo da história de vida, formação e profissional dos docentes, eles agregam à sua prática, os sentidos e significados construídos a partir de cada experiência.

Finalizando a análise do Quadro 4 [quatro], o trabalho de Halana Borowsky (2017) teve como principal objetivo investigar as relações essenciais do movimento de formação docente no projeto Clube de Matemática, na UFSM, na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, tendo como problemática: ‘Quais as relações essenciais do movimento de formação docente em um projeto?’ Apresentou como resultados, que um projeto orientador de atividade de formação docente, quando pautado na coletividade, prima por: conhecimentos científicos, organização do ensino e relações suficientes para que haja formação humana, para além das dimensões do próprio projeto. O trabalho chama a atenção e dialoga com esta pesquisa, pois busca encontrar, na perspectiva coletiva, caminhos para um processo de ressignificação da formação.

Desta forma, dialogamos no sentido de se pensar o desenvolvimento docente para além de uma perspectiva individual. Uma formação permanente, integrada a uma perspectiva de promoção de uma educação efetivamente compromissada com a transformação social.

Doravante, faremos uma exposição das análises dos artigos selecionados na biblioteca do «site» da ANPEd, considerando as palavras-chave: «desenvolvimento profissional docente», «inovação pedagógica», «mudança na educação» e «currículo».

A partir da palavra-chave «desenvolvimento profissional docente», foram encontrados 3 [três] artigos na biblioteca do «site» da ANPEd, dos quais 01 [um] é pertencente ao GT08 – Formação de Professores – e os outros 02 [dois] se encaixam no GT04 – Didática. Os artigos encontrados não se enquadram no período compreendido entre 2014 a 2018, encontram-se datados de períodos anteriores. Para a palavra-chave «desenvolvimento docente no ensino fundamental» não foram encontrados trabalhos.

Em relação à palavra-chave «inovação pedagógica», foi encontrado apenas 01 [um] artigo pertencente ao GT04 – Didática –, ressaltando que não se enquadra aos parâmetros

desta pesquisa, pois o ano publicado data-se de 2010. Com isso, não selecionamos artigos desses descritores para análise no quadro sinóptico.

A palavra-chave «currículo» identificou 193 artigos nos itens da biblioteca do referido «site». Foram selecionados os publicados entre os anos 2014 a 2018. O Grupo de Trabalho específico do tema ‘currículo’ é o GT12, onde encontramos, especificamente, um total de 93 artigos publicados. Assim, foi construído um quadro sinóptico, e analisamos algumas pesquisas, considerando as perguntas expostas no início deste capítulo, com embasamento no referencial teórico que envolve esta palavra-chave.

2.1.2 As ações coletivas e interventivas necessárias às mudanças educacionais

Quadro 5

Resumos de artigos encontrados no site da ANPEd

ANO: 2015	Tipo de pesquisa: Artigo – Educação
Instituição	Universidade Federal do Espírito Santo – IFES/UFES
Autor	MOREIRA, PRISCILA DOS SANTOS
Título	MOVIMENTOS CURRICULARES E ENCONTROS FORMAÇÃO COM PROFESSORES DO PROEJA NO COTIDIANO DO INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Palavras-chave	Currículo; Formação docente; IFES.
Descrição	Este estudo foi produzido no campo híbrido do currículo e da formação docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. O objetivo da pesquisa foi acompanhar a constituição dos currículos, em redes de conversações, nos <i>encontros</i> formações: “Rodas de conversas com professores do Proeja no cotidiano do IFES” entre <i>movimentos</i> (DELEUZE, 2002) e <i>afetos</i> (SPINOZA, 2013). A cartografia foi adotada como (i) metodologia delineada por meio de pistas em um plano de diferenças em composições (des)(re)territorializantes. Percebe-se no texto: as relações complexas entre temáticas (não) planejadas; as ligações e rupturas nas redes de <i>aprendizagem</i> ensino; uma tríade-refrão e as dissonâncias que perpassam as conversas; as (des)organizações curriculares; a propagação das ressonâncias de <i>currículomultidão</i> não apenas no Proeja, mas, nos diversos cursos e modalidades ofertados pelo campus.
Resultados	Conclui-se que há possibilidades exponenciais em uma racionalidade de formação baseada em heterologidades e experimentações coletivas, singulares e transversais nas <i>práticas</i> teorias curriculares.
ANO: 2015	Tipo de pesquisa: Artigo – Educação

Instituição	Universidade Federal do Mato Grosso Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Autor	CUNHA, ÉRIKA VIRGÍLIO RODRIGUES DA – PPGEdU/UFMT COSTA, HUGO HELENO CAMILO – UERJ – FAPERJ
Título	CURRÍCULO, TRADUÇÃO E CONTROLE
Palavras-chave	Currículo; Tradução; Controle; Base 148 Nacional Curricular Comum
Descrição	O texto é informado pela noção de tradução de Jacques Derrida e objetiva apresentar uma discussão sobre como tal perspectiva abala o pensamento logocêntrico em defesa de uma Base Nacional Curricular Comum, como um pensamento sobre currículo que quer controlar a educação. Focaliza dois artigos de Michael Young, destacando as incisivas menções ao autor inglês por nomes, no Brasil, que defendem a Base Nacional Curricular Comum para, a partir deles, explicitar como a concepção de Young, mais do que definir o currículo, configura um fundamento para se pensar uma base, o embasamento à base.
Resultados	A discussão assinala que ainda que um campo estrutural projete uma relação de permanência com o que se quer significar como conhecimento poderoso, ou simplesmente conhecimento (um logos), que se envide esforços na direção de tornar clara uma ação racional sobre a educação, não é possível uma estabilidade dos sentidos. Pontua, ao final, que apesar das tentativas incessantes, nunca se é capaz de estabilizar ou conter o texto, pois no movimento-tentativa adultera-se aquilo a que se julga referir.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Buscando responder às perguntas da pesquisa, identificamos uma média restrita na quantidade de produções acadêmicas desenvolvidas sobre o descritor «Currículo», um total de 193 ocorrências. Após levantamento, seguiu-se a mesma estratégia anterior. Os resumos foram analisados, com a finalidade de identificar descrições dos estudos e seus resultados. Esse mapeamento, exposto no Quadro 5 [cinco], diz também sobre as produções acadêmicas que se apresentam como grandes contribuições para discussão sobre o percurso formativo dos professores, seus avanços e ranços. As pesquisas selecionadas foram todas do gênero discursivo artigo acadêmico.

O primeiro artigo, de Moreira (2015), da Universidade Federal do Espírito Santo, foi selecionado por apresentar a formação docente e currículo como conceitos de fomento na pesquisa. A partir do tema “MOVIMENTOS CURRICULARES E ENCONTROS FORMAÇÃO COM PROFESSORES DO PROEJA NO COTIDIANO DO INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO”, a autora produziu um estudo no campo híbrido do

currículo e da formação docente, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – IFES. Objetivou acompanhar a constituição dos currículos, em redes de conversações, nos “encontrosformações”, usando a metodologia de rodas de conversa com professores do Proeja, dialogando sobre o cotidiano do IFES e considerando a ideia de “movimentos”, desenvolvida por Deleuze (2002), e de “afetos”, discutida por Spinoza (2013).

A autora utilizou, metodologicamente, a cartografia, se apropriando de um plano de diferenças em composições “(des)(re)territorializantes”. No texto, Moreira (2015) discute sobre relações complexas entre temáticas (não)planejadas, ligações e rupturas nas redes de “aprendizagemensino”, sobre uma “tríade-refrão” e as dissonâncias presentes em conversas, (des)organizações curriculares, propagação das ressonâncias de “currículomultidão” no Proeja e nos diversos cursos e modalidades ofertados pelo campus. No sentido conclusivo, enquanto resultados, Moreira (2015) percebe que há possibilidades exponenciais de uma racionalidade na formação baseada em heterologidades e experimentações coletivas, singulares e transversais, nas práticas e nas teorias curriculares.

É possível pontuar uma interação discursiva entre os estudos de Libâneo (2013) e a pesquisa de Moreira (2015), pois a formação continuada, no sentido profissional, é vista por ambos como correlacionada com a formação humana, estando imbricada com a transmissão e internalização de informações, conhecimentos e saberes. Assim, ambos ressaltam a necessidade de se perceber o exercício da docência como ato reflexivo, que exige um nível de consciência que promova identificações e compreensões das dificuldades, percebendo os movimentos dos sistemas, as constituições curriculares, as demandas e perfil do público estudantil, enfim, uma busca para se perceber as relações complexas existentes nas redes do processo de ensino e aprendizagem, no sentido heterogêneo e transversal.

O segundo artigo selecionado, “CURRÍCULO, TRADUÇÃO E CONTROLE”, tem como autores, Érika Virgílio Rodrigues da Cunha, da Universidade Federal do Mato Grosso, e Hugo Heleno Camilo Costa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O trabalho foi publicado em 2015, tendo «currículo» como uma das palavras-chave.

O artigo traz a noção de tradução, ancorada em Jacques Derrida, apresentando uma discussão sobre a influência dessa perspectiva frente ao pensamento logocêntrico de uma Base Nacional Curricular Comum que traz o currículo como meio de controlar a educação. Cunha e Costa (2015) trabalham com dois artigos de Michael Young, no propósito de fomentar não apenas a definição de currículo, mas, também, de se pensar novas configurações que fundamentam a ideia de “base”. Além disso, ampliam seus argumentos dialógicos

trazendo estudiosos brasileiros que defendem a Base Nacional Curricular Comum. O diálogo com esses estudiosos configura uma contrapartida aos interesses de defesa discursiva na pesquisa.

A discussão assinala que o campo estrutural sempre projeta uma permanência de significados que se consolidam, tornando-se um conhecimento de poder impactante nas ações sobre a educação, porém os autores demarcam a impossibilidade de estabilidade desses sentidos, afirmando que as tentativas sempre são insuficientes para estabilizar ou conter o texto, pois, nesse movimento de tentativa, o que é julgado é adulterado.

A proposta de pesquisa dos autores mantém relação dialógica com o que diz Dool Jr. (1997), sobre a ideia de currículo constitutivo, “uma ação contínua que não apresenta um momento estanque de início e fim, mas que dialoga sobre as fronteiras, os pontos de interseção, sobre os focos a serem delineados, tornando-se uma rede relacionada de significados” (p.178).

Como já foi pontuado na discussão do Quadro 4, há a evidência necessária de os educadores se interessarem sobre o estudo do currículo, seu objeto, seu campo; de percebê-lo como processo histórico que mantém interesse formativo, politicamente situado e empoderado. Entretanto, torna-se imprescindível a tomada de decisões, participatividade em momentos importantes de constituição desses documentos, inserção no contexto, com posicionamento crítico e interventivo. Isso porque o currículo tem um campo que é construído respeitando a alteridade histórica dos jogos e argumentos caracterizantes (Macedo, 2013a).

Sacristán (2000) fala sobre a necessidade de perceber a profissão docente como um labor assujeitado às possibilidades de formação e ao desenvolvimento do pensamento profissional autônomo, além das questões pessoais e criativas. Isso contribui para entender ideologias, o redimensionamento de valores, ações dos sujeitos como respostas suscitadas pelos discursos do outro.

Finalizando a análise dos artigos selecionados e constituintes do Quadro 5 [cinco], é possível reafirmar que a formação continuada deve se comprometer em embasar o professor para lidar com uma diversidade contextual, que avança para a tomada de decisões assertivas, objetivadoras de soluções via ações individuais e coletivas, autorresponsáveis e de comprometimento institucional. Assim, a tomada de consciência, a percepção de novos pontos de partida, as rodas de conversa que organizam ações coletivas e interventivas se fazem necessárias às mudanças educacionais não utópicas.

Passemos à constituição e análise do Quadro 6.

2.1.3 A incompletude do percurso formativo

Quadro 6

Resumos de artigos encontrados no site da SciELO

ANO: 2016	Tipo de pesquisa: Artigo – Educação
Instituição	Universidade Federal da Bahia – UFBA
Autor	BOAS, JAMILLE VILAS BARBOSA, JONEI CERQUEIRA
Título	A APRENDIZAGEM DO PROFESSOR: uma leitura possível
Palavras-chave	Formação continuada de professores; Aprendizagem; Prática pedagógica; Participação.
Descrição	Este é um trabalho teórico que tem como objetivo revisitar o conceito de aprendizagem do professor, à luz dos estudos de Jean Lave e Etienne Wenger. Exploramos o conceito de aprendizagem como uma mudança nos padrões de participação do sujeito em uma determinada prática, além de discutir sobre a prática pedagógica escolar.
Resultados	Concluimos que a aprendizagem do professor pode ser entendida como uma mudança nos padrões de participação na prática pedagógica em que este exerce a tarefa do ensino - aprendizagem na docência - e mudanças nos padrões de participação em outras práticas que podem provocar a mudança na participação na prática pedagógica escolar - aprendizagem para a docência.
ANO: 2018	Tipo de pesquisa: Artigo – Educação
Instituição	University of Central Florida, Orlando, Florida, united states of america.Universidade Federal de Minas Gerais.
Autor	GUNTER, GLENDA A. JUNIA DE CARVALHO FIDELIS BRAGA
Título	<i>Connecting, swiping, and integrating: mobile apps affordances and innovation adoption in teacher education and practice</i> CONECTANDO, ARRASTANDO E INTEGRANDO: affordances de aplicativos móveis e adoção da inovação no contexto de formação e prática do professor
Palavras-chave	Aplicativos móveis; Formação de professor; Prática de sala de aula; Adoção da inovação; Propiciamentos.
Descrição	Apesar da adoção dos dispositivos móveis na sociedade, ainda temos a aprender sobre a percepção dos professores do potencial desses artefatos como inovação para seu desenvolvimento profissional e prática. Este estudo

	visa responder estas questões: que propiciamentos dos aplicativos móveis os professores percebem para seu desenvolvimento profissional e prática? O que esses propiciamentos revelam sobre os atributos em Rogers (2003), a saber: vantagem relativa, compatibilidade, complexidade, testabilidade e observabilidade?
Resultados	A análise das narrativas de onze professores indica que estes percebem os propiciamentos de seus dispositivos móveis para seu desenvolvimento profissional. Sobre a instrução, eles relatam que a falta de equipamentos nas escolas e a necessidade de um currículo que inclua o uso de tecnologias emergentes podem indicar um baixo grau de compatibilidade, atributo relacionado a valores do sistema social. Os propiciamentos relatados apontam a necessidade de um novo sistema de valores, se quisermos adotar a aprendizagem móvel na educação formal.
ANO: 2018	Tipo de pesquisa: Artigo – Educação
Instituição	Universidad Pedagógica Nacional, Ciudad de México, México
Autor	PÉREZ-RUIZ, ABEL
Título	PRÁCTICA DOCENTE Y CURRÍCULO: Un marco de análisis construccionista
	PRÁTICA DE ENSINO E CURRÍCULO: Um quadro de análise construcionista
Palavras-chave	Currículo; Docente; Comunicación; Subjetividad
	Currículo; Professora; Comunicação; Subjetividade
Descrição	El propósito del presente artículo es reflexionar, desde el enfoque de la construcción social, la relación de la práctica docente con el currículo de educación básica. Se establece que los sistemas curriculares no actúan como referentes de conocimiento uniformes y abstractos, sino más bien permiten la conformación de interdependencias comunicativas entre agentes que, a partir de sus creencias, valores y saberes históricamente construidos, interpretan y le dan un sentido singular a lo educativo en contextos determinados
	O objetivo deste artigo é refletir, a partir do enfoque da construção social, sobre a relação entre a prática docente e o currículo da educação básica. Estabelece-se que os sistemas curriculares não atuam como referências uniformes e abstratas de conhecimento, mas permitem a formação de interdependências comunicativas entre agentes que, a partir de suas crenças, valores e conhecimentos construídos historicamente, interpretam e dão um significado singular ao que educação em contextos específicos.
Resultados	La relevancia reside en ubicar el currículo como un mecanismo dialógico con intenciones comunicativas diversas en un escenario donde se buscan estandarizar las orientaciones de los actos de enseñanza.
	A relevância está em situar o currículo como mecanismo dialógico com intenções comunicativas diversas em um cenário onde se busca padronizar

	as orientações dos atos docentes.
Ano: 2018	Tipo de pesquisa: Ensaio – Educação
Instituição	Universidade do Oeste de Santa Catarina Universidade de São Paulo
Autor	CARVALHO, DIEGO DE – UNOESC BOAS, CYRUS ANTÔNIO VILLAS – USP
Título	NEUROCIÊNCIAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: reflexos na educação e economia
Palavras-chave	Educação; Economia; Neurociências; Formação de professores.
Descrição	Este ensaio discute as relações entre os níveis educacionais e a macroeconomia de uma região, passando pela formação de professores. O modelo educacional atual tem demonstrado falhas em educar indivíduos para as novas necessidades econômicas que requerem profissionais criativos e com capacidade de resolução de problemas. Defende-se aqui a ideia de identificação e promoção do desenvolvimento de habilidades naturais, o que, por fim, otimizaria o retorno econômico dos investimentos em educação. Propõe-se que seja ampliado, nos currículos de formação de professores, o ensino de neurociências.
Resultados	Assim, educadores poderão utilizar esse conhecimento para adequar seus métodos de ensino, considerando o funcionamento neural. A mudança no sistema educacional, que se inicia com a formação dos educadores, poderia aumentar a eficiência do ensino e preparar melhor novos profissionais para as necessidades do mercado de trabalho, gerando ganhos à economia e à equidade de uma região.
ANO: 2018	Tipo de pesquisa: Artigo – Mestrado em Educação
Instituição	Centro Universitário Adventista de São Paulo Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Autor	KELLER-FRANCO, ELIZE (UNASP) MASETTO, MARCOS TARCISO (PUC-SP)
Título	FORMAÇÃO DOCENTE EM PROCESSOS DE MUDANÇA: Análise de uma proposta de inovação curricular em cursos de licenciatura
Palavras-chave	Formação inicial de professores; Inovação curricular; Licenciaturas
Descrição	A recorrente denúncia de que a formação inicial não tem respondido às novas exigências do trabalho dos professores na sociedade contemporânea coloca em questão a revisão dos currículos que formam esses profissionais. Nesse contexto, o presente estudo tem como foco a análise crítica de uma organização curricular alternativa, desenvolvida em cursos de licenciatura de uma universidade pública brasileira. Escolheu-se como questão orientadora investigar em que medida a proposta que vem sendo implementada nesses cursos traz referentes para inovação curricular na

	formação inicial de professores. Adota-se como caminho metodológico a abordagem qualitativa de pesquisa. Para obtenção dos dados, privilegiou-se a análise documental.
Resultados	A análise dos dados compreendeu três etapas: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Os dados indicam que a inovação curricular em andamento se manifesta com movimentos de mudança em um conjunto de elementos centrais e relevantes, tais como concepção e organização curricular, saberes docentes, modelos de formação, atividades práticas/estágio e metodologia de ensino-aprendizagem.

Fonte: Elaborado pela autora, (2019).

Este último quadro demonstra a consulta no banco de dados da SciELO, nos anos compreendidos entre 2014 a 2018, considerando as palavras-chave: «desenvolvimento profissional docente», «inovação pedagógica», «mudança na educação» e «currículo».

A palavra-chave «desenvolvimento profissional docente» apontou para 13 artigos, dos quais apenas 1 [um] relaciona-se com esta pesquisa. No que diz respeito à palavra-chave «inovação pedagógica», nenhum foi encontrado. Em relação à palavra-chave «mudança na educação», foram identificados 354 artigos; e para a palavra-chave «currículo», 1.158 artigos. A grande área de conhecimento é a de Ciências Humanas, concentrando-se na Educação e Pesquisas Educacionais.

Buscando agrupar algumas dessas pesquisas em abordagens gerais, montamos o último quadro sinóptico, analisando 5 [cinco] delas, considerando as perguntas expostas no início deste capítulo e tendo por base o referencial teórico que fomentou a discussão sobre as palavras-chave presentes nesta seção.

O primeiro artigo foi desenvolvido na área da Educação, na Universidade Federal da Bahia, por Jamille Vilas Boas e Jonei Cerqueira Barbosa, em 2016, com o tema “A APRENDIZAGEM DO PROFESSOR: uma leitura possível”, tendo como uma das palavras-chave, a “formação continuada de professores”.

Este trabalho tem por objetivo revisitar o conceito de aprendizagem do professor, à luz dos estudos de Jean Lave e Etienne Wenger. Para tanto, foi colocado em pauta o conceito de aprendizagem enquanto mudança, nos padrões de participação do sujeito, em uma determinada prática. Além dessa discussão, foi avultado o assunto sobre a prática pedagógica escolar.

Os autores encontraram, como resultado, dois entendimentos sobre a aprendizagem do professor: uma “aprendizagem na docência” e outra “para docência”. A primeira diz respeito à mudança nos padrões de participação na prática pedagógica, no exercício das

tarefas do ensino. A segunda refere-se às mudanças nos padrões de participação em outras práticas que podem provocar mudança na participação da prática pedagógica escolar. Esta seria a aprendizagem para a docência.

Considerando a pesquisa de Boas e Barbosa (2016), podemos fazer uma menção ao que Garcia (1999) diz sobre a aprendizagem do professor. Para o autor, a formação de professores está conectada ao conhecimento, à investigação e às propostas teóricas e práticas. Estes são elementos formativos da aprendizagem do professor, visto que este está numa permanência da condição de aprendiz, ou seja, está no processo de formação em exercício. Garcia (1999) afirma que as experiências de aprendizagem ocorridas com os professores influenciam qualitativamente suas competências profissionais, o desenvolvimento do ensino, a estruturação do currículo.

O segundo artigo selecionado na área da Educação foi desenvolvido pelas estudantes Glenda A. Gunter e Junia de Carvalho Fidelis Braga, da University of Central Florida, Orlando, Florida, United States of America e da Universidade Federal de Minas Gerais, com o título “CONNECTANDO, ARRASTANDO E INTEGRANDO: affordances de aplicativos móveis e adoção da inovação no contexto de formação e prática do professor” [tradução nossa], sendo a “formação de professor” uma das palavras-chave.

As pesquisadoras constataram que há uma adoção dos dispositivos móveis na sociedade, porém essa ainda não foi suficiente para provocar a percepção dos professores em relação ao potencial desses artefatos como inovação para sua prática e para seu desenvolvimento profissional. No estudo, há questionamentos como: Que propiciamentos dos aplicativos móveis os professores percebem para seu desenvolvimento profissional e prática? O que esses propiciamentos revelam sobre os atributos em Rogers (2003), a saber: vantagem relativa, compatibilidade, complexidade, testabilidade e observabilidade?

No propósito de encontrar respostas para esses questionamentos, as autoras analisaram narrativas de onze professores, buscando perceber os propiciamentos de seus dispositivos móveis para o desenvolvimento profissional. Nas narrativas, os professores relatam sobre a falta de equipamentos nas escolas e a necessidade de um currículo que inclua o uso de tecnologias emergentes. Esses relatos são vistos como indicativos de um baixo grau de compatibilidade, atributo relacionado a valores do sistema social. Os propiciamentos apontam para a necessidade de um novo sistema de valores, embicado à aprendizagem móvel na educação formal.

A pesquisa de Gunter e Braga (2018) dialoga com discussões disseminadas neste capítulo, sobre as influências do processo globalizado e localizado para mudanças nos setores da educação. Há uma necessidade de adequação da Educação, de estar em equidade com as produções inovadoras da pós-modernidade, pois esta área é um dos setores propulsores da criação do novo, das emergências, dos fluxos, dos deslocamentos. Uma grande questão a ser estudada e provocada é de promover ao professor esse deslocamento de consciência, no intuito de seguir o fluxo das mudanças, de não se sentir mais pertencente ao lugar das repetições, dos exercícios (de)codificados, das estruturas cristalizadas.

O terceiro artigo selecionado está disponível na língua espanhola. Para expor objetivo, descrições e resultados, nós o traduzimos para a língua portuguesa. É um artigo desenvolvido na área da Educação, na Universidad Pedagógica Nacional, Cidade do México, por Abel Pérez-Ruiz (2018), sobre o tema “PRÁCTICA DOCENTE Y CURRÍCULO: Un marco de análisis construcccionista”, tendo “currículo” como uma das palavras-chave.

O objetivo do trabalho voltou-se para a reflexão da relação entre a prática de ensino e o currículo da educação básica, numa perspectiva da construção social. O autor afirma que os sistemas curriculares não agem como referentes uniformes e abstratos do conhecimento, todavia permitem a formação de interdependências comunicativas entre agentes configuradores de um significado único, a um dado contexto educacional. Essa significação ancora-se nas crenças, valores e conhecimentos historicamente construídos desses agentes construtores.

Para Pérez-Ruiz (2018), a relevância do trabalho está pautada em localizar o currículo como um mecanismo dialógico, a ser conjecturado com intenções comunicativas de atos de ensino não-padronizados, fato não observado pelo autor, visto que o cenário contemplado foi de atos padronizados, fechados em suas formatações institucionais.

A pesquisa de Pérez-Ruiz (2018) provoca reflexões, também, sobre o papel das universidades, em oferecer uma formação equiparada às necessidades da sociedade em transformação, por meio da qual professores e alunos acompanhem as transições e repensem suas práticas, inconclusivamente.

O quarto trabalho exposto sinteticamente no Quadro 6 é um ensaio desenvolvido na área da Educação, por Diego de Carvalho e Cyrus Antônio Vilas Boas, alunos da Universidade do Oeste de Santa Catarina e da Universidade de São Paulo, respectivamente. Os autores discutem sobre “NEUROCIÊNCIAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:

reflexos na educação e economia”. O ensaio foi publicado em 2018, tendo a “formação de professores” como uma das palavras-chave.

O ensaio trata das relações entre os níveis educacionais e a macroeconomia de uma região, passando pela formação de professores. Para os autores, o modelo vigente da educação tem demonstrado falhas frente à necessidade de educar indivíduos para as novas demandas econômicas da sociedade hodierna, que exige profissionais criativos e com capacidade de resolução de problemas.

Carvalho e Boas (2018) defendem a ideia de que seria preciso identificar e promover o desenvolvimento de habilidades naturais, por acreditarem que isso otimizaria o retorno econômico dos investimentos em educação. Para tanto, o ensaio propõe que seja ampliado, nos currículos de formação de professores, o ensino da neurociência.

Os autores defendem que os professores poderiam se apropriar dessa proposta de conhecimento da neurociência e aplicá-lo adequadamente em seus métodos de ensino, considerando o funcionamento neural, tanto o seu quanto o de seus alunos. Assim, poderia ocorrer mudança no sistema educacional, inicialmente como proposta inovada de formação dos educadores, disseminando o aumento da eficiência do ensino. Essa ação de preparar melhor novos profissionais para as necessidades do mercado de trabalho pode gerar ganhos à economia e à equidade de uma região, segundo os autores.

Percebe-se uma relação discursiva entre essas discussões e o pensamento de Moran, Masetto e Behrens (2000), ao abordarem sobre a produção do saber, a qual demanda ações provocadoras, onde professor e aluno buscam investigar e pesquisar a forma de gerar a aprendizagem e acessar informações. Ao afirmarem essa ideia, esses autores fazem um contraponto com a ação repetitiva do professor, em propor metodologias fechadas, ultrapassadas, engessadas numa visão tradicional de aprendizagem “bancária”, distante do que os autores Carvalho e Boas (2018) propõem enquanto formação continuada pautada em conhecimentos da neurociência.

O último artigo exposto no Quadro 6 foi desenvolvido no Mestrado em Educação, do Centro Universitário Adventista de São Paulo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por Elize Keller-Franco e Marcos Tarciso Masetto, em 2018, com o tema “FORMAÇÃO DOCENTE EM PROCESSOS DE MUDANÇA: análise de uma proposta de inovação curricular em cursos de licenciatura”, tendo “inovação curricular” como uma das palavras-chave. A inovação curricular não foi um dos descritores selecionados para esta pesquisa, porém esse termo torna-se sinônimo do que pensamos em tratar sobre mudanças na

educação, pedagogias inovadoras, aliadas a currículo. Logo, a seleção desse artigo em nada se distancia da proposta desta pesquisa.

Keller-Franco e Masetto (2018) trazem um trabalho pautado em denúncias sobre a não correspondência da formação inicial com as novas exigências do trabalho dos professores na sociedade contemporânea. Para eles, essa situação reverbera a necessidade de revisão dos currículos. Assim, o estudo tem como foco a análise crítica de uma organização curricular alternativa, desenvolvida em cursos de licenciatura de uma universidade pública brasileira. Objetivou investigar em que medida a proposta que vem sendo implementada nesses cursos traz referentes para a inovação curricular na formação inicial de professores. O caminho metodológico seguido pelos autores partiu de abordagem qualitativa de pesquisa e da análise documental, a fim de obter dados.

Tal análise perpassou pela etapa da pré-análise, da exploração do material, do tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Os dados indicaram que a inovação curricular, em andamento, se manifesta com movimentos de mudança, em um conjunto de elementos centrais e relevantes, assim como concepção e organização curricular, saberes docentes, modelos de formação, atividades práticas/estágio e metodologia de ensino-aprendizagem.

Aqui há uma caracterização da experiência de formação continuada, já avultada no capítulo. Ações, reflexões e desdobramentos tornam-se imprescindíveis às práticas dos professores, em seu fazer pedagógico. As experiências vivenciadas interferem no trabalho docente. Consequentemente, isso traduz a qualidade de ensino disponibilizada aos estudantes, aponta para a possível melhoria da educação, bem como para seus possíveis entraves.

Segundo Macedo (2011), como já pontuado, a formação não é uma ação simples, ela não está relacionada a um mero treinamento para que se aprenda uma técnica. A formação tem o objetivo de ampliar os saberes dos professores, a fim de transformar sua prática pedagógica, tornando-a mais significativa. Essa ação exige flexibilização, tolerância, sensibilidade, uma certa dose de vulnerabilidade, no sentido de ação autorresponsável, de perceber os erros próprios e alheios como novos pontos de partida, de perceber as possibilidades de recomeços, de atualizações, de mudanças de lugar, de êxodos, a necessidade de ocupar lugares outros, de ouvir e se sensibilizar com a alteridade. Isso acontece no contato consigo e com o outro, no observar, respeitar e conviver com diferenças e identificações, tendo ciência da incompletude do percurso formativo.

O embasamento teórico conjecturado nas seções e as análises das teses e dissertações selecionadas neste capítulo buscou responder às perguntas de pesquisa deste estudo, mantendo um imprescindível interesse em atender aos objetivos deste trabalho de doutoramento. Todavia, há uma necessidade de constituir o todo discursivo, considerando os capítulos precedentes.

**PARTE II – Presupostos Epistemológicos e Teóricos da
Investigação –
CAPÍTULO 3 – A educação a partir de novos
paradigmas: pressupostos epistemológicos**

Discutir questões referentes ao professor, contemporaneamente, torna-se muito complexo, devido à multiplicidade de fatores interferentes em sua atuação profissional. Os planos de carreira, os reajustes salariais, a relação com os alunos, o currículo escolar, a interdisciplinaridade, as formações necessárias, dentre outros fatores, são assuntos em pauta quando se discute sobre a qualidade de ensino, a valorização profissional e as mudanças na educação.

As mudanças ocorridas na sociedade afetam a vida escolar de professores e alunos, no que diz respeito aos processos de ensino e aprendizagem, à organização do currículo, às metodologias. Nesse sentido, as antigas estruturas consideradas imutáveis, face a essas mudanças e às novas exigências, geram dúvidas, incertezas, medos e, até mesmo, resistências. A escola, para se adaptar a essas transformações, precisa encontrar formas para atender às demandas sociais.

A sociedade globalizada exige mudanças nas práticas dos professores, sobretudo questiona o seu papel, devido ao crescente progresso tecnológico, o que causa tensões e dilemas na profissão docente. Desse modo, torna-se cada vez mais difícil exercer essa profissão.

As transformações educacionais têm passado por um processo de reflexão profunda, que envolve o enfrentamento da noção de educação enquanto cultura do privilégio (CEPAL, 2019)¹² e também como espaço de apagamento das pluralidades e múltiplos saberes existentes no espaço social (Santos e Menezes, 2010). Novos estudos aparecem para questionar os pilares da epistemologia, problematizando o próprio fundamento dos critérios validativos da ciência, apontando que esse processo faz parte de uma perspectiva normalizadora, disciplinar, e vincula-se a uma forma racional de ver o mundo, influenciada pelos pilares da ciência clássica, que durante séculos subjugou os saberes fora do âmbito eurocêntrico (Morin, 2010; Santos & Menezes, 2010) e que ainda reverbera nos espaços escolares localizados nas periferias globais.

Por esse motivo, este capítulo abordará como, no campo de construção do conhecimento, as bases epistemológicas plurais possibilitaram uma nova forma de se pensar esse processo de produção, valorizando saberes historicamente excluídos do campo da ciência clássica.

¹² Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/43569/4/S1800303_pt.pdf Acesso em: 31 jan. 2021.

O discurso da ciência clássica, sobre a construção de um conhecimento neutro e distante de influências sociais e culturais, ignorou as influências bioantropológicas de enraizamento cultural (Morin, 2008). Para Feyerabend (1977), não existem fatos neutros, mas, sim, uma construção do conhecimento científico imerso em influências sociais e culturais que precisam ser descortinadas.

Dessa forma, fala-se de uma abordagem mais aprofundada, que agrega o componente histórico de exclusão de determinados grupos dentro do espaço educativo. Quando se compreende a educação como um direito formalmente universal¹³, mas, na prática, integrante de uma cultura do privilégio (CEPAL, 2019), e como capital cultural diferenciador dentro da sociedade, mantendo os paradigmas sociais estabelecidos, excluindo e neutralizando as diferenças (Bourdieu & Passeron, 1970; Bourdieu, 2009), deve-se, então, repensar as bases epistemológicas, criar outros caminhos possíveis para a construção de uma educação verdadeiramente emancipatória e para a autonomia (Freire, 1996).

Assim, passa-se a buscar uma perspectiva de pluralidade epistemológica que possibilite análises e avaliações mais complexas dos diferentes tipos de interpretações e intervenções que podem ser produzidas por diferentes sujeitos, de forma contextualizada (Santos & Menezes, 2010). O conhecimento complexo visa religar saberes, reconhecendo as incertezas e irregularidades dos fenômenos, e restabelece as articulações do que foi separado, integrando a multidimensionalidade, a singularidade, a temporalidade e a localidade desses fenômenos, para a construção de uma nova perspectiva de conhecimento integradora, ecológica e não excludente (Morin, 2008). Fala-se de outros princípios como incerteza, desordem¹⁴, contradição¹⁵, pluralidade, complicação, que eram compreendidos como resíduos anticientíficos, mas começam a integrar a problemática geral do conhecimento científico.

Corroborando as reflexões de Morin (2008), Martínez-Celorrio (2017) afirma que:

“No podem continuar instruint les noves generacions per fer el mateix que ja fan els robots. Seria un acte polític irresponsable. Memoritzar i repetir allò que marca el llibre de text o el cànon correcte del professor ja és, en si mateix, un acte i un procés robòtic que nega o inhibeix les competències clau que seran vitals per al desenvolupament personal i professional dels alumnes. El dret a aprendre passa avui perquè tot l'alumnat adquireixi la capacitat de crear significats, entendre allò que

¹³ De acordo com o art. 6º da CRFB/1988.

¹⁴ “A partir do século XIX, a noção de calor introduz a desordem e a dispersão no âmago da física, e a estatística permite associar o acaso (no nível dos indivíduos) e a necessidade (no nível das populações)” (Morin, 2008, p. 28).

¹⁵ De acordo com Morin (2008), as ciências modernas reconhecem e enfrentam as contradições quando os dados apelam, de forma coerente e lógica, à associação de duas ideias contrárias para conceber o mesmo fenômeno.

assimila i l'envolta i ser competent en multitud de codis i llenguatges que conviuen en complexitat¹⁶.” (Martínez-Celorio, 2017, p. 16)

Para o autor, é uma grande responsabilidade instruir as novas gerações, para que o direito de aprender aconteça e para que todos adquiram a capacidade de criar significados, compreender o que os assimila e os cerca, serem competentes em uma infinidade de códigos e linguagens que convivem em complexidade.

Busca-se, então, pensar na coexistência de diferentes saberes, agregados em uma base ecológica e inclusiva, que integra, também, o reconhecimento da própria ignorância como pressuposto de abertura para o novo, plural. Ou seja, o conhecer algo pressupõe o desconhecer de outros aspectos do saber. Assim, a ignorância e o conhecimento se complementam (Santos, 2007). Freire (1996) defende a quebra de uma perspectiva bancária de conhecimento, com pressuposto no modelo de desconsideração da leitura de mundo do educando, propondo uma práxis pedagógica pautada na co-construção de saberes. É a partir dessa base epistemológica que se propõe um estudo sobre inovação pedagógica, pois busca-se uma relação dialética, democrática e participativa do/no processo educativo.

Uma importante reflexão acerca de quais conhecimentos a escola está ensinando aos estudantes no século em que estamos vivendo, é feita por Feito Alonso (2020):

“Lo que se enseña en la escuela es inevitablemente fruto de una selección cultural. Obviamente, no cabe todo el conocimiento y el que se pretende enseñar ha de estar adaptado a la edad del alumnado. La pregunta que cabría hacerse es la de quién hace tal selección o, lo que es lo mismo, de quién es el conocimiento escolar. ¿Es el de las clases dirigentes, el de ciertos grupos de profesionales, el de los políticos en el poder, el de una tradición inventada en algún momento¹⁷?” (p. 49)

Para o autor, é muito difícil responder a questão da seleção cultural dos saberes que integram as disciplinas escolares, mas o que parece é que, por trás da configuração atual do currículo, estaria toda a inércia de um passado indefinido, ou seja, parece que não existe um

¹⁶ Tradução: Não podemos continuar a instruir as novas gerações a fazer o mesmo que os robôs fazem. Seria um ato político irresponsável. Memorizar e repetir o que marca o livro didático ou o cânone correto do professor já é, por si só, um ato e um processo robótico que nega ou inibe as competências-chave que serão vitais para o desenvolvimento pessoal profissional dos alunos. O direito de aprender acontece hoje para que todos os alunos adquiram a capacidade de criar significados, compreender o que os assimila e os cerca e ser competente em uma infinidade de códigos e linguagens que coexistem em complexidade (Martínez-Celorio, 2017, p. 16).

¹⁷ Tradução: O que é ensinado na escola é inevitavelmente o produto da seleção cultural. Obviamente, nem todos os conhecimentos cabem e o que se pretende ensinar deve ser adaptado à idade dos alunos. A pergunta que poderia ser feita é quem faz tal seleção ou, o que dá no mesmo, de quem é o conhecimento escolar. É a das classes dominantes, a de certos grupos de profissionais, a dos políticos no poder, a de uma tradição inventada em algum momento? (Feito Alonso, 2020, p. 49).

debate social e político em torno de quais deveriam ser os conteúdos fundamentais (Feito Alonso, 2020).

Uma outra questão abordada por Feito Alonso (2020) é que os centros educativos raramente mantêm uma relação de interconexão do conhecimento. Para o autor, cada professor ou professora considera o seu componente curricular mais importante, se relaciona com o conteúdo de sua especialidade e segmenta, de uma certa forma, os saberes. Como afirmado neste trabalho, o caminho para uma escola crítico-reflexiva é a ecologia de saberes.

“Nuestra escuela segmenta los saberes en asignaturas concebidas como compartimentos estancos, hasta el extremo de que se puede ver en un curso toda la historia de la música atravesando periodos que no se han visto aún en la historia general¹⁸.” (Feito Alonso, 2020, p. 60)

Enguita (2016) reforça esta afirmação, trazendo um outro aspecto muito importante, que é a escuta dos coletivos escolares, principalmente os alunos e as famílias, na construção do currículo.

“El debate sobre la educación o es monopolizado por el profesorado o se desenvuelve, las más de las veces, como un combate entre este y la Administración de turno. Nunca o casi nunca se escucha a los alumnos, tal vez porque tampoco dicen mucho; las familias, por su parte, no suelen hablar con voz propia, demasiado a menudo reducidas al papel de infantería del funcionariado docente o de la Iglesia; los profesores mismos no siempre encuentran vías de expresión libre y diversa fuera de un discurso colectivo corporativo y monocorde¹⁹.” (Enguita, 2016, p. 9)

É de suma importância refletirmos sobre o que a escola pode oferecer de conhecimentos em um século como este, como Feito Alonso (2020) o faz, quando lança a pergunta em seu livro – ¿Qué hace una escuela como tú en un siglo como este? –, ao abordar, de forma tão esclarecedora, os aspectos da vida contemporânea, no que diz respeito às funções da escola e do professor, dos conhecimentos a serem apresentados no momento em que vivemos. Já apontamos que a complexidade dos fenômenos sociais marca também os

¹⁸ Tradução: Nossa escola segmenta o conhecimento em disciplinas concebidas como compartimentos estanques, na medida em que toda a história da música pode ser vista em um curso passando por períodos que ainda não foram vistos na história geral (Feito Alonso, 2020, p. 60).

¹⁹ Tradução: O debate sobre a educação ou é monopolizado pelo corpo docente ou se desenrola, na maioria das vezes, como uma batalha entre eles e a Administração de plantão. Os alunos nunca ou quase nunca são ouvidos, talvez porque também não falem muito; as famílias, por sua vez, não costumam falar com a própria voz, muitas vezes reduzidas ao papel de infantaria do corpo docente ou da Igreja; os próprios professores nem sempre encontram formas de expressão livre e diversificada fora de um discurso coletivo corporativo e monótono (Enguita, 2016, p. 9).

processos educativos, o que revela desafiante a co-construção dos conhecimentos nesses tempos fluidos.

Segundo Enguita (2016),

“Los grandes cambios sociales que dieron sentido a la escuela de masas, el paso al Estado-nación, a la sociedad industrial, al medio impreso y a la cultura de la modernidad, dan ahora paso a una nueva época global, postindustrial, digital, líquida. La escuela vive una crisis institucional que afecta a sus funciones, a su relación con el entorno y a su estructura interna, a la vez que una transformación radical de su público, el alumnado, es acompañada por el anquilosamiento de su principal agente, el profesorado. Sus grandes promesas sociales, la igualdad y/o la meritocracia, resultan fallida la una y falaz la otra. En estas circunstancias no basta con apretar o corregir el paso: hay que preguntarse adónde vamos y si lo hacemos por el camino adecuado²⁰.” (p. 10)

Para o autor (2016), não basta apenas acelerar ou corrigir o ritmo, deverá se perguntar onde se quer ir e se o que está a fazer está sendo da forma correta, ou seja, há a necessidade de se ter um objetivo, de se questionar sobre o que se está fazendo, não simplesmente querer mudar por mudar, sem existir um significado. Isso nos faz refletir sobre os dilemas enfrentados pelos docentes, ao viverem em constantes “encruzilhadas”, sem saberem qual conduta, ao certo, deverão seguir, porque não sabem qual é a melhor. É preciso que os processos de desenvolvimento profissional docente sejam profundos nesse propósito de discutir epistemologicamente as novas bases para uma educação criativa, transformativa.

Segundo Trindade (2011), ser professor nas escolas contemporâneas significa compreender o que está em jogo quando se discutem

“os modelos de ação pedagógica que, hoje, balizam o processo de intervenção dos professores nas respectivas salas de aula e, por outro, quando se discute quais são, entre esses modelos, aquele ou aqueles que melhor respondem ao desenvolvimento de um processo de socialização cultural que não só pode negar o protagonismo dos alunos enquanto aprendentes, como, igualmente terá de ser capaz de promover a inteligência e a humanidade em cada um desses alunos, pelo modo como os interpela, apoia, desafia e lhes fornece os recursos vários e necessários à sua afirmação enquanto pessoas no mundo em que vivemos”. (Trindade, 2011, p. 238)

²⁰ Tradução: As grandes mudanças sociais que deram sentido à escola de massa, a passagem ao Estado-nação, à sociedade industrial, ao meio impreso e à cultura da modernidade, agora dão lugar a um novo mundo global, pós-industrial, digital, líquido. A escola vive uma crise institucional que afeta suas funções, sua relação com o meio ambiente e sua estrutura interna, enquanto uma transformação radical de seu público, o corpo discente, é acompanhada pela estagnação de seu principal agente, o corpo docente. Suas grandes promessas sociais, igualdade e/ou meritocracia, são uma fracassada e a outra falsa. Nessas circunstâncias, não basta acelerar ou corrigir o ritmo: devemos nos perguntar para onde estamos indo e se estamos fazendo o caminho certo (Enguita, 2016, p. 10).

Nesse sentido, o desenvolvimento profissional de professores, sob novos paradigmas, tem sido um dos grandes desafios deste século, pois acredita-se ser necessário que o educador reflita sobre o próprio processo de co-construção do conhecimento, sobre suas práticas docentes, e aprimore o seu fazer pedagógico, levando-se em conta o seu próprio lugar como produtor de conhecimentos, que agrega também diferentes leituras de mundo (Freire, 1996; Ferreira; Estrela, 2020), reconhecendo os saberes que o cercam no próprio contexto comunitário (Freire, 1996).

No campo da educação, as discussões epistemológicas afetaram também o paradigma tradicional ou paradigma da instrução (Trindade & Cosme, 2010), pautado na transmissão do conhecimento, pelo professor, e no acúmulo do mesmo, pelos educandos, defensor de que “a memorização mecânica, por intermédio de um ensino descontextualizado e pouco interativo, é o melhor caminho na instrução de sujeitos racionais, ‘pensantes’ e ‘esclarecidos’” (Ribeiro, *et. al.*, 2010, p. 34).

Segundo Trindade e Cosme (2010), o paradigma da instrução “corresponde à emergência do modelo de educação escolar que (...) visava responder às necessidades e às exigências de um tempo onde se anunciava uma nova era (...). Uma era para a qual a Escola deveria contribuir, enquanto contexto decisivo” (pp. 28-29). Este modelo educativo

“visava garantir a homogeneização cultural e política de uma comunidade, em função da qual se tornasse possível, em um primeiro momento, construir a ideia de Nação, coletivo de indivíduos que tendem a partilhar uma identidade e um território comuns, assegurando, assim e por esta via, a aceitação e a apropriação das novas modalidades de controle social e político, em conformidade com a matriz civilizacional do projeto da Modernidade, e, de forma articulada com tal propósito, também, a subordinação dos indivíduos ao primado da Razão, o que permitiria aceitar a crença de que é possível tanto aceder ao saber verdadeiro como aceitar, sem se interpelar, a existência a priori desse tipo de saber”. (Trindade & Cosme, 2010, p. 18)

Assim, segundo os autores, à Escola caberia o papel decisivo de construir uma nova ordem civilizacional emergente, em função dos desafios e das exigências da sociedade vigente. Para os autores (2010), “o que importa é refletirmos se as suas propostas educacionais são adequadas ao mundo em que vivemos, isto é, o que importa é sabermos se se adaptam a um mundo em que somos obrigados a lidar com o imprevisto” (p. 40).

Dessa forma, torna-se necessário, então, compreender o paradigma da instrução, em que o saber é visto como um produto que se adquire pelos alunos, sendo possível confirmar a existência de aprendizagens sempre que um aluno é capaz de reproduzir informações; e

compreender o paradigma da aprendizagem, onde o ato de aprender se vincula com o desenvolvimento de competências cognitivas e relacionais, em que os saberes dos alunos vão ganhando coerência à medida que forem encorajados a partilhá-los e a discuti-los uns com os outros (Bruner, 2000). Em ambos os paradigmas, “aprende-se quando somos estimulados a pensar e a aprender a aprender, porque, nesta abordagem, é o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos e das dinâmicas endógenas que lhe estão subjacentes que poderão garantir a ocorrência de aprendizagens” (Trindade & Cosme, 2010, p. 44).

Já o paradigma pedagógico da comunicação está pautado na premissa de que educar é contribuir para as aprendizagens dos alunos, através da proposta de desafios culturais, o que significa levar em conta as singularidades dos sujeitos em formação e a qualidade da comunicação que estes sujeitos estabelecem entre si e com os seus professores. Isso dentro de um processo de desenvolvimento de competências que tem como papel nuclear o patrimônio cultural (Trindade & Cosme, 2016). Ademais, os autores afirmam:

“Chamaremos paradigma da comunicação a este paradigma pedagógico que se caracteriza por valorizar a qualidade dos mais variados tipos de interações que acontecem numa sala de aula como fator potenciador das aprendizagens dos alunos que, neste caso, são entendidas em função do processo de apropriação, por parte destes, de uma fatia decisiva do património cultural disponível, enquanto condição do processo de afirmação e desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos jovens no seio da sociedade em que vivemos.” (Trindade & Cosme, 2010, p. 59)

Ou seja, fala-se da aprendizagem como um confronto que obriga a processos de interlocução cultural com outros. Trata-se, então, de um co-protagonismo, em que o papel do professor não é garantir a aprendizagem, mas, sim, criar condições que permitam a ocorrência destas mesmas aprendizagens (Trindade & Cosme, 2016).

É a partir da reflexão proposta por Bruner (2000), que Trindade e Cosme (2010) afirmam que, na escola, “as intervenções educativas devem ajudar os alunos a captar a distinção entre o conhecimento pessoal e aquilo que é tido por conhecido pela cultura e a apropriar-se do modo como este tipo de conhecimento foi sendo construído” (p. 65).

Assim, o ato de aprender pode acontecer quando os alunos se envolvem na construção de saberes dentro de um processo de interlocução cultural. Esse caminho emancipatório do universo escolar também é proposto por Freire (1996), que preconiza a valorização da leitura de mundo dos educandos.

É esse espaço de abertura e reconhecimento da própria incompletude do conhecimento tradicional e de uma cultura única que vai possibilitar processos de inovação

pedagógica. Para se evitar ações e práticas educativas monoculturais, o resgate dos processos de construção das identidades culturais torna-se muito importante, e isso relaciona-se com a valorização das narrativas de vida. A promoção da interação com diferentes modos de viver e expressar-se é que pode favorecer a constituição de novas identidades culturais (Candau, 2009).

Para o filósofo e sociólogo Edgar Morin (2005), diferentes modelos de paradigmas podem coexistir e conviver simultaneamente, tendo em vista a complexidade dos fenômenos, que permite níveis distintos de observação. Pensar uma nova forma de construção do conhecimento, como já dito nesta pesquisa, tanto requer novos paradigmas quanto um diálogo entre os diferentes saberes, pautados em uma dimensão sistêmica, como a caracterizada por Capra (1983), e em uma dimensão ecológica, como a designada por Santos (2007). Uma perspectiva cuja base esteja fundamentada na inter-relação dos fenômenos sociais, culturais, físicos, biológicos e psicológicos. Nesta interação, se evidencia a valorização da leitura de mundo dos estudantes, integrada no processo de problematização dos diferentes contextos, no fortalecimento da autonomia dos sujeitos (Freire, 1996), além do incentivo ao surgimento de inovações pedagógicas na escola.

Essa quebra com a noção de um conhecimento fragmentado, neutro e descontextualizado vai acontecendo a partir do processo de problematização sobre como e quem constrói os saberes. A partir das propostas de interlocutores culturais e o reconhecimento da ecologia de saberes no processo de co-construção do conhecimento, temos o surgimento do que chamamos de paradigma emergente da educação, que pressupõe um processo educativo contextualizado, respeitoso com as diferenças, e que valoriza diferentes dimensões do humano, como social, econômica, cultural, religiosa, comunitária, por exemplo.

Essas inovações, como já salientamos, não são específicas do âmbito tecnológico. Elas fazem parte, também, da estrutura curricular, à qual se agrega novas dimensões, voltadas para o atendimento das demandas provocadas pelas transformações sociais e pelas necessidades humanas dos novos tempos, exigindo uma formação docente que dê conta de lidar com os novos desafios.

O novo pensamento emergente, sistêmico e ecológico (Capra, 1983) também influenciou a educação, evidenciando a interconexão entre elementos antagônicos, rompendo com a dicotomia entre sujeito e objeto, sinalizando para a noção de que a construção do conhecimento ocorre pela interação entre os dois. Segundo Ribeiro *et. al.* (2010),

“A Educação pós-moderna é centrada no sujeito coletivo, se preocupa com o processo de assimilação e acomodação, como também com a construção do saber de forma dialógica e criativa. É uma Pedagogia contextualizada, recursiva, interdependente com o Universo e que, por conta disso, é vista como um sistema aberto. Essa noção de interdependência na Educação se calca nas interações entre os diversos elementos que a compõem, tais como as disciplinas, a sua direção e administração, os docentes, os discentes, a comunidade, os pais, os funcionários, dentre outros. E ainda, é uma Educação comprometida com a valorização das experiências vividas, subjetivas dos sujeitos educandos e com a sua formação política e ética, tendo em vista os conflitos étnico-culturais, a autoconsciência ecológica e os princípios humanitários.” (p. 37)

Assim, caminha-se para a compreensão de uma escola como espaço de heterogeneidade e das múltiplas diferenças, uma vez que integra sujeitos inacabados, sempre em constante busca (Freire, 1996; Morin, 2008). É esse novo reconhecimento estrutural que possibilita a abertura para se pensar a inovação pedagógica, advinda não apenas de fatores externos, mas das próprias experiências dos sujeitos/atores do processo educativo.

CAPÍTULO 4 - As noções de desenvolvimento profissional docente e de inovação pedagógica²¹

²¹Alguns trechos do texto foram extraídos do artigo publicado na Revista Abatirá – UNEB, intitulado “Desenvolvimento profissional docente e os processos de inovação pedagógica na escola: Dilemas e tensões”, autores: Ferreira, K. C. S. & Estrela, E. M. B., disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/8636/6143>

Em todas as profissões exercidas pela humanidade, há diferenças no desempenho de suas funções. Assim acontece com os professores, existe diferenciação entre as suas capacidades e o desempenho em exercer a profissão. São vários os fatores que influenciam essas divergências. Formosinho (2009) caracteriza essas diferenciações através de quatro dimensões:

“1 – de caráter natural: interesse, motivações, personalidade de cada um; 2 – de disponibilidade e empenhamento: há aqueles mais apáticos, passivos, cumpridores, empenhados, militantes; 3 – de diferentes ciclos da vida profissional, em que os professores se encontram; e 4 – da formação contínua que os professores tenham frequentado (grifos nossos).” (Formosinho, 2009, pp. 47-48)

Segundo o autor, “as diferentes oportunidades de formação, as diferentes vontades de se educar permanentemente e o diverso aproveitamento da frequência de acções idênticas são outros tantos factores de diferenciação entre os professores” (Formosinho, 2009, p. 43). É através da profissionalização que essas dimensões influenciarão na profissão docente, inclusive na busca pela sua identidade, pelo seu perfil profissional, englobando aptidões, valores, que irão se constituindo no exercício da profissão.

O processo da docência inicia-se antes mesmo de o professor se inserir no ambiente formativo, estende-se por toda a vida. Assim, o conhecimento profissional docente vai sendo construído em seu cotidiano na escola, em sala de aula, na aprendizagem com seus pares, com os seus alunos, ou seja, devido às diferentes experiências profissionais esse processo é continuamente transformado.

Nesse sentido, o desenvolvimento profissional docente tem sido considerado um fator importante na formação de professores. Assim, importante se faz clarificarmos as relações existentes entre formação continuada e desenvolvimento profissional, para podermos compreender a dimensão dessas terminologias. Segundo Oliveira-Formosinho (2009), os termos “formação continuada” e “desenvolvimento profissional” são utilizados como se referissem a uma mesma realidade, mas, na verdade, não são equivalentes. Para a autora,

“formação contínua e desenvolvimento profissional são perspectivas diferentes sobre a mesma realidade que é a *educação permanente dos professores* num processo de ciclo de vida. A designação formação contínua analisa-a mais como um processo de ensino/formação e o desenvolvimento profissional mais como um processo de aprendizagem/crescimento”. (Oliveira-Formosinho, 2009, p. 225)

A autora afirma que o maior enfoque da formação continuada são os processos oferecidos por instituições destinadas à formação, nos aspectos organizacionais, nas modalidades cursos, oficinas, círculos de estudos e outros. Já o desenvolvimento profissional é mais vivencial, integrador, em contexto. Nele contém perspectivas tanto psicológicas como também curriculares, organizacionais e sociológicas. Assim, de acordo com a autora, desenvolvimento profissional é

“um processo contínuo de melhoria das práticas docentes, centrado no professor, ou num grupo de professores em interação, incluindo momentos formais e não formais, com a preocupação de promover mudanças educativas em benefício dos alunos, das famílias e das comunidades. Essa definição pressupõe a procura de conhecimento profissional prático sobre a questão central da relação entre aprendizagem profissional do professor e aprendizagem dos alunos, centrando-se no contexto profissional”. (Oliveira-Formosinho, 2009, p. 226)

Outro conceito de desenvolvimento profissional docente é proposto por Garcia (1999), que pressupõe “uma abordagem na formação de professores que valorize o seu carácter contextual, organizacional e orientado para a mudança”. Logo, essa perspectiva “supera o carácter tradicionalmente individualista das atividades de aperfeiçoamento dos professores” (p. 137).

Fiorentini e Crescci (2013) conceituam desenvolvimento profissional docente como “o processo contínuo de transformação e constituição do sujeito, ao longo do tempo, principalmente em uma comunidade profissional” (p. 13). Para os autores, os professores “aprendem e se desenvolvem profissionalmente mediante participação em diferentes práticas, processos e contextos, intencionais ou não, que promovem a formação ou a melhoria da prática docente” (p. 13).

Outro conceito proposto por Fiorentini (2008) é o de Desenvolvimento Profissional Docente, entendido como

“um processo contínuo que tem início antes de ingressar na licenciatura, estende-se ao longo de toda sua vida profissional e acontece nos múltiplos espaços e momentos da vida de cada um, envolvendo aspectos pessoais, familiares, institucionais e socioculturais”. (Fiorentini, 2008, p. 45)

Assim, de forma intencional ou não, os professores desenvolvem-se profissionalmente em diferentes contextos e processos que acabam promovendo a sua formação e, conseqüentemente, a melhoria de suas práticas.

Marcelo (2009) parte do pressuposto que o desenvolvimento profissional docente vai além do caráter individual do professor, pois integra diferentes campos de conhecimento, práticas curriculares, saberes didáticos, contextualizando experiências de aprendizagem ocorridas com outros professores, o que vai influenciar qualitativamente no desenvolvimento do ensino e na estruturação do currículo. Segundo o autor, o termo desenvolvimento profissional é o que melhor se adequa à concepção do professor enquanto profissional do ensino, pois “(...) o conceito ‘desenvolvimento’ tem uma conotação de evolução e continuidade que, em nosso entender, supera a tradicional justaposição entre formação inicial e formação contínua dos professores” (p. 9).

Para o autor (2009), o conceito de desenvolvimento profissional vai muito além do professor, a sua atividade afeta “todos aqueles com responsabilidade ou implicação no aperfeiçoamento da escola, quer sejam administradores, supervisores, inspetores, quer pessoal de apoio, etc.” (p. 137), e ocorre no contexto de desenvolvimento organizacional de onde trabalham.

Libâneo (2013) reforça o fato de que outras condições de aprendizagem permanente e de desenvolvimento pessoal, cultural e profissional de professores envolve também o setor pedagógico, técnico e administrativo. Logo, a escola, enquanto espaço de trabalho, passa a ser o lugar onde professores enfrentam e resolvem problemas, criam e recriam estratégias, promovendo mudanças pessoais e profissionais.

Garcia (2009) mostra uma grande preocupação em relação a atividades de desenvolvimento profissional geralmente desenvolvidas fora do contexto escolar ou de forma individualizada, por parte de alguns professores, mostrando a escassez das medidas organizacionais, sem atender a contento à necessária formação docente.

Nóvoa (1997) afirma que o desenvolvimento profissional docente é um processo que se articula com as práticas educativas. Pensando no caráter de inacabamento do saber docente, na busca incessante pelo conhecimento, nas práticas formativas coletivas e contextualizadas, o autor afirma que “(...) práticas de formação que tomam como referência as dimensões coletivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção de seus saberes e dos seus valores” (p. 27).

Frente a esse inacabamento do ser professor, necessário se faz pensar em grandes desafios da formação e da profissão docente na sociedade atual, os quais demandam lidar com as diferentes transformações. Podemos destacar, dentre esses desafios, a desvalorização da

profissão, a má qualidade dos cursos de formação inicial e continuada, a dicotomia teoria/prática, dentre outros aspectos.

Nóvoa (2008) elenca algumas “disposições” ao caracterizar o trabalho docente nas sociedades contemporâneas. Ao indicar o termo “disposições” no lugar de competências, o autor sugere que este último teve seu apogeu a partir da década de 90, final do século XX, e que se enquadrou perfeitamente ao cariz técnico e às políticas de qualificação de recursos humanos e de empregabilidade. Ao sugerir um novo conceito – disposições –, rompendo com um termo que, em seu entendimento, lhe parece saturado – competências –, ele adota um conceito mais ‘líquido’ e menos ‘sólido’, no sentido de afirmar que o professor produz a sua identidade profissional, mantendo uma ligação entre dimensões pessoais e profissionais.

Dessa forma, o autor afirma que o docente dispõe de uma forte construção cultural, ao constituir a sua profissionalidade, elencando, assim, cinco disposições essenciais à sua constituição em ser professor, nos dias atuais: o conhecimento; a cultura profissional; o tacto pedagógico; o trabalho em equipa; o compromisso social (Nóvoa, 2008).

O conhecimento consiste “(...) na construção de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem”. A cultura profissional relaciona-se ao fato de que “é na escola e no diálogo com os outros professores que se aprende a profissão”. O tacto pedagógico é a “(...) capacidade de relação e de comunicação sem a qual não se cumpre o acto de educar”, é a “serenidade de quem é capaz de se dar ao respeito, conquistando alunos para o trabalho escolar”. O trabalho em equipa é a “(...) intervenção conjunta nos projectos educativos de escola. O exercício profissional organiza-se, cada vez mais, em torno de ‘comunidades de prática’ (...)” (Nóvoa, 2008, p. 3).

Concordamos com Nóvoa (2008), no sentido de que, para encarar os grandes desafios dessa sociedade, o professor deverá conceber a sua formação como uma responsabilidade profissional, dada à necessidade de mudanças significativas em suas rotinas, quer sejam pessoais ou coletivas, de trabalho ou organizacionais.

Importante se faz pensar, também, em espaços destinados à prática de formação continuada, assim como sugere Libâneo (2013). É imprescindível a criação, pelos sistemas de ensino, de «Centros de Apoio à Formação Continuada», instituições de formação de professores que associem práticas formativas aos contextos reais de trabalho. Para o autor, as Secretarias de Educação, municipais ou estaduais, deveriam arcar financeiramente com tais formações.

Para além de «Centros de Apoio à Formação Continuada», outros autores, a exemplo de Bakkenes, Vermunt e Wubbels (2010) e Tynjälä (2008), sugerem a formação nas escolas, por meio de atividades como cooperação e interação com colegas, fazendo o próprio trabalho, lidando com tarefas desafiadoras e novas, refletindo e avaliando as experiências de trabalho de alguém, seja na educação formal, seja em contextos extralaborais.

Segundo Tynjälä (2008), a educação formal deixa uma lacuna entre o conhecimento necessário no trabalho e o conhecimento e as habilidades produzidos. A autora firma que “a aprendizagem no local de trabalho pode ser frequentemente caracterizada com a criação de novos modos de ação, novas práticas, novos procedimentos e novos produtos” e “que as organizações precisam encontrar maneiras de encorajar as pessoas a compartilharem seus conhecimentos” (p. 132). Além disso, para a autora, a aprendizagem individual e em grupo, no local de trabalho, pode ser caracterizada como uma atividade altamente social, a qual “(1) requer interação e diálogo, (2) requer os tipos de desafios que tornam a aprendizagem necessária e (3) envolve reflexão sobre experiências passadas e o planejamento de atividades futuras” (p. 135). Desse modo, as ideias contidas no paradigma emergente parecem oferecer uma melhor abordagem para compreender esse tipo de aprendizagem em um ambiente importante para assegurar o desenvolvimento contínuo de competências.

Ainda de acordo com Tynjälä (2008),

“O rápido desenvolvimento da tecnologia da informação e comunicação, a crescente produção de conhecimento na economia, a crescente internacionalização e globalização, bem como as mudanças nas estruturas ocupacionais, nos conteúdos e na organização do trabalho, desafiaram não apenas as instituições de ensino, mas também as organizações de trabalho, a desenvolver novas formas de garantir que o nível de competência da força de trabalho atenda a esses desafios. Assim, a aprendizagem contínua tornou-se importante tanto para os indivíduos que operam na sociedade da aprendizagem quanto para as organizações que competem nos mercados internacionais.” (p. 131)

Devido a essas constantes transformações da sociedade, uma formação permanente torna-se indispensável, de modo a atender às mudanças ocorridas e à grande diversidade social e cultural. Assim sendo, a formação deverá provocar a motivação, auxiliar o docente a internalizar saberes, de modo a possibilitar diferentes estratégias e a saber lidar com a discursividade em sala de aula. Para que as trocas significativas aconteçam, é necessário que os professores cuidem do seu desenvolvimento profissional, que se proponham a essa

continuidade, que se apropriem de aprendizagens e saberes, sobretudo no que diz respeito à reestruturação curricular.

Há bem pouco tempo as palavras «mudança» e «inovação» eram conceitos excluídos do contexto educativo. Segundo Correia (1991, p 15), “até a década de sessenta a escola apresentava-se como a instituição baluarte de valores imutáveis que era necessário preservar e difundir”. O autor afirma que o desejo de mudança e de inovação surgiu no mundo em mutação, por conta da produtividade, e que a noção de inovação em educação pode referenciar tanto práticas pedagógicas que visam melhorar o funcionamento dos sistemas de ensino, quanto práticas pedagógicas que têm por objetivo mudar radicalmente a escola e a estrutura das relações que ela mantém como a sociedade. Assim, deixa claro que é possível melhorar os sistemas de ensino sem modificar as suas bases estruturais ou fundamentos ideológicos.

Correia (1991) afirma, também, que há um uso indiscriminado dos conceitos de inovação, mudança, evolução e reforma, caracterizados pelo atual discurso pedagógico, bem como a tendência em confundir o conceito de inovação com qualquer característica de práticas pedagógicas, como, por exemplo, “a substituição de um quadro preto por um quadro branco numa sala de aula, ou a substituição de um manual escolar por um outro estruturalmente semelhante” (p. 28).

O autor compreende a inovação como

“uma mudança deliberada e conscientemente assumida (o que exclui do seu campo as mudanças produzidas pela evolução “natural” do sistema) visando objetivos bem precisos: a melhoria do sistema, o aumento da sua eficácia no cumprimento dos seus objetivos (o que exclui do seu campo as práticas que transgridem a margem de tolerância do sistema). A inovação é, pois, um processo planejado, prosseguindo objetivos compatíveis com os do sistema”. (Correia, 1991, p. 31)

Para Correia (1991), a mudança na escola nem sempre foi entendida como uma mudança produzida na escola. Esta nem sempre produz mudanças nas práticas pedagógicas e nas relações sociais entre os agentes da ação educativa, pois a mudança geralmente é introduzida em seu espaço, através de especialistas. É uma espécie de “mudança tutelada”, ou seja, uma “indústria da mudança”, a qual faz com que as pessoas sejam preparadas para aceitarem as mudanças e a prepararem as escolas para essas mudanças, para que, de uma certa forma, a escola não seja uma “transgressora da ordem estabelecida” (p. 24).

Desse modo,

“Trata-se de uma mudança que não visa a transformação estrutural da natureza das relações que a escola mantém com o seu contexto social, mas antes de uma mudança que visa gerir a transformação da escola de forma que esta, ao adaptar-se a um contexto social em transformação, seja capaz de manter a estrutura daquelas relações, isto é, seja capaz de agir eficazmente enquanto instrumento de controlo e de reprodução social.” (Correia, 1991, p. 24)

Assim, o autor (1991) afirma que a escola deverá ser capaz de adaptar-se às mudanças e às constantes transformações, mas precisa “estar na mudança”, ou seja, “ser capaz de se mudar a si própria” (p. 23). Ademais, traz uma reflexão acerca da inovação instituída e instituinte. Para o autor, há um certo confronto entre essas relações, pois quando o instituído – organizações – tenta impor ou exige que sejam executadas as suas decisões, o instituinte – professores – muitas vezes resiste a esses mecanismos ou executa-os de forma a impor sua particularidade. Nesse ínterim, “os professores resistem passivamente à mudança ou, pelo contrário, resistem activamente produzindo mudanças que não se inscrevem rigorosamente no projeto de mudança definido na Reforma (...)”, ou seja, o instituinte encontra resistência às próprias mudanças que ele concebeu (pp. 35-36).

Quando isso acontece, pontua o autor, ou a reforma é sentida pelos professores como se não lhes dissesse respeito, por isso não a incorporam em suas práticas, ou eles encontram um pretexto nessa reforma, quando aceitam estar submetidos a elas, mas passando a ser sujeitos de mudança, capazes de produzirem inovação (Correia, 1991).

Nesse sentido, considerando-se uma época de renovação, de ampliação de informações, conhecimentos e inovações, os sistemas educativos se deparam com o desafio de enfrentar essas transformações. Assim, não basta apenas comprar computadores e equipamentos sofisticados. Inovar vai além de incluir tecnologias à educação, significa ter uma visão global da necessidade dos estudantes, os quais vêm adquirindo novos valores.

As mudanças ocorridas levam a refletir de que forma os profissionais podem atuar nas escolas, de modo a constituir uma educação integral. Assim, as instituições formadoras têm o grande desafio de oferecer uma formação compatível com as necessidades da sociedade em transformação. Isso envolve assegurar ao professor, momentos de formação cujo objetivo é poder propiciar intervenções em suas aulas, com maior autonomia e dinamicidade, visando à inovação pedagógica.

Vale ressaltar que o termo inovação, proferido neste trabalho, nada tem a ver com o sentido capitalista ou mercadológico, pautado por um ritmo acelerado do progresso da tecnologia digital, tampouco tem relação com as tecnologias da informação ou comunicação

(TICs). Tem a ver com o campo do conhecimento e da formação humana. Assim, concordamos com Delgado (2015), quando afirma que “tanto a política de ciência e tecnologia (PCT) quanto a política educacional se encontram pressionadas por discursos exigentes de inovação oriundos do setor produtivo” (p. 766).

Farias (2006) afirma que “iniciativas de ‘cima pra baixo’ tendem a contar com reações pouco receptivas por parte dos docentes, de modo que diversos estudos advertem sobre a urgência de um repensar dos movimentos de reforma” (p. 65). A autora reforça que esse modelo deve ser superado, que os professores precisam sair do papel de meros executores dessas reformas, mas ao mesmo tempo afirma que os mesmos não têm recebido as propostas de mudança com ‘bons olhos’, e que agem dessa forma porque não é fácil deixarem de agir conforme suas crenças e práticas, em favor de algo desconhecido, cujo significado não compreendem.

A autora (2006) afirma, ainda, que esse enfoque reforça o postulado de que o elemento principal da identidade da profissionalidade docente é “a capacidade de se relacionar com os colegas, de ser criativo, de tomar decisão, ter abertura à inovação e ao trabalho coletivo e diversificado” (p. 69). Assim, segundo a autora, as exigências impostas aos professores não podem desconsiderar as reais condições do sistema educacional brasileiro, sobretudo da escola pública, já que, cotidianamente, os docentes vivenciam situações precárias de trabalho, reduzido acesso às tecnologias da informação e da comunicação, salas de aula com excedente número de alunos, falta de material pedagógico e de consumo para apoio às atividades pedagógicas, condições desfavoráveis ao desenvolvimento profissional, à ação coletiva e à troca de experiências, tempo curricular para estudo insuficiente ou inexistente, professores com alta carga horária de trabalho, em decorrência de baixos salários, formação inicial aligeirada, dentre outros aspectos.

Ainda segundo Farias (2006), é inquestionável o papel que os professores exercem no processo de mudança na educação, mas não se pode perder de vista o fato de que “a mudança educativa não depende exclusivamente desses profissionais, da sua competência teórica [...], política [...] e humana [...]” (p. 70), pois há outros aspectos relevantes. Fernandes (2000) reforça as afirmações da autora, ao ressaltar que “o sucesso da mudança depende também das escolhas que envolvem relações de poder e de autoridade, valores e finalidades éticas e políticas que transcendem o individual” (p. 83). Logo, vale “reconhecer que o sucesso da mudança está para além do esforço individual e abnegado de alguns, em particular dos docentes” (Farias, 2006, p. 70).

Para compreendermos se, de fato, houve ou não êxito em propostas de mudanças educacionais, devemos romper com o pensamento do mito da resistência ou da reação docente à mudança, pois os professores não o fazem por comodismo, descompromisso ou incompetência. Por trás das suas reações de resistência, existe o receio de serem excluídos do debate dessas reformas educativas (Farias, 2006).

Segundo Delgado (2015),

“Os urgentes pedidos por inovações e “choques de gestão” que proporcionem mudanças no sentido de gerarem vantagens competitivas ecoam em diversas instâncias (e instituições sociais), incluindo a academia e a própria escola, como local onde se formam futuros egressos que irão compor nesta sociedade, a um só tempo, consumidores e trabalhadores.” (p. 766)

Nesse sentido, concordamos com o autor, ao percebermos que, aos poucos, a comunidade escolar poderá ir conquistando e exercendo a sua autonomia, principalmente ao construir coletivamente o seu Projeto Político Pedagógico, e assim poder ir incorporando efetivamente inovações do ponto de vista da formação humana crítica, emancipatória.

Quando se fala em inovação na área da educação, precisamos ter em mente um conjunto de transformações sociais que vão influenciar as demandas formativas dos docentes, que precisarão desenvolver competências que estejam alinhadas com os desafios do século XXI (OECD, 2010; Lafarrière, Law & Montané, 2012). O objetivo desse processo inovativo é diminuir a lacuna, cada vez maior, entre o que se ensina e a vida daqueles que aprendem, reconhecendo que a escola não detém mais a hegemonia do patrimônio cultural. Assim, o que se propõe é a implementação de práticas e ideias que promovam a criatividade coletiva, o que vai impactar nos processos de aprendizagem e escolarização (Hannon, 2009). Logo, o que vai acontecer no campo educacional, se pudermos fazer uma analogia com a área da inovação tecnológica, relaciona-se a uma energia para destruir coisas antigas e criar coisas novas. Nas palavras de Schumpeter (1942), uma “destruição criativa”.

O que se entende como inovação pedagógica é de forma mais profunda do que o aspecto econômico da inovação. Envolve uma ruptura cultural educacional, a partir de novos olhares. É um processo de dentro, que vai agregar reflexão, criatividade. Tem um caráter local, situado, atrelado ao contexto em que se vivencia as práticas pedagógicas. É importante que a mesma integre diferença e mudança qualitativas, de natureza cultural (Fino, 2011). É relevante salientar que a renovação da cultura docente na escola exige tempo e apoio efetivo das políticas e reformas educativas, requer ressignificação da prática educativa (Farias, 2006).

Essa ação envolve, também, processos de construção colaborativa do currículo. Logo, professores, atores curriculares, são os profissionais que têm a responsabilidade de mediar e concretizar o currículo (Greany & Waterhouse, 2016; Willness & Bruni-Bossio, 2017). Fala-se, então, da relação do currículo com a vida (Reid, 2009), este passa a ser entendido como uma construção social que envolve a todos. A inovação pedagógica deve ser vista, então, a partir de uma dimensão ecológica, que respeita a singularidade e as necessidades de cada sujeito, levando em conta os seus contextos e condições de vida.

Na Antiguidade, o conceito de inovação remonta ao uso metafórico de um termo grego – «kainotomia» – que significa, literalmente, fazer novos cortes nas minas. Depois, foi usado pelos filósofos como mudanças nas constituições políticas. Os romanos também fizeram um uso semelhante do vocábulo – «inovare». Nos séculos XVI e XVII, o termo «innovatio» foi associado ao período de mudanças religiosas dentro do contexto da Reforma Protestante. E do século XVIII até o século XIX, os inovadores passaram a ser vistos como desviantes, revolucionários, dentro de um processo de reformas políticas, sociais e econômicas (Godin, 2014).

O «espírito de inovação» passa a se transformar em algo positivo a partir da Revolução Francesa, em que começou a se pensar a inovação como um meio para o progresso político, social e material. Foi no século XX que a inovação se tornou uma palavra comum no direito, na educação, na literatura, nas artes, nas ciências, na medicina e nas ciências sociais, sendo usada como sinônimo de iniciativa, diferença, partida, criatividade e estratégia. Fala-se de uma mudança intencional de qualquer pensamento, comportamento ou coisa que seja qualitativamente diferente das formas existentes. A partir de meados do século XX, o conceito de inovação evolui para a dimensão de um processo coletivo (Godin, 2015).

Mota e Scott (2014) afirmam que o conceito de inovação sofreu alterações ao longo do tempo. Nos tempos atuais, seu conceito é muito mais amplo e está associado à possibilidade de um desenvolvimento econômico e social sustentável. Segundo os autores, a preocupação com a sustentabilidade forçosamente obriga as empresas e a sociedade a promoverem o seu potencial competitivo, a fim de modificarem o seu modo de pensar e agir. Os autores sugerem que, para viabilização de um desenvolvimento econômico e social sustentável, deve-se desenvolver formas e práticas inovadoras de viver em nosso planeta, mas para que isso ocorra deve haver uma conjunção da inovação com a educação.

Ainda segundo os autores (2014), o conceito de inovação vem se tornando cada vez mais o centro no processo de produção do conhecimento, deixando de ser apenas o produto

final deste para ser sua fonte de estímulo. Afirmam que as instituições educacionais têm papel fundamental para o desenvolvimento econômico baseado em ciência, tecnologia e inovação, indo além de suas funções específicas para promoverem inovação a partir do conhecimento.

Importante ressaltar que o termo inovação não foi desenvolvido especificamente a partir da educação, pode-se dizer que foi emprestado ou importado. Assim, ao falar em inovação na educação, pensávamos quase que exclusivamente em Tecnologias Digitais ou da Informação e da Comunicação (Miller & Olson, 1994). Sem falar que «inovar» significa, para muitas instituições educativas, um grande desafio, já que muitas ainda perpetuam práticas conservadoras, fora do que se espera para o século vigente.

Segundo Fino (2011), os contextos de aprendizagem que são requeridos atualmente são totalmente diferentes dos que, durante muitas décadas, foram considerados adequados. Criar contextos futuros e romper com contextos passados implica numa redefinição do papel dos estudantes e dos professores. Para tanto, o autor afirma que “a função da inovação pedagógica seria constituída por práticas qualitativamente novas, que bem poderiam ser facilitadas ou estimuladas por mudanças curriculares e organizacionais deliberadas” (p.7).

Ademais, o autor afirma que:

“Nos nossos dias de desregulação e de crise insistente, o kit de sobrevivência requer outras habilidades obrigatórias, como autonomia, criatividade, pensamento crítico, capacidade de absorver mudança, lidar com o inesperado, aprender de forma permanente. E os ambientes de aprendizagem, escolares ou não, devem proporcionar a aquisição dessas novas habilidades, nomeadamente permitindo e encorajando o exercício delas.” (Fino, 2011, p. 6)

Para o autor (2011), “o tipo de escola de modelo fabril, imutável nos seus pressupostos e seus procedimentos, onde há a prevalência da autoridade do professor, é a esmagadora maioria” (p. 10). Encontrar inovação pedagógica, nessas escolas,

“necessita de um persistente trabalho de garimpeiro, cuja actividade se caracteriza muito mais por procurar do que pela felicidade de encontrar. A única coisa que o garimpeiro pode e tem de saber, à partida, é distinguir aquilo que procura do que não lhe interessa. E saber onde será mais provável encontrar o que procura. É claro que um garimpeiro afortunado pode encontrar bolhas de inovação dentro de uma escola, num projecto em funcionamento, numa sala de aula com a porta fechada. Mas deve saber que essa inovação talvez seja mais provável em ambientes de aprendizagem menos marcados histórica e culturalmente pelo velho paradigma”. (Fino, 2011, pp. 10-11)

Ou seja, é muito provável que essas inovações encontrem-se em ambientes escolares, sem as possíveis marcas do paradigma da instrução. Para Fino (2008), existe o pressuposto de que a escola está desajustada das necessidades do presente e sob influência de algumas convicções. Vejamos:

“A educação institucionalizada preserva as práticas tradicionais; A inovação pedagógica não é o resultado da formação de professores, ainda que uma boa formação seja muito importante; A inovação pedagógica não é induzida de fora, mas um processo de dentro; A inovação pedagógica é sempre uma opção individual e local, ainda que possa ser inspirada ou estimulada por ideias ou movimentos de natureza mais geral; Dentro da escola, a inovação pedagógica envolve sempre o risco de conflito com o currículo; A inovação pedagógica não é sinónima de inovação tecnológica.” (Fino, 2008, p. 4)

O autor (2008) afirma que, ainda que a formação seja muito importante, a inovação é um processo que, por mais que seja estimulada, é uma escolha individual, “implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais” (p. 1). Para ele, a inovação pressupõe uma descontinuidade, pois “consiste na criação de contextos de aprendizagem, incomuns relativamente aos que são habituais nas escolas, como alternativa à insistência nos contextos de ensino” (p. 1). A essa insistência nos contextos de ensino, o autor exemplifica como “provocar o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino” (p. 1), o que reforça a tese de que o aprendiz seria o ator principal e o professor inovador, um ator secundário.

Para Carbonell (2002), a inovação educativa é imprescindível para a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem, de modo que todos se envolvam de forma participativa. Assim, para o autor, inovar está associado à renovação pedagógica, à mudança, à melhoria, e envolve diversos contextos relacionados à educação, como programas de ensino, escola, currículo, dentre outros.

Na perspectiva do autor, inovação é:

“[...] um conjunto de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas. E, por sua vez, introduzir, em uma linha renovadora, novos projetos e programas, materiais curriculares, estratégias de ensino e aprendizagem, modelos didáticos e uma outra forma de organizar e gerir o currículo, a escola e a dinâmica da classe”. (Carbonell, 2002, p.19)

Segundo o autor (2002), a inovação educativa associa-se, em determinados contextos, à renovação pedagógica, à mudança e à melhoria. Assim, afirma que uma simples modernização da escola nada tem a ver com a inovação. Computadores em sala de aula, cultivo de hortas, oficinas, decoram a escola, mas não modificam as concepções de ensino e de aprendizagem. Em outras palavras, “nunca se insistirá o suficiente em que não há reforma do professorado se não houver modificação em seu pensamento, seus hábitos e suas atitudes” (p. 20).

Desse modo, a inovação não só amplia a autonomia pedagógica das escolas e dos professores, ela também torna as escolas lugares mais democráticos, atrativos e estimulantes, facilita a aquisição do conhecimento, além de contribuir com a compreensão daquilo que dá sentido a esse conhecimento (Carbonell, 2002).

Ademais, o autor ressalta que tanto a mudança quanto a inovação são experiências pessoais que adquirem um significado particular, na prática, já que devem atender tanto aos interesses coletivos quanto aos individuais. A inovação, para o autor, facilita a aquisição do conhecimento, o que nos faz refletir sobre os seus diferentes usos e significados, seja ela disseminada por modelos pedagógicos tradicionais, progressistas ou tecnológicos. É preciso pensar sobre uma inovação que não seja por aparências, mas que seja imersa em coisas realmente importantes.

No campo de estudos sobre inovação pedagógica, temos, também, a contribuição de Philippe Meirieu (1985). O autor afirma que, para se escapar do estado de condicionamento e desencorajamento dos educandos, diante do processo de aprendizagem, torna-se necessário que os educadores ampliem o conjunto de dispositivos utilizados, bem como o acesso a uma aprendizagem eficaz, para a autonomia. A questão, para o autor, é que se busca assegurar pressupostos gerais para a utilização de um método único, quase que infalível nesse processo, mas isso não é possível, pois é necessário unir conhecimento e experiência, dando sentido e motivando os educandos na caminhada.

Para que seja possível a concretização dessa realidade, é preciso construir uma escola plural, não apenas no que diz respeito aos métodos de ensino e aprendizagem, mas também aos grupos que a compõem. Assim, a renovação pedagógica vem da compreensão de que o conhecimento integra um todo, inclusive as descobertas dos educandos no processo, e isso requer o reconhecimento da impotência do professor, e a abertura para o diálogo, a fim de se construir novas experiências juntos (Meirieu, 1995). Para o autor,

“[...] apenas o reconhecimento de nossa impotência educativa permite-nos encontrar um verdadeiro poder pedagógico: o de autorizar o outro a assumir seu próprio lugar e, com isso, a agir sobre os dispositivos e os métodos; o de lhe propor saberes a serem apropriados, conhecimentos a serem dominados e pervertidos, que talvez lhe permitam, e quando ele decidir, “fazer-se a si mesmo”. (Meirieu, 1995, p. 289)

A partir dessa abertura proposta pelo autor, busca-se encontrar caminhos de ensino que respondam às diferentes expectativas e necessidades dos educandos, permitindo uma aprendizagem duradoura e uma intervenção na sociedade. Para dar espaço a novas práticas pedagógicas não é suficiente o conhecimento teórico, deve-se fomentar o diálogo entre subjetividades diferentes, dando sentido ao momento pedagógico (Meirieu, Develay, Durand, & Mariani, 1996).

Buscamos relacionar o conceito de inovação de práticas em sala de aula a pesquisas sobre essa temática, como os estudos desenvolvidos por Tardif (2014) e Imbernón (2010). Segundo Tardif (2014), para que possamos obter êxito com as práticas inovadoras, é imprescindível que os professores utilizem os seus saberes em sua ação docente. Como produtores de conhecimentos, irão se formando durante toda a sua vivência profissional. Esses conhecimentos, oriundos de diversas fontes, atreladas à ciência, à academia, as que são construídas por suas experiências, exercem grande influência em sua prática. Imbernón (2010) defende que um bom estímulo para se pôr em prática o que demandam as novas situações de transformação educacional é a constatação, por parte dos professores, do aperfeiçoamento da formação de seus alunos e do sistema educacional em geral, além de benefícios em sua própria formação e desenvolvimento profissional.

Para estes autores, tanto a ressignificação quanto a reflexão, no que diz respeito aos conhecimentos e ao trabalho prático em sala de aula, levam os professores a procurarem novos caminhos para o seu desenvolvimento profissional. Consequentemente, este percurso levará à inovação das práticas pedagógicas, pois, assim como afirma Imbernón (2010), “uma boa formação provoca inovação e em situação de escassez provoca uma justa reivindicação” (p. 36).

Dessa forma, o conceito de inovação pedagógica traz, em seu bojo, os saberes e os conhecimentos docentes construídos a partir de diferentes experiências, sejam elas pessoais ou profissionais, mas esses saberes e esses conhecimentos necessitam ser constantemente revisitados, pois é a partir dessas reflexões que os professores passam a ressignificar as suas práticas, compondo o seu desenvolvimento profissional docente.

São diversos os desafios com os quais a educação brasileira precisa lidar, como o multiculturalismo, a precarização do espaço escolar, a formação docente, e isso nos indica que precisamos de mudanças, de transformação. Assim, nos afirma Carbonell (2002):

“A nova cidadania que é preciso formar exige, desde os primeiros anos da escolarização, outro tipo de conhecimento e uma participação mais ativa dos alunos no processo de aprendizagem. É preciso pensar a escola do presente-futuro e não do presente-passado, como fazem muitas pessoas que sentem tanto mais nostalgia do passado quanto maior é a magnitude da mudança a que se propõe.” (p. 16)

Não podemos nos permitir olhar para a escola apoiada no passado, com suas meras e específicas funções de ensinar a ler, escrever e contar. Precisamos pensar a escola como formadora de conhecimentos, de atitudes, de valores do agora, do presente para o futuro. Não podemos viver de nostalgias.

Carbonell (2002) ressalta que é possível identificar mudanças na escola, mas estas não são tão significativas, daí a necessidade de transformar o espaço escolar em um ambiente aberto à inovação, que se comprometa com a formação do cidadão crítico e participativo, que crie condições para que as práticas docentes evoluam junto com a transformação tecnológica. Para tanto, é preciso orientar o processo educativo por meio de diversas ações, dentre elas a formação continuada, a fim de que se operacionalize em sala de aula a construção do conhecimento, e não a reprodução dele.

Ao buscarmos compreender o processo de inovação nas escolas, parece fundamental considerar um aspecto imprescindível para o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, a formação do profissional docente. Considerando essas inovações, o exercício da profissão docente exige reflexividade, tomada de consciência do que compõe a realidade profissional, a fim de identificar e compreender as dificuldades.

Diante da necessidade do educador, em estar constantemente repensando e aperfeiçoando a sua prática, a formação continuada passa a representar um papel central na atividade profissional. Desse modo, tem se ampliado cada vez mais a oferta de cursos de formação de professores, o que tem causado preocupação, pois muitas vezes não possuem a qualidade necessária para que haja uma verdadeira mudança das práticas docentes. Assim, Imbernón (2010) nos chama a atenção, afirmando que:

“(...) há muita formação e pouca mudança. Talvez seja porque ainda predominam políticas e formadores que praticam com afinco e entusiasmo uma formação transmissora e uniforme, com predomínio de uma teoria descontextualizada, válida

para todos sem diferenciação, distante dos problemas práticos e reais e fundamentada em um educador ideal que não existe”. (p. 39)

Para o autor, os cursos de formação continuam sendo palco de reivindicações. Enquanto não houver mudanças trabalhistas significativas, com melhorias de salários, promoção da carreira, pode-se até tentar criar uma falsa identidade do professor, mas não conseguirá formar um profissional inovador.

Assim, o autor afirma que a solução para este problema não é tão simples, pois não é simplesmente “aproximar as formações dos professores e dos contextos, mas, sim, em potencializar uma nova cultura formadora, que gere novos processos na teoria e na prática da formação, introduzindo-nos em novas perspectivas e metodologias” (Imbernón, 2010, p. 40).

Deve-se pensar uma formação para além de uma mera atualização profissional, que ajude o docente a descobrir, organizar, fundamentar, revisar e construir a teoria, uma vez que as mudanças ocorrentes na sociedade requerem aperfeiçoamento constante, o que tem exigido dos professores uma formação continuada voltada mais para a sua aprendizagem do que para o ensino (Imbernón, 2010).

Frente a estas discussões, compreendemos que os educadores precisam acompanhar as transformações e repensar suas práticas pedagógicas. Assim, como afirmam Moran *et al.* (2000),

“A produção do saber nas áreas do conhecimento demanda ações que levem o professor e o aluno a buscar processos de investigação e pesquisa. O fabuloso acúmulo da informação em todos os domínios, com um real potencial de armazenamento, gera a necessidade de aprender a acessar as informações. O acesso ao conhecimento e, em especial, à rede informatizada desafia o docente a buscar nova metodologia para atender às exigências da sociedade. Em face da nova realidade, o professor deverá ultrapassar seu papel autoritário, de dono da verdade, para se tornar um investigador, um pesquisador do conhecimento crítico e reflexivo. O docente inovador precisa ser criativo, articulador e, principalmente, parceiro de seus alunos no processo de aprendizagem. Nesta nova visão, o professor deve mudar o foco de ensinar para reproduzir conhecimento e passar a preocupar-se com o aprender e, em especial, o “aprender a aprender”, abrindo caminhos coletivos de busca e investigação para a produção do seu conhecimento e do seu aluno.” (p. 71)

Para Imbernón (2010), para que a mudança, de fato, ocorra, será necessário, “por parte dos formadores e das políticas de formação, uma visão diferente do que seja a formação, do papel dos professores nesta, e, portanto, uma nova metodologia de trabalho com eles” (p. 96). O desenvolvimento profissional docente se torna transformativo, conforme o autor,

“quando a formação deixar de ser um espaço de ‘atualização’ para ser um espaço de reflexão, formação e inovação, com o objetivo dos professores aprenderem” (p. 94). Por isso, torna-se fundamental a integração dos conceitos de formação e inovação pedagógica, para que haja, efetivamente, mudanças estruturais dentro do processo de co-construção de saberes, enfrentando, assim, os sistemas de reprodução social, através da escola.

CAPÍTULO 5 - Para além de perspectivas individualistas: a atuação curricular

Dentro de um escopo de discussão a partir de epistemologias plurais e de um paradigma emergente na educação, torna-se fundamental articular as noções de «desenvolvimento profissional docente» e «inovação pedagógica» com os estudos sobre currículo, uma vez que este é o elemento viabilizador do processo de ensino e aprendizagem, tornando-se imperativo o aprofundamento da compreensão interna de seus processos de estabilidade e mudança (Goodson, 1997).

Por reconhecer que o currículo se insere num campo de lutas e legitima certos grupos e tendências (Goodson, 1997), também se considera que o mesmo pode favorecer práticas pedagógicas baseadas na interculturalidade e na contextualização dos saberes (Candau, 2009; Fleuri, 2014). De acordo com Candau (2009), o currículo intercultural “afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas, didáticas, as atividades extraclasses, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade, etc.” (170). Logo, a escola não pode apresentar um conhecimento ou currículo uniforme e organizado de forma hierárquica, mas aberto aos múltiplos saberes do seu entorno, fundamentais para uma co-construção de saberes, que reconheça as parcialidades de saberes envolvidos no processo educativo, que traga uma real transformação criativa em seu entorno.

Essa criatividade de que se fala vincula-se à capacidade de construção de um saber situado para solucionar problemas locais (Santos, 2007). Ou seja, apresenta-se a ideia de uma escola aberta, tanto para a multicriação curricular quanto para a formação de reexistências formativas, que amplie as ressonâncias socioeducacionais dos contextos culturais diversos (Macedo, 2018). Diante disso, é preciso valorizar os conteúdos culturais selecionados no currículo (Santomé, 1998), de forma que possibilitem novos saberes, a partir dos saberes oriundos dos educandos, em suas múltiplas vivências, para além do paradigma tradicional de educação.

Importante ressaltar que a ideia da uniformização do conhecimento tem sua base na escola de massas, consolidada no século XIX, com o advento da industrialização, no âmbito da sociedade da época. Para tanto, necessitava-se de indivíduos aptos para lidar com o processo de industrialização crescente. Com isso, a escola tradicional baseava-se no ensino conteudista, com disciplinas estanques, com repetições de atividades iguais, ano após ano. O sistema educativo e pedagógico baseava-se no modelo de educação conhecido como Fordista e Taylorista, assim como nos afirma Kuenzer (1999):

“A pedagogia até então dominante, orgânica às formas de divisão social e técnica do trabalho e da sociedade a partir do taylorismo/fordismo, tinha por finalidade atender às demandas de educação de trabalhadores e dirigentes, dada uma clara definição de fronteiras entre as ações intelectuais e instrumentais, em decorrência de relações de classe bem demarcadas que determinavam o lugar e as atribuições de cada um.” (p. 167)

Esse tipo de escola perdura até o século XXI, na atualidade. Figueiredo (2011) questiona sobre a lenta evolução das escolas, no sentido de se transformarem em espaços criativos e inovadores. Há ranços da missão delegada às escolas, por ocasião da Revolução Industrial, quando tinha a responsabilidade de formar trabalhadores com disciplina e obediência. Nesse sentido, há uma grande necessidade de reformulação da escola, para que a mesma possa se adequar às mudanças da sociedade, sobretudo no que diz respeito às práticas pedagógicas, com modificações tanto no trabalho docente quanto em alterações do currículo escolar.

Na medida em que o currículo representa um importante aspecto a ser considerado pelas instituições educativas, passa a ser visto como um campo vasto de teorias e interpretações, no que concerne às suas concepções. Tendo em conta este princípio, partimos do pressuposto que o currículo é um sistema complexo que abarca diferentes significados.

De acordo com Macedo (2013b), há uma grande dificuldade, por parte dos trabalhadores em educação, em conceituar e perceber a dinâmica do currículo, além de compreender a sua dimensão político-pedagógica. Neste sentido, faz-se necessário destacar alguns conceitos, abordados por diferentes autores, para que tenhamos uma melhor compreensão das teorias norteadoras do trabalho dos educadores e das instituições educativas.

A palavra currículo vem do latim «curriculum», de «currere», que significa o ato de correr, percurso, não se constituindo como algo fixo, absoluto, mas como o resultado de tomadas de decisões. Assim, segundo Lopes (2006),

“[...] o currículo se tece em cada escola com a carga de seus participantes, que trazem para cada ação pedagógica de sua cultura e de sua memória de outras escolas e de outros cotidianos nos quais vive. É nessa grande rede cotidiana, formada de múltiplas redes de subjetividade, que cada um de nós traçamos nossas histórias de aluno/aluna e de professor/professora. O grande tapete que é o currículo de cada escola, também sabemos todos, nos enreda com os outros formando tramas diferentes e mais belas ou menos belas, de acordo com as relações culturais que mantemos e do tipo de memória que nós temos de escola [...]”. (p. 3)

A autora traz no bojo a definição de currículo como sendo parte das relações sociais, as quais passam a ser determinantes para o processo de aprendizagem, pois se constrói no encontro de diferentes culturas, na interação professor e aluno, nas práticas escolares em sala de aula.

Esta visão se aproxima da designação de Silva (2011), o qual afirma que:

“[...] O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, *currículum vitae*: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade”. (p. 150)

As especificidades do currículo variam em relação aos territórios, às comunidades, aos locais onde a instituição escolar está inserida. Nele se refletem as relações culturais e as relações de poder, de identidade, de autonomia, devendo-se levar em consideração as diversidades inerentes à sociedade.

Uma concepção mais construtiva do currículo é a de que ele pode contribuir com a construção da identidade dos estudantes, estimular suas capacidades, competências e sua criticidade. Nesse sentido, Amorim (2010) parte do pressuposto de que o currículo é compreendido “como aquilo que ocorre nas escolas e salas de aula, como resultado da interação entre os sujeitos do ato educativo e o objeto de conhecimento [...]”; o que “está em complexas relações de poder” (p. 456).

A definição de currículo proposta por Amorim (2010) revela uma concepção atual, pois quando trata da relação de poder que o currículo exerce, enquanto artefato cultural, indica que o mesmo acaba reproduzindo uma forma de alienação de grupos sociais em detrimento dos poucos que detêm o conhecimento e que reproduzem o que será transmitido aos estudantes, em seu percurso educacional.

Pensar em trabalhar com a ideia de currículo e formação envolve reunir um conjunto de conhecimentos tangentes ao processo de construção humana. Numa estimativa elevada, se um indivíduo for indagado sobre o que vem a ser currículo, antes de conhecer o que perpassa no universo acadêmico, pode ofertar, como resposta, algo simplista, que corresponde à ideia de rol de conteúdos, elencados ou lembrados a cada início de ano letivo.

Aquele que tem a oportunidade de cursar Pedagogia tem maior probabilidade de ampliar o entendimento sobre questões que envolvem os conceitos de currículo. Insatisfatoriamente, um grande número de professores de outras áreas das licenciaturas se

distancia dessa realidade, visto que as ementas não se atêm a essa proposta. Assim, esses profissionais, considerando a ementa, não são instigados a pensar nos atos de currículo, em sua responsabilização e autonomização frente à necessidade de (re)construção dos atos de ensino, amplamente, de propostas curriculares.

Alguns estudiosos deixam marcos fundamentais da teoria crítica que embasa o estudo sobre Currículo: Paulo Freire, Althusser, Bourdieu, Baudelot, Bernstein, Michael Young, Michael Apple, Willian Pinar, Madeleine Grumet e outros. Para Moreira e Silva (2011), “o currículo não é um elemento transcendente, atemporal, destituído de interesses”; ele “implica relações de poder, visões sociais particulares e interessadas, produz identidades individuais e sociais particulares, tem uma história vinculada à organização da sociedade e da educação” (pp. 7-8). Ainda, os autores afirmam que “ideologia, cultura e poder são conceitos centrais a orientar a análise do currículo, sintetizando as preocupações e problemática da teorização educacional crítica” (p. 39).

Paulo Freire (1974) não desenvolve uma teoria específica sobre currículo. Todavia, em *Pedagogia do Oprimido*, discute questões associadas às teorizações curriculares, tendo por base a dialética hegeliana das relações entre senhor e servo. O autor traz, implicitamente, uma crítica à escola tradicional, ocupando-se em retratar a necessidade de desenvolvimento da educação de adultos frente à condição subalterna destes. Quando trata da “educação bancária”, Freire aclara, sinteticamente, sua crítica à conjuntura vigente sobre currículo.

Dool Jr. (1997) desenvolve a ideia de currículo constitutivo, como uma matriz que emerge da ação e interação dos participantes, sem início ou fim, mas com fronteiras e pontos de interseção ou focos; ou seja, não-linear, mas com focos que se interseccionam, tornando-se uma rede relacionada de significados.

Conforme Macedo (2013a), há uma necessidade de os educadores entenderem o campo e o objeto de estudo do currículo como processos históricos, de interesses formativos e de empoderamento político. Essa condição é dada pelo envolvimento desses profissionais nas tomadas de decisões, na participatividade em momentos constitutivos de documentos e formalidades legais. Assim, o currículo tem um campo historicamente construído, mediado por argumentos e jogos caracterizantes de uma alteridade histórica.

Sacristán (2000) defende que a profissão docente não é algo apenas pessoal e criativa, assujeitada às possibilidades de formação e ao desenvolvimento do pensamento profissional autônomo dos professores. Segundo o autor, “possibilidades autônomas e competências do professor interagem dialeticamente com as condições da realidade que para

o que ensina vêm dadas na hora de configurar um determinado tipo de prática por meio da própria representação que se faz desses condicionamentos” (p.167). Considerando isso, é possível entender as ideologias, o redimensionamento de valores, as ações dos sujeitos como respostas suscitadas pelos discursos do outro.

Macedo (2011) retrata essa ideia ao falar sobre as itinerâncias e errâncias dos percursos formativos:

“Levando em conta que a formação não é uma ação simples, exoterodeterminada, não é um método, não é uma técnica, não é um processo de maturação, não pode ser confundida simplesmente com educação, nem com ensino ou aprendizagem, também não é a capacidade de guardar informações nem de armazenamento de um corpus de conhecimentos, preparação ou capacitação, e que os seres humanos existem em formação, faz-se necessário colocar em termos conceituais que a formação, não sendo uma propriedade privada da pedagogia, ‘ou é experiencial ou então não é formação’ (Josso, 1993, p...). Realiza-se na experiência de um Ser social que, ao transformar em experiências significativas os acontecimentos, informações e conhecimentos que envolvem, nas suas itinerâncias e errâncias aprendentes, ao aprender com o outro, suas diferenças, e identificações (hetero-formação/transformação), consigo mesmo (auto-formação), com as coisas, os outros seres e instituições (ecoformação), emergirá ‘formado’ na sua incompletude infinita.” (Macedo, 2011, pp. 109-110)

Fomentando a compreensão sobre currículo e formação, Macedo (2013b) conceitua o primeiro como artefato socioeducacional que toma forma mediante ação de “conceber/selecionar/produzir, organizar, institucionalizar, implementar/dinamizar saberes, conhecimentos, atividades, competências e valores” (p. 24), fitando uma determinada formação. Assim sendo, é latente que esse artefato se atualize de forma ideológica, veiculada por uma formação ética, política, estética e cultural – por vezes oculta, relativizada, não linear, incongruente e mutável.

A essa condição de atualizar, de agir em formação, da constante escrita e reescrita de documentos complexos – a exemplo de uma proposta curricular – que traduzem uma construção social, essencialmente coletiva e participativa, Macedo (2010) chama de «Atos de Currículo». Estes se tornam lugar da construção das hegemonias e re-existências, por processos híbridos, contextualizações, descontextualizações e recontextualizações, potencializando o caráter construcionista e relacional dos dispositivos de formação (Macedo, 2010).

Assim, alunos, pais, funcionários da educação, comunidade, movimentos sociais tornam-se atores/autores desses dispositivos, especificamente das propostas curriculares, ou

seja, tornam-se os responsáveis por uma práxis distanciada de um fenômeno exterodeterminado (Macedo, 2011). Nesse processo, considera-se, também, a questão da autoformação, imbricada com a experiência da autonomização:

“Para Pineau (2000), esta autonomização provoca um movimento de personalização, de individualização e subjetivação da formação. Entretanto, adverte Pineau, que este ator não é uma ilha, ele está em relação, em complemento e em tensão com o outro. É nesses termos que o interesse pelos processos autorizantes que envolvem o aprender a aprender, aprender a reaprender e a desaprender, hoje tão divulgados nos meios educacionais, devem deixar claro que não podem ser concebidos como fenômenos solipsistas, fechados no indivíduo, porque acontecem sempre a partir de conteúdos históricos, em relação com alguém, com alguma instituição; essa é uma totalização que determina formas e conteúdos formativos.” (Macedo, 2010, p. 68)

Macedo (2013a) afirma que a autoformação implica pensar nos variados dispositivos de pesquisa e pedagógicos que incentivam e criam condições de reflexão crítica, como a pesquisa-formação, a (auto)biografia formativa, as narrativas de aprendizagem e formação, visto que questionam e trabalham as representações de quem se forma. O autor diz que devemos valorar as ambivalências de diversidade na formação, por serem experiências cooperativas, mútuas, “coformativas”, todas conjugadas com responsabilização, como ato/atividade não-indiferente, como um gesto ético, situado e participativo.

Além de considerar essas prerrogativas, é preciso ativar o processo psicossocial que perpassa pelo viés do desejo. No processo de formação, também há a necessidade de se considerar o aspecto do querer ser/estar, do buscar entender os porquês – advindos de questões psicossociais –, de compreender as instâncias constitutivas que dão movimento às ações e interações humanas.

Silva (2010) traz, também, uma analogia entre o currículo e o desejo, incluindo a ideia do fetiche – freudiano, ou não –, interligada ao questionamento sobre a hipótese da autonomia do sujeito pedagógico.

“Falar do currículo como fetiche pode significar reestabelecer um elo entre conhecimento e desejo. A vontade de saber pode estar ligada, como argumenta Foucault, à vontade de poder, mas ela está ligada também, por outro lado, ao desejo e à energia erótica. Pensar no currículo como fetiche seria, nesse sentido, também pensar no conhecimento como capaz de, por meio das delícias da curiosidade, causar prazer e gozo.” (Silva, 2010, p. 107)

Considerando todos os aspectos em discussão, é possível dizer que há uma necessidade de desnaturalização das práticas do professor, em larga escala, de diversas práticas educacionais. Essa desnaturalização – ou desconstrução – pode ser executada a partir de estudos sobre currículo e formação. Problematicando o presente e explicando o que é e como ele se constitui através dos processos sociais e históricos de saber e poder, Foucault tentou um “esvaziamento da xícara” do sujeito, possibilitando a compreensão dos processos de subjetividades, sendo uma forma ativa de reconhecer a história da humanidade como consequente de suas práticas que se sustentam nas relações de força.

“A humanidade não progride lentamente, de combate em combate, até uma reciprocidade universal, em que as regras substituiriam para sempre a guerra; ela instala cada uma de suas violências em um sistema de regras, e prossegue assim, de dominação em dominação. É justamente a regra que permite que seja feita violência à violência e que uma outra dominação possa dobrar aqueles que dominam.” (Foucault, 1999, p. 25)

O discurso foucaultiano, sobre um sistema de regras que prossegue de dominação em dominação, produzindo a violência, pode ser posto paralelo ao estudo sobre currículo e formação, avultando a produção das subjetividades, dos modos de ser impulsionados pelas relações de força e submetidos ao controle de outrem.

Emerge, assim, a necessidade de formação continuada que contribua com o esvaziamento da xícara, que seja contestadora de identidades porosas, do sentido de possuímos um psiquismo apenas nosso, nascido de nós mesmos. Formação continuada embasada, também, em Pêcheux (1990), que considera o dizer, ou a censura dele, como determinado/a pelas formações discursivas que se encontram aliadas às formações ideológicas; em Deleuze (2001), que discute a construção do sujeito como processo vivo e provisório, vulnerável à ação de novas forças e acontecimentos; em Apple (1982), que repensa ideologia, currículo e poder a partir da complexidade dos planos ideológicos, culturais e econômicos, entrelaçados às questões educacionais; em Perrenoud (2001), que apresenta a possibilidade de um saber-fazer pedagógico mediado pela noção de competência; em Silva (2011), que traz uma crítica pós-estruturalista do currículo, enquanto documento de identidade.

Por fim, Morin (2005) demarca sobre a intenção de um trabalho constante de autoconhecimento, de autoelucidação, de autocrítica, interligado ao heteroconhecimento, à heterocrítica. Em diálogo com o autor, considerando todos os pensamentos expostos neste

capítulo, é possível afirmar que os sentidos de «auto» e «inter» se imbricam, por se fundarem no desejo de compreender o diferente: o eu tem suas facetas que mediam a compreensão das faces do outro, num movimento alter que “fala junto”, dando forma às experiências formativas, aquelas que inquietam, contextualizam e apreendem múltiplos movimentos históricos que constroem significativamente os percursos formativos e as pedagogias inovadoras.

Ora, se abordamos contextos culturais diversificados, valorizados dentro das epistemologias plurais e paradigma emergente, então falamos de interculturalidade, “um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve” (Candau, 2009, p.170). Perspectiva que envolve todo o processo educativo, inclusive a formação docente, como resultado de uma pluralidade de experiências e saberes multirreferenciados, os quais, segundo Macedo (2015), tornam o processo “como experiência aprendente irreduzível de sujeitos culturais” (p. 745). Seria, então, falar de um processo formativo que une “de forma conectiva perspectivas e experiências construcionistas mutuamente experienciadas, envolvendo possibilidades emancipacionistas em currículo e formação” (Macedo, 2018, p.1325). E esse processo dinâmico favorece/fomenta e subsidia espaços de inovação pedagógica.

Logo, é imprescindível ressignificar os saberes, em seu processo mais profundo, enquanto ator curricular que rompe com práticas conservadoras do processo de ensino e aprendizagem. Frente à diversidade de suas experiências e do contexto cotidiano da sala de aula, é que o docente, a partir da necessidade de inovar, busca novas práticas para incorporar a sua formação inicial (Nóvoa, 1997).

CAPÍTULO 6 - Dilemas enfrentados por professores no contexto educativo

Ao longo dos últimos anos, os sistemas educativos têm sentido os reflexos inevitáveis das transformações da sociedade. Assim, crescem também as exigências quanto à função social da escola, que não se restringe apenas em socializar o saber sistematizado, tampouco simplesmente possibilitar “apropriação” desse saber pelos estudantes, mas em desenvolver uma cidadania capaz de lidar com as circunstâncias do mundo atual.

O papel do professor, como já dito nesta pesquisa, também passa a ser questionado, uma vez que ele se torna responsável por desenvolver ações identificadas como atribuições da escola. Dele são exigidas capacidades de se relacionar, de ser criativo, de tomar decisões, de trabalhar coletivamente, de ser aberto à inovação. Não raro o professor é visto como resistente, acomodado, descompromissado, e isso apenas reforça o caráter vertical das imposições administrativas, trazendo reformas educativas de cima para baixo, reduzindo os docentes a meros executores das diretrizes de políticas educacionais (Canário, 1995).

Além disso, as mudanças ocorrentes na sociedade requerem aperfeiçoamento constante, o que tem exigido dos professores um desenvolvimento profissional, numa perspectiva voltada mais para a aprendizagem do professor do que para o ensino dos mesmos (Imbernón, 2010). Para o autor,

“A tradição da formação dos formadores ou dos planos de formação consiste em atualizar e culturalizar os docentes em conhecimentos de qualquer denominação ou tipologia. A formação continuada de professores, mais do que atualizar os assistentes, dever ser capaz de criar espaços de formação, de pesquisa, de inovação, de imaginação, etc., e os formadores de professores devem saber criar tais espaços, a fim de passarem do ensinar ao aprender.” (Imbernón, 2010, p. 93)

A prática educacional só muda quando o professor quer modificar, não quando o formador diz que precisa mudar. É notório o quanto os professores “resistem”, de uma certa forma, ao receberem propostas de mudança. A sua tendência é opor-se a quaisquer que sejam as modificações sobre suas práticas pedagógicas e assim o fazem, não por comodismo ou descompromisso, mas porque não é fácil agir diferentemente de suas crenças, de suas experiências, em favor de mudanças que desconhecem, das quais desconfiam, por não compreenderem o seu verdadeiro significado (Imbernón 2010; Garcia e Farias, 2005).

Essas “resistências” têm acontecido, em parte, devido a tantas reformas iniciadas e não efetivadas, de fato, gerando dúvidas e incertezas, conforme afirmam Garcia e Farias (2005):

“A descontinuidade das ações constitui-se, aliás, um dos maiores males da política educacional do país. A cada período governamental, nas várias instâncias de poder, programas e propostas são abandonados sem o devido cuidado em avaliar seus êxitos e fracassos.” (p. 64)

Assim, segundo os autores, por trás de discursos de inovação ou reformas educativas, configura-se um discurso hegemônico, promovido por políticas educacionais, de qualidade da educação. Essa é uma preocupação que se insere na agenda política de diferentes países, sobretudo os que estão em desenvolvimento, como forma de assegurar a produção nacional e desenvolver cidadãos capazes de operarem no mundo globalizado (Garcia e Farias, 2005).

Segundo Fullan (2009), todos os que vivenciam mudanças enfrentam diversos dilemas. O autor apresenta dilemas para o professor, tais como: deve

“buscar o desenvolvimento interno ou importar inovações externas? (...) trabalhar com voluntários ou com um grupo mais representativo? (...) usar números grandes ou pequenos? (...) concentrar na instrução ou na organização, ou em ambas? (...) experimentar grandes mudanças ou começar com mudanças pequenas? (...) ter bastante participação nos primeiros estágios ou não?” (p. 83)

E daí, lança-se o questionamento: Até que ponto a escola desenvolve sua capacidade local, de modo que ela saiba o que decidir sobre as melhorias necessárias e executá-las? Segundo o autor, algumas instituições, atualmente, têm essa capacidade. Em várias situações, inicialmente as mudanças são extremamente difíceis, representando dilemas também difíceis, gerando significados ou confusões, comprometimento ou alienação, ignorância ou atitude. Apesar disso, dependendo do que é feito durante a implementação, podem tornar-se grandes sucessos (Fullan, 2009).

De acordo com Hagemeyer (2004), “parece que a escola deve mudar e espera-se essa mudança principalmente no foco de atuação do professor” (p. 68). Para a autora, mesmo frente a grandes responsabilidades para a sua função, os docentes, de alguma forma, vêm respondendo às expectativas e exigências dessas mudanças.

Em relação às exigências impostas aos professores, os quais experimentam uma grande sensação de culpabilidade e de um trabalho intensivo, Hagemeyer (2004) afirma que “reorientar o papel do professor face à mudança não significa que este deva adaptar-se às exigências mercantilizadas ou neoliberais das novas configurações sociais e econômicas” (p. 69). A autora também ressalta que, no que diz respeito ao aluno, “o acesso ao conhecimento se dá concomitantemente à influência da mídia (televisão, internet, revistas, cinema, vídeos

etc.) e das relações que se dão na sociedade, como grupos de amigos (...) (p. 71). Assim, “na sociedade pós-moderna, a mudança de valores e significações, em que a própria destruição do homem também está posta, os professores sentem-se perplexos” (p. 71).

Sabemos que muitos fatores podem contribuir para o esgotamento do professor e, conseqüentemente, causar um grande mal-estar. O professor vive diariamente constantes dilemas e tensões diante das exigências do dia a dia: precárias condições de trabalho, incluindo baixos salários, falta de material adequado, excesso de aluno em sala de aula, imposições administrativas. Desse modo, Hagemeyer (2004) afirma que “tal processo de exaustão emocional, despersonalização e desistência da profissão, mesmo em atividade, já está presente em nossas escolas, ameaçando os objetivos da função docente e da própria educação escolar” (p. 72).

Mesmo com a caracterização desses desafios, podemos dizer que ainda existe uma boa parte de professores que permanece firme em sala de aula, trabalhando ativamente e lutando pelos seus objetivos e ideais. Esses profissionais nos fazem refletir sobre o quanto necessitamos de um trabalho de reorganização e suporte à profissão docente (Hagemeyer, 2004).

Perrenoud (2001) aponta que, mesmo entre professores mais experientes, surge uma espécie de contradição permanente ou equilíbrio instável, sob a forma de onze dilemas. Cada um desses dilemas gira em torno de algum mecanismo. Segundo o autor, nem a formação, nem mesmo a experiência consegue fazer com que esses dilemas sejam superados totalmente, mas ter consciência dos mesmos ajudará o docente a conviver com tal complexidade.

O primeiro dilema apontado por Perrenoud (2001) é: “Como controlar a tomada de palavra sem esterilizar as trocas e sem acabar com a espontaneidade e o prazer?” (p. 65). Este dilema gira “em torno da tomada da palavra e do silêncio” (p. 65), o qual o professor tem o privilégio de impor ou romper em sala de aula, em diversas situações, mas deverá ter o cuidado e a cautela de não deixar de dar oportunidade para o aluno se expressar, participar ativamente, pois, muitas vezes, a depender de como é interrompida a conversa, o mesmo pode participar sem envolvimento, sem prazer e, conseqüentemente, sem aprendizagem.

O segundo dilema (Perrenoud, 2001) “gira em torno da justiça” (p. 66), o qual indaga: “Como conseguir uma certa equidade sem magoar alguns e violentar outros, sem interferir nas regras do jogo social?” (p. 66). Este dilema, de acordo com o autor, aponta para um grande obstáculo, que é o de gerir a comunicação em sala de aula, no sentido de ter a cautela necessária, tanto para aqueles alunos mais inibidos, quanto para os que têm menos

dificuldade em se expressar, para não correr o risco de colocá-los em situações difíceis, como serem ridicularizados pelos seus próprios colegas, ou não prestarem atenção a eles.

O terceiro dilema apontado (Perrenoud 2001) gira “em torno da norma de linguagem”: “Como respeitar as normas da comunicação e da língua sem reduzir os alunos ao silêncio ou às banalidades prudentes?” (p. 67). O autor afirma que muitos alunos são interrompidos em suas mensagens por conta da forma, podem também sofrer reprimenda se disser algo antecipadamente ao programa do ano seguinte. Na verdade, o professor acaba por cobrar certas coisas para não ser “permissivo” perante a sociedade. Por outro lado, segundo o autor, “uma relação normativa com a cultura, com o conhecimento e com a língua constitui a identidade de uma parte dos professores” (p. 67), ou seja, não é fácil saber quando se remeter à norma ou quando se desviar dela, e se pode se aproximar de uma aprendizagem ou não.

O quarto dilema (Perrenoud, 2001) gira “em torno da mentira”: “Como valorizar a expressão aberta e honesta das ideias e dos sentimentos sem negar aos alunos o direito de ser atores, ou seja, de dissimular ou de enfeitar algumas vezes?” (p. 68). O autor afirma que exigir que o aluno revele seus erros ou mostre suas fraquezas significa exigir que o mesmo perca a sua identidade.

O quinto dilema (Perrenoud, 2001) gira “em torno da esfera privada”: “Como a vida pode entrar na escola sem violentar a esfera íntima dos alunos e de suas famílias?” (p. 69). Conforme o autor, é muito melhor atribuir projetos junto às famílias e à comunidade, como convidar os pais para alguma atividade ou uma pesquisa, levar objetos à escola, ou seja, partilhar da realidade dos alunos. É importante o professor saber argumentar sobre a vida cotidiana de seus alunos, como “o desemprego, o dinheiro, o racismo, a moradia, as drogas, a violência, o lazer, o trabalho, o consumo (...)” (p. 69). Dessa forma, o professor saberá muito da vida privada de seus alunos, sem precisar, mesmo sem ter a intenção, ofender, humilhar ou diminuir.

O sexto dilema (Perrenoud, 2001) gira “em torno do conflito”: “Como não tornar a comunicação asséptica, esvaziá-la de qualquer referência à vida e às suas contradições, aos conflitos sociais, sem colocar em risco os alunos e os professores?” (p. 69). Para o autor, a comunicação pode ajudar a solucionar conflitos, mas, ao mesmo tempo, pode ser utilizada para sufocá-los, como forma de manter a ordem.

O sétimo dilema, segundo Perrenoud (2001), gira “em torno do poder pedagógico”: “Como não eufemizar o poder na comunicação sem questionar a autoridade do professor? Como oferecer ferramentas de análise e de negociação sem ser o primeiro alvo delas?” (p.

70). Para o autor, via de regra, a expressão do poder legítimo da comunicação é do professor. É tão legítimo que não é questionado, porém se configura como um tabu da comunicação pedagógica. A comunicação está baseada nas relações de poder, e a sua aplicação é permitida, porém este aspecto é censurado. Assim, “não analisar os fenômenos do poder e da autoridade na sala de aula nem na escola é renunciar a ‘lições sobre as coisas’, que seriam a melhor forma de instrução cívica ou de educação para a cidadania” (p. 70).

O oitavo dilema apresentado (Perrenoud, 2001) gira “em torno da conversa”: “Como envolver os alunos no projeto principal sem privá-los do direito de conversar? Como encontrar um equilíbrio entre o controle minucioso dos propósitos e a explosão das conversas particulares?” (p. 71). Segundo o autor, o professor está em meio a um dilema que é levar a comunicação à sala de aula, sobre o assunto que ele decidiu falar, ou fazer os alunos falarem, ao passo que os alunos não podem ser privados de liberdade, eles sentem necessidade de falar sobre coisas estranhas à atividade proposta pelo professor. Logo, entende-se ser vital que os alunos tenham direito e tempo para conversar.

O nono dilema sugerido por Perrenoud (2001) é “em torno do erro, do rigor e da objetividade”: “Como dar espaço para as representações dos aprendizes sem colocar em circulação teorias falsas e dar-lhes crédito? Como autorizar todos a dizer o que acham sem cair no relativismo ou no obscurantismo? Como trabalhar com o erro sem legitimá-lo?” (p. 72). Para o autor, este é um dilema, talvez, muito mais complexo, pois se trata de lidar com escolhas difíceis – por exemplo, se não permitir a expressão dos alunos, irá limitá-los. Em contrapartida, suas teorias subjetivas e ingênuas poderão causar um grave problema, ao passo que, ao contrário, o professor depara-se com mundos por vezes coerentes, ou até mais convincentes que as teorias e conhecimentos científicos, porém corre o risco de dar direito a falsas teorias, por vezes mais sedutoras.

O décimo dilema (Perrenoud, 2001) gira “em torno da eficácia e do tempo didático”: “Como dar espaço para a construção interativa dos saberes sem que a conversa flua ‘em todos os sentidos’? Como não canalizar completamente a comunicação didática sem perder o fio condutor?”. (p. 72). Esse dilema, segundo o autor, reforça o sentimento de impotência do professor, pois ou ele deixa os alunos expressarem-se livremente, correndo o risco de perder o fio condutor, ou ele mantém sua aula, devido ao tempo que lhe é dado, com perguntas que já contenham as respostas, com um texto que não lhe permite nenhum tipo de liberdade.

O décimo primeiro dilema (Perrenoud, 2001) gira “em torno da metacomunicação e do sentido”: “Como dar espaço à metacomunicação e à busca de sentido sem desestabilizar o

grupo-classe e sem deixar de corresponder às expectativas da instituição?” (p. 73). Para o autor, não há como cobrarmos de um professor iniciante uma carga de saberes advindos de uma literatura vasta e interdisciplinar, dedicada à comunicação. Deve-se haver um avanço na profissionalização do ofício docente, com destaque para as competências de identificação e de resolução de problemas, de forma que os saberes eruditos devam ser progressivamente acrescentados a saberes construídos através de reflexões, a partir de sua experiência.

Perrenoud (2001) nos convida a refletir sobre as contradições advindas do novo paradigma da complexidade, apresentado por Morin (2008), a que este estudo se reporta, quando aborda o paradigma emergente. Torna-se fundamental que o docente venha orquestrar o saber erudito com o saber da experiência, reconhecendo as leituras de mundo que o cercam (Freire, 1996). Logo, ao mesmo tempo que o desenvolvimento profissional docente permite uma prática refletida, o professor precisa se abrir para outras formas de comunicação e construção de sentido, seja através do seu fazer pedagógico, seja na interação com o educando, reconhecendo as contradições e complexidades que envolvem essa dinâmica.

Assim, concordamos com Perrenoud (2001), quando o autor afirma que o professor se depara com diferentes dilemas na rede complexa que é o sistema escolar, que a escola é um espaço que apresenta encruzilhadas com novos e complexos tempos em que os docentes necessitam agir na urgência e decidir na incerteza.

PARTE III – Estudo Empírico –
CAPÍTULO 7 – O Contexto Educativo de Porto Seguro:
Territórios Plurais e Políticas de Investimentos para a
Inovação Pedagógica

Construir um currículo e práticas pedagógicas de forma contextualizada é um grande desafio, pois requer a desconstrução de um paradigma tradicional, pautado na noção de um conhecimento universal e descontextualizado, para uma dimensão ecológica, de valorização de diferentes saberes e que reconhece a dimensão situada/localizada do conhecimento.

Este capítulo objetiva apresentar o território de Porto Seguro-BA, como um espaço marcado por diferentes pluralidades que evidenciam um potencial dialógico e inovador dentro do contexto educativo, descrevendo, seja a partir da análise documental, seja a partir das entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa, os principais desafios e possibilidades que se colocam para o processo de transformação criativa das realidades existentes. Apresenta, também, como se estrutura a política de desenvolvimento profissional docente no território, a partir da articulação de normativas nacionais e locais.

7.1 Porto Seguro: um território de pluralidades e de potencialidades para a inovação pedagógica

O território de Porto Seguro-BA é marcado pela pluralidade social e cultural dos grupos que o integram: rurais – campo –, indígenas, ciganos, urbano periférico, entre outros. É uma cidade historicamente importante, por ser palco do encontro entre portugueses e indígenas.

De acordo com o «Inventário Social Pataxó» (Povo Pataxó, 2011), os índios Pataxó ocupavam parte da faixa litorânea e interior do Extremo Sul da Bahia e municípios do interior de Minas Gerais. Passaram por múltiplos processos de violências e expulsão dos seus territórios. O Povo Pataxó vive no Extremo Sul da Bahia, no Nordeste do Brasil, distribuído em cerca de trinta aldeias, nos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz de Cabrália, Prado, Itamaraju. Há, também, três aldeias no município de Carmésia e uma em cada um dos municípios de Araçuaí, Açucena e Itapeçerica, em Minas Gerais (Cardoso & Pinheiro 2012). Este grupo tem lutado pela valorização da língua «patxôhã», que significa linguagem de guerreiro, e desde 1998 as lideranças indígenas se uniram para estudar e pesquisar sobre a língua e começar a ensiná-la nas escolas indígenas.

Quanto à educação indígena, o Plano Nacional de Educação (Brasil, 2001) traz como primeiro objetivo, “Atribuir aos Estados a responsabilidade legal pela educação indígena, quer diretamente, quer através de delegação de responsabilidades aos seus Municípios, sob a coordenação geral e com o apoio financeiro do Ministério da Educação”. Segundo a

Avaliação Independente de Cumprimento dos Objetivos e Metas do Capítulo Educação Indígena (2011) do Plano Nacional de Educação – PNE –, Lei nº 10.172/01, essa meta foi cumprida por meio da Resolução Nº 03/1999.

A educação escolar indígena, em Porto Seguro- BA, é delegada ao município, segundo o Plano Municipal de Educação – lei municipal nº 1240/15. O município não possui legislação própria, quanto à categoria de Escola Indígena e Carreira de Professor Indígena, sendo utilizada a legislação Estadual e/ou Federal: o Decreto 8.471/03, que cria a categoria de Escola Indígena, no âmbito do Sistema Estadual de Ensino do Estado da Bahia; o Decreto nº 6.861, de 27 de maio de 2009, que dispõe sobre a Educação Escolar Indígena e define sua organização em territórios etnoeducacionais; e a lei nº 12.046/11, que cria a carreira de Professor Indígena, no Grupo Ocupacional Educação, do Quadro do Magistério Público do Estado da Bahia.

Existe um grande desafio de se construir um processo educativo que respeite a autodeterminação dos Povos Indígenas, seu aspecto pedagógico, seguindo as diretrizes do documento «Povos Indígenas e Governo da Bahia – recomendações para uma política pública de respeito e inclusão» (2006).

Cada espaço possui a sua história, seus dilemas e saberes. Quando falamos do território urbano, precisamos distinguir a região central da cidade, que possui infraestrutura de serviços públicos, e a parte periférica, carente desse tipo de serviço. O complexo Frei Calixto – conhecido como bairro Baianão – integra Casas Novas, Frei Calixto, Mercado do Povo, Nilo Fraga, Boqueirão, Paraguai e Vila Vitória. É um espaço que surgiu de forma desordenada, a partir da chegada de famílias, com pouca qualificação profissional formal, que vieram para a região após a queda da produção cacaueteira no sul da Bahia, em busca de empregos na área turística de Porto Seguro. É originado de uma ocupação irregular de terras, com características de área favelizada e circundada por diversos conjuntos habitacionais populares, considerado pela polícia e pelos moradores das outras áreas, o bairro mais violento da cidade. Em 2013, foi instalada no local a «Base Comunitária de Segurança de Porto Seguro» (Soares, França & Santana, 2016).

O espaço se estrutura dentro do viés da contenção, agregando famílias que sofrem com a falta de políticas públicas estruturais e com as múltiplas violências que cercam a infância e juventude periférica, em sua maioria negra. Os dados atualizados sobre a situação da violência no Município de Porto Seguro são alarmantes: - Em um ordenamento dos 100 municípios com as maiores taxas médias (2011/2013) de homicídio [por 100 mil], dos 243

municípios com mais de 4.000 adolescentes de 16 e 17 anos de idade, o Município estava na 3ª posição (Waiselfisz, 2016); - No Mapa da Violência de 2016, o Município aparece em 14ª posição, entre os 150 com mais de 10.000 habitantes, com maiores taxas médias (2012-2014) de homicídios por armas de fogo (Waiselfisz, 2016); - Em relação ao Índice de Vulnerabilidade à violência juvenil (2017), que leva em conta a violência entre os jovens, frequência à escola, situação de emprego, pobreza e escolaridade, o Município encontra-se em 44º lugar (Brasil, 2017). Outros espaços da cidade também se caracterizam pela precariedade de serviços públicos, como os bairros adjacentes, Cambolo e Mirante Caravelas.

Na zona rural da cidade também se sente os efeitos da exclusão social que afetou a identidade social que agrega outros modos de viver e produzir no campo, diferentes do modelo de desenvolvimento que associa capital e propriedade da terra (Wanderley, 2017). Nas escolas localizadas em assentamentos, como já mencionado nesta pesquisa, a construção do currículo é fundamentada pelas perspectivas de luta pelo direito à terra, ação consolidada com os trabalhos desenvolvidos por meio do componente curricular «Agroecologia», inicialmente de modo extracurricular, depois incluído no currículo formal das Escolas do Campo, no município, no ano de 2019. Outras escolas rurais localizadas em povoados mais distantes do centro urbano, como Vera Cruz e Queimado, também sofrem com a falta de políticas públicas locais.

A cidade também possui o distrito de Arraial D'ajuda, a 5 [cinco] quilômetros da sede municipal, o primeiro Santuário Mariano do Brasil. Arraial tem como fonte de renda, o turismo, as praias, atrações musicais, bares e restaurantes com gastronomia nacional e internacional. É um atrativo para turistas. Outro distrito, Trancoso, fica a 24 quilômetros da sede municipal, pela estrada de terra, ou a 42 quilômetros, pela estrada asfaltada (BA-001). O local carrega traços típicos da colonização e é muito conhecido pelas belezas naturais, o que atrai muitos turistas brasileiros e estrangeiros. Nas duas localidades, apesar de se estabelecer uma classe média e alta, também existem espaços de exclusão.

Caraíva é uma vila com população fixa, de 1000 habitantes. Está localizada a 60 quilômetros da sede, entre o Rio Caraíva e o Oceano Atlântico. Para chegar à vila, é necessário atravessar o Rio Caraíva, através do serviço de travessia por canoa. É uma área de preservação ambiental e também tem seus recursos advindos do turismo. Por estar isolada, a vila também sofre com o distanciamento de acesso aos serviços públicos. Encontra-se próxima à aldeia de Barra Velha, conhecida como a aldeia mãe Pataxó na região.

A cidade de Porto Seguro é conhecida pelo seu atrativo histórico, cultural, ecológico, possui variados ecossistemas, como planícies litorâneas, falésias, áreas úmidas – lagoas, mangues, brejos e pântanos –, que contribuem para a manutenção das cadeias alimentar e reprodutiva de aves e espécies aquáticas raras existentes nos recifes de corais na costa oceânica.

Trata-se de um território de pluralidades e de potencialidades também para a inovação pedagógica, pois tem a capacidade real de agregar, no campo educacional, a convivência democrática entre diferentes culturas, buscando a integração entre seus saberes, sem anular sua diversidade, “fomentando o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos” (Fleuri, 2005, p. 26).

Nesse território, há uma rica diversidade cultural que agrega indígenas Pataxó, colônias de pescadores e marisqueiras, produtores de cultivos tradicionais, entre outros. Contudo, será que esse potencial de saberes pode dialogar com o formato educacional local, propiciando práticas pedagógicas inovadoras? Torna-se fundamental aprofundar os estudos que possibilitem discutir os desafios e possibilidades de uma renovação pedagógica, visando melhoria do processo de ensino e de aprendizagem, de modo que todos se envolvam de forma participativa.

De acordo com o relato de uma formadora do Centro de Formação da Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro, em 2019,

“Além das dificuldades dos contextos, como as violências, a falta de apoio e acompanhamento dos responsáveis, a ausência de estrutura da escola para propor materiais que possibilitem atividades lúdicas (como o exemplo do professor que não conseguiu bambolês com a escola para atividade sobre movimento ou serem repreendidos por estar ofertando atividades lúdicas que estariam roubando o tempo da criança dentro da sala de aula) ou para oportunizar experiências fora do contexto escolar (professores reclamaram de não ter apoio da escola para atividades externas, como transporte). São dificuldades do dia a dia que impactam no aprendizado das crianças e que os professores precisam apreender sempre novas estratégias de enfrentamento destes desafios para ampliar os anos de permanência dos alunos dentro do sistema escolar, que ao longo do tempo vão se tornando mais difíceis, e que impactam na evasão escolar.” (Araújo, 2020, p. 210)

Apesar dos desafios elencados pelos educadores, os mesmos trouxeram também relatos de práticas inovadoras dentro do seu contexto educativo, as quais consideram importantes para a construção de uma educação intercultural:

“A possibilidade de sair do espaço físico educacional para oportunizar aulas práticas e aldeias Pataxó na região e assentamentos do Movimento dos Trabalhadores rurais sem Terra (MST); a inclusão da disciplina de agroecologia no currículo das escolas de educação do campo; práticas de leitura com contos indígenas, africanos e rurais; integração dos saberes indígenas, rurais, urbano periférico e ciganos dentro do processo de aprendizado local; compartilhamento da história dos africanos e indígenas no Brasil a partir de uma perspectiva decolonial.” (Araújo, 2020, p. 211)

São exemplos como esses que demonstram, mesmo em meio aos desafios, as grandes possibilidades de se valorizar os múltiplos saberes existentes, em uma perspectiva ecológica. A integração de diferentes saberes, de forma a valorizar a democracia cognitiva, situando o conhecimento para a transformação social local, que acontece com a mudança no currículo e nas práticas pedagógicas – como relatado acima –, possibilita principalmente uma mudança criativa nos modos de ser e pensar dos sujeitos que integram o processo participativo, pois amplia as formas de olhar e ver a realidade a partir de visões outras de mundo.

Essa percepção empírica também se confirma nos estudos de Behrens (1999):

“Por muitos anos, ao trabalhar na formação pedagógica dos docentes universitários, acreditou-se que bastaria instrumentalizar o professor com procedimentos técnicos para a renovação da prática. Ao utilizar tecnologia, o professor pode oferecer uma ação pedagógica inovadora. Desta reflexão, aparece uma nova indagação: Será que ao utilizar recursos didáticos e, em especial, os recursos informatizados, o professor altera seu paradigma cartesiano de oferecer ensino aos alunos, ou troca o caderno e o quadro de giz pelo monitor do computador?” (p. 384)

Assim, este estudo transcende a questão tecnológica, para compreender a inovação pedagógica em seu pressuposto epistemológico, partindo de novos paradigmas para a emancipação. Logo, o foco da pesquisa é evidenciar outras potencialidades no processo de inovação pedagógica, que compreendam o próprio espaço social em que o educador se insere.

No caso deste estudo, a cidade de Porto Seguro se localiza no Território de Identidade Costa do Descobrimento, um espaço de diversidade histórica e cultural riquíssimo, que agrega minorias sociais mais vulnerabilizadas, como trabalhadores rurais sem-terra, pescadores, marisqueiras, indígenas, periféricos, dentre outras. Essas minorias, que por muito tempo foram excluídas dos espaços de produção de conhecimento, começaram a lutar pela inserção nos espaços educacionais, ofertando contribuições para a construção de um saber ecológico, conectado com a realidade, que liga o global do local (Santos & Menezes, 2010).

Diante de tanta diversidade, surge a necessidade de se mobilizar e construir saberes novos, a partir da existência de um espaço de troca de ideias, diálogos e debates coletivos que tendem para o repensar e o reformular do seu próprio contexto. Fala-se, então, de uma modificação nas concepções de ensino e de aprendizagem, do pensamento, hábitos e atitudes dos professores (Carbonell, 2002; Melo, 2007). Com toda essa construção intelectual, o que se pretende é saber, no campo empírico, como as políticas públicas de desenvolvimento profissional docente têm gerenciado, em âmbito local, toda a riqueza de conhecimentos existentes, fomentando ou não práticas pedagógicas inovadoras, e se os mesmos têm sido utilizados pelos docentes como potencial transformador da realidade.

7.2 Políticas de investimentos no processo de desenvolvimento profissional no contexto de Porto Seguro-Bahia²²

Ao objetivar caracterizar o formato de políticas de investimento no processo de desenvolvimento profissional, através da Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro-BA, analisamos uma série de documentos oficiais, nacionais e locais, para verificar se este formato influencia ou não o fomento/surgimento de práticas educativas com inovações pedagógicas nas escolas públicas municipais, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Tabela 4

Documentos oficiais analisados

ANO	INST.	ESPECIFICIDADE ANALISADA	AUTOR
1988	CFRB ²³	Artigo 214 – a lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do poder público que conduzam à V – promoção humanística, científica e tecnológica do país.	MEC
1996	LDBEN ²⁴ 9394/96	Art. 62 § 8º Os currículos dos cursos de formação de docentes terão por referência a Base Nacional Comum Curricular. (Incluído pela lei nº 13.415, de	MEC

²² Alguns trechos foram extraídos da dissertação intitulada “Da formação inicial a formação continuada de professores/as: a arquitetura do desenvolvimento profissional docente, da autora: Ferreira, K. C. S., disponível em: <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/7613>

²³ Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988.

²⁴ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96.

		2017)	
1999	RFP ²⁵	Referenciais para Formação de Professores (p. 16).	MEC
2003	RNFCP ²⁶	Rede Nacional de Formação Continuada de professores da Educação Básica (p. 6)	MEC
2007	PDE ²⁷	Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007 – Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE	MEC
2009	PNFPMEB ²⁸	Decreto nº 6.755, de janeiro de 2009 – Política Nacional de Formação dos Profissionais do Magistério da Educação Básica (revogado)	MEC
2014	PNE ²⁹ – 2014/2024	Meta 5 – Estratégia 5.4: fomentar o desenvolvimento de tecnologias educacionais e de práticas pedagógicas inovadoras que assegurem a alfabetização e favoreçam a melhoria do fluxo escolar e a aprendizagem dos(as) alunos(as), consideradas as diversas abordagens metodológicas e sua efetividade	MEC
2015	Resolução nº 2 - 1º/07/2015	Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.	MEC
2018	BNCC ³⁰	Competências 4 e 5: 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras e escrita), corporal, visual, sonora e <u>digital</u> -, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. 5. Compreender, utilizar e criar <u>tecnologias digitais de informação e comunicação</u> de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2017, p. 7, grifos nossos).	MEC
2018	CENFOPE ³¹	Projeto de implantação do Centro de Formação Continuada dos Profissionais da Educação.	SME Porto Seguro
2018	CENFOPE	Regimento: Art. 2º – Compete ao Centro de Formação Continuada dos Profissionais da Educação de Porto Seguro (CENFOPE): I – incentivar a pesquisa acerca do ensino e da	SME Porto Seguro

²⁵ Referenciais para Formação de Professores – MEC 1999.

²⁶ Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica – MEC (Brasil, 2008).

²⁷ Plano de Desenvolvimento da Educação – Plano de Metas Todos Pela Educação – MEC 2007.

²⁸ Política Nacional de Formação dos Profissionais do Magistério da Educação Básica – MEC 2009 (revogado).

²⁹ Plano Nacional de Educação 2014/2024.

³⁰ Base Nacional Comum Curricular – MEC.

³¹ Centro de Formação Continuada dos Profissionais da Educação – CENFOPE – SME

		aprendizagem; II – firmar convênios e parcerias visando à formação continuada de professores da Educação Básica; III – realizar atividades de avaliação e produção de material didático; IV – integrar equipes compostas por profissionais de diferentes áreas de conhecimento para desenvolvimento de ações articuladas voltadas para a melhoria da Educação Básica; V – contribuir para a formação de alunos/as inseridos na Educação Básica.	
2019	Resolução nº 2 - 20/12/2019	Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação).	MEC
2020	Resolução nº 1 - 27/10/2020	Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada).	MEC

Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

A legislação brasileira e as políticas públicas educacionais no Brasil apontam que, para a melhoria da qualidade do ensino, é preciso abrir espaço para a inovação nas práticas pedagógicas. A Constituição Federal do Brasil, em seu artigo 214, diz que a lei deverá estabelecer um “plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do poder público que conduzam à (...) promoção humanística, científica e tecnológica do país” (Brasil, 1988, Artigo 214, grifo nosso).

Já na década de 1990, o Ministério da Educação reconhecia que a formação dos professores era insuficiente para dar conta dessas demandas sociais, daí a homologação da LDBEN 9394/96 e, conseqüentemente, a criação do «Referencial para Formação de Professores»: “É consensual a afirmação de que a formação de que dispõem os professores hoje no Brasil não contribui suficientemente para que os alunos se desenvolvam como pessoas, tenham sucesso nas aprendizagens escolares [...]” (Brasil, 1999, p. 16).

O artigo 62 da LDBEN 9394/96 também faz referência à formação docente, como podemos identificar em seu parágrafo único: “Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação

básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação” (Brasil, 1996, Artigo 62).

A partir de 2003, foram implementadas ações com o intuito de contribuir com a qualidade do ensino, sobretudo no que concerne à formação de professores. Uma dessas ações foi a criação da «Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica», no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Essa rede foi criada com o objetivo de coordenar, oferecer suporte técnico e financeiro, para “o desenvolvimento e oferta de programas de formação continuada, implementação de novas tecnologias de ensino e gestão em unidades escolares e sistemas estaduais e municipais” (Brasil, 2008, p. 6).

Em 2007, outra ação criada pelo governo federal, visando à melhoria da qualidade da educação básica, foi o «Plano de Desenvolvimento da Educação» – PDE –, o qual instituiu, através do Decreto n 6.094, de 24 de abril de 2007, o «Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação», um programa estratégico, criado para o atendimento da demanda educacional e para a melhoria dos indicadores educacionais. A partir da adesão ao Plano de Metas, os entes federados – estados, município e distrito federal – passaram a elaborar seus planos, chamados «Planos de Ações Articuladas» – PAR –, tendo, assim, a oportunidade de refletir sobre suas necessidades, em termos de ações, demandas, prioridades, além de “assegurar a formação exigida na LDBEN para todos os professores que atuam na educação básica” (Brasil, 2015, p. 6).

Uma das prioridades do PAR foi a formação inicial de professores, em exercício, da rede pública de educação básica. Para que essas formações ocorressem, o MEC propôs, através do Ofício Circular GM/MEC, nº 118/08, em julho de 2008, ações de planejamentos estratégicos, os quais foram aprimorados com o Decreto nº 6.755, de janeiro de 2009, que “instituiu a Política Nacional de Formação dos Profissionais do Magistério da Educação Básica, com a finalidade de organizar, em regime de colaboração da União com os estados, Distrito Federal e municípios, a formação inicial e continuada desses profissionais”, possibilitando à «Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior» – CAPES –, fomentar programas de formação inicial e continuada (Brasil, 2015, p.6). O referido decreto foi revogado e substituído posteriormente pelo Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016.

O «Plano Nacional de Formação», instituído no Governo Dilma Rousseff, foi “destinado aos professores em exercício das escolas públicas estaduais e municipais sem formação adequada à LDB”. Oferece “cursos superiores públicos, gratuitos de qualidade, (...) cobrindo os municípios de 21 estados da Federação, por meio de 76 instituições públicas de

educação superior, das quais 48 federais e 28 estaduais, contando também com a colaboração de 14 universidades comunitárias” (Brasil, 2015, p. 7).

O PNE – «Plano Nacional de Educação» –, promulgado pela Lei nº 13.005/2014, traz como uma das estratégias da meta 5 [cinco], a qual visa “alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do terceiro ano do ensino fundamental”, o fomento ao desenvolvimento de tecnologias educacionais e a práticas pedagógicas inovadoras, como melhoria da aprendizagem dos estudantes (Brasil, 2014, p. 58, grifos nossos).

Desse modo, o PNE orientou que fosse criada uma «Base Nacional Comum Curricular» – BNCC –, a qual deveria estabelecer diretrizes pedagógicas para a educação básica, com direitos e objetivos de aprendizagem para o desenvolvimento dos alunos, respeitando as diversidades regional, estadual e local (Brasil, 2014). Assim, a BNCC traz, em seu bojo, 10 competências gerais que indicam o que deverá ser aprendido pelos estudantes. No quesito inovação pedagógica, ela apresenta, na quarta e na quinta competência, contextos relacionadas à inovação. Entretanto, neste caso, o texto refere-se à inovação tecnológica.

“4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (Brasil, 2018, p. 7, grifos nossos)

Embora a introdução da BNCC cite a palavra “educação inovadora”, podemos observar, nos excertos, que a palavra inovação pedagógica não foi citada, deixando transparecer que há um reforço em insistir que inovação pedagógica está atrelada à inovação tecnológica.

Consideramos que, dentre tantos aspectos intervenientes no processo em prol da melhoria da prática pedagógica, um deles tem um papel fundamental, o professor. No entanto, percebemos um grande abismo em relação ao que é proposto pela literatura, quanto à inovação e aos professores, já que vislumbramos uma grande diferença entre o que temos, teoricamente, nas legislações e nos documentos oficiais, e o que realmente nos é oferecido pelos contextos educacionais.

Fullan (2009) afirma que “as condições do ensino, com algumas exceções, parecem

ter se deteriorado nas últimas duas décadas” (p. 123). Para o autor, reverter essa situação deverá se situar no centro de qualquer iniciativa de reforma educativa. Assim, “o estresse e a alienação do professor atingiram o maior nível de todos os tempos, a julgar pelo aumento em doenças relacionadas com o trabalho e pelo número de professores que deixa ou quer deixar a profissão” (p. 123).

O autor aponta fatores que impulsionam essa problemática:

“A variedade de objetivos educacionais e expectativas para as escolas e a transferência de problemas da família e da sociedade para a escola, juntamente com a imposição de diversas iniciativas de reforma desconectadas, representam condições intoleráveis para um desenvolvimento educacional contínuo e experiências de trabalho satisfatórias.” (Fullan, 2009, p. 123)

Segundo o autor, a mudança, além de ser inevitável, é necessária, “porque muitos professores estão frustrados, aborrecidos e esgotados”. Todavia, “os professores devem aumentar a sua capacidade de lidar com a mudança, pois, se não o fizerem, eles continuarão a serem vitimados pela inexorável intrusão de forças externas de mudança” (Fullan, 2009, p. 130-131).

Hagemeyer (2004) também aponta para a necessidade de mudança, ao afirmar que:

“O mundo pós-moderno é rápido, comprimido, complexo e inseguro. A incerteza ideológica se opõe à tradição judaico-cristã, na qual se baseiam muitos sistemas escolares, suscitando crise de identidade e de finalidades em relação a novas missões. A busca de formas de decisão mais cooperativas está apontando para caminhos mais colaborativos, ainda questionados por líderes escolares que temem perder seu poder.” (p. 76)

Considerando-se uma época de aumento das informações, dos conhecimentos e das inovações, os sistemas educativos se deparam com o grande desafio de enfrentar essas mudanças. Principalmente no tempo presente, diante de uma pandemia que atinge a humanidade, em que as restrições referentes ao contato pessoal foram ampliadas, os desafios de se repensar novos formatos de conectividade educacional tornam-se cada vez mais constantes.

Para além dessa preocupação pertinente, torna-se fundamental a reflexão de que não basta apenas comprar computadores e equipamentos sofisticados, ou ampliar o acesso à internet, para que se resolva a grande problemática de uma educação para a autonomia. Inovar vai muito além de incluir tecnologias à educação, significa ter uma visão geral da necessidade

dos estudantes, que consequentemente vêm adquirindo novos valores.

As transformações ocorridas nos convidam a refletir de que forma esses profissionais podem atuar nas instituições escolares de modo a constituírem uma educação que considere o sujeito integral, não recortado apenas em sua dimensão racional, mas emocional, social, cultural, espiritual, por exemplo. Desse modo, o grande desafio das instituições formadoras é o de oferecer uma formação que consiga atender as necessidades dessa sociedade em transformação, devendo, assim, propiciar ao professor momentos de formação que valorizem a sua própria trajetória e experiências, enquanto constitutivo de uma co-construção de saber dinâmico e inacabado, com o objetivo de poder criar intervenções em suas aulas, com uma maior autonomia e dinamicidade, visando à inovação pedagógica.

Chamamos a atenção para a Resolução nº 2, de 1º/07/2015, aprovada no Governo Dilma Rousseff, que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior – cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura – e para a formação continuada que estava em processo de implantação nas universidades. Esta resolução traz, em seu bojo, amplas discussões com as entidades civis, bem como com as principais entidades educacionais, a saber: ANFOPE – Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação; Anped – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação; Anpae – Associação Nacional de Política e Administração da Educação. O seu texto traz reflexões importantes, como o respeito às diferenças, questões sócio-ambientais, valorização da diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, bem como aspectos como a gestão democrática e a educação inclusiva.

O Conselho Nacional de Educação emitiu a Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019, a qual “define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e Institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação)” (p. 1), a partir do que propõe o § 8º do artigo 62 da LDBEN/1996, o qual estabelece que os currículos dos cursos de formação de professores terão por referência a BNCC – Educação Básica (Brasil, 2019).

O texto da Resolução CNE/CP nº 2 propõe alterações no currículo das instituições de formação de professores, padronizando-o para as áreas de licenciatura de todo o território nacional. Esta resolução vem exigir o estabelecimento de competências profissionais dos professores e incubir-lhes do cuidado e do zelo da aprendizagem dos estudantes e do processo de ensino e de aprendizagem, cuja finalidade primordial está nos “resultados de aprendizagem” (Brasil, 2019).

Sobre esta resolução, Rodrigues *et. al.* (2019) ressalta que:

“O documento segue apresentando dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) para afirmar que a qualidade dos professores é o fator mais importante para explicar o desempenho dos alunos. Chamamos a atenção para o fato de que para o documento este não é um dos fatores mais relevantes, ele é o fator mais importante. Afirmações semelhantes estão presentes em diversos trechos da BNCFP e, desta forma, responsabilizam absurda e irresponsavelmente os docentes pelo desempenho dos alunos.” (p. 11)

Nesse contexto, surgem os dilemas e as tensões vividos pelos professores, em suas práticas educativas. Ao lidar com as circunstâncias do mundo atual e com as exigências dos sistemas educativos, esses profissionais passam a ser questionados, vistos como principais responsáveis pelo desenvolvimento das funções destinadas à escola e pela aprendizagem dos estudantes. É nesse cenário que as políticas educacionais deverão voltar os seus olhares para a figura do professor e da sala de aula, oferecendo uma boa estrutura do sistema educacional, melhores condições de trabalho, salários dignos e políticas públicas efetivas.

O Conselho Nacional de Educação também emitiu a Resolução CNE/CP nº 1, de 27 de outubro de 2020, a qual “define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores para a Educação Básica e Institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica (BNC-Formação Continuada)” (p. 1), a qual deve ser implementada em todas as modalidades dos cursos e programas destinados à formação de professores da educação básica, que terão por referência a BNCC – Educação Básica (Brasil, 2020)³².

Importante se faz refletir sobre essas legislações que se submetem uma à outra, além de se submeterem à Base Nacional Comum Curricular, o que faz com que seja ignorado todo um histórico do campo da formação de professores, inclusive de entidades como Anped, Anpae, ANFOPE, que se posicionam a favor do que está posto na Resolução nº 2, de 2015, a qual traz uma proposta de uma formação teórica, interdisciplinar, que defende uma unidade entre teoria e prática, o trabalho coletivo, o compromisso social e a valorização do profissional da educação. Essa resolução traz um capítulo específico sobre essa valorização, entendendo que ela envolve tanto a formação inicial quanto a continuada, a carreira, salários e condições de trabalho, direitos que desaparecem do texto das Resoluções de 2019 e de 2020.

³² Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=164841-rcp001-20&category_slug=outubro-2020-pdf&Itemid=30192

O padrão de qualidade preconizado pela Resolução nº 2, de 2015 apresentava-se na proposta de criação de núcleos, na perspectiva formativa, deixando as instituições e universidades definirem, a partir de suas vivências, o projeto institucional de formação. As novas resoluções que revogam a de 2015, ao contrário disso, caminham para uma padronização curricular, em detrimento de políticas estruturantes, apontam para a centralidade do local, a partir de onde essas formações devem ocorrer, tirando a autonomia dos Municípios e Estados, para criarem os seus centros de formação. Estes, de uma certa forma, estariam ligados às Universidades, voltando para o Governo Federal a responsabilidade de formar os professores, centralizando nas instituições vinculadas ao Ministério da Educação, sejam públicas ou privadas, a formação do professor, a partir da Base Nacional Comum de Formação. Assim, essas formações são engessadas, pois todo o país terá um único modelo de formação, baseado na BNC-Formação, enfatizando o conhecimento pedagógico do conteúdo.

Um dos aspectos que podemos observar, na resolução de 2019, é a extinção do texto que trata das questões de diversidade étnico-racial, de gênero, religião, demonstrando disputas atuais no campo da cultura ideológica presentes no cenário educacional. São mudanças como essa que colocam em evidência as relações de poder que envolvem a construção do currículo. Revelam, também, através das lutas coletivas, que muitos saberes foram invisibilizados, ao longo do tempo, no espaço educacional, e que se torna fundamental o revisitar dessas memórias e histórias como fonte de mudanças estruturais no campo educativo.

Outro aspecto sublinhado nesta resolução é que, apesar da mesma tratar da formação do professor como algo importante, com uma quantidade extensa de carga horária, para que o professor seja formado com qualidade, ela traz, em seu bojo, uma redução, quase que pela metade, da carga horária de formação para profissionais que não tenham licenciatura, ou seja, para graduados, como é possível observar no Capítulo 6 – « Dilemas enfrentados por professores no contexto educativo » –, o que, de uma certa forma, desmerece a formação de professores. Evidencia-se que não é prioridade do Poder Público o investimento de qualidade em desenvolvimento profissional docente, sendo essa luta por qualificação uma bandeira dos próprios profissionais, que se articulam coletivamente para alcançar mudanças legislativas.

Partindo da necessidade de se implementar políticas voltadas para o desenvolvimento profissional docente na cidade de Porto Seguro, no ano 2018 a Secretaria Municipal de Educação – SME – criou o Centro de Formação Continuada dos Profissionais da Educação – CENFOPE, com o objetivo de desenvolver ações voltadas para a formação continuada dos

profissionais envolvidos com a educação do município, com vistas à garantia do direito a uma educação de qualidade para alunos da rede pública municipal.

A finalidade do CENFOPE é propor o diálogo com os educadores que atuam na rede municipal, bem como com educadores de outras instituições, como universidades federais, estaduais ou privadas, visando estabelecer parcerias em prol da consolidação de uma educação que esteja ao alcance de todos, no sentido de desenvolver atividades voltadas para o estudo da realidade educacional do município, do ensino e da aprendizagem, com o objetivo de fomentar ações voltadas para a melhoria da educação básica, atendendo, desse modo, não apenas as necessidades dos profissionais a ela atrelados, mas também dos alunos (Porto Seguro, 2018).

Sendo administrado por uma equipe escolhida pelo setor pedagógico da Secretaria Municipal de Educação, o CENFOPE busca a consolidação de parcerias com profissionais colaboradores, tanto os que atuam na rede pública municipal quanto os oriundos de outras instituições, bem como com alunos inseridos em grupos de pesquisa das universidades locais e de outros municípios, visando firmar o projeto de formação continuada, maior objetivo do centro (Porto Seguro, 2018).

“A grande meta do CENFOPE é promover reflexões dialógicas com educadores/as de Porto Seguro, acerca da Educação no município, dos avanços, dos entraves, das possibilidades de se desenvolver uma prática pedagógica que esteja voltada para a inserção de alunos e alunas na sociedade, como cidadãos conscientes dos seus direitos, por meio da ampliação do conhecimento, da problematização, da construção e reconstrução de saberes.” (Porto Seguro, 2018, p.3)

O CENFOPE é uma proposta de formação continuada para todos os profissionais da educação – professores, gestores, vigilantes, secretários escolares, bibliotecários, manutenção e almoxarifado, inspetores, coordenadores pedagógicos –, organizados por núcleos de localização, níveis e modalidades de ensino, com temas voltados para a realidade das instituições escolares.

À Secretaria Municipal de Educação, cabe a responsabilidade de disponibilizar recursos para o funcionamento do Centro, auxiliando a coordenação geral no desenvolvimento do seu trabalho, criando a equipe logística, garantindo condições de transporte e alimentação, formando parcerias com outras instituições.

O projeto é desenvolvido com os docentes que atuam em escolas contempladas com a Reserva Técnica – RT³³. A regularidade dos encontros é quinzenal. Desse modo, no tempo da reserva docente, os professores participam de 02 [dois] encontros mensais, com carga horária de 04 [quatro] horas.

Os conteúdos presentes nas formações, segundo a coordenação geral do CENFOPE, são: organização do trabalho docente na escola, planejamento, sequências didáticas, diversidade étnico-racial e de gênero, alfabetização, avaliação da aprendizagem, noções básicas de primeiros socorros e inovações pedagógicas na ação docente. A proposição dos temas/ementas pode sofrer alteração, a depender da demanda trazida pelos cursistas, bem como a partir da iniciativa de cada formador.

Vale ressaltar que, embora o tema «inovações pedagógicas na ação docente» apareça dentre os conteúdos propostos no projeto do centro, houve apenas um encontro de formação com a temática para os professores do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, o que nos faz refletir sobre o quanto este tema não é prioridade nas formações propostas.

Nos últimos anos, ações da Secretaria Municipal de Educação têm demonstrado uma maior preocupação com as três primeiras etapas dos anos iniciais do Ensino Fundamental [1º ao 3º ano], haja vista a constante adesão do município a programas de formação continuada na área de alfabetização, atrelados ao governo federal ou estadual. Como exemplo, os programas PCN, PROFA, PRÓ-LETRAMENTO, PACTO, PNAIC, o que aponta para uma certa indiferença em relação aos desafios enfrentados pelos professores do 4º e do 5º ano. Desse modo,

“quem atua na área da alfabetização no município de Porto Seguro, a princípio recebe formação há mais de uma década, enquanto os/as professores/as dos anos seguintes enfrentam o desafio de lidar com as situações adversas da sua sala de aula, sem o auxílio de uma formação que lhes ajude a exercitar o processo de ação-reflexão-ação”. (Porto Seguro, 2018)

Antes da criação do Centro de Formação de Professores, as formações eram organizadas pelo Departamento Pedagógico da SME, pensadas e organizadas pelos

³³Reserva Técnica – RT: equivale a 1/3 da carga horária dos professores, reservada para atividades complementares, planejamento, dentre outras. Nem todas as escolas de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Porto Seguro possui RT. Naquelas que não possuem, os professores trabalham em regime de 40 horas de efetiva sala de aula, sendo compensados por esta ausência, com um percentual sobre o salário.

coordenadores de cada setor ali existente. Todavia, sua execução apresentou uma série de demandas, como:

“cumprimento da contrapartida que o município necessita oferecer, no momento em que realiza as adesões aos programas, como diárias dos/as formadores/as para hospedagens e alimentação; dificuldades para conseguir profissionais especialistas para ministrarem os cursos, pois os mesmos não conseguem reduzir sua carga horária de trabalho nas escolas, a fim de atuarem nas formações. Quando isso ocorre, vivenciam instabilidades, no que diz respeito ao retorno às suas escolas de origem, para adequação do retorno à sua carga horária, além de sofrerem perdas salariais, por saírem de sala de aula, para exercerem a função de formadores/as na Secretaria; falta de subsídio financeiro necessário para desenvolvimento do curso”.

(Ferreira, 2016, p. 82)

Nesse período, foram constatadas diversas queixas, por parte dos professores, no que diz respeito ao tratamento dado às formações, pela Secretaria Municipal de Educação. Uma delas aponta para cursos com pouca significância e com pouco tempo de duração, não dando conta das demandas existentes em sala de aula (Ferreira, 2016). A análise desses fatores, como grandes entraves para o bom desenvolvimento de ações para um trabalho efetivo com formações de professores, foi o ponto de partida para a criação do CENFOPE, em 2018.

De acordo com o Projeto de Criação do CENFOPE, é imprescindível que o centro contribua para uma educação que distancie cada vez mais os alunos do município de Porto Seguro da condição de invisibilidade, inserindo-os nos diversos espaços onde suas vozes possam ser ouvidas, independente das diferenças que cada um deles apresenta.

A coordenação do centro conta com o apoio de um Conselho Deliberativo, órgão que garante a transparência e a equidade das decisões tomadas, composto por representantes de todos os envolvidos com o trabalho ali realizado, mais a representação do setor pedagógico da Secretaria Municipal de Educação.

No Projeto de Criação do CENFOPE, há uma construção dialógica dos fundamentos do Centro, com discussões acerca do processo formativo dos docentes, a partir dos estudos de Nóvoa (1995; 2017), Veiga (2008), Amorim e Magalhães (2005), Gatti (2016), dentre outros.

Segundo Libâneo (2013), a criação de Centros de Apoio à Formação Continuada seria o ideal para a estrutura organizacional dos Sistemas de Ensino e das instituições de formação de professores. Para o autor, tais centros poderiam oferecer atividades de formação associadas a práticas formativas, aos contextos reais de trabalho do professor. Além disso, poderiam oferecer, também, materiais de apoio, biblioteca, aparelhagem de som e imagem, salas de vídeo e cinema, computadores, internet, e deveriam ser mantidos através de apoio

financeiro das Secretarias Estaduais ou Municipais de Educação, mediante convênios ou parcerias (Ferreira, 2016).

A criação do Centro de Formação Continuada dos Profissionais da Educação, na cidade de Porto Seguro-BA nos faz pensar sobre algumas questões: Qual a avaliação dos docentes, quanto às formações realizadas? Durante o período de instalação do Centro, quais os desafios levantados pelos docentes participantes e quais as experiências inovadoras ressaltadas por eles? Esse potencial inovador tem sido gerenciado e fomentado pelo município? Essas questões norteadoras são fundamentais para se repensar/aperfeiçoar/desenvolver uma política de desenvolvimento docente transformativa, que impacte na melhoria das práticas educativas e, por conseguinte, na realidade social como um todo.

Diante disso, elaboramos um quadro analítico, a partir das formações continuadas ofertadas pelo município, compreendendo, na prática, como se deu a implementação do Centro.

Tabela 5

Formações Continuidas ofertadas pela SME – 1º ao 3º ano

ANO	CARGA HORÁRIA	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	MEDIADORES
2019	4h	Planejamento de ensino.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Planejamento de unidade e plano semanal: aspectos teóricos e práticos.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Apropriação do conhecimento no processo de alfabetização.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Organização do trabalho Pedagógico: a rotina didática.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Afro representatividade: a importância da valorização da identidade para a aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Avaliação Mediadora: uma prática em construção, caminhos para pensar o ato avaliativo.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Avaliação da aprendizagem: O desenvolvimento da aprendizagem através dos gêneros textuais.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	As avaliações: Conceitos, objetivos, avaliações da aprendizagem e de alta escala.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Sequência Didática: sugestões práticas.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	O ensino da matemática nos anos iniciais do ensino fundamental.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Os marcos do desenvolvimento infantil.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
019	4h	Produção de texto.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Primeiros socorros.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Seminário: rede de experiências.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.

Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

Tabela 6

Formações Continuidadas ofertadas pela SME – 4º e 5º ano

ANO	CARGA HORÁRIA	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	MEDIADORES
2019	4h	A organização do trabalho docente na escola: Plano e planejamento, plano de curso, conceitos e tipologias.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Inovações pedagógicas na ação docente.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Sequência didática: Teoria, análise e transposição didática.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Sequência didática: Elaboração e prática.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Diversidade étnico-racial e de gênero: Afro representatividade e a importância da valorização da identidade para a aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Alfabetização: Competência metalinguística.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Avaliação da aprendizagem: O desenvolvimento da aprendizagem, através dos gêneros textuais.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	As avaliações: Conceitos, objetivos, avaliações da aprendizagem e de alta escala.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Noções básicas de primeiros socorros.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.
2019	4h	Diversidade afrodescendente e indígena: Saberes e práticas socioculturais.	Professores internos, UFSB, UESC, IFBA, UNEB.

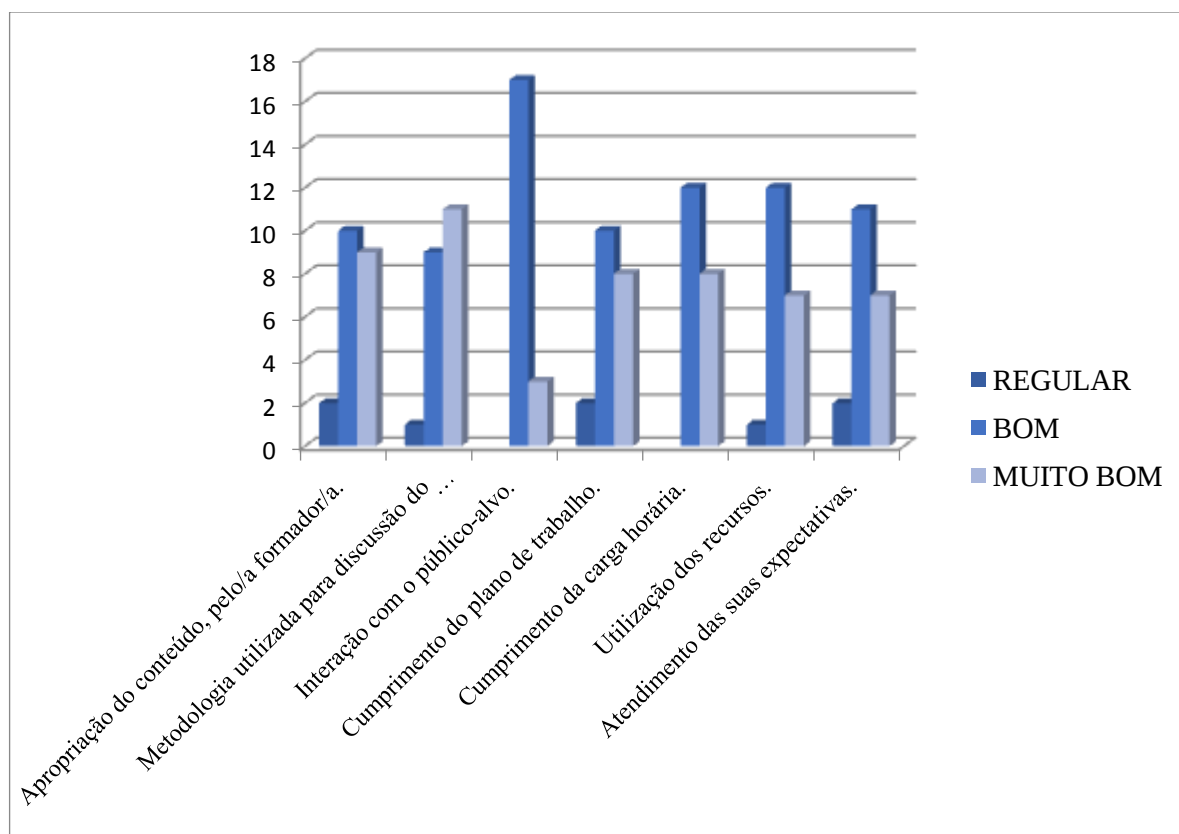
Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

No ano de 2018, a partir do segundo semestre, foram iniciadas as ações formativas do CENFOPE, destinadas a Auxiliares da Educação Infantil e Assistentes do Programa Mais Alfabetização – PMALFA, atendendo 92 cursistas. É importante ressaltar que o tema

«inovação pedagógica» é abordado apenas em um único momento do cronograma de formação continuada para professores das turmas de 4º e 5º anos. Não tivemos acesso aos conteúdos abordados a respeito dessa temática, mas nos foram fornecidos, pela SME, documentos com gráficos de avaliação dos cursistas, a respeito dessa formação, oferecida em 2019:

Gráfico 1

Formação realizada no dia 12 de junho de 2019 – Tema: Inovações pedagógicas na ação docente.



Fonte: Secretaria Municipal de Educação, 2019.

Nesta avaliação, observa-se que o conceito «Bom» supera os demais conceitos – «Regular» e «Muito Bom» – em 6 [seis] quesitos. Já o conceito «Muito Bom» supera os demais em 1 [um] quesito, o qual trata da “Metodologia utilizada para discussão do conteúdo”.

As ações formativas propostas pelo Centro, para 2019, se apresentam da seguinte forma:

Quadro 7

Núcleo de Estudos do Ensino Fundamental

FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS DA REDE MUNICIPAL DE PORTO SEGURO	• Contribuir para qualificação do processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar à problemática do contexto social, político e econômico em que os sujeitos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio (e suas modalidades) estão envolvidos. • Refletir sobre as nossas ações e opções, sobre os rumos do trabalho docente para não ficarmos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade. • Compreender que currículo é um produto cultural, construído no local, no qual se estabelecem relações de poder, cultura e ideologia. • Entender que o processo de formação não se finaliza na graduação, mas que, enquanto docentes, precisamos de atualização constante, em processos de formação continuada e em serviço e nos processos de autoformação. • Pensar, inventar, criar novos métodos, de igual modo, refletir sobre métodos existentes e recriá-los, adaptando-os ao atual contexto social e as culturas das novas gerações. • Estudar, pesquisar, investigar os elementos epistemológicos e pedagógicos da sua área de atuação.
PERCURSOS FORMATIVOS	
AÇÃO DOCENTE	1. A organização do trabalho docente na escola 1.1. Plano e planejamento: conceitos, tipologias e elaboração. 1.2. Inovações pedagógicas na ação docente. 1.3. Avaliação da aprendizagem. 2. Currículo 2.1. Estudos sobre currículo. 2.2. BNCC e currículo escolar. 2.3. Conteúdos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio. 2.4. Descritores das avaliações de alta escala. 3. O ensino 3.1. Abordagens sobre ensinar na educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. 3.2. A aula 3.3. Metodologias e inovações pedagógicas. 4. As avaliações 4.1. Conceitos. 4.2. Objetivos. 4.3. Avaliação da aprendizagem e de alta escala.

FORMAÇÃO DO EDUCADOR	1. Compreender que a escola pública é um espaço sociocultural polissêmico, produtor de múltiplas relações sociais e contradições. 2. Compreender o ato de ensinar a partir da pedagogia da autonomia e da pedagogia do oprimido, da educação como prática da liberdade e da educação para mudança. 3. Entender que o ato de ensinar também está vinculado a transformação do sujeito, a sua formação integral, excluindo qualquer tipo de educação bancária. 4. Compreender que o público da escola pública, incluindo professores e seus demais servidores advém das classes populares, por isso devem ser empoderados diariamente para enfrentar e combater preconceitos, discriminação, desigualdades, exclusão, dentre outros aspectos presentes no cotidiano escolar. 5. Compreender que as dificuldades apresentadas pelos alunos não são meramente cognitivas, mas sociológicas, especialmente pela negação de oportunidades, de bens culturais dentre outros. 6. Investigar, criticar, analisar suas práticas e saberes e reconstruí-los, quando necessário for. 7. Identificar-se não como um “dador de aulas”, mas como intelectual que contribui com a mudança social e dos sujeitos através do conhecimento.
RETORNO À FORMAÇÃO INICIAL	1. Estudar aspectos epistemológicos da formação inicial – apreensão de conceitos. 2. Revisar conteúdos básicos. 3. Revisitar Teorias.
METODOLOGIA/AÇÕES	
• Leitura prévia de textos. • Grupo de estudos nas escolas, sob a gestão do coordenador pedagógico. • Investigação e pesquisa-ação da prática pedagógica. • Elaboração de recursos didáticos, de instrumentos de pesquisa e avaliação e de materiais didáticos em geral (livros, guias, manuais, dentre outros). • Análises de obras completas e/ou de parte delas (documentários, filmes, livros, etc). • Elaboração de Memorial ou Portfólios.	

Fonte: Porto Seguro, 2018.

O Centro também elaborou um plano de ação para o ano de 2020:

Quadro 8

Plano de Ação 2020

PLANO DE AÇÃO 2020		
AÇÃO 01	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Planejamento e realização da Jornada Pedagógica 2020.	- Planejar a jornada pedagógica 2020. - Encaminhar solicitação dos recursos materiais necessários à realização da jornada pedagógica. - Encaminhar Carta Convite aos profissionais palestrantes. - Auxiliar na logística para realização das atividades propostas. - Acompanhar as ações desenvolvidas na jornada pedagógica.	Janeiro Fevereiro
AÇÃO 02	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Elaboração do cronograma dos encontros de Formação Continuada a serem realizados no ano 2020.	- Planejar as datas para realização dos encontros formativos. - Elaborar o cronograma de encontros.	Fevereiro
AÇÃO 03	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Reunião com os/as professores/as formadores/as para apresentação da proposta de formação continuada.	- Apresentar a proposta de formação aos profissionais formadores/as.	Fevereiro e ao longo do ano
AÇÃO 04	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Formalização do convite aos/as professores/as formadores/as e encaminhamento de instrumento do Plano de Trabalho.	- Convidar oficialmente os/as profissionais formadores/as.	Ao longo do ano
AÇÃO 05	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Encaminhamento do instrumento Plano de Trabalho aos profissionais formadores/as para apresentação das ementas.	- Encaminhar aos profissionais formadores/as o instrumento Plano de Trabalho.	Ao longo do ano
AÇÃO 06	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Disponibilização do cronograma dos encontros aos gestores escolares.	- Dar ciência às unidades escolares das datas dos encontros formativos a serem realizados com os/as profissionais da educação.	Fevereiro
AÇÃO 07	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Planejamento da logística para realização dos encontros de formação.	-Reserva dos espaços para realização dos encontros.	A partir de fevereiro e ao longo do ano
AÇÃO 08	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO

-Construção do instrumento de avaliação.	-Elaborar instrumento para realizar avaliação processual dos encontros.	Fevereiro
AÇÃO 09	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Apoio logístico às Coordenações das modalidades no percurso das ações formativas.	-Apoiar na organização e logística dos encontros de formação continuada.	Ao longo do ano
AÇÃO 10	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Sistematização das avaliações a partir da tabulação dos instrumentos utilizados nos encontros.	- Acompanhamento sistemático da avaliação dos encontros de formação.	Ao longo do ano
AÇÃO 11	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Devolutiva das avaliações dos encontros à Supervisão Pedagógica, à/o Secretário de Educação e aos profissionais formadores/as.	- Apresentar, sistematicamente, os resultados das avaliações.	Ao longo do ano
AÇÃO 12	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Apreciação das propostas/projetos de formação continuada apresentados por outras instituições.	- Apreciação de projetos e propostas de formação continuada apresentadas por instituições afins.	Ao longo do ano
AÇÃO 13	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Organização da carga horária dos cursistas e formadores/as para efeito de certificação.	- Sistematização da carga horária dos/as cursistas e dos/as formadores/as para certificação.	Ao longo do ano
AÇÃO 14	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Certificação dos/as cursistas e formadores/as.	- Certificar os/as profissionais cursistas e os/as profissionais formadores/as.	Dezembro
AÇÃO 15	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Elaboração do relatório de gestão do ano 2020.	- Sistematizar as ações/atividades formativas realizadas ao longo do ano letivo.	Dezembro
AÇÃO 16	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERÍODO
-Proposição do plano de ação 2021.	- Elaborar o plano de ação das atividades formativas a serem realizadas no ano letivo 2020.	Dezembro

Fonte: Porto Seguro, 2018.

Toda essa construção pretende alcançar como resultado a consolidação de uma política educacional que leve em consideração as posições e necessidades dos sujeitos – educadores e alunos.

Assevera-se que fomos surpreendidos pela pandemia provocada pelo Covid-19, no início de 2020, no Brasil, o que exigiu o replanejamento das ações. Importante ressaltar que, após a suspensão das aulas, no dia 17 de março de 2020, pelo Decreto Nº 10.672/20, publicado no dia 16 do mesmo mês/ano, não houve atividade letiva até o mês de dezembro. As atividades de formação foram retomadas em janeiro de 2021, com a Jornada Pedagógica³⁴ online, para informações e procedimentos sobre o ano letivo 2020 e 2021.

³⁴ Atividade de orientação dos professores para o ano letivo, por intermédio da Secretaria Municipal de Educação – SME.

CAPÍTULO 8 – Percursos Formativos: narrativas e práticas

O presente capítulo tem por objetivo construir uma análise acerca do desenvolvimento profissional docente, da inovação pedagógica e da efetivação de políticas públicas de investimento educacional, envolvendo o público-alvo desta pesquisa. Para tanto, os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal de Porto Seguro-BA foram envolvidos em entrevistas e grupos focais, com o propósito de organizar um banco de dados, a partir do qual a construção da análise tornou-se possível.

Tendo em vista que o objetivo geral desta pesquisa é compreender os desafios e os dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental em Porto Seguro-BA, no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito do seu desenvolvimento profissional, as entrevistas e os grupos focais foram mediados pela pesquisadora, considerando a análise documental discutida no Capítulo IV.

Logo, este capítulo prezou, também, pela verificação das dificuldades enfrentadas pelos professores participantes, das estratégias utilizadas por eles, bem como das ofertas de formação profissional demandadas pela Secretaria de Educação Municipal. Isso porque a pesquisa se propõe, também, a observar mudanças ocorrentes no desenvolvimento profissional docente e de inovação pedagógica, ou seja, indícios de um processo de alteração do paradigma tradicional para outro emergente, conceitos estes já discutidos em capítulo anterior. Essa mudança será analisada a partir das entrevistas e grupos focais, se referindo à prática pedagógica e à gestão de currículo, enquanto políticas públicas de investimento educacional.

As seções deste capítulo foram organizadas buscando atender a triangulação de instrumentos e procedimentos de recolha de informações: análise documental, entrevistas e grupos focais. Assim, correspondem à estruturação de perguntas criadas pela pesquisadora e das divisões de grupos de professores já mencionados no Capítulo I, o qual traz o percurso metodológico deste trabalho.

8.1 Análise de conteúdo das entrevistas

Além dos roteiros desenvolvidos nos grupos focais, foram realizadas entrevistas com professores participantes. Essas entrevistas foram estruturadas em três partes, com temáticas concernentes aos objetivos desta pesquisa. As respostas dos participantes foram expostas em gráficos.

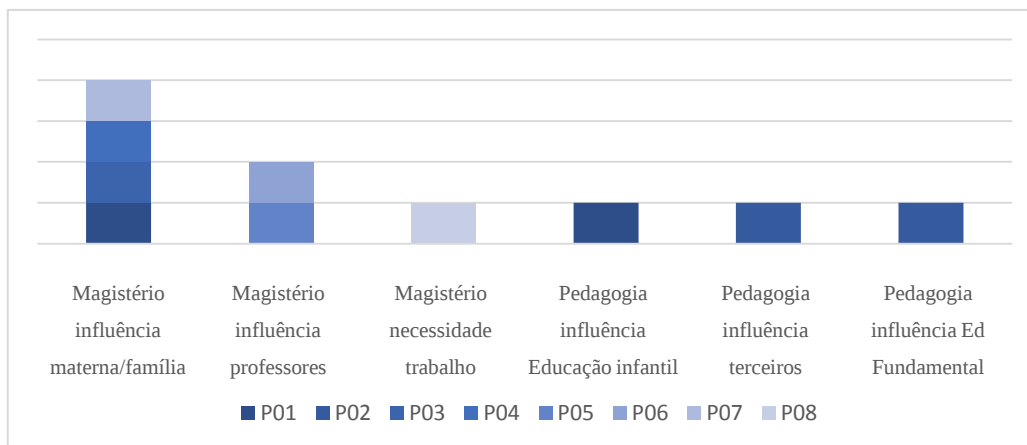
A Parte I da entrevista tem a temática «Construção da profissionalidade docente», e inicia com o subtema «Escolha da profissão docente». Os professores entrevistados expuseram sobre o que motivou suas escolhas de formação inicial, desde o magistério à graduação. As motivações estão relacionadas à influência da mãe, família, terceiros, ao contato com a Educação Infantil, à identificação com a profissão, com professores anteriores, ao fato do exercício da docência ser tradição entre familiares, à necessidade financeira/trabalho.

O gráfico abaixo representa a opinião dos participantes [P] em relação ao subtema. É válido ressaltar que tanto os dados dos grupos focais quanto a discursividade desenvolvida na entrevista estão expostos, na íntegra, nos apêndices.

As múltiplas influências que perpassam as escolhas profissionais agregam sentido à identidade docente. Assim, deve ser considerada a narrativa individual e coletiva dos acontecimentos das experiências, bem como o relato da história de vida no percurso pessoal e na construção de sentidos para a prática docente.

Gráfico 2

Escolha da profissão docente



Fonte: Própria autora.

Observa-se que a escolha profissional está ligada a experiências atreladas ao universo pessoal e educacional dos próprios professores. É importante valorizar essas referências para a sensibilização e acolhimento dos profissionais, principalmente com os novos desafios que os mesmos evidenciaram em tempos pandêmicos, acionando saberes já investidos na sua trajetória pessoal. Assim, é possível resgatar a identidade subjetiva do indivíduo e uma forma de estimular o diálogo interno para melhor compreensão e ressingularizações de qualidades/dimensões pessoais como recurso para o trabalho docente.

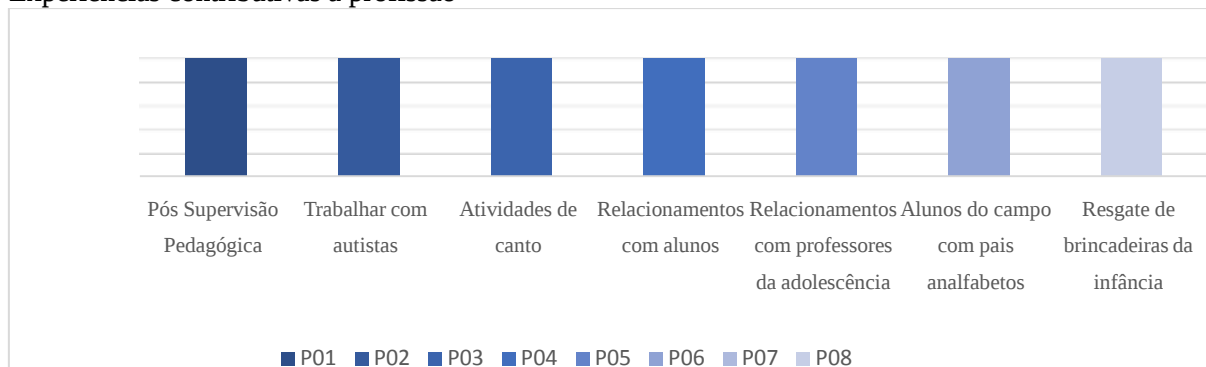
Portanto, implica o reconhecimento do próprio eu e do outro nas suas várias representações, como a família, os pares, as instituições e a comunidade, no processo de formação identitária.

Evidenciar essas influências durante o processo de desenvolvimento docente pode ser uma estratégia importante para se alcançar a religação de saberes que, por conseguinte, vai também auxiliar na ressignificação de saberes no campo das práticas pedagógicas (Morin, 2008). Os docentes conseguem articular, em suas práticas pedagógicas, conhecimentos relacionados às vivências profissionais e sociais, ao cotidiano de suas atividades. Esses saberes permitem a ressignificação desse cotidiano, relacionando-o com as experiências pessoais e profissionais. Assim, esse processo está estreitamente associado ao desenvolvimento profissional docente, tal como afirma Tardif (2014): “(...) o saber dos professores está relacionado com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola, etc.” (p. 11).

O segundo subtema é sobre «Experiências da vida pessoal e profissional que contribuíram para o fazer pedagógico». Os participantes discorreram sobre as experiências em diferentes níveis de escolarização, sobre as pós-graduações efetivadas, o trabalho com alunos autistas, experiências profissionais, atividades de canto e teatro, valores adquiridos na escola, contato com pais analfabetos, trabalhadores do campo, resgate de brincadeiras da infância.

Gráfico 3

Experiências contributivas à profissão



Fonte: Própria autora.

É interessante observar que existe um reconhecimento, por parte dos docentes pesquisados, de que os saberes são construídos não apenas em locais institucionais de escolarização, como uma pós-graduação. Inclusive, no texto, abordamos o tema de diferenciação entre uma visão individualista e outra coletiva de desenvolvimento profissional

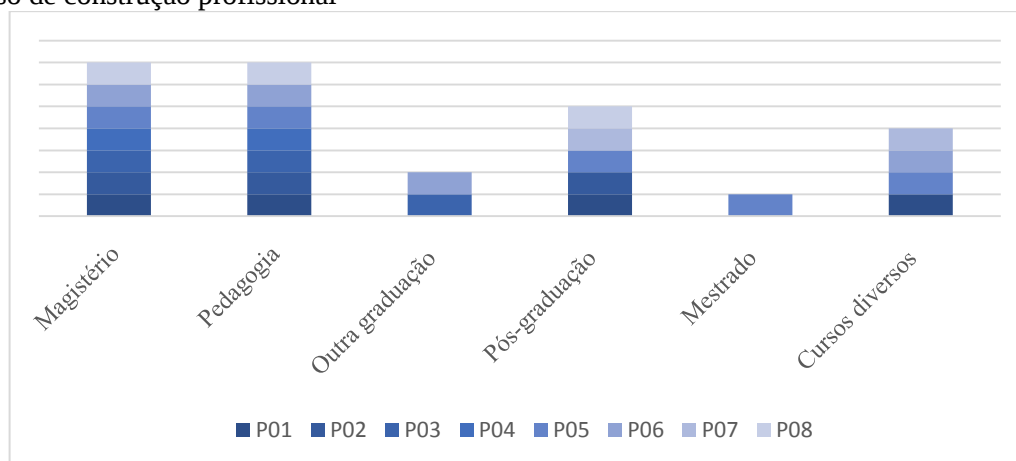
docente, a primeira pautada na titularização e a segunda com foco mais participativo, com maior reflexividade das práticas pedagógicas e do currículo (Melo, 2007).

Ao reconhecer que a interação com diferentes saberes e leituras de mundo (Freire, 1996) impactam o fazer pedagógico, como o contato com alunos da educação especial, familiares dos alunos com pouca escolaridade formal, e também com outras interações artísticas e atividades lúdicas, abre-se o caminho para a construção de um conhecimento ecológico (Santos, 2007), fomentando espaços para a inovação pedagógica, entendida como oportunidade de ressignificação do fazer pedagógico (Ferreira & Estrela, 2020), pautado na co-construção de saberes vinculados às realidades e sujeitos locais, na discussão de problemas situados, com mais possibilidades de manifestação de uma transformação criativa na comunidade, como o exemplo da Agroecologia incluída no currículo da Educação do Campo em Porto Seguro-BA, já apresentado neste estudo.

No terceiro subtema, «Processo de construção profissional», os professores mencionaram, enquanto percurso de construção para sua carreira, o Magistério, Pedagogia, Pós-graduação, cursos diversos para desenvolvimento pessoal, cursos de extensão ofertados pela SME.

Gráfico 4

Processo de construção profissional



Fonte: Própria autora.

Sem dúvidas, o desenvolvimento profissional docente requer também conhecimentos técnicos, assim como aprofundamento teórico, epistemológico, conceitual, nas áreas em que os docentes atuam. Freire (1996) evidencia a práxis como instrumento de melhoramento do fazer pedagógico, pois passa por um processo reflexivo. Para isso, é importante que os

docentes tenham acessibilidade a esses espaços de formação crítica, para além da SME. Citamos, por exemplo, a presença da Universidade Federal do Sul da Bahia, uma das mais novas universidades federais do país³⁵, do Instituto Federal da Bahia e da Universidade Estadual da Bahia, que oferecem cursos de especialização, mestrado e doutorado para o público docente local, inclusive com temáticas que integram os conceitos de interculturalidade³⁶ e saberes indígenas em suas matrizes curriculares.

É fundamental que os docentes ingressem nesses espaços, para que lhes seja oportunizado aprofundar questões atreladas ao território, como, por exemplo, acontece com o Mestrado Profissional em Ensino e Relações Étnico-Raciais da UFSB³⁷, que tem como foco a formação continuada de docentes da educação básica, visando construir propostas de intervenção para a rede de ensino local.

Também é importante que sejam oferecidas oportunidades de crescimento acadêmico em diferentes áreas. Atualmente os cursos estão localizados no campo das Ciências Humanas e Sociais. Inclusive, os próprios gestores educacionais carecem de formação profissional, mas apenas em 2020 foi criado, na UFSB, um curso de Gestão Pública e Social³⁸. Vale ressaltar que o Estatuto do Magistério Público do Município de Porto Seguro – Lei Municipal Nº 1461/18, de 26/12/2018³⁹ – possibilita a liberação do docente ou coordenador pedagógico que estiver devidamente matriculado em cursos de mestrado ou doutorado, de suas atividades educacionais ou técnicas, parcial ou totalmente, sem prejuízo das vantagens do cargo.

Na parte II, «Desenvolvimento profissional», no primeiro subtema, «Desenvolvimento profissional após a graduação», os participantes falaram sobre suas experiências em pós-graduações, cursos de extensão, informações via «internet», leituras e novas tecnologias.

³⁵ Disponível em: <https://ufsb.edu.br/a-ufsb> Acesso: 09 out 2021.

³⁶ A matriz curricular da Especialização de Educação e Interculturalidade valoriza a cultura indígena e africana. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/portoseguro/documentos/outros-documentos/disciplinas.pdf> Acesso: 09 out 2021.

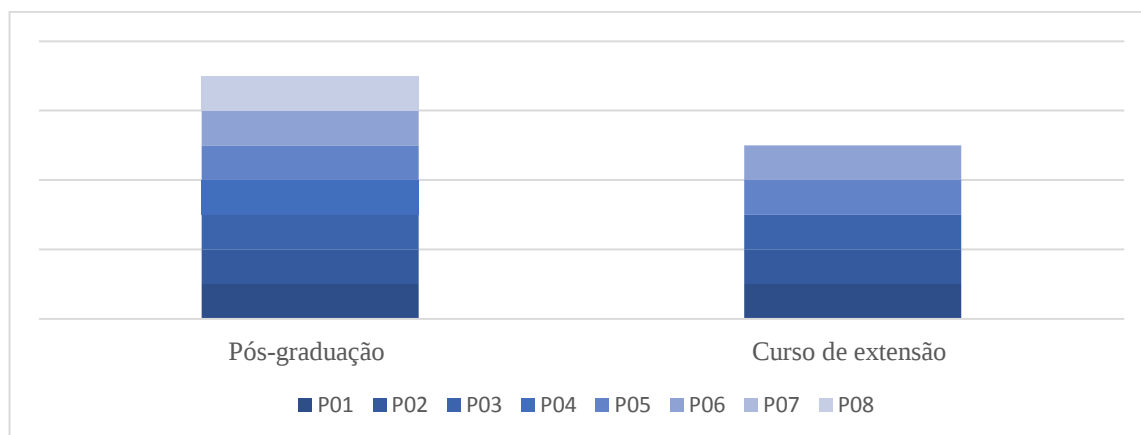
³⁷ Disponível em: <https://ufsb.edu.br/ppger/> Acesso: 09 out 2021.

³⁸ Disponível em: <https://ufsb.edu.br/cfchs/graduacao/gestao-publica-social> Acesso em: 09 out 2021.

³⁹ Disponível em: <http://www.acessoinformacao.com.br/ba/portoseguro/wp-includes/ExternalApps/downloader.php?url=aHR0cDovL2RvZW0ub3JnLmJyL2JhL3BvcnRvc2VndXJvL2FycXVpdM9zL2Rvd25sb2FkL2UyNmJlZDg1NDU3NGFhODc3ZTkzMjY1YzRjZDFmMWY3L0xlaSBuwrogMTQ2MSAtMTggRXN0YXR1dG8gIGRvIE1hZ2lzdMOpcmlvIFDDumJsaWNvIE11bmljaXBhbC1jb21wYWw0YWRvLnBkZg%3D%3D> Acesso: 13 out 2021.

Gráfico 5

Desenvolvimento profissional após graduação

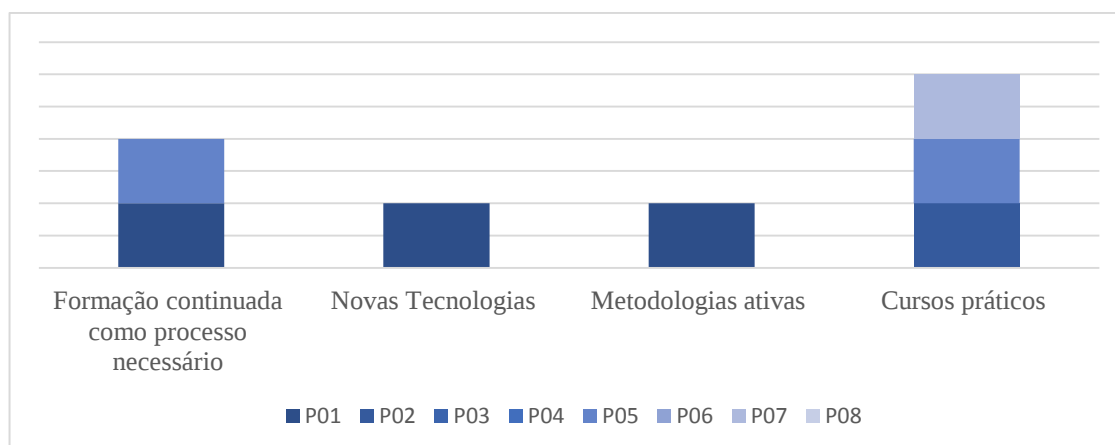


Fonte: Própria autora.

No quarto subtema, «Como articula aprendizados dos cursos com a prática; processo de transposição da teoria para a prática», os participantes reconhecem que a formação continuada se faz necessária para a continuidade do processo evolutivo e sinalizam a mediação do professor frente ao conhecimento. Portanto, a inovação e atualização devem pertencer ao contexto educacional, evitando a comodidade do ensino tradicional.

Gráfico 6

Da teoria, aprendizado à prática



Fonte: Própria autora.

Os docentes demarcam, também, a condição de o professor fazer seleções do que é ofertado, teoricamente, nos cursos, tendo em vista a prática, a dinamicidade, o compartilhar. Entretanto, se percebem insuficientes frente às particularidades dos alunos, suas necessidades

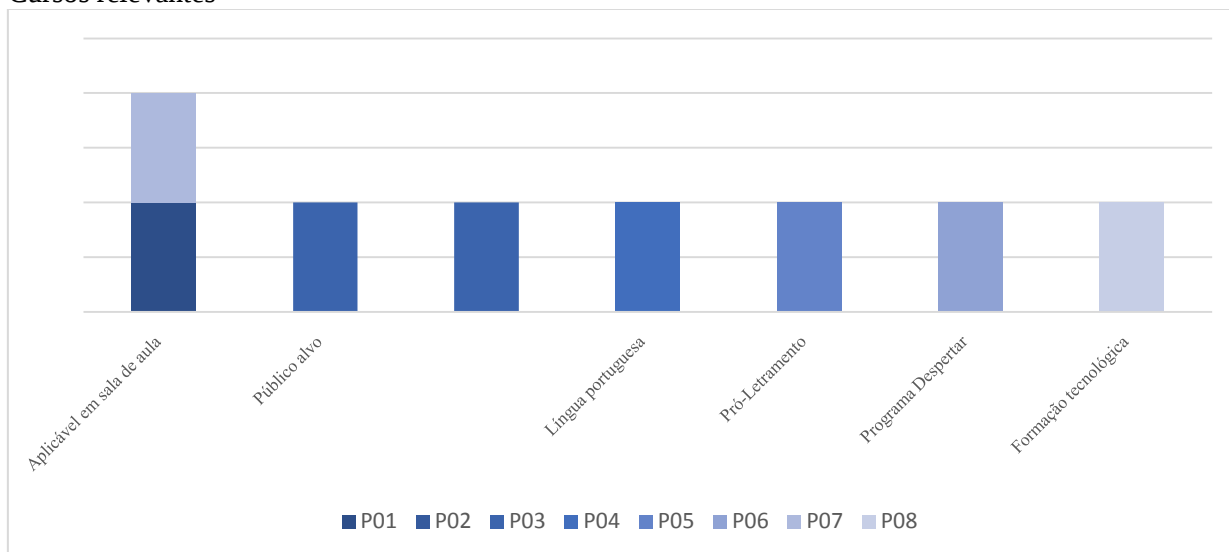
e realidades distintas. Falam sobre as mudanças educacionais nesse novo tempo de Tecnologias e Metodologias Ativas em evidência, bem como criticam a ausência de aplicabilidade de alguns cursos ofertados.

O grande desafio, sem dúvidas, está na quebra de uma visão tradicional de educação, como apontado pelos professores, para uma dimensão complexa de conhecimento (Morin, 2008), que reconheça as leituras de mundo. Isso está atrelado ao conhecimento das dimensões sociais, econômicas e culturais do território que, como já evidenciamos, são múltiplas. Com as movimentações sociais do campo e das populações indígenas, historicamente comprometidas com processos de lutas por direitos, a educação se instrumentaliza para esses grupos como uma forma de emancipação (Freire, 1996).

Para alcançar a autonomia, entretanto, a educação precisa ser contextualizada, transformativa. Nesse cenário pandêmico, Morgado *et al.* (2020) assevera que, no setor da educação, os efeitos da pandemia podem gerar ainda mais desconforto, pelo fato do trabalho educativo se tratar de relações humanas, apesar dos contributos trazidos pelas tecnologias usadas para desenvolvê-lo nesse momento. É preciso evitar a desconfiguração do próprio fenômeno educativo, que é caracterizado por experiências coletivas. Logo, a SME terá o desafio de incluir uma formação contextualizada no campo das tecnologias digitais, mas cuidando também dos aspectos socioemocionais, culturais e sociais em mudança no contexto territorial.

No quinto subtema, «Cursos mais relevantes para a experiência docente», os participantes trouxeram a questão da aplicabilidade dos cursos, ou seja, se estes se fazem relevantes quando se tornam efetivos em sala de aula. Ressaltam o envolvimento com cursos que estão diretamente ligados à atuação docente, à leitura e escrita, produção textual, de formação tecnológica. Sinalizam o Pró-Letramento e o Programa Despertar, devido ao conteúdo relevante que trabalham, ressaltando a qualidade de vida para os alunos e os professores.

Gráfico 7
Cursos relevantes



Fonte: Própria autora.

Os docentes já evidenciam o fracasso do paradigma tradicional da educação, pautado na massificação do conhecimento, ao buscar conhecimentos ligados à atuação prática. Revela-se a necessidade de se pautar a educação em uma nova base emergente, que dialogue com as necessidades reais da comunidade. Hodiernamente, além da leitura de mundo (Freire, 1996), encontra-se o desafio de compreender a leitura digital e suas problemáticas.

O Fórum Baiano de Educação: Reorganização do Ano Letivo na Bahia - Pela superação das desigualdades Educacionais (2020) apresentou, no Eixo 3, uma discussão em torno da DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDIC), pontuando a orientação do MEC, Portaria nº 343/2020, para que as escolas e universidades fizessem a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, o que causou grande perplexidade entre entidades que defendem a educação. Isso porque os estudantes de nível socioeconômico mais baixo não têm acesso a equipamentos, à «internet» e nem a ambiente adequado ao estudo, em suas casas.

As dificuldades atingem não apenas os alunos, mas também docentes que precisam se readaptar a uma nova realidade. Apesar desta pesquisa não ter como foco a inovação tecnológica, sem dúvidas ela tem sido uma preocupação dos profissionais da educação, e se coloca como um dos principais temas em discussão na atualidade. Dentro do território estudado, as desigualdades sociais afetam diretamente o acesso às tecnologias. As pluralidades territoriais – urbano, campo e indígena –, se apresentam como grande desafio

para os gestores educacionais, tendo em vista as dificuldades de acesso à «internet» e também a dispositivos digitais.

Importante ressaltar que, após o decreto de suspensão das aulas – Decreto Nº 10.672/20 de 16/03/2020 –, por conta da pandemia, não houve atividade letiva na rede municipal de Porto Seguro, no período de 17 de março de 2020 a dezembro do mesmo ano. As aulas remotas iniciaram-se em 15 de março de 2021. Junto com as orientações, veio o desafio de lidar com a necessidade do uso das tecnologias e com a falta de acesso a elas.

Ao realizar as entrevistas e os grupos focais com os professores participantes desta pesquisa, em março e abril de 2021, existia uma grande insatisfação dos entrevistados, por não ter acontecido, até aquele momento, nenhum tipo de formação em tecnologias educacionais, ofertada pela SME. Os docentes apontaram a importância da formação nessa área, naquele momento crucial de retorno às atividades remotas, além de relatarem as dificuldades para realizar tais atividades nas escolas, uma vez que não dispunham de internet satisfatória nem de equipamentos adequados e necessários para a realização destas aulas. Possuíam apenas os aparelhos celulares ou «notebooks» pessoais.

Além disso, a grande maioria dos estudantes também não dispunha de nenhum tipo de dispositivo eletrônico ou «internet», para que pudesse estudar ou realizar as atividades remotamente, segundo relatos destes professores. Aos alunos que apresentaram esse tipo de dificuldade, eram disponibilizadas, pelas escolas, atividades impressas ou em livro didático, para serem retiradas, pelos pais, e depois devolvidas, para correção.

É neste cenário que reforçamos o grande desafio enfrentado por estes professores, já que, por si próprios, buscaram uma forma de exercerem a sua prática, de maneira responsável e assertiva. No entanto, vale ressaltar que não basta instrumentalizar o professor com procedimentos técnicos para a renovação de sua prática, é necessária uma visão holística, um ensino com pesquisa, ou seja, a visão do todo e a transformação da realidade. É importante refletir que o simples uso da tecnologia não caracteriza uma prática inovadora (Behrens, 1999).

Para Behrens (1999), ainda existe uma grande preocupação com a reprodução do conhecimento, fortemente influenciada pela ciência newtoniana-cartesiana, que vai de encontro ao paradigma inovador, o qual “tem como pressuposto essencial uma prática pedagógica que possibilite a produção do conhecimento” (p. 387). Para que aconteçam mudanças significativas nas práticas, são necessárias atividades formativas que contemplem este entendimento. O autor, então, sugere que:

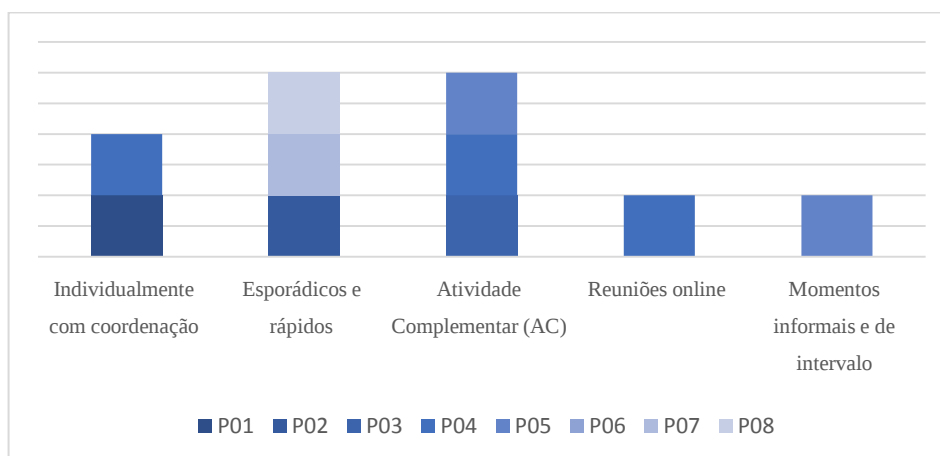
“(…) a chance de alterar um paradigma pedagógico vem aliada à criação de espaços coletivos para discussão dos pressupostos teóricos e práticos que caracterizam uma opção metodológica. Um professor não altera sua prática pedagógica, se não estiver convencido de que será um ato significativo na sua relação ensino/aprendizagem. A busca da conexão entre as experiências práticas e os referenciais teóricos que as caracterizam torna o processo significativo e relevante”. (Behrens, 1999, p. 388)

Ferreira (2016) afirma que o trabalho coletivo na escola, a troca entre os pares, encontros para planejamentos, cursos de naturezas diversas, tudo o que venha oferecer informação e que venha contribuir para o desempenho profissional, considerando momentos formais e informais, configura formação continuada. Percebemos, assim, o quanto os momentos coletivos para discussão são importantes, trazendo momentos de reflexão sobre a prática, bem como ricas trocas de experiências e de trabalho colaborativo no âmbito da escola.

Finalizando a parte II, frente ao subtema «Momentos coletivos para trocas de experiências, planejamento e estudos na escola», os participantes mencionaram os momentos individuais e coletivos com a coordenação, apesar de restritos e rápidos, as atividades complementares, as reuniões online, momentos informais e de intervalo. Todos os entrevistados apontaram a dificuldade que a escola tem em proporcionar momentos coletivos, seja de estudo, seja para planejamento entre os pares.

Gráfico 8

Momentos coletivos significativos



Fonte: Própria autora.

A solidão docente não é benéfica para o processo de inovação pedagógica. Pelo contrário, o fazer pedagógico compartilhado deve se orientar pelo intercâmbio de

conhecimentos e vivências, com livre fluxo de ideias. Todavia, o trabalho colaborativo, por várias vezes, é impossibilitado pela ausência de condições ecológicas de trabalho. Desse modo, é necessário aprofundar o estudo sobre as práticas que possam romper com velhos paradigmas e potencializar a reflexão sobre um processo de desenvolvimento profissional docente que considere a complexidade do processo de ensino e aprendizagem.

Como assevera Carbonell (2002), as escolas precisam ser mais democráticas. Fomentar espaços democráticos cria um ambiente mais aberto para o compartilhamento de experiência e solução conjunta de conflitos ou problemas comuns. É preciso ter em mente que o fenômeno pandêmico tende a enfraquecer as dimensões interativas, em razão da necessidade de isolamento social. Sendo assim, torna-se necessário acompanhar a experiência educativa, vivida neste tempo de pandemia, que tem proporcionado a ressignificação da prática docente (Pinar, 2019; Estevez, 2020) e que pode reverberar em mudanças estruturais na educação, ampliando os processos inovativos.

A pandemia trouxe novas experiências e alternativas para diversas situações nas escolas, como a formação continuada de professores, os importantes momentos coletivos, os planejamentos com a coordenação pedagógica e com seus pares, as discussões e trocas de experiências, por vezes dificultada pela dificuldade de locomoção e distância do local de trabalho desses profissionais, disponibilidade de tempo, já que os novos recursos tecnológicos minimizaram parte dos problemas. Esses momentos, que ocorrem de maneira formal ou informal, são considerados por Libâneo (2013) como formação continuada, pois acontecem

“dentro da jornada de trabalho (ajuda a professores iniciantes, participação no projeto pedagógico da escola, entrevistas e reuniões de orientação pedagógico-didática, grupos de estudo, seminários, reuniões de trabalho para discutir a prática com colegas, pesquisas, minicursos de atualização, estudos de caso, conselhos de classe, programas de educação a distância etc.) e fora da jornada de trabalho (congressos, cursos, encontros, palestras, oficinas)”. (p. 188)

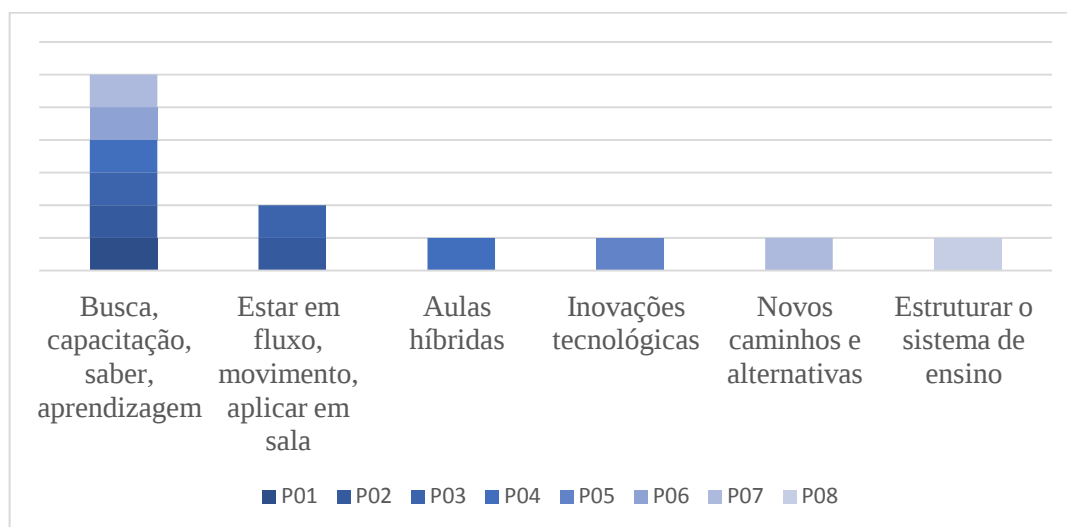
Ademais, o autor afirma que a responsabilidade da formação não deve ser apenas da instituição, mas também do professor, que deverá tomar para si o compromisso com a sua própria formação.

A parte III, «Desafios e dilemas enfrentados no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito de seu desenvolvimento profissional», no subtema «Entendimento sobre inovação pedagógica», os participantes expuseram que a inovação pedagógica diz respeito a buscar, se capacitar, saber, sair do comodismo, aperfeiçoamento, estudo, trabalho

com tecnologia, não se acostumar com o rotineiro, lidar com o novo, aplicação em sala, desenvolver alternativas, lidar bem com as aulas híbridas, estruturação do sistema de ensino.

Gráfico 9

Inovação pedagógica



Fonte: Própria autora.

Percebe-se que ainda falta uma reflexão mais aprofundada por parte dos docentes, sobre o que vem a ser inovação pedagógica, a qual não se confunde com inovação tecnológica, como afirma Fino (2008):

“A inovação pedagógica não é o resultado da formação de professores, ainda que uma boa formação seja muito importante; A inovação pedagógica não é induzida de fora, mas um processo de dentro; A inovação pedagógica é sempre uma opção individual e local, ainda que possa ser inspirada ou estimulada por ideias ou movimentos de natureza mais geral; Dentro da escola, a inovação pedagógica envolve sempre o risco de conflito com o currículo; A inovação pedagógica não é sinônima de inovação tecnológica.” (p. 4)

Em razão do fenômeno pandêmico, a dimensão tecnológica se tornou mais evidente como processo inovativo, ocultando a noção de renovação pedagógica dos programas de ensino, escola, currículo (Ferreira & Estrela, 2020). Isso requer, como dito anteriormente, espaços participativos de discussões aprofundadas, como o tempo presente e futuro, as dimensões epistemológicas da educação. O professor precisa se ver como profissional fundamental para as mudanças significativas na educação, sendo também um arquiteto do currículo (Pacheco, 2001). Falta uma nova direção ao trabalho educativo que possibilite a conexão orgânica entre educação e experiência pessoal (Dewey, 1959), inclusive para refletir e pensar soluções coletivas aos efeitos da pandemia na educação local.

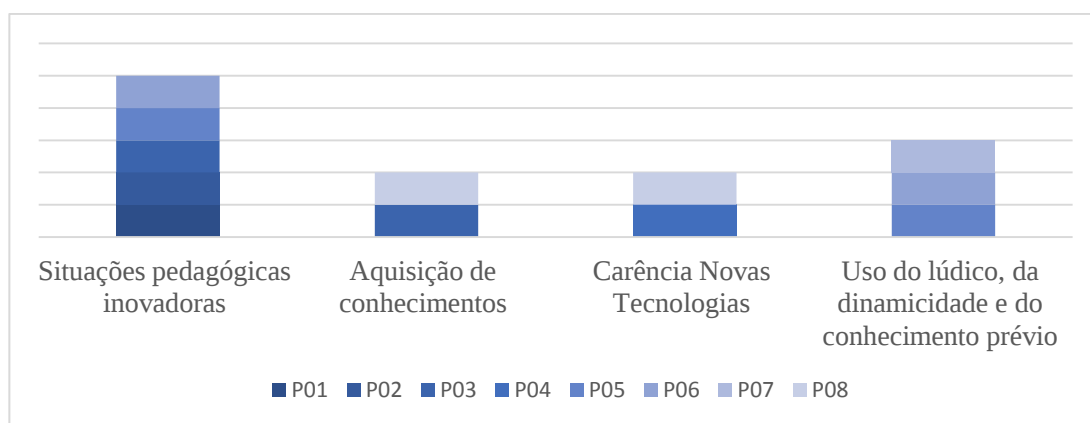
Para Fino (2011), a inovação pedagógica envolve uma ruptura cultural educacional, a partir de novos olhares, um processo de dentro que irá agregar reflexão, criatividade, atrelado ao contexto de vivência das práticas pedagógicas e que deve se integrar à diferença e a mudanças qualitativas de natureza cultural.

É importante salientar que a renovação da cultura docente na escola exige tempo e apoio efetivo das políticas e reformas educativas, requer ressignificação da prática pedagógica (Farias, 2003). Envolve, também, processos de construção colaborativa do currículo. Logo, professores tornam-se atores curriculantes, e essa relação deve ser entendida como uma construção social que envolve a todos (Greany & Waterhouse, 2016; Willness & Bruni-Bossio, 2017; Reid, 2009). A inovação pedagógica deve ser vista a partir de uma dimensão ecológica, que respeita a singularidade e as necessidades de cada sujeito, levando em conta os seus contextos e condições de vida.

No subtema «Trajetória docente e atuação inovativa», os professores mencionaram suas situações pedagógicas inovadoras, aquisição de conhecimento, carência no uso das novas tecnologias, necessidade de se utilizar do lúdico, da atratividade, da dinamicidade e do conhecimento prévio trazido pelo aluno, seu histórico e aprendizagens comuns e informais. Apesar do foco nas novas tecnologias, percebe-se que os docentes participantes visualizam na educação continuada, nas novas metodologias e nos seus saberes prévios, fonte inovativa.

Gráfico 10

Trajetória docente e atuação inovativa



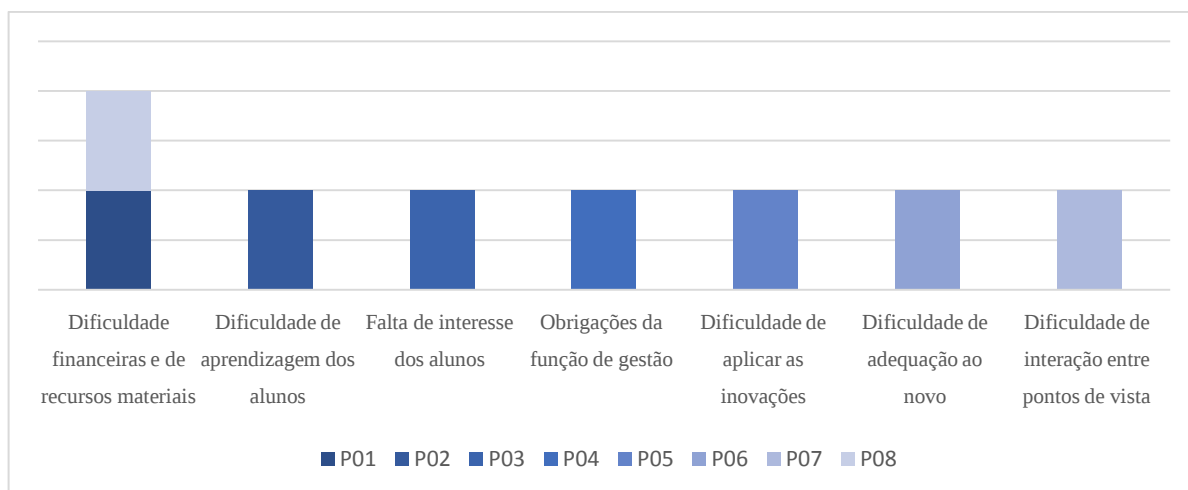
Fonte: Própria autora.

Rememora-se que o objetivo do processo inovativo é diminuir distância entre o que se ensina e a vida daqueles que aprendem (Hannon, 2009). Considera-se necessário que os

pontos assinalados de forma desarticulada possam ter espaço de discussão mais ampla no campo educacional local, integrando, assim, os aspectos metodológicos e também estruturais da educação, alcançando a mudança cultural proposta por este estudo.

Quanto aos «Maiores desafios enfrentados para atuar de maneira inovadora na prática docente», os participantes pontuaram a questão financeira, no sentido de ter condição restrita financeiramente, salário baixo para investimentos em cursos, a dificuldade de aprendizagem e a falta de interesse dos alunos, pouca habilidade com o novo, as mudanças na prática, ausência de materiais de trabalho apropriados, exigências e obrigações sem apoio, dificuldade de interação frente aos diferentes pontos de vista.

Gráfico 11
Desafios enfrentados



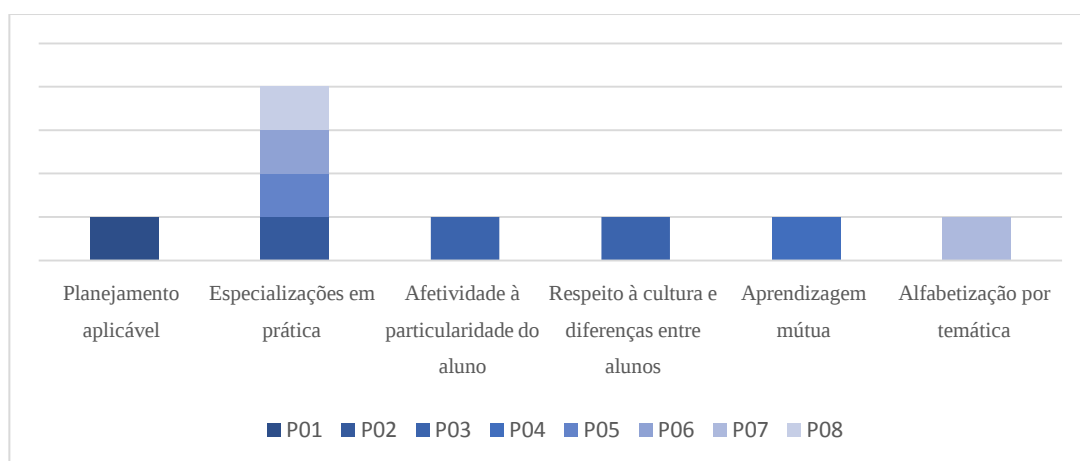
Fonte: Própria autora.

Os desafios apresentados revelam que a inovação pedagógica, na concepção dos professores, está atrelada a uma representação social de instrumentos, sejam tecnológicos ou insumos que estariam inacessíveis por uma questão financeira ou de inabilidade. Assevera-se a ausência de espaços de discussão e formação sobre a temática inovação pedagógica, atrelados aos recursos sociais, culturais e econômicos advindos do próprio contexto comunitário, na integração de saberes existentes no contexto local (Fino, 2011; Farias, 2003). Não é possível afirmar que no contexto estudado esteja em curso uma ruptura cultural educacional, pois esta dependerá de apoio efetivo das políticas e reformas educativas.

Ao discutir sobre «Mudanças na estrutura curricular e nas práticas pedagógicas, a partir do percurso formativo», os professores sinalizam seus relatos de suas experiências em

sala de aula, as especializações que influenciaram na prática, o desenvolvimento da afetividade, da utilização do lúdico, do buscar entender a história e particularidade do aluno, o respeito à cultura, à classe econômica, etnia, às diferenças. Falam sobre a necessidade de um planejamento aplicável, uma aprendizagem mútua, na qual o conhecimento do aluno alcança valorização, bem como um trabalhar a partir de temáticas.

Gráfico 12
Mudanças, Currículo e Prática



Fonte: Própria autora.

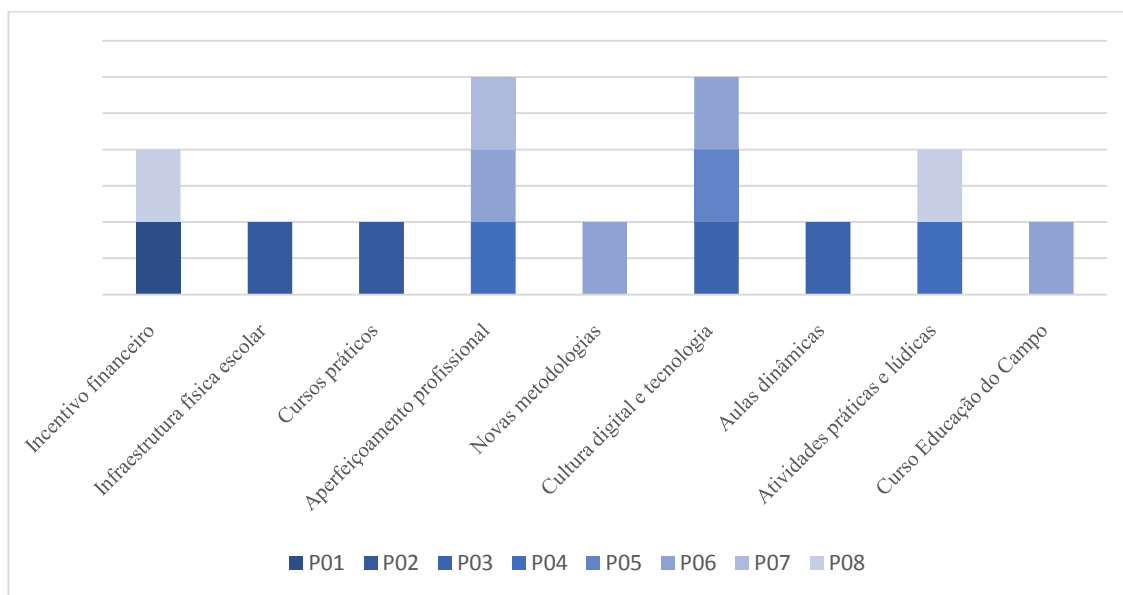
Os participantes conseguem sinalizar importantes fontes inovativas, advindas de diálogos de saberes e também de leituras de mundo múltiplas, mas não é possível identificar o reconhecimento dos mesmos como atores curriculantes, uma vez que a inovação pedagógica pressupõe processos de construção colaborativa do currículo (Greany & Waterhouse, 2016; Willness & Bruni-Bossio, 2017). Não foi evidenciado um momento de construção coletiva para se repensar o currículo no contexto local. É preciso lembrar que, para se evitar a desconexão do currículo com as experiências da vida, torna-se necessário compreender como as vivências individuais e coletivas, atreladas aos saberes, às políticas públicas de formação, aos fenômenos curriculares, têm contribuído para a ressignificação da prática docente, em tempos pandêmicos (Reimers & Schleicher, 2020).

Não se observa, na fala dos participantes, um movimento mais reflexivo e coletivo sobre currículo, mas sinalizações pontuais que levam em conta a continuidade formativa e metodologias pedagógicas, sem que haja uma articulação crítica entre os pontos abordados. Dessa forma, torna-se importante ouvir esses professores de forma mais ampla, reconhecê-los

em suas práticas, para que os currículos e as propostas pedagógicas sejam mais efetivos, democráticos, relevantes aos alunos.

No que se refere ao subtema «Importantes investimentos para atuação transformativa e inovadora», os participantes expuseram suas insatisfações no que tange ao aperfeiçoamento profissional pedagógico, bem como à ausência de bolsa- incentivo para cursos com foco em cultura digital, os quais oportunizam ao professor lidar com a demanda tecnológica. Assim, sinalizam as deficiências existentes, tanto em investimento de estrutura física da escola quanto de gestão e das questões particulares dos professores frente às demandas elevadas em tempos pandêmicos.

Gráfico 13
Investimento



Fonte: Própria autora.

Observa-se que, para os docentes, a necessidade de formação sobre a dimensão tecnológica se coloca em primeiro plano, principalmente diante das dificuldades de interação impostas pela pandemia. Esse fator, de grande relevância social, pode ter influenciado as respostas centralizadas na dimensão tecnológica, tanto que até as produções acadêmicas atuais também têm focado bastante nas temáticas das TICs.

Andrade (2013) aponta como grande desafio, prover melhores estratégias de integração das TICs nas escolas públicas, como recursos inovadores, pois há uma grande descontinuidade a cada mudança de dirigentes na administração pública, além da necessidade

de ressignificar práticas educativas centradas na transferência de informação, incluindo práticas inovadoras que abranjam, também, as TICs. Para o autor, essas questões “acabam reforçando os modelos pedagógicos tradicionais que, por bem comparar, em nada ficam a dever à educação tradicional apenas melhorada” (p. 163). Afirma, ainda, que “na educação pública brasileira, inúmeros projetos e planos educacionais foram iniciados e jamais concluídos” (p. 165).

Segundo o autor (2013), não se pode deixar de imputar a responsabilidade a fatores como descontinuidade das ações, rotatividade de dirigentes como “causa principal das contínuas interrupções de políticas e projetos educacionais, (...) só porque foram elaborados e colocados em execução por uma equipe pertencente a um quadro político-ideológico adversário” (p. 165). Ademais, aponta o autor:

“O reconhecimento de que as TIC possam proporcionar na educação uma nova organização pedagógica limita-se à tradição. Os alunos leem os livros didáticos no *tablet* e continuam usando o lápis e o papel. (...) É preciso, por fim, reforçar que a inovação não está somente nas características dos dispositivos, mas também nas condições que permitem a inovação.” (Andrade, 2013, p.174)

Não se pretende diminuir a importância dessa dimensão, principalmente para a manutenção das atividades educacionais, em tempos pandêmicos. Durante o ano de 2020, não foram realizados investimentos tecnológicos e nem capacitações com a temática de cultura digital, para que os docentes pudessem continuar com as atividades pedagógicas em Porto Seguro. Ressalta-se, aqui, as mudanças de cunho político na cidade e, conseqüentemente, a alteração de toda a gestão educacional, o que também se revelou como mais um fator dificultoso na resolução das problemáticas em curso.

Retomando o que foi abordado na análise do Gráfico 3, a SME pode se utilizar de parcerias técnicas com as instituições de ensino superior públicas presentes na região, para ampliar a oferta formativa na rede educacional. Além disso, pode se aproveitar da facilidade digital para construir parcerias com instituições externas, a fim de fortalecer a educação local e valorizar internamente os profissionais que buscam essas formações. Esse fenômeno traz consigo a necessidade de uma revisão profunda nos modelos formativos e nas políticas de aperfeiçoamento e fortalecimento da profissão docente⁴⁰.

⁴⁰ Exemplo desse movimento dinâmico pela qual a educação local está passando, foi o convite que recebi, em 2021, de um grupo composto pelo Poder Legislativo Local, SME e UFSB, para palestrar sobre inovação pedagógica em um projeto de extensão universitária de oficinas formativas sobre pedagogia do Hip Hop. Tem como objetivo democratizar a Lei Local nº 1629/2021 – que reconhece o Hip Hop como Patrimônio Cultural de

Esta seção manteve o propósito de expor dados coletados na entrevista. Os resultados encontrados aqui, a partir dos gráficos, foram discutidos abaixo dos quadros e gráficos anteriores. No próximo tópico, articularemos esses resultados com as questões discutidas no Capítulo II, que trata do «Estado da Arte», e no Capítulo III, que apresenta os «Pressupostos Epistemológicos e Teóricos da Investigação».

8.2 Análise de conteúdo dos Grupos Focais – Área Urbana e Educação do Campo

Esta seção discute sobre os conteúdos obtidos nos grupos focais [GF]. A pesquisadora organizou dois roteiros para as duas áreas. Em cada roteiro, alguns temas foram discutidos pelos participantes dos GF. Assim, apresentaremos fragmentos de falas, no propósito de construir a análise acerca do desenvolvimento profissional, da inovação pedagógica e da efetivação de políticas públicas de investimento educacional. O roteiro 1 é composto por 06 [seis] temas, aplicados na Área urbana [AU] e na Educação do Campo [EC]).

Quadro 9

Roteiro 1 – Desenvolvimento profissional docente e inovação pedagógica

1. CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO, ALUNO E PROFESSOR			
Área Urbana		Educação do Campo	
P01	Bom, pelo que eu entendi, que eu pude perceber na pergunta, que é saber muito essa relação de aluno e o professor no seu cotidiano escolar e a relação de professor e aluno hoje, ele, por mais que a gente fale que tá difícil, né, que a criação hoje em dia dessas crianças hoje é muito diferente do que a gente tem visto, né, anos atrás, mas é muito difícil essa relação, sabe! Eu acho que essa relação hoje, ela precisa ter mais um, a presença da família mesmo, na questão da educação, porque não tem muito esse respeito com o professor, a gente não vê isso muito lá na escola, sabe, mas isso é muito normal. A gente sabe, eu já passei por outras escolas, eu já tenho muitos anos de profissão e já vi muito isso. Mas eu também acredito muito que isso é, mesmo que não é tendência mudar, mas	P05	Educação, né, no meu ponto de vista, é um processo, é um processo contínuo, nós buscamos o tempo todo estar em conhecimento, em pesquisa, e o aluno, ele é o nosso foco. O aluno e o professor, eles caminham juntos, no caso, como o aluno e o professor, eles se completam, um com o outro. Então, a educação, ela permeia entre a nossa vivência, né, o contexto em si, ela está acoplada ao contexto social, intelectual, dentre outros. Então a Educação é um processo no qual nós estamos inseridos, no processo de conhecimento, no processo intelectual, no processo acadêmico, no qual nós, educadores, né, fazemos parte desse processo. E somos o quê? Nós somos mediadores desse processo. E o aluno, ele é o nosso foco, o nosso alvo e o nosso parceiro, né, é através do aluno que nós colocamos em prática os nossos estudos e assim vamos, é... pesquisando, vejo o que realmente tem que tá sendo mudado e trabalhando nesse processo. Ao meu ver, né, na

Porto Seguro-BA, aprovada em 2021 – e oportunizar a pedagogia do Hip Hop como instrumento de aproximação com os estudantes no processo de retorno ao espaço escolar, buscando diminuir a evasão. Isso seria uma iniciativa de inovação pedagógica.

	eu acho que agora com essa pandemia, com essa relação de família, as suas atividades, tudo, eu acho que isso vai tá nos ajudando, ajudando a ter uma relação melhor com essas crianças, com esses alunos na escola, quando tiver o retorno.		minha concepção, a sua pergunta é direcionada nesse ponto. Se os colegas quiserem dar alguma contribuição, pode ficar à vontade!
P04	O conhecimento dos próprios alunos, eu vejo assim, acho que tem que haver o respeito, tanto com o aluno, tanto com a família, como a escola, pra que juntos possam cooperar para a busca do conhecimento do aluno. Esse é o meu ponto de vista, pra o aluno ter um meio, assim, de tá interagindo, tendo uma troca de conhecimentos. O aluno conhece? Conhece, mas vai buscar o conhecimento como? O professor também aprende muito com o aluno.		
P09	Concordo plenamente!		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

A discursividade dos grupos focais aconteceu tendo em vista seis temas, tanto na área urbana [AU] como na educação do campo [EC]. Na AU, o tema 1 – «Concepção de educação, aluno e professor: como essa relação constrói a profissão docente?» – foi discutido pelos participantes, abordando algumas questões. O P01 traz, enquanto elemento de análise, as seguintes questões: 1. A diferença entre a criação atual das crianças, em comparação há anos atrás; 2. A necessidade da presença da família; 3. A ausência do respeito em relação ao professor; 4. Mudanças na relação entre familiares, em tempos de pandemia. O P04 trata sobre: 1. A necessidade de respeito entre aluno, família e escola, no sentido cooperativo, em busca do conhecimento; 2. A interação necessária entre professor e aluno, para que haja partilha; 3. A real possibilidade de o professor também aprender com os alunos. Concordando com as falas anteriores, o P09 ratifica o posicionamento dos colegas do GF. Na EC, o P05 trata o tema, abordando a educação como processo contínuo, no qual professores e alunos desenvolvem papéis contributivos à aprendizagem, ao disseminar o conhecimento. Entretanto, o professor se apresenta como mediador, na fala do participante.

É interessante observar que o fenômeno da pandemia alterou muito as dinâmicas educacionais, dentro de um contexto de fluidez (Bauman, 2001), já apontado neste trabalho. A necessidade de construção de um pensamento complexo se torna ainda mais necessária (Morin, 2008), levando em conta os múltiplos aspectos que envolvem o desafio do presente.

É preciso levar em conta que a pandemia de COVID-19 ocasionou o fechamento de escolas, uma rápida mudança no formato das aulas, alterou a rotina dos atores que compõem o

universo escolar, além das necessidades de regras de higienização e isolamento social. É nesse contexto que os participantes da pesquisa externalizam suas leituras de mundo, marcados por esse fenômeno multifacetado, ainda em curso.

Observa-se que a noção de família aparece como foco nos discursos do P01 e do P04, instituição que também mudou muito com o fenômeno pandêmico. A escola, agora em casa, revela as fragilidades educacionais dos pais, para fazer o acompanhamento dos filhos nas atividades escolares. Também revela a importância do que está descrito na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

É um processo de ressignificar o que é escola e o que é família, unindo as duas instituições. Também se espera que se manifestem práticas inovativas, que fortaleçam esse elo, para a melhora da qualidade da educação. Para Morgado, Sousa e Pacheco (2020), os efeitos da pandemia podem gerar ainda mais desconforto, pelo fato do trabalho educativo estar atrelado a relações humanas, pois o ato pedagógico é feito de interação e partilha. E apesar dos benefícios das tecnologias usadas para desenvolver o trabalho educativo, corre-se o risco da desconfiguração do próprio fenômeno educativo, que é caracterizado por relações humanas e coletivas.

Seja na escola urbana ou do campo, o que está em jogo são as relações, o conhecimento, enquanto processo de construção múltipla, ecológica (Santos, 2007), independentemente do espaço físico, aproximando-se de uma co-construção de saberes menos hierárquica e mais dialogada com a realidade. Foi o que propôs a escola do campo, historicamente aproximada dos desafios e enfrentamentos dos problemas desse espaço, mostrando-se articulada com as questões sociais (Arroyo, Caldart & Molina, 2004). Isso também remete ao que diz Carneiro (2003), sobre o quanto a educação requer inovações, mas é preciso não perder de vista a valorização da cultura tradicional e seus elementos integradores.

Quadro 10

Instrumentos, contextos e conhecimentos

2. INSTRUMENTOS, CONTEXTOS E CONHECIMENTOS			
Área Urbana		Educação do Campo	
P01	Esses instrumentos, esse contexto aí	P08	Da concepção de trazer da minha vida para o meu

	todo, que me trouxe enquanto educadora, ele foi construído sim, ao longo de todos os anos, mas eu preciso mencionar que essa construção minha, ela se deu através de muitas formações, de muitos estudos. Hoje eu posso ver claramente como eu cresci profissionalmente ao longo desses anos todos, mas eu cresci não somente pela experiência do chão da sala de aula, mas com muito estudo, mas são estudos que eu busquei. Então, o educador, ele precisa buscar, ele precisa ter a iniciativa de buscar, porque senão, esses contextos, esses conhecimentos, eles nunca vão ser suficientes para a sala de aula. Por quê? Hoje as crianças, os alunos, eles estão muito avançados, eles trazem uma vivência de mundo muito grande, eles têm uma vivência de mundo, assim, que a gente às vezes depara e fala: “meu Deus do céu, eu nunca vi isso no meu tempo de escola, eu nunca vi isso no meu tempo de professora, e hoje eu tô deparando com isso”. Então é por isso que o professor tem que viver sim, se ele quer ser um bom professor, se ele quer continuar fazendo um bom trabalho, ele tem que tá o tempo todo buscando esses instrumentos, né, esses conhecimentos. Assim, é só através mesmo de estudos, de formação, de pesquisas.		profissional foi muito enriquecedor. Por quê? Quando eu vim trabalhar na educação, eu vim como contratado, me deram Educação Física, eu já gostava de trabalhar com Educação Física, eu já gostava de trabalhar com esporte, então já acrescentou mais e me deram Matemática, que eu sou apaixonado por Matemática. Então, uniu o útil ao agradável né, e tudo deu certo, tudo deu certo. E cada dia que passou eu fui aprendendo mais, eu aprendi com meus alunos, eu aprendi com meus colegas, aprendi com a direção, e cada escola que eu fui, cada escola que eu trabalhei, cada vez fui enriquecendo mais os meus conhecimentos.
		P06	Bom, nós comentamos na entrevista passada e eu trouxe foi a questão do meu convívio pessoal, né, eu falei que na época que eu me formei, tinha outro né, tinha Contabilidade, tinha Científico, tinha outras modalidades de ensino, e eu optei pelo Magistério, porque, como eu contei pra você e os demais vão saber agora, é... meu pai era semianalfabeto, e aí eu fui me apaixonando pelo Magistério, e assim, meu pai, é semianalfabeto, formou os 5 filhos, tá? E assim, ele me incentivou a estudar e através desse processo, eu fui me apaixonando ainda mais pela minha profissão pra poder ensinar os outros, poder passar um pouco do meu conhecimento para os outros. E isso foi o que me motivou e me motiva cada vez mais, sair de uma família, de uma classe média baixa pra hoje tá dentro de uma sala de aula, passando um pouco do meu conhecimento, um pouco daquilo que eu aprendi, tanto na vida pessoal quanto na vida profissional, para algumas pessoas, para que elas possam ter futuramente uma vida melhor, uma condição de trabalho melhor. Não que a educação vá fazer ele enriquecer, mas a educação vai fazer com que as pessoas não o trate de forma diferente, o trate de forma igual.
P12	O meu percurso de vivência, eu construí através de meu conhecimento de sala de aula e pesquisa. A partir do momento que o professor se torna um pesquisador, ele vai em busca de algo, ele só tem que viver. Cursos de capacitações, isso melhora muito e ajuda. Então, assim... a partir do momento que o professor começa a pesquisar e começa a buscar, ele se torna um ótimo profissional, ele aprende com o aluno dele, mas também a vivência dele com o aluno faz com que ele se torne um pesquisador. A partir do momento que ele começa a pesquisar, ele começa a melhorar. Foi a partir daí que eu senti a	P05	Só complementando o que os colegas falaram, né, a educação, ela nos oportuniza a estarmos passando para os nossos alunos, né, o direito de ir e vir, de exercer, de lutar, porque quando nós trabalhamos, principalmente quem teve oportunidade de trabalhar com a EJA, já é um público diferente e, assim, muito descredenciado. Quando eles vêm pra escola, que não têm aquela confiança, acham que já passaram e é muito importante o professor já estar preparado, pra estar passando isso pra eles, né, que eles conseguem, que são capazes. É muito interessante o que o colega falou aí, que nós viemos de uma classe baixa né, que os nossos pais são analfabetos, mas que a gente consegue passar isso de uma forma que o aluno, ele

mudança em minha vida, a minha vivência profissional partiu de cursos de capacitações, de pesquisas, porque a gente não pode parar, estacionar, esperar que algo venha até a gente, temos que ir em busca de algo melhor, eu acredito nisso, né. Até hoje mesmo, em minha sala, a dificuldade com os meus alunos eu vou em busca, eu não espero que venha, conversar com minha coordenadora, minha diretora, eu não espero que venha, eu vou em busca, né? Aí você vai melhorando a sua vivência profissional, você vai aprendendo com o seu aluno, a necessidade do momento faz com que você torne-se um pesquisador, e eu acho que o professor tem que se tornar um pesquisador, esse é o meu ponto de vista.	se apropria desse conhecimento para a vida, porque você ler e escrever tem uma função, mas a função social, ela é inserida nesse processo educacional de uma forma muito forte, né, e nós precisamos estar atentos a isso, porque o nosso aluno, ele é um reflexo do que nós pensamos, de como nós trabalhamos, e isso é muito importante no educador. Realmente, é uma pergunta, assim... que traz uma reflexão de nossa vivência, na nossa prática, na nossa vida pessoal, e eu gostei muito quando você questionou sobre isso, me fez lembrar de muitas coisas, né, porque a educação, ela transforma vidas. Como o colega falou, você não vai enriquecer, mas você vai correr atrás de seus sonhos, você vai ser capaz de lutar por aquilo que você acredita. E nós, na sala de aula, é o nosso papel, é o que nós fazemos de melhor, né, é ter essa parceria com nosso aluno e falar com ele que isso é possível através de nossa influência. É isso aí.
--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

No tema 2 – «Instrumentos, contextos e conhecimentos trazidos das vivências pessoais para a construção da profissionalidade» –, na AU, o P01 contribui, expressando sobre: 1. A influência da formação, estudos e experiências na construção da profissionalidade; 2. A necessidade de o professor ter iniciativa na busca do conhecimento; 3. As vivências dos alunos como motivadoras de buscas advindas do professor; 4. A continuidade dos estudos enquanto instrumento de formação e qualificação da ação docente. O P12 abordou sobre: 1. O percurso formativo é construído a partir das experiências e práticas docentes, bem como de pesquisas; 2. A necessidade de o professor se tornar um pesquisador. Na EC, o P08 diz que seu convívio com colegas, gestores e alunos se tornou a base da sua aprendizagem. O P06 concorda que sua aprendizagem adveio de experiências profissionais e pessoais, enquanto que o P05 acrescenta as oportunidades mediadas pela educação, no sentido de transformação de vidas.

Observa-se que os participantes se veem como atores curriculantes, que levam em conta não apenas os aspectos técnicos formativos, mas suas vivências e a leitura de mundo dos alunos. Ou seja, o processo educativo marcado pela partilha com diferentes atores, e para além da prática, deve ser refletido no campo da pesquisa.

Paralelo às falas acima, Macedo (2016) diz que se faz necessário compreender o currículo como processo das dinâmicas formativas na relação com os saberes, os valores, as

atividades. Desse modo, o conteúdo cultural é valorizado, possibilitando espaços inovadores para novos conhecimentos e múltiplas vivências. Isso demonstra, também, uma percepção, por parte dos professores, de que o processo de formação de que se fala não é estático, meramente formal, mas pressupõe experiências construcionistas mutuamente experienciadas, que podem ser emancipatórias, no que tange ao currículo e à formação (Macedo, 2018).

O professor precisa indagar, criar estratégias, criticar e elaborar o conhecimento, apropriando-se dos saberes específicos da sua área particular, na perspectiva da complexidade (Morin, 2008). Portanto, a construção para a profissionalidade requer aperfeiçoamentos constantes, visto que a prática de um educador está vinculada às reflexões, discursividades e interações sistemáticas e científicas.

Na fala dos participantes dos GF, frente ao subtema, houve uma sinalização concernente à mudança de atitude docente em meio às experiências dos percursos formativos. Isso traduz o efeito das mediações didático-curriculares, quando acionadas pelos órgãos gestores e equipe profissional pedagógica. É necessário que estudos futuros aprofundem sobre o reconhecimento do saber da experiência, que vai transformar a vida dos sujeitos na sua singularidade (Larrosa Bondía, 2002), no processo de construção da política de desenvolvimento profissional docente, compreendendo as aproximações e afastamentos no que tange à perspectiva dos professores.

Quadro 11

Desenvolvimento profissional e práticas pedagógicas

3. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS			
Área Urbana		Educação do Campo	
P01	Eu acho que o desenvolvimento profissional do docente, ele só se impulsiona se ele buscar realmente inovações, né, como a gente falou na pergunta anterior, com informações, com estudos, com pesquisas, pra poder dar essa impulsionada, porque, realmente, a gente, a educação, ela evolui, tudo na vida evolui, a educação evolui também, e agora ela deu uma guinada, né, nessa evolução aí, na função com a, da pandemia, olha aí a guinada que ela deu, hein? A gente nunca imaginaria que poderíamos viver tempos assim. E aí a gente tá buscando o quê? Tá buscando através de estudos, pesquisas, um com o outro, né, um colega com o outro, está aprendendo e buscando fazer o melhor. E isso é desenvolvimento profissional, porque isso, mesmo que volte né, a gente não sabe como vai ser essa volta, mesmo que volte um pouco o que era, esse tempo que nós estamos aqui buscando esse diferencial nessas aulas remotas, isso vai ficar marcado pra nossa vida inteira, não tem como	P05	Olha, a nossa prática profissional formativa, ela é importantíssima, pelo menos na minha vida. No último questionamento nós debatemos muito sobre isso, eu tive a oportunidade de fazer uma graduação, e depois eu tive a oportunidade de fazer uma pós-graduação. Na minha pós-graduação eu vi, né, a oportunidade de ajudar alunos no processo ensino aprendizagem, na questão das dificuldades, eu fiz uma pós em Psicopedagogia, e eu acho muito importante, na minha formação, porque a partir daí eu comecei a ver os meus alunos de forma diferente, eu alfabetizava, e isso me inquietava, né, quando esses alunos não aprendiam e porque esses alunos não

	ser diferente, e graças a Deus que é um, mesmo diante do cenário, mas é um ponto positivo porque a gente buscou uma outra vertente de aprendizagem que a gente nem sabia, nem imaginava que poderíamos, né, ensinar o aluno dessa maneira, que a gente sempre tinha uma visão de sala de aula e nunca imaginávamos que também poderíamos ter outras ferramentas pra levar o conhecimento, né?		
P12	Eu acredito que essa ferramenta veio pra ficar, né! O professor vai ter que estudar, vai ter que buscar, porque veio pra ficar.		
P01	Exatamente! A gente pode até voltar pra sala de aula de uma maneira ou de outra, mas essa ferramenta da internet, esse contato aqui virtual que a gente tá tendo com o aluno, eu acho que esse aí veio pra ficar, com certeza!		
P09	Se o professor não buscar realmente o novo, ele vai ficar parado no tempo, né?		aprendiam. Até porque nós não tínhamos conhecimento científico nessa área pra entender porque o aluno não aprendia e até porque não tinha como avançar com esse aluno. Depois desse processo que eu tive, formativo, meu olhar foi totalmente diferente, quando ele entrava na sala de aula eu já conseguia identificar, né, com alguns, com algumas aulas, as dificuldades que o aluno tinha e como intervir nessas dificuldades. Então, a prática formativa, ela é muito importante para os alunos, porque através daí nós temos como intervir e ajudar o nosso aluno para avançar.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

No tema 3 – «Forma como o desenvolvimento profissional docente impulsiona práticas pedagógicas inovadoras» –, na AU, o P01 trata sobre: 1. O desenvolvimento profissional aliado a estudos e pesquisas; 2. A busca por outros instrumentos de aprendizagem em tempos pandêmicos; 3. As possibilidades de ensino extra sala de aula e sua permanência, em período de pandemia. O P12 concorda com a fala anterior, expressando sobre: 1. A necessidade de o professor continuar estudando, a fim de suprir a demanda de ensino remoto e híbrido. O P09 confirma sobre: 1. A necessidade de atualização do professor, devido ao que se apresenta como novo. Na EC, o P05 trata sobre a contribuição das formações para sua função de mediador.

Nesse tema, os professores apresentam instrumentos, contextos e conhecimentos restritos, ou seja, o que é exposto diz sobre a importância, mas não especifica as vivências pessoais que contribuíram para a construção da profissionalidade. Observa-se que existe uma consciência de que a continuidade do estudo é importante, principalmente diante do novo, e que a pesquisa possibilita processo de reflexão da prática pedagógica. Mesmo que o olhar esteja direcionado para os novos formatos de ensino, como remoto e híbrido, evidencia-se uma reflexão sobre o docente enquanto mediador, para além da sala de aula física. Ou seja, a pandemia possibilitou romper com as prisões de estrutura, de tempo e formato, para fazer refletir outras dinâmicas educacionais fora da escola, em novos tempos e formatos.

Na prática, são perceptíveis carências nas ofertas de cursos, pela SME ou órgão estadual, bem como cursos acionados pelos professores, com custos particulares. Frente a esse panorama, pontua-se que as políticas públicas educacionais devem levar em conta a criação

de processos formativos que integram ciência, vivências e experiências, em favor de uma construção da profissionalidade que agrega as instâncias dos percursos formativos do próprio sujeito.

Quadro 12

Estímulo para inovação pedagógica

4. ESTÍMULO PARA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA			
Área Urbana		Educação do Campo	
P12	Eu acho que, apesar do momento, dessa nova renovação, o Município, ele tem investido muito pouco, mais pelo administrativo da escola, a desejar para os professores, para os alunos, aí fica faltando algo muito mais, porque veio a mudança de repente, ninguém tava esperando, mas assim voando, então ficou a desejar. O professor, ele quer inovar, o professor, ele quer participar, ele quer coisas novas, mas tá vindo muito devagar.	P06	Bom, nesse período de pandemia o estímulo foi bem pouco. Eu falei naquele dia que esse processo de ensino remoto, ele já estava por vir, a pandemia só acelerou, ou seja, aí, a Prefeitura, com esses investimentos, que, quando, no papel era uma maravilha, no papel tudo aquilo que a Secretaria de Educação tava planejando para o retorno das aulas, para os professores, era uma coisa futurística, e quando eu li, eu falei: “não, se sair do papel, Ave Maria, a gente tá no céu!” Aí vem as novas plataformas de ensino, vem as novas tecnologias, há uma resistência de alguns colegas em relação a essas inovações pedagógicas. Só que, assim, o Município, ele poderia ter investido mais, porque verba tem, poderia ter investido mais. Em questão de estímulo da escola, da inovação pedagógica da escola, é... deveria ter um incentivo maior, porque eu não vejo, assim, essa preocupação tão grande, nessas inovações pedagógicas, porque ainda há uma resistência de alguns colegas, de alguns profissionais, eu falo num âmbito geral, tá? Pra se adequar a essas novas realidades que nós estamos vivendo. Então, assim, a Prefeitura prometeu no papel, mas não cumpriu na prática, ou seja, esse momento de pandemia seria um momento de um grande investimento para a Educação, porque pegou todo mundo de surpresa. Então, assim, faltou um pouco mais de sensibilidade do poder público, né, pra poder fazer esse tipo de investimento para atender melhor a categoria. Antes já existia [investimento] a formação continuada, já existia, igual eu falei mesmo, que um dos cursos que eu fiz, que me abriu um pouco o leque, foi o do SENAR, que foi um curso que eu fiz junto com Socorro, né, teve vários encontros, então me possibilitou ter uma visão diferente, principalmente da Educação voltada para o Campo. [...] Situação é delicada, só pra gente ter uma noção, a internet da nossa escola quem paga é a gente, ou seja, eu tô “pagando”, entre aspas, pra trabalhar, eu tô usando a minha internet pessoal de casa, tem que pagar pela internet da escola, se eu quiser

			utilizar a ferramenta, que eles deveriam fornecer. Aí você fala do celular (risos), ô Deus, só Jesus de Misericórdia! A internet que nós usamos nós pagamos.
P01	Completando a fala da colega aí, assim... eu nem sei dizer pra você, como avaliar esse investimento no Município. Está tendo investimento no Município? Pra mim, quase nada, tá? Até agora foi dado um curso aí, do Google Classroom, do Gmail, tal, algo é... eu acho que pra nossa realidade dos Anos Iniciais e de Educação Infantil, fora, totalmente fora, porque uma criança dos Anos Iniciais ficar em sala de Google Classroom é bastante complicado, isso aí é mais, eu... eu acho que isso aí é mais uma ferramenta pros alunos maiores. Assim mesmo, não sei até que ponto, mas, então, assim. E eles não são inteiramente culpados, a gente entende que mudou de gestão, né, que a gestão anterior deveria ter feito algo, porque passou o ano inteiro, mas sempre alegando aquela expectativa de que tá voltando, que tá voltando, que tá voltando, e nunca que voltou, passou o ano todo e aí chega uma nova gestão, começando tudo novamente, do zero, como a gente já conhece essa história, né, dentro de Porto Seguro, enfim, trocou de gestão, aquilo que tava andando volta pro zero, certo? E tão tentando aí levantar tudo novamente, só que acontece que a gente não tem tempo pra ficar aí esperando muito, eu acho que deveria dar uma intensificada nisso aí, contratar empresa, sei lá, fazer algo, pra que nos prepare melhor, prepare os professores do Município de uma forma mais adequada, porque o tempo tá passando, o tempo tá passando e nada. Aí cada um se vira como pode, como quer, ou vai procura um, pede ajuda a um, pede ajuda a outro, vai tentando, vai tentando. Tudo bem, concordo também que pode ser assim, só que eles precisam entrar com mais intensidade nessa história aí, porque são muitos alunos envolvidos nessa história. E será que essa dinâmica toda, cada escola tá buscando a sua melhor forma possível, está de fato atingindo todos os alunos? Tá tendo 100% de acessibilidade desses, desses alunos? Não sabemos, porque tá uma coisa muito assim, muito abstrata, muito no espaço, a gente imagina uma coisa, aí quando começa já é outra coisa. Deveria ter um alinhamento de trabalho, sabe, eu acho que deveria ter uma intensificada. O Município, ele ficou aí mais de 1 ano sem pegar merenda, sem pegar essas compras. Posso falar porque que essa parte aí não faz um investimento, eu sei que não pode, eu entendo todas essas questões jurídicas do que pode e do que não pode com a verba do Município, mas existe, sim, uma forma, e eles sabem, quem tá dentro da Secretaria de Educação sabe, quem	P08	Eu sou muito suspeito em falar porque eu sou muito crítico em relação a esse estímulo do Município para com os professores, para com as nossas escolas, porque eu vejo que o Município, ele não dá tanto estímulo assim para o profissional, ele quer o trabalho bem feito, mas ele não dá o estímulo que nós precisamos. Nós não temos uma sala dos professores equipada para nós pesquisarmos, né, como nós somos eternos pesquisadores, nós temos que ser para estarmos sempre em dia com os nossos alunos, levando atividades com maior clareza pra eles, eles não dão nada disso. A escola em que eu trabalho não tem nem sala de professores. Quando o professor sai da sala tem que ficar no corredor, quando vai fazer uma ampliação na escola, a nossa querida diretora tem que remanejar dinheiro daqui, dinheiro daqui, um dinheiro que vem do Governo Federal para fazer alguma coisinha na escola, mas o Município mesmo, nada! E agora, pior ainda né, porque nós estamos trabalhando no sistema remoto, onde a Prefeitura Municipal nem sequer dá um celular para o professor, nós temos que utilizar o nosso celular, o nosso individual, para trabalharmos com os nossos alunos, não nos dão nada, eles querem o trabalho, mas eles não dão incentivo nenhum. Antes da pandemia, a escola funcionava com alunos, merenda escolar, transporte escolar, energia, água, gás, tudo isso acabou, esse dinheiro tá sobrando para os cofres da Prefeitura, e porque não se investe mais na escola, mais no professor, mais no profissional, eu não entendi essa parte ainda.

	está liderando isso sabe que existe alguma forma que pode ser investido pelo menos com a contratação de uma empresa, criar uma plataforma, criar formações, entendeu? Então, eu não estou sendo estimulada, eu estou sendo estimulada por mim mesma, não pelo poder público.		
P12	Eu penso assim, nós como profissionais, nós buscamos a melhoria, só que infelizmente, em contrapartida, nós não temos esse retorno. Então o mínimo que a gente tá fazendo, o que a gente tá fazendo é o mínimo pra gente dar pro aluno, mas infelizmente, como a colega falou aí, esse incentivo, esse investimento, a gente não tem. Por exemplo, a gente tá aqui na escola montando atividades, montando pasta, liga prum pai, liga pro outro, infelizmente a nossa clientela não tem recurso suficiente e acaba tendo mais ainda esse distanciamento mesmo, da escola privada pra escola pública, e a escola pública e a exclusão. Mais uma vez eu me sinto mais excluída, a diferença social nesse momento ficou mais visível. Então, isso, assim, deixa muito mais angustiada, porque por mais que você busque a melhoria, mas infelizmente a contrapartida a gente não tem, o investimento do nosso Município. Também os nossos alunos, por mais que eles queiram participar, eles não têm internet, não tem uma internet pública.		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Diante do tema 4 – «Existe fomento, estímulo para inovação pedagógica no município? Como avaliam o investimento feito pelo município?» –, na AU, o P12 expôs que: 1. Apesar da necessidade de inovações no ensino, o município pouco investiu; 2. Há maiores investimentos municipais na área administrativa; 3. Há desejo de inovação do professor, porém há uma morosidade na ação. O P01 diz sobre: 1. A ausência de investimento do município; 2. A não existência do ensino remoto no ano de 2020; 3. A necessidade de a SME fazer parceria com empresa que assessorasse as formações, quanto às novas aprendizagens; 4. Falta de estímulo do poder público. O P12 ainda contribui, concordando com os colegas, falando sobre: 1. O não retorno do município; 2. A falta de compromisso do professor; 3. O não incentivo e investimento; 4. A ausência de recursos próprios dos alunos e suas dificuldades de inclusão. Já na EC, o P06 diz que os estímulos e investimentos foram escassos em período de pandemia, bem como ressalta as resistências dos professores frente à necessidade do uso das novas tecnologias. O P08 contribui com a fala do colega, sinalizando a ausência de apoio municipal direcionado à educação.

Observa-se que os docentes não identificam, no Poder Público, o investimento necessário para o seu desenvolvimento profissional. Além disso, sinalizam que as mudanças do tempo presente deveriam ser acompanhadas por formações no campo das tecnologias digitais, principalmente, mas isso não aconteceu. Em 2019, houve apenas uma formação com a temática «inovação pedagógica», ofertada pelo Município, porém apenas um dos professores entrevistados citou esta formação. Aliás, as falas estão focadas no aspecto meramente tecnológico, e não na amplitude da inovação pedagógica, o que demonstra pouco aprofundamento teórico com o tema, em sua amplitude.

É importante ressaltar que a pandemia provocada pela COVID-19 levou países de todos os continentes a fazerem adaptações em seus sistemas de ensino e a reformularem o planejamento do ano letivo seguinte. Alguns optaram pela aprovação automática, em função da suspensão das aulas presenciais e das dificuldades de acesso e de engajamento no ensino remoto. Outros promoveram mudanças nas avaliações e no calendário escolar. Em comum, todos anunciaram propostas de intervenção pedagógica para o biênio 2020-2021, como manter e até mesmo ampliar o ensino remoto ou realizar diagnóstico e recuperação da aprendizagem (Instituto Unibanco, 2020)⁴¹.

Um estudo realizado pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – Undime –, entre janeiro e fevereiro de 2021, com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef – e do Itaú Social, com dados de 3.672 Secretarias Municipais de Educação – dois terços dos municípios do país –, mostra que 92% delas funcionaram apenas por meio de ensino remoto, enquanto 8,1% adotaram o ensino híbrido – intercalando atividades presenciais e não presenciais. No ensino remoto, as redes municipais se valeram preponderantemente de material impresso [95,3%] e «Whatsapp» [92,9%], sendo que a terceira opção mais citada contempla as videoaulas gravadas [61,3%]. Em quarto lugar, aparecem as orientações «on-line», por meio de aplicativos [54%]. Já estratégias como as plataformas educacionais foram mencionadas por apenas 22,5%, e as videoaulas «on-line», ao vivo, foram mencionadas por apenas 21,3% dos municípios⁴².

Percebe-se que as tecnologias digitais têm marcado, sim, o nosso tempo. Contudo, para se construir caminhos para a escola, pautados na flexibilidade e adaptabilidade, equidade e aprendizado com as tecnologias, deve ser levado em conta uma perspectiva de escola acolhedora com as diferenças, que vai além da pauta tecnológica.

⁴¹ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=195831-pcp006-21&category_slug=julho-2021-pdf&Itemid=30192 Acesso: 15 set. 2021.

⁴² Ibid.

Conforme as narrativas, o estímulo e investimento para a inovação pedagógica no município se encontra em restrição, visto que os professores pontuam situações de faltas, ausências e carências. Isso demonstra a necessidade de acompanhamento das inovações ocorrentes nos espaços sociais, ambientais e particulares da vida humana, principalmente no campo educacional.

A transição de um paradigma a outro não depende apenas de uma organização governamental ou institucional, nem meramente tecnológica, mas também das tomadas de decisões subjetivas, ou seja, de o professor desenvolver seu senso de buscas e desenvolvimentos emocionais, intelectuais e profissionais, agregando o conhecimento adquirido em outras instâncias não educacionais às suas práticas cotidianas, dentre elas, a docente, atuando de forma criativa para a transformação da realidade que o cerca.

Quadro 13

Cobranças e imposições

5. COBRANÇAS E IMPOSIÇÕES			
Área Urbana		Educação do Campo	
P01	Eu nunca me senti obrigada a ser inovadora, porque realmente eu sempre busquei estudar muito. Olha, anteriormente eu nunca me senti assim, nunca me senti forçada a entrar em modismos da educação, já vivenciei vários, o construtivismo mesmo foi um, teve uma época da febre da Montessori né, do método da Maria Montessori, também vivi muito, lá em Minas foi uma febre, lá todas as escolas trabalhavam. Então, assim, eu vivi muito algumas fases aí de modismo, mas, assim, eu sempre me adequava muito bem por conta de ser isso aí, de buscar sempre e conhecer, pra mim tudo novo eu quero, é desafio pra mim. Agora, hoje eu posso dizer que a cobrança hoje tá sendo assim, muito séria, sabe, eu não falo talvez nem só por mim, porque eu não tenho muita dificuldade na questão de tá lidando com as tecnologias com os alunos, mas eu tenho muitas angústias e muitos anseios disso aí. E a cobrança está grande em cima da gente, e a contrapartida é qual? Pra mim, nenhuma, não sei se pras colegas, mas não está tendo nenhuma contrapartida, e nós estamos sendo cobrados, sim, pressionados, sim, pelos governantes, isso aí, isso tá muito claro pra todos aqui, eu acho.	P05	O professor, o tempo todo, ele é cobrado, né, a estar inovando sua prática. Por quê? Até no processo mesmo de formação. Eu fiz Magistério na época, eu acredito que todos que fizeram também, nós fomos cobrados num determinado tempo a fazer Magistério, bancando do nosso próprio bolso, né, fizemos uma formação. E o tempo todo nós estamos sendo cobrados. Essa pergunta, ela até complementa a outra que os colegas responderam, pra não alongar muito tempo, acabei discutindo também. Mas assim, nós estamos, os profissionais da educação, o tempo todo estamos sendo cobrados, né, na prática, na formação, dentre outras coisas. Então, assim, existe formação continuada e tem muitos cursos que o professor, ele banca do próprio bolso, né, porque é uma cobrança que vem pra ele e ele precisa dar conta. E agora, nesse tempo agora de pandemia, ainda mais, porque nós estamos lidando com tecnologias novas que não estávamos acostumados, né, então nesse processo, o que é que acontece, as cobranças vêm, como falou meu colega L..., como falou meu colega M..., há pouco, né, nós estamos sendo cobrados o tempo todo. Assim, respondemos algumas cobranças, e tentamos dar conta de outras, mas, assim, é muita cobrança, é muita coisa, o
P12	Essa é a nossa realidade agora.		

		tempo todo nós estamos sendo cobrados para dar conta. É... planos, né, diferentes, agora nessa situação de tecnologia mesmo, nós estamos tendo que aprender muita coisa, porque nós não tivemos capacitação pra isso, não tivemos uma formação, a nossa formação não tem nada a ver com o tipo de aula que nós estamos trabalhando hoje. Claro, nós como profissionais, estamos buscando, a cada dia, melhorar, pra trabalhar, pra atender a necessidade atual, mas ainda há uma cobrança muito grande. É...eu não sei os colegas, né, mas assim, quando dá..., hoje mesmo, a partir de hoje, nós já temos que nos preocupar com planos, né, com roteiros, com atividades, em si, com muitas coisas que nós fazíamos, trabalhávamos sim, mas, assim, há cobrança o tempo todo, professor é aquele que sempre é cobrado, em todo o tempo ele é cobrado, desde a formação, a aula dele, o tipo, a mudança, o fazer pedagógico, as questões, né, de tecnologia. Temos alunos que já nasceram nessa época, e nós não nascemos e não fomos preparados pra isso, nós estamos nesse processo e temos que dar conta, nós temos que dar conta do que tá acontecendo, até porque o nosso aluno, ele não é um aluno como antes, como nós fomos, ele é um aluno atualizado, da era da tecnologia, e nós estamos dando conta desse processo com muita dificuldade e não está sendo fácil pra ninguém, né? Então esse é um processo que nós estamos sentindo, realmente nós estamos em cobrança o tempo todo, o professor ele tá sendo sempre cobrado de algo, seja na área acadêmica, seja em seu fazer pedagógico, ele é uma pessoa, né, do responder as cobranças, é o professor.
--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Frente ao tema 5 – «Sentimento de obrigação ou cobrança para serem inovadores por imposição da sociedade ou por órgãos governamentais» –, na AU, o P01 trouxe como reflexão: 1. A sua motivação própria, independentemente das ofertas dos órgãos; 2. A não necessidade do modismo, mas da atualização do conhecimento; 3. As constantes cobranças no que tange ao uso das tecnologias; 4. A falta de contrapartida frente às cobranças; 5. Exigências dos órgãos governantes. O P12 concorda com o posicionamento do colega participante. Na EC, o P05 fala sobre as cobranças exigidas ao professor, quanto à

necessidade de desenvolver-se frente às inovações pedagógicas, às formações, correspondendo com as particularidades dos seus alunos, que vivem nesse tempo de grandes transições tecnológicas e pedagógicas.

Assim, os participantes falam das suas questões mais particulares. Esse tema tornou-se o momento de expressividade das suas questões latentes de desconforto. Percebe-se que o que é dito pelos participantes traduz suas angústias e insatisfações, suas inseguranças e ausências. Há, ainda, no discurso, uma necessidade de atribuição de culpa. Melhor dizendo, a autorresponsabilidade frente ao processo do desenvolvimento profissional não se apresenta de forma objetiva.

De acordo com Haddad Ferreira e Barbosa (2020), torna-se fundamental ouvir os professores e suas experiências sobre a docência no contexto de isolamento social. O compartilhamento da produção de saberes, nesse período, pode auxiliar na percepção da docência como lugar de autoria da própria prática de trabalho coletivamente construída e das vivências individuais que venham a identificar as dificuldades e potências dessas práticas de ensino emergencial. Logo, deve-se levar em conta a capacidade criadora e autoral dos professores, considerando a qualidade social nessa relação pedagógica.

De acordo com Estevez (2020), para se evitar a desconexão do currículo com as experiências da vida, surge a necessidade de se entender quais as contribuições que as vivências individuais e coletivas, os saberes das experiências adquiridos, as políticas formativas, bem como os fenômenos curriculares e os movimentos do currículo nessa experiência educativa, vivida neste tempo de pandemia, têm proporcionado para a ressignificação da prática docente. Isso significa “a necessidade de promover e ampliar a diversidade de competências cognitivas, sociais e emocionais, e de se concentrar no bem-estar dos alunos” (Reimers & Schleicher, 2020, p. 6).

É preciso considerar que o contexto da prática docente no contexto escolar é um movimento. Por conseguinte, a formação docente está em constante processo de desenvolvimento e mudança. As políticas curriculares e o currículo, em si, enquanto projeto educativo, devem contribuir para as discussões desses cruzamentos e das contradições entre o texto escrito e a realidade da prática cotidiana (Cipriani, Moreira & Corrêa, 2020).

Os participantes se queixam das falhas do sistema, das atribuições exigidas, das cobranças para além do que é viabilizado. Dessa forma, eles se colocam num lugar, por vezes, de atuação secundária, temendo as inovações tecnológicas, a necessidade de atendimento da demanda atual da conjectura educacional.

Marcelo (2009) afirma que parte do desenvolvimento profissional integra diferentes campos do conhecimento, práticas curriculares, saberes didáticos, experiências de aprendizagens, sendo uma evolução contínua que supera a tradicional justaposição da formação inicial do professor. Com isso, há um olhar voltado à responsabilização do processo dentro de um contexto organizacional e para além do que se entende como sistema, o qual passa pelas instâncias de consciência dos sujeitos envolvidos, bem como pela integração deste com o mundo que o cerca.

Quadro 14

Cursos de formação

6. CURSOS DE FORMAÇÃO			
Área Urbana		Educação do Campo	
P01	Essa inovação, agora, atual ou da vida profissional? Eu já participei de vários, eu não sei nem agora, assim de cabeça te dizer, o nome dessas instituições.	P08	Inovação pedagógica, eu não participei não.
P12	Eu não tenho lembrança. Eu participei particular, fora, a minha eu paguei particular, não tive apoio de ninguém daqui da Secretaria, ninguém, foi particular, essas atuais, né?		
P01	Eu fiz algumas particulares, fiz também pelo governo federal, pelo MEC, pelo site do MEC, teve alguns lá bem bacana, e fiz também, estou fazendo né, acho que tem alguns colegas aqui que estão fazendo também, que é pela Universidade do Ceará, um curso muito bacana que está acontecendo e finaliza em maio, mas fora isso eu fiz muitos particulares, paguei vários também, e fiz muitos gratuitos também, na internet.	P05	Não, eu não me lembro de ter feito nenhum curso com esse tema específico.
P03	Mas também tivemos uma formação, se não me engano, que a Secretaria de Educação, acho que foi até no CEAME, acho que em 2019 ou 2018, eu não lembro, a formadora acho que era E..., se não me engano, até bem bacana também, tivemos vários encontros bem legais, bem produtivos, tivemos, inclusive, alguns Mestres lá trabalhando com a gente também. Tivemos uma aula bem bacana que eu me recordo, inclusive, até de Matemática, muita dinâmica, muita forma de trabalhar com os meninos em Matemática e foi uma aula prática, mão na massa, muito bacana. Nisso, nós tivemos outros cursos também que foram de complementação pedagógica, que foi uma pós-graduação e outros cursos que a gente fez aí, mas aí particular.		

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Diante do tema 6 – «Cursos de formação na temática inovação pedagógica e instituição formadora» –, na AU, o P12 não se recorda de cursos feitos dentro desta temática. Numa primeira instância, o P01 também não se recorda, mas, em seguida, menciona alguns cursos efetivados com custo próprio e vinculados a órgãos públicos. O P03 faz menção a cursos e formações ofertados pela SME, dentre os particulares. Os professores da EC não relataram sobre cursos executados.

A partir dessas falas, mais uma vez os participantes expõem um engajamento restrito em relação à inovação pedagógica, têm memória espaçada de formações efetivadas, comentam sobre suas participações em cursos custeados particularmente, bem como os que foram ofertados pela SME ou governo federal/MEC.

Torna-se fundante que os processos formativos sejam significativos, tanto para os docentes quanto para o repensar do fazer educacional, propiciando aproximações das leituras de mundo presentes no contexto escolar, visando a transformação criativa da realidade, seja com ou sem a mediação tecnológica. Essa compreensão mais ampla do que vem a ser inovação pedagógica, como implementação de práticas e ideias que promovam a criatividade coletiva, vem sendo sustentada por autores que integram a fundamentação teórica deste estudo (Hannon, 2009; OECD, 2010; Lafarrière *et al.*, 2012).

Logo, observa-se que não basta a aquisição de aparatos tecnológicos, de equipamentos suficientes para o funcionamento de uma rede, faz-se necessário uma engrenagem, um vincular-se, um pertencimento ao que está emergindo, um engajamento na situação, como proposta validada que faz sentido para os que estão imersos no sistema. Para tanto, novos valores e novos olhares precisam surgir, uma ampliação de entendimento do contexto passa a ser um ponto essencial. A isenção do comprometimento dos envolvidos, seja o sujeito ou a instituição, é um indício da precariedade de inovação, desenvolvimento e formação profissional.

Como já mencionado, a pesquisadora organizou dois roteiros, constituídos por temas para discursividade entre participantes do grupo. Como no roteiro 1 [um], apresentaremos o roteiro 2 [dois] com fragmentos de falas. Este segundo roteiro é composto por três [03] temas, executados com professores da Área Urbana [AU] e da Educação do Campo [EC].

Quadro 15

Roteiro 2 – Desafios e dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental

1. AÇÃO E DECISÃO ASSERTIVAS FRENTE AOS DESAFIOS PROFISSIONAIS			
Área Urbana		Educação do Campo	
P12	Acho que isso aí, tem que ter um planejamento, preparado pela nossa escola, porque ela fica praticamente assim, situada assim, e aí tem que ter apoio das autoridades, porque sozinho, o profissional, ele não vai conseguir, nós temos vários bairros em Porto Seguro, aqui mesmo, então precisa se criar um grupo de apoio, direcionar junto com a direção da escola. Precisa de um planejamento e nesse planejamento, temos que ter Conselho Tutelar, policiamento, mandar algum psicólogo, temos que formar um grupo, uma equipe que possa nos ajudar, porque sozinho a escola não funciona, eu sei disso porque eu já passei aqui trabalhando na escola, na vice-direção, e é um sufoco pra gente, tem que tá sempre chamando o Conselho Tutelar, fazendo reuniões, indo pra Secretaria Municipal de Educação, e aí, a nossa segurança aqui era através de equipe, de grupo. [...] A gente nunca tá preparado, naquele momento vem surgir algo, espontâneo né, porque às vezes as coisas acontecem no dia a dia.	P05	Não é uma pergunta simples, porque eu acredito que todos nós vivenciamos algumas situações em vários bairros, não vem aqui ao caso ficar citando e não é uma pergunta simples, porque cada profissional, ele vai agir de uma forma, ele vai ter sabedoria pra ministrar a sua aula, ele não vai poder falar algumas coisas, ele vai ter que ter disciplina, discernimento e conhecimento para estar agindo em determinadas situações, por quê? Porque no âmbito que nós vivenciamos, a nossa sociedade, em si, não só no bairro onde nós moramos, mas em outros bairros, nós temos uma realidade difícil, diferente, né, então, assim, há situações que o professor, ele tem que ser muito profissional e muito sábio, ele tem que ter o discernimento, ele tem que ter o discurso voltado pra determinadas situações e ao mesmo tempo, ele ter essa sabedoria de conduzir a aula dele de forma científica, né, com cunho científico, e tendo esse cuidado de levar para o seu aluno o conhecimento e não trazer vivências, mesmo na participação, na questão da participação da... dos colegas e alunos, né, então tem que ter esse cuidado, nós educadores temos que ir e voltar, nós temos que ser mediadores, mas ao mesmo tempo, nós temos que ser muito profissionais para estarmos atuando em algumas áreas e ministrando nossa aula. Determinados temas nós temos que ter muito cuidado em como ser abordado em sala de aula. Eu falo pra você que não existe uma receita de preparação, não existe, psicologicamente, nenhum de nós estamos preparados para isso, nós nos preparamos com a nossa realidade, com o nosso dia a dia, nós estamos sempre sendo testados, o professor, ele não tem uma receita pronta, ele é um mediador, ele é um profissional de pesquisa, ele tá o tempo todo indo e voltando, e algumas
P01	É difícil te responder assim, dilemas, isso é uma coisa que não dá pra preparar, eu acho que isso vai acontecendo porque cada realidade é uma, cada caso é um, então, assim, eu não consigo me imaginar eu me preparando pra deparar com algum tipo de problema assim. A experiência vai ajudar muito, talvez eu já passei por algo parecido, então agora eu vou saber lidar com isso melhor, mas assim, eu acho que as coisas têm avançado tanto, a gente tem visto coisas assim tão absurdas que a gente não consegue imaginar, prever alguma coisa assim, sabe? E preparar pra quando aquilo acontecer, o que a gente pode é ficar catando mesmo, sabe? Daquela aprendizagem que foi assim, daquela experiência que foi assim, dá pra ser feito isso, mas você se preparar pra algo, eu acho bastante, assim, abstrato, entendeu? Muito sem, eu não consigo me preparar pra algo que eu nem sei o que é que é que vai acontecer, entendeu? Mas é claro que a experiência, com o tempo, a vivência, vai ajudar muita gente tentar resolver ou sair do problema, isso é fato! Com certeza! Não só		

	dentro de sala de aula, mas na vida da gente, né.		situações sociais, elas nos trazem ainda muitas surpresas, né, então a gente não tem uma receita, se eu falar pra você, é..., isso aqui funciona ou isso aqui funciona, eu vou estar mentindo, porque cada situação é uma situação, e o profissional, ele tem que atuar de forma diferenciada em cada momento. Às vezes um aluno, eu já tive situações de um aluno de 3º ano trazer algumas situações e naquele momento, né, eu ter sabedoria de conduzir aquela aula e ao mesmo tempo com os jovens e adultos, então assim, não existe uma receita. O profissional, ele está num contexto educacional, ele é um profissional, nós somos, eu falo que nós somos artistas, nós temos esse dom de sair de algumas situações, né, com muita propriedade, com muita sabedoria e darmos conta. Às vezes nem nós mesmos sabemos como damos a conta naquele momento, mas assim, a educação, em si, ela nos traz, também, algumas experiências, e se nós formos relatar aqui vamos passar a noite, mas assim, são experiências que elas somam, pra preparar o profissional nessa área.
--	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Correspondendo ao tema 1 – «Ação e decisão assertivas frente aos desafios profissionais» –, o P12 fala sobre a necessidade de planejamento acionada pela escola e sobre o quanto o professor está em constante formação. Já o P01 fala sobre a dificuldade de planejamento, haja vista as particularidades, porém ressalta a importância das experiências como fonte de aprendizagens para ações mais assertivas. Na EC, o P05 trata do discernimento, do conhecimento, do profissionalismo, da mediação e do zelo psicológico como formas de se preparar para lidar com diferentes dilemas em sala.

A entrevista aponta para as dificuldades ao lidar com os dilemas. Imbernón (2010) avulta a questão das formações e as poucas mudanças ocorridas, sinalizando a possível existência de momentos uniformes de transmissão, com teoria descontextualizada e com aplicabilidade escassa, por não prezar as diferenciações, os problemas práticos e reais. Isso é

pontuado pelos participantes, quando falam sobre a necessidade de um planejamento adequado à escola, das particularidades não atendidas, extensivas ao circuito escolar.

Esta pesquisa corrobora essas discussões, ao evidenciar que o processo inovativo tem como objetivo diminuir a lacuna entre o que se ensina e a vida daqueles que aprendem, agregando novidade ao contexto em que as práticas pedagógicas são realizadas (Fino, 2011). Observa-se que os participantes também percebem essa lacuna existente entre conhecimento científico e a realidade social. E o grande desafio do presente, amplificado pela pandemia, é reconhecer os limites do paradigma tradicional de educação e buscar a construção de um conhecimento complexo (Morin, 2008), sendo necessário considerar a religação dos saberes, para que haja um caminho mais transformativo do real.

Quadro 16

Desafios enfrentados na prática

2. DESAFIOS ENFRENTADOS NA PRÁTICA			
Área Urbana		Educação do Campo	
P03	Ai, acho que muitos desafios né, a gente tem, por exemplo, às vezes, excesso de alunos nas turmas, a gente tem, às vezes, defasagem de aprendizado, né, ambientes muito violentos, a gente vive em áreas, né, onde as crianças são muito vulneráveis. Aqui, por exemplo, onde a gente tá, né, nós temos muitos alunos que vivem em áreas de risco, então a gente se depara muito, a gente vê falta de apoio, às vezes, pedagógico, falta de apoio dos pais, são vários desafios e vários dilemas que a gente vive no dia a dia, que a gente precisa tá totalmente, acho que, se preparando, buscando cada vez mais, até mesmo no campo do direito, pra gente saber se posicionar e saber cobrar, até mesmo de que, porque a gente, às vezes, age ainda na verticalidade né, a gente tem algumas pessoas que estão acima de nós, né, alguns órgãos também, que a gente também pode tá cobrando de repente, acionando pra também nos ajudar, né, porque às vezes se falam muito por conta, é..., a carga fica muito em cima do professor, a gente precisa também distribuir essas responsabilidades também, né? E por isso a gente precisa se preparar no campo mesmo do Direito, saber quais são os nossos deveres, mas também quais são os nossos direitos e correr atrás deles. Acredito que é por aí.	P06	Esses desafios enfrentados diariamente, isso afeta até mesmo uma prática corriqueira em sala de aula. Eu escutei (...) falando, e assim, vou usar até uma fala dela, “o professor tem que ser ninja pra sair de algumas situações adversas”. Eu separei 3 tópicos aqui, primeiro foi a questão em relação até a primeira pergunta, complementando a segunda, que é a questão da família. Tem horas que surge temas relacionado à família dentro de sala de aula e o conceito de família mudou-se um pouco, né, que, acredito que aquele conceito tradicional, pai, mãe e filhos, né, hoje a criança mora com dois homens, mora com duas mulheres, assim, são temas muito delicados de participar e que volta e meia vem à tona dentro de sala de aula. A outra questão é a questão da religião, porque você dá a sua aula de Ciências, na sua aula de História, sempre vem a teoria da evolução, sempre vem a origem do homem, então, são assim, situações bem delicadas pra tá se tratando, porque dentro de uma sala de aula, existe x denominações, né, então você tem que saber lidar bastante né, com essas situações, e a última, que eu coloquei aqui pra destacar, que infelizmente, tá em todos os lugares, né, é a questão da criminalidade. Aconteceu comigo em sala de aula, um menino comentando, né, que antigamente quando você via uns “estourozinhos” o povo se assustava, hoje já é coisa cotidiana, já, os meninos nem se assustam mais, comentando
P12	É muito cobrado, o professor.		

			dentro da sala de aula, “professor, lá em casa é, fulano é, tava fumando lá e a fumacinha chega saia verdinha”. E assim, a sala 29 alunos, e ele não falou baixo, então, assim, eu tive que contornar essa situação, cheguei perto dele e falei que essa situação não poderia tá se contando, etc e tal né, pra contornar a situação, depois o chamei no particular, na hora do intervalo, eu tive a liberdade de chamar os pais dele na escola, conversei a situação, falei “ó, aconteceu isso e isso”. Eu tentei contornar, mas assim, “você conversa em casa pra que não saia mais do ambiente, pra que não dê problema nem pra um lado, nem pro outro né”, então assim, é cada enfrentamento que a gente tem que só Jesus. O professor tem que ser ninja mesmo, e sair de situações adversas que volta e meia aparece em sala de aula.
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Diante do tema 2 – « Desafios enfrentados na prática» –, o P03 traz a questão do excesso de alunos nas turmas, a defasagem na aprendizagem, a violência vivenciada, a vulnerabilidade com a qual convive o profissional, a ausência de apoio pedagógico e dos pais. O P12 concorda com seu colega, ressaltando o excesso de cobranças feitas aos professores. Na EC, o P06 fala sobre a família, a religião, as drogas e a violência como fatores ou desafios enfrentados diariamente.

Esse tema é uma continuidade do anterior, pois os participantes, ao falarem, intensificam seus sentimentos e percepções frente aos dilemas e desafios, pontuando fatos ainda não solucionados. Dessa forma, o desafio abarca o percurso formativo. Ainda ancorados em Imbernón (2010), é possível dizer que as formações passam a ser palco das reivindicações das mudanças trabalhistas, das melhorias de salários, das promoções de carreira, das cobranças de infraestrutura, das discussões sobre defasagens de aprendizagem, estruturas familiares. Enfim, os desafios enfrentados, na prática, se apresentam como influenciadores no processo de desenvolvimento profissional.

E como tem sido apontado pelo estudo, não há como desconsiderar a leitura de mundo dos educandos (Freire, 1996) e os seus saberes construídos ao longo das trajetórias coletivas dos grupos sociais (Santos, 2007). É preciso usar esses saberes para a resolução dos problemas locais (Freire, 1996), atuando de forma que a educação tenha um caráter emancipador e transformador das realidades marcadas por múltiplas formas de violências.

Quadro 17

Desafios enfrentados na prática

3. DIFICULDADES INOVAÇÃO PEDAGÓGICA ENQUANTO REALIDADE			
Área Urbana		Educação do Campo	
P01	Eu não vejo, assim, muito..., é..., dificuldade não, quando eu quero colocar algo em prática eu não vejo dificuldade não, porque eu sempre me desenrolei, eu sempre busco, precisa comprar alguma coisa, eu nunca tive esse problema, eu vou, eu compro, eu particularmente, não vejo assim, muita dificuldade pra desenvolver alguma inovação em sala de aula não. Sei reconhecer, “poxa, eu fiz isso aqui ó, não foi muito legal, não deu muito certo, eu vou tentar de outra forma, vou fazer outra coisa, porque isso aqui não foi bom”, entendeu? Sei reconhecer também, “poxa isso aqui foi joia, bacana, vou fazer isso aqui mais vezes, porque o resultado foi positivo”. Então, eu, na sala de aula, eu não vejo por isso, porque eu não espero por ninguém não.	P06	Bom, uma das grandes dificuldades é você tentar trazer a família para a escola, porque houve uma inversão de valores, né, então a escola hoje ela é responsável por tudo, né, tirou a responsabilidade dos pais e jogou pras costas dos professores, ou seja, pro corpo da escola, isso antes, agora com o período da pandemia, voltar um pouquinho o tema novamente, voltou-se um pouco, porque agora eles têm que acompanhar os filhos dentro de casa, tem que auxiliar o professor dentro de casa. Passa atividades, já teve caso de pais mandar recado desaforado pro professor, dizendo que ele não era obrigado não, o professor já ganhava pra poder ensinar, ganhava pra lecionar, hoje eles estão sentindo na pele, ou seja, o professor com 29, 30 alunos dentro de sala de aula, hoje ele tá com 1 ou 2 dentro de casa, que são seus filhos, e volta e meia reclamando no grupo dos pais que não tá aguentando a atividade, não tá aguentando acompanhar o rendimento do filho, ou seja, uma das maiores dificuldades é, trazer a família pro colégio, trazer a família pra escola, trazer a família pro lado dos professores, pra que possa fazer um trabalho em harmonia.
P09	Concordo plenamente, quem quer tem que ir atrás, vai em busca.		
P01	As dificuldades, elas sempre existem, sabe, dentro da escola, através da Secretaria de Educação, essas dificuldade sempre encontram, mas eu acho que se o professor fizer dentro da medida do possível dele, eu acho que dá pra acontecer as coisas, porque se você ficar sentado esperando que alguém, que a gestão da escola, e olha que a gestão da escola faz muito, muito mesmo, por todos dentro da escola, mas ficar esperando pela Secretaria de Educação não vai fazer nada nunca, não vai inovar nunca.	P05	Nosso colega foi muito feliz quando ele colocou a questão da família. Realmente, a dificuldade que nós temos maior, né, inclusive agora a gente tá tendo essa oportunidade de estar conversando sempre, os pais estão muito, muitos estão desesperados, né, com essa nova situação, porque até então o professor, ele era tido como um profissional que não tinha muito trabalho, hoje estamos vivenciando isso como o colega acabou de colocar, nós damos conta de 27, 30 alunos em sala de aula, hoje o pai tá ajudando com atividade de 1 e estão reclamando né, e nós precisamos dessa parceria, e eu acredito que após essa pandemia vai haver uma
P03	Mas existem dificuldades. Olha, assim, o professor sempre dá um jeitinho, né, esse é o jeitinho que o professor vai dando né, e infelizmente, realmente, às vezes falta apoio, eu te falei ontem que falta muita coisa nas escolas, falta material pedagógico pra trabalhar com os meninos, eu te falei, inclusive, que a gente precisava investir na cultura digital, por exemplo,		

	é uma inovação, e assim, a gente precisa muito e olha o momento que a gente tá vivendo, né, a gente começou com essa pandemia o ano passado. Durante o ano todo a Secretaria Municipal de Educação, na gestão passada, se reuniu, né, no final disseram que tinham feito licitação, não sei se cabe aqui, de algum aparelho para dar para os meninos, os professores, de internet nas escolas, tinha feito parceria com a (...), a gente iniciou o ano agora de 2021 de uma forma que a gente poderia ter iniciado lá atrás, né? Nós não temos aparelho, nós não temos internet boa para os alunos, os alunos não têm. Então, assim, olha o momento que precisava tá inovando mesmo, é um momento que pede isso, e a gente não tem, infelizmente, então eu acho que também é mais uma dificuldade pra gente, mais um dilema pra gente aí. [...] E a culpa é do professor, quando o pai chega aqui, eles jogam tudo em cima do professor, entendeu, não quer saber que tem uma coordenação, que tem uma gestão na escola, uma direção, que tem a Secretaria de Educação, que a gente também depende de lá, mas essa carga toda vem pra cima da gente.	mudança, uma mudança de pensamento em relação à família, não sei se vai resolver, com certeza não vai, mas nós estamos percebendo que o educador, hoje, né, com toda essa situação que nós estamos passando, está sendo visto de uma forma diferente. Por quê? Porque antes os pais achavam que educação ensinava a ler e a escrever, né, interpretar, fazer as funções que nós ensinamos e ainda preparamos pra vida, como o colega acabou de colocar aí, muitas pessoas, né, em cima do educador, então assim, a família, se ela tivesse uma parceria com a escola, com certeza seria totalmente diferente. Então, realmente é o que o colega acabou de falar, é o que falta, é a questão da família, porque se trabalharmos em conjunto, escola – família, a realidade é outra. Nós vivenciamos isso, eu tenho aluno, que tem o acompanhamento da família, a aprendizagem é completamente diferente, né? Então, é essa situação realmente que passamos. Tem que existir essa parceria entre esses dois, escola e família, no dia que existir eu tenho certeza que a educação, de fato, vai melhorar.
P12	A grande dificuldade é essa mesmo, os pais tão cobrando da gente e não tem como a gente repor.	

Fonte: Elaborado pela autora, 2021

Discutindo o tema 3 – «Dificuldades e inovação pedagógica enquanto realidade» –, o P01 e o P09 expõem sobre o quanto o professor tem condição de realizar mudanças, desde quando ele esteja motivado para tal, tendo sensibilidade para perceber o momento de fazê-las. Já o P03 prefere pontuar as dificuldades existenciais não solucionadas pela escola/gestores/SME, apontando a possibilidade de o professor ter sempre um jeito para resolver os problemas, a falta de apoio pedagógico, do investimento direcionado aos aparatos digitais em inovação, a atribuição de “culpa” direcionada ao professor. O P12 considera os pais como esses possíveis “cobradores”. Na EC, o P06 traz a questão da família, enquanto o P05 acrescenta a questão do desespero dos pais, por não terem condição suficiente para lidar com o acompanhamento integral dos seus filhos.

Em mais um tema, os participantes ressaltam suas dificuldades reais para que ocorra a inovação pedagógica. Entretanto, há aqui uma positividade em relação à ação do professor,

apresentado como capaz de fazer, inovar, reconhecer, ter atitude, se posicionar, mesmo com alguns apontamentos voltados para as insatisfações.

Como apontado acima, as fragilidades trazidas pela pandemia também se colocam contraditoriamente como chaves de mudança dentro de realidades diversas e desafios múltiplos. O professor, enquanto ator curricular, identifica os desafios, reflete, questiona e denuncia, mas também cria outros formatos e estratégias para se fazer entender e dar sentido ao conhecimento, em meio a um dos períodos mais difíceis da contemporaneidade. O docente é um elo que mantém a relação educacional viva, mesmo com o fechamento dos portões. É preciso criar espaços mais dialógicos, democráticos e criativos para a partilha de experiências e boas práticas que podem ser transformativas para as comunidades locais.

Imbernón (2010) discute sobre a necessidade de mudanças por parte dos formadores e das políticas de formação, que transformem a visão do conceito de formação, do papel do professor, que apresentem uma nova metodologia de trabalho. Considerando o tema discutido, torna-se latente a ampliação dessa percepção, em que há uma integração entre os labores docentes, as tomadas de decisões institucionais, bem com a ampliação de um olhar para essa política de formação, na qual todos mantêm responsabilidade direta pelo desenvolvimento do processo.

8.3 Desafios e Possibilidades da Prática: Uma análise do Contexto Educativo

O estudo cumpriu o seu objetivo de construir uma análise acerca do desenvolvimento profissional, da inovação pedagógica e da efetivação de políticas públicas de investimento educacional, buscando compreender os desafios e dilemas enfrentados pelos professores participantes, no contexto de processos de inovação pedagógica em seu desenvolvimento profissional.

Nas análises feitas, a pesquisadora verificou as dificuldades enfrentadas, as estratégias utilizadas, bem como as ofertas de formação, observando as mudanças ocorrentes no desenvolvimento profissional, na inovação e prática pedagógica, na gestão de currículo, enquanto políticas públicas de investimento educacional.

No que tange às narrativas dos participantes dos grupos focais, construídas a partir do tema «Desenvolvimento Profissional Docente e Inovação Pedagógica» [Roteiro 1], alguns aspectos se tornaram mais evidentes nas falas dos participantes, como podemos observar a seguir:

-
- A escola, no período de aulas remotas, revelou as fragilidades educacionais dos pais, para fazer o acompanhamento dos alunos, o que requer uma ressignificação dos papéis desempenhados pela Escola, Estado, Família e sociedade, no que tange aos novos rumos da educação no país e na localidade pesquisada;
 - Os participantes se veem como atores curriculantes, que levam em conta não apenas os aspectos técnicos-formativos, mas suas vivências. Todavia, isso também precisa ser reconhecido pela gestão educacional como um saber transformativo e criativo da realidade;
 - Existe uma consciência que a continuidade do estudo é importante, principalmente diante do novo, e que a pesquisa possibilita processo de reflexão da prática pedagógica, mas os participantes se sentem sozinhos, no que tange a esse tipo de investimento intelectual;
 - Os participantes não identificam, no Poder Público, o investimento necessário para o seu desenvolvimento profissional, mesmo com a tentativa de construção de um processo continuado de formação gerenciado por centro formativo específico;
 - Percebe-se que a autorresponsabilidade frente ao processo do desenvolvimento profissional não se apresenta de forma objetiva, e a Secretaria é culpabilizada por pouco investimento, principalmente no que tange a habilidades com as novas tecnologias;
 - Foi identificada, nos documentos fornecidos pela SME, apenas 1 [uma] formação com a temática “Inovação Pedagógica”, o que reverbera nas narrativas dos professores, quando pouco comentaram sobre formações com esta temática, e também quando não demonstraram aprofundamento sobre o tema, o que leva a refletir sobre a necessidade de estudos e formações a esse respeito;
 - Há ausência e carência de ambientes coletivos e de construções participativas para momentos de trocas de experiências, planejamentos, estudos e aprendizagens entre os professores e coordenadores pedagógicos.

Podemos apontar como uma das principais discussões, neste trabalho, a questão da ressignificação do que é escola e do que é família. A noção de família, que vem sofrendo modificações na modernidade líquida, por questões que envolvem as mudanças dos valores e dos papéis sociais de homens e mulheres, vem sendo ainda mais impactada com o fenômeno pandêmico, uma vez que novas alterações acontecem no campo do trabalho, das relações sociais e também educacionais.

Os efeitos da pandemia trouxeram um certo desconforto, pelo fato do ato educativo estar atrelado às relações humanas, pois é feito de partilha e de interação, conforme afirma Morgado *et al.* (2020), e apesar de haver benefícios do uso de tecnologias para o desenvolvimento do trabalho educativo, há o risco de uma desconfiguração da caracterização das relações humanas e coletivas do próprio fenômeno educativo.

No Gráfico 13, das entrevistas, os participantes expuseram suas insatisfações no que tange à ausência de bolsa-incentivo para cursos com foco em cultura digital, o qual oportuniza ao professor lidar com a demanda tecnológica, bem como com a exigência de aperfeiçoamento profissional pedagógico. Frente a esse panorama, pontua-se que as políticas públicas educacionais devem levar em conta a construção de processos formativos que integram ciência, vivências e experiências, em favor de uma construção da profissionalidade que agrega as instâncias dos percursos formativos do próprio sujeito.

No que tange ao Roteiro 2, «Desafios e dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do ensino fundamental», alguns pontos importantes podem ser sinalizados:

- Os desafios enfrentados na prática se apresentam como influenciadores no processo de desenvolvimento profissional, por isso a importância da articulação entre teoria e prática;
- Os participantes ressaltam suas dificuldades reais para que ocorra a inovação pedagógica, mas se mostram capazes de fazer e inovar. Mesmo com alguns apontamentos voltados para as insatisfações, esse aspecto criativo e transformativo precisa ser valorizado pela gestão educacional;
- Os docentes não identificam, no Poder Público, o investimento necessário para o seu desenvolvimento profissional e afirmam que as formações no campo das tecnologias digitais são fundamentais, principalmente em tempos pandêmicos.

A transição de um paradigma para o outro depende, também, de tomada de decisões subjetivas, como já sublinhado neste estudo. O professor precisa se envolver na busca de novos conhecimentos, utilizá-los para refletir sobre sua prática docente, visando transformá-la, agregando a essa prática também as experiências e saberes adquiridos em outras instâncias não educacionais, ao longo da vida, atuando de forma criativa para a transformação da realidade que o cerca. Por exemplo, no Gráfico 3, das Entrevistas, observa-se que existe um reconhecimento, por parte dos docentes pesquisados, de que os saberes são construídos não apenas em locais institucionais de escolarização.

Os participantes expõem o trabalho docente como uma atividade laboral marcada por cobranças, de um lado, e por falhas do sistema, do outro, somadas ao receio de não saber lidar com as novas demandas educacionais. Isso requer a compreensão, por parte dos órgãos institucionais da educação, de que o atendimento a essas demandas está atrelado a melhores condições de trabalho, ao investimento na formação, de que as responsabilidades devem ser assumidas por todos, não apenas pelos docentes.

Percebe-se, no dizer dos professores, exposto no Gráfico 8, a ausência de momentos coletivos na escola, para estudo e planejamento da prática pedagógica. Essa falta de espaço para o diálogo, para a reflexão sobre o trabalho docente e para a partilha das experiências vividas se configura como entraves para a consolidação de práticas transformativas no processo educacional.

Há pouco aprofundamento teórico sobre o que vem a ser a inovação pedagógica e pouco espaço de trocas para movimentos e transformações em curso, no município. É o que evidenciam os Gráficos 9 a 11, em que os participantes expuseram que a inovação pedagógica está relacionada à apropriação de conhecimentos advindos de cursos de capacitação, ao aperfeiçoamento da prática pedagógica, ao uso de tecnologias digitais, o que revela uma visão mais tecnológica sobre o tema.

Há uma ausência, na fala dos participantes, de reflexões sobre o currículo, sobre a prática docente, como pode ser identificado no gráfico 12, das Entrevistas, em que a continuidade formativa está centrada nas novas tecnologias digitais.

O Gráfico 6, das Entrevistas, revela que os professores estão preocupados com as mudanças educacionais nesse novo tempo de Tecnologias e Metodologias ativas em evidência, bem como criticam a ausência de aplicabilidade de alguns cursos ofertados pela SME. Sobre o tema do Gráfico 7, das Entrevistas, os participantes trouxeram a questão da aplicabilidade dos cursos, sinalizando que os mesmos se tornam relevantes quando efetivos em sala de aula.

Assim, concordamos com Martínez-Celorio (2017), quando afirma que os professores não podem mais ficar à margem ou esperar que os outros decidam por eles, que está mais que na hora de buscarem seu desenvolvimento profissional como uma responsabilidade coletiva, abrindo-se às necessidades dos estudantes e da sociedade, atuando como atores-curriculantes:

“El professorat ja no pot quedar-se al marge ni quedar-se esperant el que altres decideixin. [...] És hora que el professorat passem a construir capital professional com a responsabilitat colectiva, no com a individualitats, formant-nos amb rigor,

anant més enllà de l'evidència, assajant noves experiències, compartint-les en xarxes i obrir-nos a les necessitats i prioritats de l'alumnat i de la societat. Avui més que mai, el professorat ha de decidir si forma part de la transformació i la innovació o si es conforma amb la rutina laboral i la sobrerregulació que el va desqualificant a poc a poc fins a la fatiga i la frustració⁴³.” (pp. 25-26)

Para o autor, não podemos manter uma atitude acrítica e de co-conformidade ao sistema educativo. Devemos ter em mente o nosso papel como servidores públicos, com as novas condições educacionais de nossos alunos, “pensar fora da caixa”. Assim, afirma que:

“Immanuel Kant va proclamar el 1784 que l'esperit de la Il·lustració era pensar per un mateix, desfer-se de paternalismes, tuteles i poders dominadors que han mantingut la humanitat en la minoria d'edat, en la foscor o en la dependència. Avui, no podem mantenir una actitud de coformitat i adaptació acrítica al sistema educatiu. Hem de reconèixer les seves forteses i debilitats tenint present el nostre paper de servidors públics. Per poder emancipar-se i repensar el per a què, el què i el com cal educar, el professorat necessita “pensar fora de la caixa” (think out of the box), alliberant-se de les servituds, les dependències i el conformisme adapta-tiu que s'han adquirit després de molts anys modelats per la rutina burocràtica del dia a dia. I per sortir i pensar fora de la caixa, convé tenir present quines són les noves condicions d'educabilitat dels nostres alumnes⁴⁴.” (Martínez-Celorrio, 2017, p. 33)

Feito Alonso afirma que talvez um dos erros mais graves cometidos com o corpo docente seja não o ter treinado para os novos tempos:

“Quizás uno de los fallos más graves que se ha cometido con el profesorado es el de no haberlo formado - especialmente al que se ha incorporado a la profesión más recientemente - para los nuevos tiempos. [...] no menos grave es el escaso grado de autonomía de que gozan los centros - sus equipos directivos, sus comunidades educativas - para diseñar e implementar proyectos educativos respetados por toda la

⁴³ Tradução: El professorat ja no pot quedar-se al marge ni quedar-se esperant el que altres decideixin. [...] És hora que el professorat passen a construir capital professional com a responsabilitat col·lectiva, no com a individualitats, formant-nos amb rigor, anant més enllà de l'evidència, assajant noves experiències, compartint-les en xarxes i obrir-nos a les necessitats i prioritats de l'alumnat i de la societat. Avui més que mai, el professorat ha de decidir si forma part de la transformació i la innovació o si es conforma amb la rutina laboral i la sobrerregulació que el va desqualificant a poc a poc fins a la fatiga i la frustració (Martínez-Celorrio, 2017, pp. 25-26).

⁴⁴ Tradução: Immanuel Kant proclamou em 1784 que o espírito do Iluminismo era pensar por si mesmo, livrando-se de paternalismos, tutelas e poderes dominantes que mantiveram a humanidade na minoria, no escuro ou na dependência. Hoje, não podemos manter uma atitude de co-conformidade e adaptação acrítica ao sistema educativo. Devemos reconhecer seus pontos fortes e fracos, tendo em mente nosso papel como servidores públicos. Para se emancipar e repensar por que, o que e como educar, os professores precisam “pensar fora da caixa”, libertando-se da escravidão, da dependência e do conformismo, rotina burocrática do dia. E para sair e pensar fora da caixa, é importante ter em mente as novas condições de educação de nossos alunos (Martínez-Celorrio, 2017, p. 33).

comunidad escolar y conectados con su entorno y las necesidades formativas de su alumnado⁴⁵.” (Feito Alonso, 2020, p. 178)

Para o autor, principalmente os docentes que ingressam na profissão mais recentemente, deveriam ter em sua formação – inicial e continuada –, a inclusão de temas voltados para a realidade atual, além de serem dadas às escolas a autonomia necessária para que as equipes gestoras, juntamente com suas comunidades educativas, possam elaborar e implementar seus projetos educacionais voltados para as necessidades da comunidade escolar e dos alunos. Como reflete este estudo, o currículo e o conhecimento não são estáticos, mas vivos, frutos das dinâmicas sociais e relações de poder. Quanto mais ecológica a relação entre os múltiplos saberes que integram o universo escolar, mais transformativo será para a própria comunidade envolvente.

Importante se faz ressaltar, o que afirma Feito Alonso (2020):

“En particular, es importante librarse del prejuicio de que un buen profesor es alguien progresista y que el conservador es malo - algo similar cabría decir sobre la contraposición del profesor joven frente al maduro, del de izquierdas frente al de derechas -. Del mismo modo que es verdad que bajo ciertas prácticas docentes supuestamente progresistas se esconde más bien la demagogia del arte de perder el tiempo, ciertas prácticas *a priori* conservadoras pueden ser eficaces y equitativas⁴⁶.” (p. 175).

Assim, devemos nos livrar do preconceito de que um bom professor é apenas aquele progressista, e que o conservador é ruim, ou de fazer juízos de valor sobre um professor jovem e outro mais velho, ou um de esquerda com o de direita. Da mesma maneira que podemos ter práticas pedagógicas supostamente progressistas como uma perda de tempo, podemos ter práticas conservadoras também eficazes e equitativas (Feito Alonso, 2020). Desse modo, reforçamos a ideia de Morin (2005), ao afirmar que os diferentes paradigmas podem coexistir e conviver simultaneamente, tendo em vista a grande complexidade dos fenômenos. O que verdadeiramente importa é a riqueza dos saberes culturais valorizados no

⁴⁵ Tradução: Talvez um dos erros mais graves cometidos com o corpo docente seja não tê-lo treinado - principalmente os que ingressaram na profissão mais recentemente - para os novos tempos. [...] não menos grave é o baixo grau de autonomia dos centros - suas equipes gestoras, suas comunidades educativas - para elaborar e implementar projetos educativos respeitados por toda a comunidade escolar e ligados ao seu ambiente e às necessidades de formação de seus alunos. (Feito Alonso, 2020, p. 178).

⁴⁶ Tradução: Em particular, é importante se livrar do preconceito de que um bom professor é alguém progressista e que um conservador é ruim - algo semelhante poderia ser dito sobre o contraste entre o professor jovem e o maduro, o esquerdista versus o direitista -. Da mesma forma que é verdade que sob certas práticas pedagógicas supostamente progressistas se esconde a demagogia da arte de perder tempo, certas práticas conservadoras *a priori* podem ser eficazes e equitativas (Feito Alonso, 2020, p. 175).

processo educativo, inclusive das próprias experiências de vida e de sala de aula dos professores, dando sentido às diferentes vivências experienciadas pela comunidade escolar.

CONCLUSÕES

A temática deste trabalho está voltada para o «Desenvolvimento Profissional Docente», como elemento essencial para a implementação de processos de inovação pedagógica nas escolas, cujo desafio é pensar a educação na contemporaneidade e em uma nova forma de construção do conhecimento que requer novos paradigmas, há muito defendidos por Freire e sintetizado na *Pedagogia da Autonomia* (Freire, 1996), o que exige uma certa reflexividade docente, para uma tomada de consciência de sua formação profissional, autonomia e práxis, com implicações na transformação de práticas pedagógicas em sala de aula.

Quando falamos em paradigma na educação, nos referimos aos modelos de educação utilizados. Cada professor tem a sua metodologia de ensino e baseia-se em conhecimentos que obteve no decorrer de sua carreira, em sua formação, em seu desenvolvimento profissional. Com as mudanças e os acontecimentos ocorridos na história, é constante vermos escolas e professores presos ao passado, vivendo de nostalgias, quadro que precisa ser modificado, uma vez que os tempos atuais requerem novas ações e funções, pautadas por outros sentidos construídos para a escola e para a prática docente, em que os conhecimentos estão relacionados também às atitudes, aos valores do agora, do presente para o futuro.

São muitos os desafios com os quais a educação brasileira precisa lidar neste século, junto a alunos proativos, que estão sempre conectados, pensam rapidamente, têm consciência crítica. Estão também atreladas a esses desafios diversas questões como a interculturalidade, tecnologias da informação e da comunicação, precarização do espaço escolar e da formação docente. Tudo isso nos indica que precisamos de mudanças e de transformação e isso só é possível com reflexões epistemológicas que abarquem os fundamentos educacionais e os processos valorativos dos saberes que compõem nossa escola.

O grande desafio para os sistemas de ensino, sobretudo para professores que lidam diariamente com crianças e jovens proativos, que estão sempre conectados, que pensam rapidamente, é repensar o currículo escolar, dar sentido aos conteúdos, fazer com que o aluno possa compreender o porquê de estar na escola, auxiliá-lo a transpor, para a sua aprendizagem, competências adquiridas com as tecnologias. Em suma, o professor precisa primeiro se reconhecer enquanto ator-curriculante, para que possa ser/estar em movimento no processo dinâmico de co-construção de saberes, não de forma compartimentada, mas ecológica.

Para isso, a escola deverá trabalhar na busca do desenvolvimento de competências necessárias à vida, estimular habilidades sociais, como a cooperatividade e o trabalho em equipe, o desenvolvimento de virtudes, como o caráter, respeito à diversidade, além da inteligência emocional. Isso requer compreender o desenvolvimento profissional docente como um processo qualitativo, e não apenas quantitativo – número de títulos na carreira.

Ao pensarmos nas instituições escolares, por exemplo, observamos um processo de ruptura e tensões entre o sistema curricular e a leitura de mundo dos educandos – experiências e saberes culturais, comunitários e sociais –, dentro de um contexto de inúmeras transformações políticas, econômicas, sociais, culturais e tecnológicas ocorrendo de forma acelerada na sociedade (Freire, 1996).

Carneiro (2003) afirma que o contexto do qual os sistemas educacionais fazem parte está sempre em mudança e isso exige uma reflexão sobre a importância de se repensar os modos de aprendizagem nessa sociedade marcada pelas transformações do mundo moderno. Ou seja, em uma sociedade fluida, o conhecimento precisa ser trabalhado de acordo com a sua complexidade, tendo em vista as irregularidades do espaço social.

A partir dessas reflexões, trazemos alguns conceitos acerca dos paradigmas educacionais e o que alguns autores discutem sobre eles, já que essas novas configurações encontram-se fundamentadas em mudanças de paradigmas educacionais no decorrer do tempo. Segundo o filósofo Thomas Samuel Kuhn (1998), a ideia do conceito de paradigma configura-se como uma estrutura intelectual geradora de novas teorias, sendo sempre contestado através de novas pesquisas e sucessivamente substituído por outro.

Já para o filósofo e sociólogo Edgar Morin (2005), com o qual este trabalho se identifica, diferentes modelos de paradigmas podem coexistir e conviver simultaneamente, tendo em vista a complexidade dos fenômenos que permitem níveis distintos de observação. Dito isso, no campo da educação, o que se estabeleceu, nesta pesquisa, foi uma discussão sobre as mudanças – e também coexistência – de um paradigma tradicional para um paradigma emergente.

Segundo Ribeiro *et al.* (2010), o Paradigma Tradicional na educação tem por base a apropriação, pelos cidadãos, da racionalidade técnico-científica, do conteúdo programático presente nos currículos escolares. Baseia-se na transmissão do conhecimento, pelo professor, e no acúmulo desse conhecimento, pelos alunos. Ou seja, tipicamente a educação bancária, criticada por Freire (1974), que não é libertadora, mas, sim, opressora, que não problematiza ou que não conscientiza. Os aspectos preponderantes desse paradigma são muito mais

quantitativos, com destaque para as notas, resultado eficiente, memorização mecânica. O ensino é descontextualizado, pouco interativo, em que o erro deve ser evitado, bem como o diálogo entre as pessoas e os diferentes saberes não são fomentados.

Sob um novo pressuposto epistemológico, o Paradigma Emergente/Paradigma da Complexidade (Morin, 2008) da educação prioriza uma cultura da aprendizagem que pressupõe um processo de co-construção do conhecimento (Moraes, 2003). Nele, é fundamental que o docente venha orquestrar o saber erudito com o saber da experiência. Por outras palavras, reconhecer as leituras de mundo que o cercam (Freire, 1996).

A complexidade na educação se coloca na religação de saberes, já que integra e religa os diversos tipos de pensamento. Na prática, é a ideia da transdisciplinaridade. A ideia de que o conhecimento não deve ficar fechado numa caixinha, mas que deve ir além, fazer sentido com a vida. Nesta interação se evidencia a valorização da leitura de mundo dos estudantes, que são integradas no processo de problematização dos diferentes contextos, bem como o fortalecimento da autonomia dos sujeitos (Freire, 1996), além da importância de facilitar o surgimento de inovações pedagógicas na escola.

Segundo Trindade e Cosme (2010), o Paradigma da Instrução “corresponde à emergência do modelo de educação escolar que (...) visava responder às necessidades e às exigências de um tempo onde se anunciava uma nova era (...). Uma era para a qual a Escola deveria contribuir, enquanto contexto decisivo” (pp. 28-29). Neste paradigma, o saber é visto como um produto que se adquire pelos alunos.

No Paradigma da Aprendizagem, o ato de aprender se vincula ao desenvolvimento de competências cognitivas e relacionais, em que os saberes dos alunos vão ganhando coerência à medida que forem encorajados a partilhá-los e a discuti-los uns com os outros.

Em ambos os paradigmas, “aprende-se quando somos estimulados a pensar e a aprender a aprender, porque, nesta abordagem, é o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos e das dinâmicas endógenas que lhe estão subjacentes que poderão garantir a ocorrência de aprendizagens” (Trindade & Cosme, 2010, p. 44).

O Paradigma da Comunicação está pautado na premissa de que educar é contribuir para as aprendizagens dos alunos, através da proposta de desafios culturais, o que significa levar em conta as singularidades dos sujeitos em formação e a qualidade da comunicação que esses sujeitos estabelecem entre si e com os seus professores. Trata-se, então, de um co-protagonismo, em que o papel do professor não é garantir a aprendizagem, mas, sim, as

condições que permitam a ocorrência destas mesmas aprendizagens (Trindade & Cosme, 2016).

Assim, o ato de aprender pode acontecer quando os alunos se envolvem na construção de saberes dentro de um processo de interlocução cultural. Esse caminho emancipatório do universo escolar também é proposto por Freire (1996), que preconiza a valorização da leitura de mundo dos educandos. E é esse espaço que vai possibilitar processos de inovação pedagógica.

Nesse sentido, o desenvolvimento profissional de professores, sob novos paradigmas, tem sido um dos grandes desafios deste século, pois acredita-se ser necessário que o educador reflita sobre o próprio processo de co-construção do conhecimento, sobre suas práticas docentes, e aprimore o seu fazer pedagógico, levando-se em conta o seu próprio lugar como produtor de conhecimentos que agrega, também, diferentes leituras de mundo (Freire, 1996; Ferreira & Estrela, 2020).

Uma das características da pesquisa científica é a análise sistematizada. Neste estudo, tem-se como problema investigativo observar quais os desafios e os dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no contexto de processos de inovação pedagógica, no âmbito do seu desenvolvimento profissional. Logo, considerando as discussões nos grupos focais e as respostas das entrevistas, foi possível perceber o percurso já experimentado por professores, bem como as lacunas ainda existentes, as quais dificultam a mudança do paradigma tradicional para uma transformação na atuação. Iremos pontuar alguns desafios e dilemas analisados, construindo um paralelo com o que já foi exposto anteriormente.

No que tange ao Capítulo II, foram realizadas pesquisas sobre os processos de inovação pedagógica, em dissertações e teses catalogadas no bancos de dados da CAPES, e em artigos disponibilizados no site da ANPEd e da SciELO. No acervo dessas pesquisas, foram encontrados trabalhos sobre o desenvolvimento profissional docente, as inovações pedagógicas e mudanças que têm ocorrido na educação, especificamente referente ao currículo, considerando os anos 2014 a 2018.

Analisando as produções encontradas nesses bancos de dados, identificamos que os trabalhos voltados para o “desenvolvimento profissional docente” objetivaram trazer um panorama da profissionalização de professores de uma dada realidade, traçando um paralelo entre aspectos da dimensão pedagógica desenvolvida no Brasil, discutindo sobre mudanças ocorridas nas concepções, saberes e práticas sobre currículo e aprendizagem.

Esses dados se apresentam em ressonância com a pesquisa de campo realizada neste estudo. Os dados presentes no «Estado da Arte» condizem com a preocupação da pesquisadora, em identificar as dificuldades enfrentadas por um grupo de professores da rede municipal da cidade de Porto Seguro-BA – como assinalado na pesquisa, um território de pluralidades, que agrega saberes indígenas, rurais, periféricos, ciganos, pesqueiros, entre outros –, as estratégias de ensino e como acontecem as ofertas de formação profissional. Em todos os trabalhos expostos no Capítulo II, «Estado da Arte», no quadrante «Resultados», encontra-se um resumo dos achados ou considerações referentes ao que foi percebido durante a produção do trabalho. Assim, é possível pontuar semelhanças encontradas entre esse quesito e o que foi discutido nos grupos focais e entrevistas desta pesquisa.

Sousa (2015) aponta, como resultado, a busca dos professores por melhores condições de trabalho, expectativa na construção da autonomia e da emancipação. Traz a necessidade de reconhecimento e valorização profissional. Esses dados se relacionam com as análises descritas na seção anterior, o que demonstra que a diferença de público, região, cultura local, não extingue os dilemas e desafios presentes nos processos de inovação pedagógica e de desenvolvimento profissional ocorridos em nosso país.

Borowsky (2017) traz, como resultado, a ideia de que um projeto orientador de atividade de formação docente, pautado na coletividade, preza pelo conhecimento científico, organização do ensino e relações humanitárias entre profissionais. Como um todo, esses pontos também são abordados pelos professores da cidade de Porto Seguro-BA, participantes desta pesquisa, ao relatarem sobre a política de investimento da SME, as condições de trabalho, a gestão de currículo e sobre as práticas educativas. Esses pontos são expostos, conforme discursividade nos grupos focais e entrevistas, com um teor de questionamento, insatisfação e insuficiência em relação às tomadas de atitude por parte dos órgãos motivadores. Todavia, o professor também atribui à própria classe uma carência de autonomia e capacidade de ação.

Moreira (2015) pontua que, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, há um zelo investigativo em relação ao campo híbrido do currículo e da formação docente, no qual se acompanha a constituição dos currículos, em redes de conversações, também chamadas de «encontroformações», conhecidas como rodas de conversa. Essa é uma possibilidade que os envolvidos têm, de construir uma formação baseada em heterologidades, experimentações coletivas, singulares e transversais, a fim de envolver a prática e teorias curriculares.

Em meio às narrativas dos professores participantes desta pesquisa, havia uma preocupação quanto a esse acompanhamento, ao envolvimento com uma proposta curricular transversal, integradora, mais próxima das vivências coletivas, subjetivas e sociais, tanto para os alunos quanto para os professores. A discursividade transitou considerando a necessidade de ampliar o entendimento sobre o currículo em formação, ou seja, integrar o currículo formal e institucional na prática, na racionalidade, nas experiências simples e cotidianas, tornando-o uma constituição colaborativa em meio aos encontros de formações.

Santos e Menezes (2010) discutem sobre a necessidade de analisar e avaliar os diferentes tipos de interpretações e intervenções feitas pelos sujeitos, buscando uma perspectiva epistemológica e contextualizada. Morin (2008) também contribui com esse pensamento, quando ressalta o conhecimento complexo que liga saberes, incertezas e irregularidades dos fenômenos, integrando a multidimensionalidade, a singularidade, a temporalidade e a localidade desses fenômenos. Esses autores trazem suas contribuições para o processo construtivo do conhecimento integrativo, ecológico e não excludente. Esse é um dos dilemas e desafios vivenciados pelos professores dos grupos focais e das entrevistas, ao mencionarem a carência, na rede municipal de educação, de uma proposta curricular integradora e interdisciplinar que ofereça subsídios para um trabalho colaborativo e que possa superar a fragmentação dos componentes curriculares (Resolução CNE/CEB n. 7/2010, art. 24).

Conforme esses professores, há necessidade de ser contemplada, nas propostas curriculares, uma análise do cotidiano, envolvendo crenças, valores, referenciais, experiências, percursos, condições, particularidades locais. Enfim, são vozes que trazem as dificuldades enfrentadas no cotidiano dos seus espaços escolares, que ressoam o dito pelos autores anteriormente mencionados, ao pontuarem sobre a necessidade de um currículo multidimensional e intercultural.

O estudo demonstrou a necessidade de se refletir sobre a inovação pedagógica, sobre novas bases epistemológicas que levem em conta a complexidade e as irregularidades do espaço social brasileiro, assim como as suas pluralidades, como o caso de Porto Seguro-BA.

As novas dinâmicas trazidas pela pandemia e as problemáticas da presencialidade e virtualidade demonstram uma grande relevância do estudo, ao discutir o desenvolvimento profissional docente e a inovação pedagógica. O primeiro, para além de formações mecanizadas, mas vinculado ao processo de co-construção de conhecimentos que reconhece as vivências e o saber da experiência de docentes e todos os envolvidos no processo

educativo. O segundo, atrelado ao primeiro, reconhece que esse processo construtivo de saberes vai além das novas tecnologias digitais, pois envolve processos inovativos contextualizados, que interligam leituras de mundo, e que vão refletir na mudança da comunidade, da escola e do currículo.

Este estudo acontece em meio a um processo de mudanças dentro do sistema educacional brasileiro, que reconhece a importância das mediações tecnológicas, mas sinaliza que, para além delas, a transformação criativa pode e deve ser fomentada pela gestão educacional. Contudo, não é o que revelam os resultados dos grupos focais e entrevistas, uma vez que os participantes pouco sabem, de forma crítica e reflexiva, dialogar sobre os principais conceitos aqui apresentados. Por outro lado, demonstram abertura para as mudanças e reconhecem que suas experiências integram o seu fazer pedagógico.

Mesmo diante das preocupações do tempo presente, os participantes revelam interesse em continuar estudando e pesquisando, buscando desenvolvimento intelectual e profissional, mas sinalizam mudanças necessárias, no que tange a novos conteúdos e aplicabilidade das formações ofertadas pela SME.

Os professores também carecem de compreender mais a fundo o seu papel de corresponsabilidade nos processos de mudança, enquanto atores curriculantes, o que só é possível com o fortalecimento dos espaços coletivos e das construções participativas, que tem faltado nas escolas do município pesquisado. A ausência de espaços coletivos, para troca de experiências, ressignificação de saberes e reflexividade, entre os pares, são aspectos que merecem a devida atenção, pela gestão educacional do município.

A SME, mesmo com todo o esforço na construção de planos formativos, precisa abrir mais espaços de diálogos para compreender as necessidades docentes, desafios e potencialidades, incentivando, com formações e espaços de trocas, as boas práticas pedagógicas já em curso no município, construindo, de forma coparticipativa, formações mais situadas e transformativas. O que se evidencia é a riqueza de saberes, já agregados, das experiências docentes que podem e devem ser valorizadas, enquanto fontes primárias de conhecimentos, ressignificando os conhecimentos formativos para a transformação criativa da realidade.

A SME, enquanto órgão gestor da Educação municipal, deve, urgentemente, organizar e pensar, junto às comunidades escolares, a melhor forma de proporcionar momentos coletivos dentro das próprias escolas, criando espaços de discussão, planejamento,

escuta do coletivo escolar, de forma a construir autonomia e emancipação na busca de uma escola capaz de criar ambientes colaborativos.

Os temas tratados pela política de formação continuada de professores, ofertada pela SME, são técnicos, focados em ensino, avaliação, planejamento e didática. Apesar de apresentar um formato mais teórico-conceitual, os professores sinalizam pouco diálogo com as práticas pedagógicas. Os temas assinalados são relevantes; porém, nota-se que é necessário, assim como afirma Imbernón (2010), aproximar as formações dos professores dos contextos, potencializando uma cultura formadora que gere novas perspectivas, voltada mais para um espaço de reflexão e inovação, com o objetivo dos professores aprenderem. Por isso, torna-se fundamental a integração dos conceitos de formação e inovação pedagógica, para que haja, efetivamente, mudanças estruturais dentro do processo de co-construção de saberes.

Percebe-se uma tentativa da SME, em tratar temas estruturais para a sociedade em questão, como relações étnico-raciais e a própria inclusão, no currículo, do componente Agroecologia, fruto da luta dos professores da Educação do Campo. Entretanto, carece de uma proposta estruturada de inovação pedagógica, principalmente em tempos pandêmicos, que vá além dos aspectos de formações meramente técnicas para as novas tecnologias. Trata-se de rediscutir o currículo e os novos desafios da permanência, repensando como ampliar a coconstrução do conhecimento, a partir das múltiplas leituras de mundo.

Aponta-se, como resultado da pesquisa, a constatação de que não há uma política de inovação pedagógica implementada pela Secretaria de Educação. Há situações pontuais, que não podemos considerar uma política de processos de inovação pedagógica nas escolas, pois falta, ainda, a compreensão do que vem a ser as bases dessa inovação, apresentadas neste trabalho, não somente tecnológica, mas criativa e transformativa do universo escolar e da sociedade. O que se identificou foi uma forma não sistematizada, orquestrada pelos atores curriculantes, de professores que inovam a partir dos saberes da experiência, mas ainda sentem a falta de certos conhecimentos ofertados no processo formativo, da valorização de suas narrativas e das reais necessidades do campo educativo.

Há um aspecto muito importante que deveria estar no espaço de discussão da proposta de formação continuada da SME, e que não se apresenta, em nenhum momento, na política de formação apresentada pela mesma, que é abrir espaços de diálogos sobre temas de relevância significativa, a exemplo do debate sobre uma Educação Sustentável nas diversas instâncias, social, econômica e ambiental. Se os professores tiverem uma formação mais abrangente, uma formação que não se centra nas técnicas, mas que se centra na concepção e

na compreensão do mundo, nos conhecimentos e na compreensão de nós mesmos, esse conceito de formação, indiretamente, vai contribuir para a mudança de concepções, de pensamentos acerca do mundo em que vivemos, tornando-o melhor de se viver. Para isso, temos como ferramentas os ODS – Objetivos do Desenvolvimento Sustentável –, no combate à pobreza e à fome, na busca por uma educação de qualidade, de uma vida saudável, dentre outros aspectos que tornarão o nosso planeta melhor habitável.

Jamais imagináramos, por exemplo, uma guerra na Europa, com a proporção como a ocorrida entre a Rússia e a Ucrânia, acontecendo no momento da escrita deste texto, em pleno século XXI. Esses aspectos devem ser tratados, debatidos em sala de aula, em grupos de discussões entre profissionais, comunidade escolar, pois qualquer ação, mesmo que seja pontual, em um país distante do nosso, afeta todo o planeta.

Por isso se faz necessária uma educação voltada para a cidadania, numa proposta de educação sustentável, onde os professores tenham uma formação que lhes permita responder aos desafios da atualidade e preparar os futuros cidadãos para outros desafios que possam surgir. Só assim ela poderá contribuir para uma formação em diálogo com a realidade, com o contexto, conectada com o mundo, que põe no centro o lado humano.

Assim, conforme afirma Morin (2007), a educação não se resolve unicamente em sala de aula, ela envolve Estado, cidadãos, organizações, depende de políticas públicas coerentes, comprometidas e inovadoras. Contudo, é na relação pedagógica que centra o processo ensino- aprendizagem. Para o autor, as mudanças afetam tudo e todos: gestores, professores, alunos, empresas, sociedade, metodologias, tecnologias. Dessa forma, a educação escolar necessita ser reinventada, para que todos possam aprender de forma mais humana, afetiva e ética, observados seus aspectos individuais e sociais, para podermos formar cidadãos plenos (Morin, 2007).

Relativamente aos objetivos que nos propusemos alcançar, podemos afirmar que nem todos foram conseguidos ou apenas parcialmente atingidos. De fato, não conseguimos compreender, devido à ausência de dados empíricos, a relação entre desenvolvimento profissional docente e processos de inovação pedagógica. No entanto, foi possível identificar, no contexto deste objetivo, os obstáculos ao desenvolvimento de processos de inovação pedagógica na prática profissional dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental em Porto Seguro, que se correspondem aos identificados por Fullan (2009) na primeira fase de inovação pedagógica, a fase de iniciação.

Em relação ao segundo e terceiro objetivos, analisar a influência do formato de política de investimento no processo de desenvolvimento profissional pela Secretaria Municipal de Educação – SME nas práticas docentes, é possível afirmar que há uma influência das políticas de investimento no processo de desenvolvimento profissional pela Secretaria Municipal de Educação uma vez que os dados nos mostram a quase ausência de políticas voltadas para a inovação pedagógica e um entendimento destas, enquanto tecnologização da educação, o que corresponde igualmente ao conceito dos docentes entrevistados.

No que concerne ao último objetivo, é possível concluir que foram identificadas mudanças nas práticas pedagógicas e na gestão do currículo escolar a partir dos dados recolhidos nas entrevistas individuais e de grupo, integradas numa fase inicial de processos de inovação pedagógica, como acima foi referido.

Ao termos surpreendidos pela pandemia provocada pelo Covid-19, no início de 2020, houve um replanejamento das ações que estavam previstas para desenvolver nos anos 2020 e 2021, o que acabou limitando o desenvolvimento da pesquisa de campo, nas escolas, ocasionando um atraso no cronograma previamente estabelecido. Vale ressaltar que mesmo sofrendo alteração no cronograma, a pesquisa não foi inviabilizada, já que em 2021, os professores passaram a realizar atividades na escola, o que nos ajudou a estabelecermos contato com os mesmos, para realização das entrevistas.

Levando em conta os múltiplos aspectos que envolvem o desafio do presente, a necessidade de construção de um pensamento complexo se torna ainda mais necessária (Morin, 2008). Foi nesse contexto que os participantes da pesquisa externalizaram suas leituras de mundo, marcados por esse fenômeno multifacetado, ainda em curso, num processo de ressignificação da escola. O que se espera é que se manifestem práticas inovativas, que fortaleçam o elo família x escola, visando a melhoria da qualidade da educação, pois a pandemia possibilitou romper com as prisões de estrutura, de tempo e formato, para fazer refletir outras dinâmicas educacionais fora da escola, em novos tempos e formatos, fomentando espaços mais democráticos, abertos para o compartilhamento de experiência e solução conjunta de conflitos ou problemas comuns.

Espera-se que outros estudos possam aprofundar os temas aqui propostos e as novas dinâmicas que vão surgir no contexto educacional brasileiro pós-pandemia, como sinalizações de mudanças necessárias e modificativas da realidade social plural que caracteriza o país.

Isso, através dos próprios processos criativos dos professores, em suas práticas escolares diárias, a serem valorizadas tanto pela comunidade escolar quanto pelo Poder Público.

BIBLIOGRAFIA

-
- Altieri, M. (2012). *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável* (3rd ed.). Expressão popular.
- Amorim, A. L. N. (2010). Educação infantil e currículo: compassos e descompassos entre os aspectos teóricos, legais e políticos. *Espaço Currículo*, 3(1), 451-461. <https://doi.org/10.15687/rec.v3i1.9105>
- Amorim, R. M. A., & Magalhães, L. K. C. (2015). Formação continuada e práticas formadoras. *Cad. CEDES*, 35(95), 9-12. <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015>
- Andrade, P. F. (2013). Inovação em TIC na educação do Brasil: sustentabilidade e mudança pedagógica. In: Almeida, E., Dias, P., & Silva, B. (Eds.), *Cenários de inovação para a educação na sociedade digital* (pp. 163-174). Loyola.
- André, M. (2010). Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. *Educação*, 33(3), 174-181.
- Apple, M. (1982). *Ideologia e currículo* (M. C. Monteiro, Trad.). Brasiliense.
- Araújo, D. F. M. S. (2020). O desafio da educação intercultural: teoria e prática a partir do processo formativo de professores dos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública de ensino de Porto Seguro – BA. In: Rodrigues, A. T., Ferreira, A. C. G., Franceschini, B., Araújo, D. F. M. S., Gimenes, F., & Balestero, G. S. (Eds.), *Educação e direitos humanos* (pp. 210-213). Pembroke Collins.
- Arroyo, M. G., Caldart, R.S., & Molina, M.C. (2004) (Orgs.). *Por uma educação do campo*. Vozes.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). Edições 70. (Obra original publicada em 1977).
- Bakkenes, I., Vermunt, J., & Wubbels, T. (2010). Teacher learning in the context of educational innovation: Learning activities and learning outcomes of experienced teachers. *Learning and Instruction*, 20(6), 533-548. <https://doi.org/10.1016/j.learninstruc.2009.09.001>
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida* (P. Dentzien, Trad.). Zahar. (Obra original publicada em 2000).
- Behrens, M. A. (1999). A prática pedagógica e o desafio do paradigma emergente. *R. bras. Est. pedag.*, (196)80, 383-403.
- Boas, J. V., & Barbosa, J. C. (2016). Aprendizagem do professor: uma leitura possível. *Ciênc. educ.*, 22(4), 1097-1107. <http://dx.doi.org/10.1590/1516-731320160040016>
- Borowsky, H. G. (2017). *Os movimentos de formação docente no projeto orientador de atividade*. [Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, RS].
- Bourdieu, P., & Passeron, J-C. (1970). *A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa.
-

- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão* (M. L. Machado, Trad.) Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1930).
- Bourdieu, P. (2009). *O poder simbólico* (F. Tomaz, Trad.; 12th ed.) Bertrand Brasil. (Obra original publicada em 1989).
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Planalto Federal.
- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei 9.394, de 20/12/1996. Diário Oficial da União.
- Brasil. (1999). *Referências para Formação de Professores*. Ministério da Educação.
- Brasil. (2001). *Plano Nacional de Educação*. Lei Nº 010172, de 09/01/2001. Ministério da Educação.
- Brasil. (2007). *Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação*. Decreto Nº 6.094, de 24/04/2007. Ministério da Educação.
- Brasil. (2008). *Catálogo da Rede Nacional de Formação Continuada de Professores de Educação Básica*. Ministério da Educação.
- Brasil. (2009). *Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica*. Decreto Nº 6.755, de 29/01/2009. Ministério da Educação.
- Brasil. (2010). *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos*. Resolução CNE/CEB Nº 7/2010. Ministério da Educação.
- Brasil. (2014). *Plano Nacional de Educação*. Lei Nº 13.005 de junho de 2014. Ministério da Educação.
- Brasil. (2015). *Resolução Nº 2, de julho de 2015. CNE/CP Nº 2 de 01/07/2015*. Ministério da Educação.
- Brasil. (2017). *Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes*. Secretaria de Governo. Secretaria Nacional de Juventude. Fórum Brasileiro de Segurança Pública.
- Brasil. (2019). *Resolução CNE/CP Nº 2, de 20 de dezembro de 2019*. Ministério da Educação.
- Brasil. (2020). *Resolução CNE/CP Nº 1, de 27 de outubro de 2020*. Ministério da Educação.
- Bruner, J. (2000). *Cultura da educação*. Edições 70.
- Canário, R. (1995). Os estudos sobre a escola: problemas e perspectivas. In: Barroso, J. (Ed.), *O estudo da escola*. Porto Ed.
- Candau, V. M. (2008). Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, 13(37), 45-56.

- Candau, V. M. (2009). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. 7 Letras.
- Capra, F. (1983). *O ponto de mutação*. Cultrix.
- Carbonell, J. (2002). *A aventura de inovar: a mudança na escola* (F. Murad, Trad.). Artmed.
- Cardoso, T. M. (2012). *Aragwaksã: Plano de Gestão Territorial do povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas*. FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM. file:///C:/Users/Admin/Downloads/Aragwaksã_Plano_de_Gestao_Territorial_Pa.pdf
- Carneiro, R. (2003). On Meaning and Learning: Discovering the Treasure. In: S. Dinham (Ed.), *Transforming Education: Engaging with Complexity and Diversity*. Deakin, ACT: Australian College of Education, 14-24.
- Carvalho, D., & Boas, C. A. V. (2018). Neurociências e formação de professores: reflexos na educação e economia. *Ciênc. Educ*, 26(98), 231-247. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362018002601120>.
- Castells, M. (2014). *Obsolescência da Educação Contemporânea*. Entrevista à Fronteiras do Pensamento.
- Cipriani, F., Moreira, A., & Corrêa, C. (2020). Políticas, currículo e práticas docentes: os impactos postos pela Covid-19 no contexto escolar. *Revista Teias*, 21(63), 452-465. <https://doi.org/10.12957/teias.2020.53310>
- Correa, D. V. (2016). *O papel das trajetórias profissionais na construção de concepções, saberes e práticas de professoras que atuam no 1º ano do ensino fundamental de 9 anos*. [Dissertação de Mestrado. PUC-MG].
- Correia, J. A. (1991). *Inovação Pedagógica e Formação de Professores* (2nd ed.). Edições ASA.
- Cunha, E. V. R., & Costa, H. H. C. (2015). *Currículo, tradução e controle*. Comunicação apresentada na XXXVII Reunião Nacional da Anped, Florianópolis.
- Deleuze, G. (2001). *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume* (L. B. L. Orlandi, Trad.). Editora 34.
- Deleuze, G. (2002). *Espinoza. Filosofia prática*. Escuta.
- Delgado, D. M. (2015). Inovação em educação na berlinda: da instrumentalização à emancipação. *Linhas Críticas*, 21(46), 764-783.
- Dewey, J. (1959). *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação* (A. Teixeira, & G. Rangel, Trad.; 3rd ed.). Nacional.
- Dool Jr., W. E. (1997). *Currículo: uma perspectiva pós-moderna* (M. A. V. Veronese, Trad.). Artes Médicas.
- Enguita, M. F. (2016). *La educación en la encrucijada*. Fundación Santillana.

-
- Estevez, A. (2020). El zoomismo y el disciplinamento para la inmovilidad productiva. *Nexos*. Cidade do México, 6 de abr. 2020. *Nexos Crisis ambiental*,
- Farias, I. M. S. (2003). *Repercussão das políticas educacionais na escola: inovação, mudança e cultura docente*. Comunicação apresentada na XXVI Reunião Anual da ANPED. Brasil. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.87i216.802>
- Farias, I. M. S. (2006). *Inovação, mudança e cultura docente*. Liber Livro.
- Feito Alonso, R. (2020). *¿Qué hace una escuela como tú en un siglo como este?* Los Libros de la Catarata.
- Ferreira, K. C. S. (2016). *Da Formação Inicial à Formação Continuada de Professores/as: a arquitetura do Desenvolvimento Profissional Docente*. [Dissertação de Mestrado – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias].
- Ferreira, K. C. S. & Estrela, E. M. B. (2020). Desenvolvimento profissional docente e os processos de inovação pedagógica na escola: Dilemas e tensões. *Revista de Ciências Humanas e Linguagens Abatirá*, 1(1), 225-245.
- Feyerabend, P. (1977). *Contra o Método* (O. S. Mota, & L. Hegenberg, Trad.). Francisco Alves. (Obra original publicada em 1975).
- Figueiredo, A. D. (2011). Inovar em Educação, Educar para a Inovação. In: Fernandes, D. (Ed.). *Avaliação em Educação: Olhares Sobre uma Prática Social Incontornável* (pp. 13-28).
- Fino, C. N. (2008). Inovação pedagógica: significado e campo (de investigação). In: Mendonça, A., & Bento, A. V. (Ed.). *Educação em tempo de mudança* (pp. 277-287) Grafimadeira.
- Fino, C. N. (2011). Inovação Pedagógica, Etnografia, Distanciamento. In: Fino, C. N. (Ed.). *Etnografia da Educação* (pp. 99-118). CIE-Uma
- Fiorentini, D. (2008). A pesquisa e as práticas de formação de professores de Matemática em face das políticas públicas no Brasil. *Bolema*, 21(29), 43-70.
- Fiorentini, D. & Crecci, V. M. (2013). Desenvolvimento Profissional Docente: Um Termo Guarda-Chuva ou um novo sentido à formação? *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, 5(8), 11-23.
- Fleuri, R. M. (2005). Intercultura e educação. *Educação, Sociedade & Culturas*, 23, 91-124.
- Fleuri, R. M. (2014). Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios políticos e educacionais. *Série-Estudos - Periódico do Programa De Pós-Graduação Em Educação Da UCDB*, (37), 89-106. <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v0i37.771>
- Formosinho, J. (2009). A formação prática dos Professores. Da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas. In: Formosinho, J. et al (Ed.), *Formação de professores: aprendizagem profissional e ação docente* (pp 93-118). Porto Editora.
-

-
- Foucault, M. (1999). Nietzsche, genealogia e a história. In: Foucault, M. *Microfísica do poder* (pp. 15-37). (R. Machado, Trad.; 14th ed.). Graal. (Obra original publicada em 1979).
- Freire, P. (1974). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa* (31st ed). Paz e Terra.
- Fullan, M. (2009). *O Significado da Mudança Educacional* (R. C. Costa, Trad.). Artmed.
- Garcia, C. M. (1999). *Formação de professores para uma mudança educativa*. (I. Nasciso, Trad.). Porto Editora.
- Garcia, W. E. & Farias, I. M. S. (2005). Estado, Política Educacional e Inovação Pedagógica. *O público e o privado*, 5, 64-74.
- Gatti, B. A. (2016). Formação de professores: condições e problemas atuais. *Revista Internacional de Formação de Professores (RIPF)*, 1(2), 161-171.
- Giannella, V. (2015). Epistemolouque? Epistemologia para não filósofos, guiando a ação para o tempo que vem. Dossiê ECOTRANS: Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade. *Revista Terceiro Incluído*, 5(1), 339-354. <https://doi.org/10.5216/teri.v5i1.36362>
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (5th ed.). Atlas.
- Gliessman, S. R. (2000). *Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável*. (M. J. Guazzelli, Trad.). UFRGS. (Obra original publicada em 1990).
- Godin, B. (2014). *Inovação e criatividade: um slogan, nada além de um slogan*. Projeto de História Intelectual da Inovação. Documento de Trabalho No. 17. Québec.
- Godin, B. (2015). *Innovation: A Conceptual History of an Anonymous Concept* (Project on the Intellectual History of Innovation No. 21). Montreal. Retrieved from
- Goi, M. E. J. (2014). *Formação de professores para o desenvolvimento da metodologia de resolução de problemas na educação básica*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais* (8th ed.). Record. (Obra original publicada em 1997).
- Gomes, S. R. (2005). Grupo focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional. *Cadernos de Pós-graduação*, 4, 39-45. <https://doi.org/10.5585/cpg.v4n0.1793>
- Goodson, I. E. (1997). *A construção social do currículo*. Coleção Educa Currículo. Educa e autor.
- Greany, T., & Waterhouse, J. (2016). Rebels against the system: Leadership agency and curriculum innovation in the context of school autonomy and accountability in England. *International Journal of Educational Management*, 30(7), 1188-1206. <https://doi.org/10.1108/IJEM-11-2015-0148>
-

-
- Gunter, G. A., & Braga, J. C. F. (2018). *Connecting, swiping, and integrating: mobile apps affordances and innovation adoption in teacher education and practice*. University of Central Florida, Orlando, Florida, United States of America; Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698189927>
- Haddad Ferreira, L., & Barbosa, A. (2020). Lições da quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. *Práxis Educativa*, 15. 1-24. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.15483.076>
- Hagemeyer, R. C. C. (2004). Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança. *Educar*, 24, 67-85, UFPR.
- Hannon, V. (2009). *'Only connect!': A new paradigm for learning innovation in the 21st century*. Centre for Strategic Education.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas [IBGE]. (2002). *Documentação do Censo 2000*. Brasil.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas [IBGE]. (2002). *IBGE Cidades*. Brasil.
- Iervolino, S. A., & Pelicioni, M. C. F. (2001). A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 35(2), 115-121.
- Imbernón, F. (2010). *Formação continuada de professores* (J. Padilha, Trad.). Artmed.
- Keller-Franco, E., & Masetto, M. T. (2018). Formação docente em processos de mudança: Análise de uma proposta de inovação curricular em cursos de licenciatura. *Cienc. Educ.*, 31 (2), 153-174. <http://dx.doi.org/10.21814/rpe.14592>.
- Kuenzer, A. Z. (1999). As políticas de formação: A constituição da identidade do professor sobrando. *Educação & Sociedade*, 20(68), 163-183. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73301999000300009>.
- Kuhn, T. (1998). *A estrutura das revoluções científicas* (5th ed.). Perspectiva. (Obra original publicada em 1970).
- Lafarrière, T., Law, N., & Montané, M. (2012). An international knowledge building network for sustainable curriculum and pedagogical innovation. *International Education Studies*, 5(3), 148-160. <http://dx.doi.org/10.5539/ies.v5n3p148>
- Larrosa Bondía, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber da experiência (J. W. Geraldi, Trad.). *Revista Brasileira de Educação*, 19, 20-28.
- Libâneo, J. C. (2013). *Organização e gestão da escola: teoria e prática* (6th ed.). Heccus.
- Lopes, A. C. (2006). Pensamento e política curricular. Entrevista com William Pinar. In: Lopes, A.C., & Macedo, E. (Orgs.). *Políticas de currículo em múltiplos contextos*. Cortez.
-

-
- Macedo, E. (2015). Base Nacional Comum para Currículos: direitos de aprendizagem e desenvolvimento para quem? *Educação & Sociedade*, 36(133), 891-908. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302015155700>
- Macedo, R. S. (2010). *Compreender/mediar a formação: o fundante da educação*. Liber Livro Editora.
- Macedo, R. S. (2011). *Atos de currículo formação em ato?: para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação*. Editus.
- Macedo, R. S. (2013a). *Atos de currículo e autonomia pedagógica: o socioconstucionismo curricular em perspectiva*. Vozes.
- Macedo, R. S. (2013b). *Currículo: campo, conceito e pesquisa* (6th ed.). Vozes.
- Macedo, R. S. (2016). *A teoria etnoconstitutiva de currículo: teoria-ação e sistema curricular formacional*. Editora CRV.
- Macedo, R. S. (2018). A teoria etnoconstitutiva de currículo e a pesquisa curricular: configurações epistemológicas, metodológicas e heurístico-formativas. *E-Curriculum, USP SP*, 16(1), 190-212. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2018v16i1p190-212>
- Marcelo, C. (2009). Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. *Revista de Ciências da Educação*, 08, 7-22.
- Martínez-Celorrio, X. (2017). *Innovació i equitat educativa: el dret a aprendre com a prioritat transformadora* (1st ed.). Octaedro Editorial.
- Meirieu, P. (1985). *L'école, mode d'emploi – Des «méthodes actives» à la pédagogie différenciée*. ESF Editeur.
- Meirieu, P. (1995). *La pédagogie entre le dire et le faire: le courage des commencements*. ESF Éditeur.
- Meirieu, P., Develay, M. Durand, C., & Mariani, Y. (Orgs.) (1996). *Le concept de transfert de connaissances em formation initiale et continue*. CRDP.
- Melo, K. (2007). Formação e profissionalização docente: o discurso das competências. Maceió: EDUFAL.
- Minayo, M. C. S. (2000). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (7th ed.). Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (Org) (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (21st ed.). Vozes. (Obra original publicada em 1994).
- Miller, L., & Olson, J. (1994). Putting the computer in its place: a study of teaching with technology. *Journal of Curriculum Studies*, 26(2), 121–141. <http://doi.org/10.1080/0022027940260201>
-

-
- Moraes, M. C. (2003). *O paradigma educacional emergente*. Papirus.
- Moran, J. M. (2007). *A Educação que Desejamos: novos desafios e como chegar lá*. Papirus.
- Moran, J. M., Masetto, M. T., & Behrens, M. A. (2000). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Papirus.
- Moreira, A. F., & Silva, T. T. (2011). *Currículo, cultura e sociedade* (12th ed.). Cortez. (Obra original 1994).
- Moreira, P. S. (2015). *Movimentos curriculares e encontros formação com professores do proeja no cotidiano do instituto federal do Espírito Santo*. Comunicação apresentada na XXXVII Reunião Nacional da Anped, 1-17.
- Morgado, J. C., Sousa, J., & Pacheco, J. A. (2020). Transformações educativas em tempos de pandemia: do confinamento social ao isolamento curricular. *Práxis Educativa*, 15, 1-10. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16197.062>
- Morin, E. (2003). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (E. Jacobina, Trad.; 8th ed.). Bertrand Brasil. (Obra original publicada em 1999).
- Morin, E. (2005). *O método 6: Ética* (J. M. Silva, Trad.). Meridional/Sulina.
- Morin, E. (2008). *Ciência com consciência* (11th ed.). Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2010). *A inteligência da complexidade*. Petrópolis.
- Mota, R., & Scott, D. (2014). *Educando para a inovação e aprendizagem independente*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará]. www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/14351/1/2015_dis_rfsmmuratt.pdf
- Nascimento, F. L. S. C. (2015). *As dimensões pedagógica, didática, tecnológica e científica que impactam e subsidiam na formação e no desenvolvimento profissional dos professores do século XXI no Brasil e em Portugal*. [Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte].
- Nóvoa, A. (1995). Formação de professores e profissão docente. In: Nóvoa, A. (Ed.) *Os professores e sua formação* (pp.13-33). Dom Quixote.
- Nóvoa, A. (1997). *Os professores e sua formação*. Dom Quixote.
- Nóvoa, A. (2008). *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*. Universidade de Lisboa.
- Nóvoa, A. (2017). Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, 47(166), 106-113. <https://doi.org/10.1590/198053144843>
- Organisation for Economic Co-operation and Development [OECD]. (2010). *Measuring Innovation: A New Perspective*. OECD Publishing. <https://doi.org/10.1787/9789264059474-en>
-

-
- Oliveira-Formosinho, J. (2009). Desenvolvimento profissional dos professores. In: Formosinho, J. et al (Ed.). *Formação de professores: aprendizagem profissional e ação docente* (pp. 221-284). Porto Editora.
- Ollaik, L. G., & Ziller, H. M. (2012). Concepções de validade em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, 38(1), 229-241.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO]. (2021). *Los futuros de la educación – um nuevo contrato social para la educación*. UNESCO.
- Pacheco, J. A. (2001). *Currículo: teoria e práxis*. Porto Editora.
- Paula, A. P., Saveli, E. L., (2012). A construção de uma escola necessária para a educação do campo e o projeto educativo do MST. *Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária*, IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio sociopolítico, 17(1), 17-25.
- Pêcheux, M. (1990). Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 19, 7-24. Unicamp. <https://doi.org/10.20396/cel.v19i0.8636823>
- Pelegrini, S. A. P. V. (2016). *Formação do profissional docente do ensino fundamental: permanente e não continuada*. [Dissertação de Mestrado. Universidade do Vale do Sapucaí].
- Pérez-Ruiz, A. (2018). Práctica docente y currículo: un marco de análisis construccionista. *Universidad Pedagógica Nacional. Educare*, 22(3), 402-416. <http://dx.doi.org/10.15359/ree.22-3.20>
- Perrenoud, P. (2001). *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza. Saberes e competências em uma profissão complexa* (C. Schilling, Trad.; 2nd ed.). Artmed.
- Pinar, W. F. (2019). *Moving images of eternity: George Grant's critique of time, teaching, and technology (education)*. The University of Ottawa Press.
- Porto Seguro. (2014). *Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica de Porto Seguro-BA – PMMA*. Secretaria Municipal de Meio Ambiente.
- Porto Seguro. (2018). *Projeto de Criação do Centro de Formação Continuada dos Profissionais da Educação – CENFOPE*. Secretaria Municipal de Educação – SME.
- Povo Pataxó (2011). *Inventário Cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia*. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ).
- Reid, W. A. (2009). Life is a curriculum. In: Short, E. C., & Waks, L. J. (Eds.), *Leaders in Curriculum Studies. Intellectual Self-Portraits* (pp. 153-177). Sense Publishers.
- Reimers, F. M., & Schleicher, A. (2020). Uma estrutura para orientar uma resposta educacional à Pandemia COVID-19 de 2020. *OCDE*.
- Ribeiro, W. C., Lobato, W., & Liberato, R. C. (2010). Paradigma tradicional e paradigma emergente: algumas implicações na educação. *Rev. Ensaio*, 12(1), 27-42.
-

-
- Rodrigues, A. L. O. (2018). *Formação continuada de professores e as contribuições para a utilização da lousa digital como ferramenta didático-pedagógica: um estudo no município de Ji-Paraná/RO*. [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rondônia].
- Rogers, E. M. (2003). *Diffusion of innovations* (5th ed.). Free Press.
- Rossi, R. (2015). Educação do campo e agroecologia: da perspectiva reformista à necessária práxis revolucionária. *Revista de Educação Popular*, 14(1), 171-174. <https://doi.org/10.14393/REP-v14n12015-14>
- Sacristán, J. G. (2000). *O currículo: uma reflexão sobre a prática* (E. F. Rosa, Trad.; 3rd ed.). Artmed.
- Santomé, J. T. (1998). *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Artmed.
- Santos, A. R. (2000). *Metodologia Científica: a construção do conhecimento* (3rd ed.). DP&A.
- Santos, B. S. (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *Revista Novos Estudos*, 79, 71-94. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>
- Santos, B. S., & Menezes, M.P. (2010). *Epistemologias do Sul*. Cortez Editora.
- Schumpeter, J. A. (1942). *Capitalismo, socialismo e democracia*. Zahar Editores, 1984.
- Silva, M. S. (2004). *Educação do Campo e Desenvolvimento: uma relação construída ao longo da história*. Contag.
- Silva, T. T. (2010). *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Autêntica.
- Silva, T. T. (2011). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo* (3rd ed.). Autêntica. (Obra original publicada em 1999).
- Soares, A. M., França, M. R., & Santana, C. (2016). A economia do ilegalismo: tráficos de drogas e esvaziamento dos direitos humanos em Porto Seguro – Ba. *Anais do IX ENCONTRO DA ANDHEP – GT19*. Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. ISSN 2317-0255.
- Sousa, M. S. B. O. (2015). *O desenvolvimento da profissionalização docente: histórias de professores dos anos iniciais do ensino fundamental* [Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí].
- Spinoza, B. (2013). *Ética* (T. T. Silva, Trad.; 3rd ed.). Autêntica Editora.
- Tardif, M. (2014). *Saberes Docentes e Formação Profissional* (17th ed.) Vozes.
- Trindade, R. (2011). Educação, formação de professores e suas dimensões sócio-históricas: desafios e perspectivas. *R. Educ. Públ.* 20(43), 231-251.
-

- Trindade, R., & Cosme, A. (2010). *Escola, educação e aprendizagem: desafios e respostas pedagógicas*. Wak Ed.
- Tynjälä, P. (2008). Perspectives into learning at the workplace. *Educational Research Review*, 3, 130-154. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2007.12.001>
- Veiga, I. P. A. (2008). Docência como atividade profissional. In: Veiga, I. P. A., & D'Ávila, C. M. (Eds.). *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas*. Papirus.
- Waiselfisz, J. J. (2016) *Mapa da Violência: homicídios por arma de fogo no Brasil*. Flacso/Brasil.
- Wanderley, B. M. N. (2017). “Franja Periférica”, Pobres do Campo”, “Camponeses”: dilemas da inclusão social dos pequenos agricultores familiares. In Delgado, G. C., & Bergamasco, S. M. P. P. (Eds.). *Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro* (pp. 64-81). Ministério do Desenvolvimento Agrário.
- Willness, C., & Bruni-Bossio, V. (2017). The curriculum innovation Canvas: A design thinking framework for the engaged educational entrepreneur. *Journal of Higher Education Outreach and Engagement*, 21(I). 134-164.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta de Apresentação



CARTA DE APRESENTAÇÃO

DOUTORAMENTO EM EDUCAÇÃO

PESQUISA:

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA: DESAFIOS E DILEMAS PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM PORTO SEGURO – BAHIA

PREZADO/A COLEGA,

Convido-o/a a participar, como colaborador/a voluntário/a, na pesquisa intitulada **DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA: DESAFIOS E DILEMAS PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTO SEGURO – BAHIA**, que pretende investigar os desafios e os dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do ensino fundamental em Porto Seguro – Bahia no contexto de processos de inovação pedagógica no âmbito do seu desenvolvimento profissional. Essa entrevista tem por finalidade compreender e analisar o cotidiano dos professores nas escolas, bem como levar em conta as suas experiências, seus referenciais de formação, suas crenças e valores para que possamos perceber os caminhos adotados para uma prática docente voltada (ou não) para os processos de inovação pedagógica. A sua participação será de suma importância pois você contribuirá para a compreensão do problema estudado e para a produção de conhecimento científico sobre o desenvolvimento profissional docente e os processos de inovação pedagógica na escola. Como responsável por este estudo, comprometo-me em manter o anonimato de todos os seus dados pessoais, bem como das informações coletadas.

Desde já, agradeço a sua valiosa participação, comprometendo-me em compartilhar com você os resultados da pesquisa, tanto durante o processo, caso seja do seu interesse, quanto após a conclusão da mesma, quando farei a apresentação pública aos colaboradores e demais pessoas interessadas sobre a temática em questão.

Qualquer dúvida ou informações sobre o trabalho, estarei à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Um grande abraço da sua colega,

Kátia Caroline Souza Ferreira

+55 (73) 99966-7858 – katiacaroline6@hotmail.com

APÊNDICE B – Termo de Consentimento



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
DOUTORAMENTO EM EDUCAÇÃO**

PESQUISA:

**DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E OS PROCESSOS DE
INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA: DESAFIOS E DILEMAS PARA
PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM PORTO
SEGURO – BAHIA**

Nome (opcional): _____
Gênero: a) (☐) Masculino b) (☐) Feminino c) (☐) Outro
Data de nascimento: _____
Escola que atua: _____

Prezado/a Senhor/a,

Você está sendo convidado/a para ser participante como voluntário/a na pesquisa intitulada **DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA: DESAFIOS E DILEMAS PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTO SEGURO – BAHIA**. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Caso se sinta esclarecido/a sobre as informações que estão neste Termo e aceite fazer parte do estudo, peço que assine ao final deste documento, em duas vias, sendo uma via sua e a outra do pesquisador responsável pela pesquisa. Saiba que você tem total direito de não querer participar.

1. A pesquisa tem como objetivo investigar os desafios e os dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do ensino fundamental em Porto Seguro – Bahia no contexto de processos de inovação pedagógica no âmbito do seu desenvolvimento profissional, vinculada ao Doutorado em Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, sob a orientação da Doutora Elsa Maria Bacala Estrela. A participação nesse estudo é voluntária e envolve uma entrevista semiestruturada e mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.
2. A participação nesta pesquisa consistirá em responder à entrevista semiestruturada e/ou grupos focais. O público alvo são professores atuantes nos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental das escolas da rede pública municipal de ensino de Porto Seguro-Bahia. Será realizada individualmente, 1 (uma) sessão para a entrevista semiestruturada (via plataforma de videoconferência Zoom Meetings), de no máximo 1 (uma) hora de duração. Já os participantes dos grupos focais deverão participar de 2 (duas) sessões de videoconferência, com até 1 (uma) hora de duração cada. Será escolhido um

horário que melhor atenda a todos os participantes, podendo responder às questões a partir de sua própria residência ou onde se sentirem mais à vontade para a realização das entrevistas.

3. O/A Senhor/a terá liberdade para pedir esclarecimentos sobre qualquer questão, bem como para desistir de participar da pesquisa a qualquer momento que desejar, mesmo depois de ter assinado este documento e não será, por isso, penalizado de nenhuma forma. Caso desista, basta avisar ao pesquisador e este termo de consentimento será devolvido, bem como todas as informações dadas pelo/a Senhor/a serão destruídas.
4. Os benefícios com a participação nesta pesquisa serão os resultados deste estudo que poderão servir para compreensão e análise do cotidiano dos professores nas escolas, bem como levar em conta as suas experiências, seus referenciais de formação, suas crenças e valores para que possamos perceber os caminhos adotados para uma prática docente voltada (ou não) para os processos de inovação pedagógica.
5. Não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar aos voluntários pela participação, no entanto, caso haja qualquer despesa decorrente desta participação haverá o seu ressarcimento pela pesquisadora.
6. O nome dos participantes será mantido em sigilo, assegurando assim a sua privacidade e, se desejarem, terão livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queiram saber antes, durante e depois da sua participação.
7. Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para fins desta pesquisa, e os resultados poderão ser publicados.

Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com a Doutora Elsa Estrela, pesquisadora responsável pela pesquisa, e-mail: elsaestrela@gmail.com, ou com a pesquisadora Kátia Caroline, e-mail: katiacaroline6@hotmail.com.

Eu, _____, RG nº _____
_____ declaro ter sido informado e concordo em ser participante do
Projeto de pesquisa acima descrito.
Porto Seguro, _____ de _____ de 2021.

Informo que como responsável por este estudo comprometo-me em manter sigilo de todos os seus dados pessoais, bem como de todas as informações coletadas durante a pesquisa. Afirmando também que as informações coletadas serão unicamente utilizadas para fins de pesquisa, portanto, comprometo-me a indenizá-lo caso sofra algum prejuízo moral decorrente desse estudo.

Elsa Maria Bacala Estrela
Pesquisador Responsável

Kátia Caroline Souza Ferreira
Pesquisador Assistente
Telefone para contato: +55(73)99966-7858

Assinatura do/a participante

APÊNDICE C – Ficha de Identificação



PESQUISA:

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA: DESAFIOS E DILEMAS PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTO SEGURO – BAHIA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

1. Nome (opcional): _____
2. Gênero: a) (☐) Masculino b) (☐) Feminino c) (☐) Outro
3. Data de nascimento: ____/____/____
4. Escola em que atua: _____
5. Tempo na profissão docente: _____
6. Tempo que atua na Unidade de Ensino: _____
7. Graduação: _____
8. Especialização: _____

APÊNDICE D – Roteiro de Entrevistas



PESQUISA:

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA: DESAFIOS E DILEMAS PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTO SEGURO – BAHIA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

PROFESSOR/A DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

PARTE I – Construção da profissionalidade docente

- 1) Há quantos anos você atua como professor/a e quantos anos está nesta escola?
- 2) O que o/a levou a escolher a profissão docente?
- 3) Quais experiências você construiu na sua vida pessoal e profissional que contribui para o seu fazer pedagógico?
- 4) Como você descreveria o seu processo de construção profissional docente?

PARTE II – Desenvolvimento profissional

- 1) Em relação ao seu desenvolvimento profissional, depois da graduação o que você fez e o que você faz para se manter atualizado?
- 2) De que maneira você articula aprendizados dos cursos de desenvolvimento profissional docente com a sua prática? Como ocorre esse processo de transposição da teoria para a prática?
- 3) Quais cursos você considera mais relevantes para sua experiência docente? Por quê?
- 4) Na sua escola existe momentos coletivos para trocas de experiências, planejamentos ou estudos? De que forma ocorrem esses momentos entre professores e coordenação pedagógica?

PARTE III - Desafios e dilemas enfrentados no contexto de processos de inovação pedagógica no âmbito de seu desenvolvimento profissional

- 1) O que você entende sobre inovação pedagógica? Pode dar exemplos do que considera inovação?
- 2) Na sua trajetória docente, você considera que construiu uma atuação inovativa e transformativa em sua prática pedagógica? Se sim, cite-as.
- 3) Quais os maiores desafios ou dilemas enfrentados por você, para atuar de maneira inovadora na sua prática docente?
- 4) Foi possível desenvolver mudanças na estrutura curricular e nas suas práticas pedagógicas, a partir de seu percurso formativo? Se sim, conte-me de qual forma ocorreram essas mudanças.
- 5) Quais investimentos, dentro da esfera de desenvolvimento profissional docente, seriam importantes para uma atuação transformativa e inovadora?

APÊNDICE E – Roteiros de Discussão de Grupos Focais



PESQUISA:

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA: DESAFIOS E DILEMAS PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTO SEGURO – BAHIA

ROTEIRO 1 DE DISCUSSÃO DOS GRUPOS FOCAIS

Desenvolvimento Profissional Docente e Inovação Pedagógica

Esta pesquisa pretende investigar os desafios e os dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do ensino fundamental em Porto Seguro – Bahia no contexto de processos de inovação pedagógica no âmbito do seu desenvolvimento profissional. As nossas discussões terão por finalidade compreender e analisar o cotidiano dos professores nas escolas, bem como levar em conta as suas experiências, seus referenciais de formação, suas crenças e valores para que possamos perceber os caminhos adotados para uma prática docente voltada (ou não) para os processos de inovação pedagógica.

O conceito de Desenvolvimento Profissional Docente vai muito além de formação inicial e continuada, pois, além dos contextos de vida (pessoal e profissional) envolve também aspectos organizacionais da escola. A escola, enquanto espaço de trabalho, passa a ser o lugar onde professores enfrentam e resolvem problemas, criam e recriam estratégias, promovendo mudanças pessoais e profissionais. Desenvolvimento profissional docente nada mais é, que um processo que se articula com as práticas educativas, na busca incessante pelo conhecimento, nas práticas formativas coletivas e contextualizadas.

A partir dessas afirmações,

1. Qual concepção vocês possuem de educação, aluno e professor? Como essa relação constrói a profissão docente?
2. Quais instrumentos, contextos e conhecimentos vocês trouxeram das suas vivências pessoais e profissionais para a construção de sua profissionalidade?

3. Como ou de qual forma o desenvolvimento profissional docente pode impulsionar práticas pedagógicas inovadoras?

Considerando-se uma época de renovação, de ampliação de informações, conhecimentos e inovações, os sistemas educativos se deparam com o desafio de enfrentar essas transformações. Assim, as instituições formadoras têm o grande desafio de oferecer uma formação compatível com as necessidades da sociedade em transformação. Isso envolve propiciar ao professor momentos de formação, cujo objetivo é poder propiciar intervenções em suas aulas com maior autonomia e dinamicidade, com vistas à inovação pedagógica.

Diante desse contexto,

1. Existe fomento, estímulo para a inovação pedagógica em sua escola? Como vocês avaliam o investimento feito pelo Município?
2. Houve algum momento em que vocês se sentiram obrigados, cobrados ou forçados a serem inovadores, por algum tipo de imposição, seja pela sociedade, pelos órgãos governamentais ou outros? Como ocorre essa cobrança?
3. Vocês participaram de cursos de formação sobre temáticas voltadas para inovações pedagógicas? Se sim, qual a instituição que promoveu este curso?



PESQUISA:

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E OS PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA: DESAFIOS E DILEMAS PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE PORTO SEGURO – BAHIA

ROTEIRO 2 DE DISCUSSÃO DOS GRUPOS FOCAIS – Desafios e dilemas enfrentados por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental

A sociedade globalizada passa a exigir mudanças nas práticas dos professores, sobretudo questionam o seu papel, passando a ser visto como o principal responsável pelo desenvolvimento das funções da escola, causando tensões e dilemas na sua profissão, interferindo na profissão docente, de modo a exigir mudanças devido ao crescente progresso tecnológico. Nunca foi tão difícil exercer a profissão nos dias atuais, com inúmeros desafios para enfrentar. Ao lidar com as circunstâncias do mundo atual e com as exigências dos sistemas educativos, esses profissionais passam a serem questionados, vistos como principais responsáveis pelo desenvolvimento das funções destinadas à escola, além de serem, muitas vezes, considerados como os únicos responsáveis pelo desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes.

Em um dilema, ocorre a necessidade de escolha entre alternativas opostas. Constantemente em nossa vida profissional enfrentamos diferentes dilemas. Podemos citar como exemplos, como podemos fazer uso da comunicação de qualquer referência à vida, aos conflitos sociais, sem colocar em risco os alunos e os professores? Como controlar a tomada de palavra sem romper com as trocas, sem acabar com a espontaneidade e o prazer de se expressar?

Enfim, a questão que se propõe é

1. Como o professor deverá se preparar para agir e decidir sabiamente ao lidar com diferentes dilemas em sala de aula ou na sua profissão?
2. Quais desafios vocês enfrentam diariamente na prática de sala de aula?
3. Quais as maiores dificuldades enfrentadas por vocês ao tentar fazer com que a inovação pedagógica se torne uma realidade?

APÊNDICE F – Categorias de análise documental



CATEGORIAS DE ANÁLISE DOCUMENTAL

ANÁLISE DE CONTEÚDO – ANÁLISE DOCUMENTAL			
PARTE I – CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE			
Processo de construção profissional docente	Experiências de vida que influenciaram no processo de construção docente	Vivências formativas relevantes para a experiência docente	Tempo para planejamento, momentos coletivos, trocas de experiências e estudos na escola.
Desenvolvimento profissional docente	Processos formativos depois da graduação	Cursos e práticas relevantes para a experiência docente	Espaços de trocas e co-construção do conhecimento (dentro e fora do espaço escolar)
Desafios e dilemas enfrentados pelos docentes	Identificação dos atravessamentos que perpassam a atividade docente	Desenvolvimento de habilidades criativas para lidar com a realidade local	Novas práticas/saberes/conhecimentos advindas da leitura de mundo dos educandos e do contexto
PARTE II – INOVAÇÃO PEDAGÓGICA			
Trajetória docente e construção de uma atuação inovadora e transformativa na prática (descrição dessa atuação)	Desafios enfrentados para atuar de maneira inovadora na prática docente	Mudanças na estrutura curricular e nas práticas pedagógicas, a partir do percurso formativo	Investimentos para uma atuação transformativa e inovadora

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

APÊNDICE G – Categorias de análise das entrevistas (Partes I, II e III)



CATEGORIAS DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

PARTE I – CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE

PARTICIPANTES	Escolha da Profissão Docente	Experiências da vida pessoal e profissional que contribuíram para o fazer pedagógico	Descrição do processo de construção profissional docente
P01	(...) eu comecei a fazer matemática, eu fiz licenciatura curta em matemática (...). E aí eu tava fazendo com nenhuma intenção de ser professora, nenhuma. (...) eu sabia todo o processo que, e eu tinha feito o magistério, então eu tinha um pouco dessa metodologia, um pouco dessa didática. Meu magistério foi um magistério de quatro anos, então assim, eu tinha muito, muita afinidade mesmo, só não tinha experiência nenhuma, nunca tinha entrado numa sala de aula eu estudei no estágio. (...) a diretora da escola fez uma contratação (...). E aí eu deixei a matemática, quando eu completei os dois anos eu deixei (...) Porque minha tia (...) estava abrindo uma escola de Educação infantil, e minha tia era professora da faculdade, ela não era minha professora, mas ela era professora da Faculdade que eu estudava e aí ela falou pra	(...) eu passei por tudo, por todos os segmentos, eu passei por educação infantil, fundamental 1, o 2, o ensino médio, eu passava, que na época era o científico. Eu dava aula de física, dei muito tempo aula de física no científico. Trabalhei no curso de contabilidade, na época existia o curso de contabilidade, eu trabalhava, tinha disciplinas de contabilidade, tinha disciplina no magistério e era tudo assim, tudo foi experiência (...). Eu inventei de fazer uma pós graduação, ainda cursando. É tanto que quando eu me formei passou uns 4, uns três meses eu terminei uma pós graduação em supervisão pedagógica, (...) e realmente complementou muito, me acrescentou muito na área desse conhecimento, (...). Pra mim foi o pontapé mais mais grandioso, pra mim, o crescimento acerca da minha profissão, foi quando eu tive realmente certeza de que eu queria ser professora. Eu já estava amando muito a minha	Eu comecei, como eu disse, por uma necessidade, com uma necessidade pessoal, uma necessidade familiar, que hoje, eu não esperava, eu pensei que eu ia, só ali, ajudar a família, porque a gente passou por um momento muito, muito, muito difícil. Então, quando eu fiz Magistério, eu fiz Magistério, porque era um sonho da minha mãe ter uma professora dentro de casa, eu sou a única filha. Então eu fiz Magistério por essa questão, só que como a gente vivia com muita necessidade, muita dificuldade, eu precisei começar a trabalhar muito cedo, então eu com 15 anos eu já trabalhava, com carteira assinada e tudo. (...) E aí na época em que eu fui dar aula de Matemática, (...) Então aí, eu escolhi Matemática porque eu comecei com essa habilidade toda, e a influência da minha prima, minha prima é uma parceirona minha, é igual uma irmã a gente foi criada juntas,

	mim eu vou abrir uma escola porque é um sonho que eu tenho, mas todo mundo que vai trabalhar nessa escola vai ser a família, (...) aí a gente montou uma escola de educação infantil, (...) aí ela virou pra mim assim, por que você não aproveita alguma coisa de matemática e faz pedagogia e, assim..., nunca tinha me passado, eu pensava qualquer coisa, fazer um curso de Enfermagem, terminar matemática, mas pedagogia jamais, jamais pensava. (...) é porque realmente não passava pela minha cabeça. (...) Eu comecei por seis meses dando aula, eu tinha uma turminha de quatro anos. Simplesmente eu fiquei apaixonada pela educação infantil. É tanto que hoje eu sou apaixonada por Educação Infantil. (...) Foi amor à primeira vista, com educação infantil. (...) Depois eu fui embora pra cá pra Porto Seguro. E assim começou minha vida na escola. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	profissão. Quando eu conheci de fato, foi o que eu estudei, foi o que aprofundei isso, eu, literalmente, falei, não, é essa! É essa a minha profissão E daí pra cá eu não parei mais. Aliás, eu, há muitos anos, não é de hoje, há muitos anos eu não consigo me ver em uma outra profissão, parece que eu nasci professor. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	e com a influência dela eu comecei. E aí a Pedagogia veio em seguida com a influência de minha tia que é a mãe dela. Então foi assim que eu fui construindo essa afinidade pra esse lado profissional de professora, de educadora. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)
P02	Na verdade, escolher não escolhi não. Foi um acaso. Eu trabalhava na área do comércio, na verdade, e eu fui incentivada a isso. Querer eu não queria, a princípio não. Caí de paraquedas, mas depois que entrei, pra sair... (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	(...) não que não tivesse ocorrido outras experiências, mas de uns dois anos pra cá eu me deparei com a situação de um aluno em sala de aula e que isso contribuiu muito, me fez gostar mais ainda do que faço, que é a questão de um aluno autista que entrou aqui na turma. Logo quando veio foi um susto, nunca tinha passado por essa situação de “tá” com um aluno especial dentro da sala, e quando ele entrou... eu via a situação dele em outras salas. E quando ele veio pra cá, eu falei: É agora que eu vou pedir pra sair. E eu sempre gostei muito das séries 3º, 4º e 5º anos, com alunos maiores, nunca gostei da questão do	Eu iniciei com o magistério, sem intenção de exercer. Na verdade eu sempre gostei muito dessa questão. Na época que eu era aluna ainda, eu sempre gostava quando a professora faltava, eu pegava o material dela e aplicar o conteúdo no quadro pro restante da turma. (...) Eu só tinha magistério e, bom..., eu vi a necessidade, claro, de aprender coisas novas, porque, por exemplo, eu cheguei aqui (...), eu nunca tinha me deparado com a sala de aula, então eu cheguei, assim, tava “cheirando a leite”. Não tinha experiência nenhuma. Aí a primeira coisa que eu fiz quando

		alfabetizar. Mas justamente, tive que passar por esse processo com esse menino. (...) A família ficou encantada, eu fiquei encantada e acabei gostando da questão do alfabetizar. Não sei se vou seguir essa linha, mas contribuiu muito. Foi muito bom, foi muito gratificante chegar ao final do ano e ver o resultado desse aluno e dentre outros que passaram por aqui. Quando a gente pega a criança, que a gente vê assim, aquela dificuldade que ele tem de aprender, de absorver aquele conteúdo, que aos pouquinhos você vai fazendo. E às vezes pinta aquela insegurança dentro de você: “não vai dar certo”, mas com pouco, você vê o resultado, é gratificante. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	entrei aqui foi: não sei nada, me ensina, porque não sei fazer. E não sabia mesmo. Aí foram colegas, que foram ajudando, me incentivaram, entrei logo na faculdade, fiz a graduação, a Pedagogia, depois fiz a pós. Tenho vontade de dar seguimento a isso aí, agora o tempo é que, com filho... aí complicou. Não é impedimento, que eu sei que tem muitos que fazem, mas... ainda não tá no momento. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)
P03	Acho que desde criança, (...) que eu via minhas tias lecionando, primos lecionando, e eu gostava muito, eu ia à escola com eles, inclusive eu ficava até nas salas de aula, às vezes olhando pra eles, aplicando provas, eles saiam e me deixavam. Vim pra Porto Seguro em 96, eu completei lá o Fundamental I, ou o Fundamental II e entrei aqui no Ensino Médio. Quando eu cheguei aqui, (...) tinha uma professora, (...) era professora de Matemática, às vezes ela saía da sala ou no dia que ela não ia, ela me dava o conteúdo pra eu trabalhar com os meus colegas em sala de aula. Falei, não! É exatamente isso que eu quero, entendeu? (...) depois eu mudei um pouco, meio que, de rumo, (...) minha formação eu mudei um pouquinho, mas depois	Olha, (...) minha família toda praticamente, de tia, tios, meus primos, meus irmãos também. (...) Eu cresci dentro da igreja evangélica, né? Até mesmo a igreja, eu era muito de frente, eu era muito de palco, eu era muito de teatro, eu era muito de canto e isso tudo eu trago pra minha prática, entendeu? Pro dia a dia. Então eu acho que me inspirei muito, sei lá, nesses movimentos aí. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)	Eu comecei primeiro no Magistério, me formei em Magistério, depois de alguns anos eu acabei ingressando na faculdade de Turismo. Pra gente viver nessa região, turística, tal, eu imaginei né, eu falei, vou trabalhar, é..., dando aula e paralelo a isso vou trabalhar no turismo, mas também a gente tinha a disciplina de Turismo, eu nem sei se hoje em dia ainda tem a disciplina. Não tem mais, né! Aí então eu disse, eu vou fazer. Fiz, depois que eu fiz eu falei não, eu já com alguns anos de concurso não vou largar meu concurso pra me aventurar na área de turismo. Aí terminei o curso de Turismo e fiquei naquele impasse, inclusive de mudança de nível, né, se conseguiria ou não conseguiria, acabei conseguindo e mudando porque na época ainda tinha a disciplina de

	eu mudei novamente. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)		Turismo e tal e mudei de nível. Mas depois eu fiz uma pós na área de educação e fiz uma complementação pedagógica (...). (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)
P04	Na realidade esse foi incentivo da minha mãe. Minha mãe era professora (...). Então assim, o que ela deixou para a gente foi a educação e ela tinha esse desejo de que nós, tanto eu, como meus irmãos atuasse na área de educação, porque ela era apaixonada em alfabetizar. Só que apenas eu dei sequência e tive muita força dela para poder trabalhar na educação. Como exemplo dela eu empenhei, estudei, fiz faculdade, com toda dedicação que ela teve de nos proporcionar isso. Eu fui a única que perseverei nessa profissão e estou apaixonada. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	A nossa experiência do dia a dia, assim como a gente trabalha com vidas, com pessoas e eu trago...trouxe exemplos de valores para os meus filhos mostrando também para os meus alunos e para os meus filhos os valores que nós devemos ter de uma conduta legal, aqui na escola cada dia...é uma experiência diferente porque são famílias com diversas dificuldades. Então você tira sempre o lado positivo da situação. Você tem alunos que não tem condições de ter uma alimentação a gente vai a gente ajuda assim a escola toda em si, tem alunos que não tem, perdeu o pai ou perdeu a mãe, foi criado pela avó. Então a gente mostra que ele não foi abandonado, que tem alguém sempre se preocupando com ele e nós como educadores também estamos aqui pra isso então essas coisas também vou levando pra minha vida pessoal, levo pra os meus filhos, mostrando que Deus nos proporciona coisas boas em nossa vida, tem momentos difíceis, tem. Mas a gente precisa também tirar o lado bom, e isso eu acabo levando para a minha vida pessoal. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	Primeiro formei o meu magistério, depois de 3 anos que eu fui fazer uma faculdade, quando vim fazer a faculdade eu já estava com família, então foi difícil conciliar família com a escola, que a gente leva tempo maior para isto. Eu tinha família, eu trabalhava e estudava, dormia super tarde, três, quatro horas da manhã. Porque (...) pra mim era tudo novo, resenha, resumo, relatórios. Então foi um aprendizado muito importante para mim, mais do que nunca, para o meu empenho profissional foi muito bom. Eu gostei disso, entendeu? Desse desafio, então, é isso que me motiva cada dia, estar buscando novas experiências. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)
P05	Eu tinha professoras, eu achava muito bonita a forma como elas explicavam, a forma que elas escreviam, né, e aí, quando eu fui estudar, fazer	Olha, eu tive uma professora, né, quando eu estava no 8º ano, que marcou muito a minha história, então assim, essa experiência eu levei pra minha vida	Olha, como eu falei pra você, eu fiz o Magistério né, na época profissionalizante, depois com o tempo, que aqui não tinha faculdade, chegou

	o Ensino Médio, tinha 2 cursos pra eu escolher, ou eu ia escolher Magistério ou eu ia escolher Administração, aí eu optei pelo Magistério e estou aqui até hoje, graças a Deus, né, e não me arrependi. Foi “aonde” eu me encontrei. Hoje, né, trabalho, graças a Deus e assim, cada dia me capacitando e aprendendo né, que a gente, o tempo todo, nós estamos aprendendo com os alunos, com a comunidade em si, sempre a gente tá na construção de conhecimento. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	profissional, pra minha vida pessoal e consegui ajudar também ajudar muitos alunos através dessa experiência. Ela motivava a gente o tempo todo, ela não deixava os sonhos morrerem e ela sempre falava da importância de você lutar pelos seus ideais. Então assim, eu trabalhei com ensino fundamental e depois tive a oportunidade de trabalhar com a EJA, quando eu fui trabalhar com a EJA, eu cheguei lá, tinha uma realidade muito difícil e aí através dessa realidade (...) eu lembrei dessa professora. E assim eu estimulava o tempo todo e estímulo, até hoje, eu ainda estou trabalhando na EJA e falava sempre pros meus alunos que, como eu falava pros pequenos, mas os grandes, eles perderam essa vontade de vencer, de sonhar, de ir além, e essas pessoas né, que eram meninos numa situação difícil que às vezes trabalhavam na roça conseguia conversar com eles, na aula, e eles falavam assim: “professora realmente você acredita no que você fala?” E eu falava sim, eu acredito! Sabe por quê? Porque os sonhos, eles são capazes de ser realizados, desde que a gente também acredite, mas se vocês não acreditam que vocês podem ir além, como é que vocês vão chegar pra alcançar os seus sonhos? Então assim, é sempre uma fala né, que eu tenho e que marcou a minha vida muito e que até hoje me direciona e eu assim, sempre coloco pros meus alunos, o sonhar, o acreditar, o ir atrás, o não parar, e persistir no sonho, porque quem não sonha não tem como realizar nada, então, eu sempre converso com meus alunos sobre isso, desde o Fundamental I, né, que a gente trabalha até a EJA, na Educação Infantil esse ano, eu tô tendo	quando veio a faculdade eu fiz na Nossa Senhora de Lourdes, a graduação, depois eu fiz uma pós-graduação e depois eu fiz o Mestrado, e assim, estamos aí, aptos a fazermos novos cursos porque, é sempre uma aprendizagem né, o tempo todo a gente tá aprendendo e é isso aí. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)
--	---	--	---

		oportunidade de trabalhar com a Educação Infantil esse ano e é uma série, assim ,que já é de muitos sonhos. Então assim, o professor em si, ele é um sonhador. Então é isso que eu vejo na minha prática, na minha vida, né, eu sempre fui assim de correr muito atrás dos meus objetivos e eu coloco isso muito pros meus alunos, porque nós que viemos de famílias pobres, né, muito pobres, a única coisa que nós temos que realmente acreditar é nos nossos sonhos e correr atrás. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	
P06	Bom, o que me levou foi a forma que eu via os meus professores e as minhas professoras lecionando, a dicação que tinha, (...) o amor pela profissão e aí eu fui me identificando com o Magistério, com a profissão, quando eu (...) concluí a 8a série e pro 1º ano, tinha administração, contabilidade, tinha outros cursos, mas assim, eu já tinha me identificado já, demais, com o Magistério, aí eu optei pelo Magistério (...) devido eu me espelhar em alguns professores que eu tive (...). (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	O que me marcou, o meu fazer pedagógico, foi a experiência familiar, nós somos 5 irmãos, todos 5 hoje, graças a Deus, todos 5 formados, e assim, a forma como meu pai e a minha mãe nos incentivaram, né, a estudar, a buscar, porque meu pai era semianalfabeto, e... mas nunca deixou a gente ficar 1 dia sem ter aula, perdeu empregos, é..., até bons na época, né, trabalho braçal na época que ele fazia, né que ele tomava conta de fazendas, apesar de não ter leituras, mas tinha um conhecimento de campo, e aí ele motivou bastante, então foi isso que me levou a, como é que eu posso dizer, a me empenhar mais pela minha profissão, ou seja, de um pai semianalfabeto formou um professor que hoje ajude os filhos dos outros, tá?, a buscar um conhecimento para que possa ter um futuro né, uma vida melhor, ah então isso foi o ponto que mais me marcou. Fora a afetividade dos alunos, né, mesmo em sala de aula, porque tem horas que eles se espelham demais no professor, né, porque tem hora que falta	Esse processo foi construído né, com bastante esforço e empenho, como a maioria dos professores, né, que batalham pra conseguir estar num ponto que está hoje. Ó, eu comecei com o Magistério, né, logo assim que eu me formei, depois fui trabalhar pra ajudar meus pais porque eles já tinham me ajudado bastante, passei um tempo até interessante só com Magistério, né, depois fui me qualificando, fazendo uns cursos, né, de extensão pela Prefeitura, que a Prefeitura oferecida, depois eu fiz a Pedagogia, depois da Pedagogia eu fiz 2 pós, eu fiz uma pós em alfabetização e Letramento e fiz também uma pós em Educação do Campo, e recentemente acabei minha segunda licenciatura em Letras, né, então, meu trajeto foi dessa forma, sempre se empenhando, né, buscando novos conhecimentos, é, para atuar melhor pela minha profissão, né. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)

		atenção, carinho, em casa, então, o professor como ele passa bastante tempo com o aluno né, tem hora que mais do que com o pai e a própria mãe. Então esses aspectos foram o que foi me motivando cada vez mais desempenhar um bom papel dentro daquilo que eu exerço hoje. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	
P07	De início eu acredito que foi uma questão familiar, porque eu vim de uma família onde todo mundo era professor, então automaticamente, nas brincadeiras, a gente brincava de escola. Então com isso aí, eu fui adquirindo gosto e aí incentivo da minha tia e da minha mãe (...). Então eu fui gostando (...). (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	Eu acredito que, tipo assim, a disciplina que eu trabalhava era Educação Física. Daí já inicia, né... que nos tempo de antigamente, nas nossas brincadeiras, a gente observa que não são como as de hoje. As crianças não têm mais, né... eu falo assim que hoje as crianças, os adolescentes não vivem como a gente viveu, como a gente brincava. É tanto que nas minhas aulas eu busco resgatar essas brincadeiras antigas, que muitos nem conhecem. Então eu acho que é isso aí. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	Todo ano eu busco assim,né... através agora do whatsapp,né, que é o momento e também entro em sites pra ver algumas formações. Agora mesmo eu tô fazendo a pós em Educação Infantil porque é uma vontade que eu sempre tive, que eu gosto de lidar com o pequeno e... eu falei: “Não... já que eu já fiz tantas capacitações, tá na hora de fazer uma formação pra essa área”. Porque não sei, amanhã, vai que eu consiga colocar em prática, né? Que é trabalhar diretamente com os pequenos. Pelo menos eu vou tá já entendendo e preparada. Então eu tô fazendo curso, tô pretendendo, quer dizer, eu ia iniciar em janeiro o mestrado. Já até me arrependi, porque eu passei... e aí eles ficaram até mês passado falando que não dava tempo. E agora eu vou buscar... eu tava falando pro outro que eu nunca me arrependi assim... tudo o que eu quis estudar, eu estudei. E eu não sei o que foi, que o mestrado eu passei e resolvi... Na verdade eu sei, foi assim, mais por questão pessoal mesmo. Que eu tive três percas assim, dentro de três meses, então isso aí me abalou, sabe? Mexeu comigo. Então hoje eu

			entendo que foi isso. Mas agora eu quero ver se eu consigo no meio do ano realizar isso aí. Porque todo ano eu faço. Sempre eu gosto de fazer alguma coisa. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)
P08	Necessidade! Necessidade! Porque na época, aqui tudo era difícil e eu fiz magistério e ingressei na educação devido a necessidade de trabalho. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	Não, a experiência foi muita né? Primeiro eu gostava muito de esporte, gosto muito do esporte, entrei como professor de Educação Física no momento e me adaptei rapidamente, porque eu já gostava muito. Isso trabalhando em Vale Verde! Posteriormente comecei a dar aula de matemática, outra também que eu amo de paixão e nesse caso aí, quer dizer, eu já gostava de matemática, fiquei com matemática, eu já gostava do esporte e continuei no esporte, então, tudo deu certo pra mim na educação. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	Não, primeiramente, há muitos anos atrás tinha como: a contabilidade, o magistério e administração. Eu optei pelo magistério por ser uma parte mais fácil para conseguir um trabalho. E depois que eu me formei logo, logo surgiu essa vaga para trabalhar dando aula, naquela época quase ninguém, ninguém tinha faculdade, pouquíssimas pessoas né? E era muito difícil, raro, muito raro você ver uma pessoa que tinha faculdade. Aí disse assim: (...) você tem magistério, você quer dá aula? Eu disse: eu quero, Tá precisando de uma vaga. (...) tô precisando trabalhar mesmo, e nisso foi bom, porque o aprendizado foi muito grande. Eu acho que aprendi mais do que eu ensinei, eu aprendi muito com tudo isso. E nesse decorrer do... depois eu fiz faculdade, pós graduação, fiz outra graduação e fui sempre ampliando meus conhecimentos, e ainda tô precisando aprender mais, né? (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)

PARTE II – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

PARTICIPANTES	Desenvolvimento Profissional depois da graduação	Como articula aprendizados dos cursos com a prática. Processo de transposição da teoria para a prática	Cursos mais relevantes para experiência docente	Momentos coletivos para trocas de experiências, planejamento e estudos na escola
P01	(...) já fiz muitas coisas, pra você ter ideia eu já fiz curso até de oratória, tudo como ouvinte, e aí eu terminei uma pós-graduação com 4 meses de formada e aí fiquei fazendo esses cursos e me aperfeiçoando e era tudo voltado pra Educação Infantil. O que você falasse pra mim, que era curso de Educação Infantil onde fosse eu procurava um jeito de ir. Fazia muito! (...) tem 20 anos que eu tô em Porto Seguro e aqui, eu cheguei, fui trabalhar no Municipal de Porto Seguro como professora de Português, de Língua Portuguesa, (...) mas, assim, eu dava aula de Língua Portuguesa mas o meu coração era de Educação Infantil, minha vida sempre foi Educação Infantil e aí, (...), eu fiz uma pós-graduação na Educação Infantil, aí pronto, a minha paixão só aumentou, com essa formação aí. (...) fui trabalhar em escolas de Fundamental I, porque as escolas de Educação Infantil eu não tive oportunidade,	(...) Eu busco muito porque eu preciso, eu necessito. E pra eu estar evoluindo eu preciso estar principalmente atualizada. O educador hoje, como eu canso de dizer pras minhas alunas na faculdade, o professor hoje ele é um mediador do conhecimento e sem esse conhecimento ele não consegue mediar nada. Então se você vive nesse momento, nesse tempo todo se atualizando você consegue evoluir na questão do ensino aprendizagem. Então assim, eu busco muito, eu peneiro, na verdade e busco tudo o que é bom no que eu faço e coloco sim em prática. (...) Eu acho que o professor, ele tem que viver constantemente em formação, sabe, ele tem que estar o tempo todo se inovando, se atualizando, porque a gente está num processo de evolução muito rápida, em todos os sentidos e a educação parece que fez assim, ó, deu um estalo e deu uma guinada de 360 graus e hoje se o professor não se	(...) quando eu escolho os cursos pra fazer eu já coloco relevância nele, pra começar, sabe? Quando eu falo assim: não, esse aqui eu vou fazer porque ele vai ser relevante e vai ser útil pra mim, na minha vida e aplicabilidade na sala de aula, independente do tema. Eu só escolho o tema que eu vejo que é o que eu quero, eu não faço um curso que, ah, porque esse aqui é bom pros anos iniciais, não é assim, ele tem que ter que ser bom pra mim, pro meu entendimento, pro meu prazer de estudar. Sabe? Então, (...) Metodologias Ativas e Tecnologias da Educação. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	Sempre teve esses momentos coletivos, a escola em que eu trabalho é uma escola muito pequenininha, então assim, pra gente fazer um momento, por exemplo, coletivo desses, a gente tem que sentar na mesa da cozinha da escola. Sempre a gente consegue, sempre tá desenvolvendo alguma coisa, a gente se reúne, então, a gente pega sempre uns 10, 15 minutinhos, coloca os meninos, estende um pouco o horário do recreio, sabe, porque a gente não tem esse momento coletivo na nossa carga horária, a gente não tem esse momento coletivo. A gente tem que fazer esse momento. Certo? Então a gente coloca uma atividade para as crianças e deixa as auxiliares ou as cuidadoras tomando conta um pouquinho, a menina da secretaria, mas, assim, é tudo muito rápido, mas a gente consegue, por quê? Porque assim, a gente sempre vai pra discussão de alguma experiência já com os assuntos prepostos, entendeu? Então a gente já tem eles como em mente, já o que que vai ser decidido, é isso, isso e isso. E em relação a planejamentos, aí esse planejamento é

	porque eu era recente de concurso, não tinha como escolher, a gente tinha que ir pra onde enviasse, (...) (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	encaixar ele não fica num espaço escolar principalmente por conta dessa pandemia. E aí eu, no início, eu estava muito preocupada com essa questão da pandemia e me deixei um pouco de lado, nessas questões de formação. Eu continuei dando a aula online na faculdade, mas eu estava muito apreensiva em o que fazer com os meus alunos pequenos, com os meus dos anos iniciais. E aí eu demorei alguns meses, (...) Aí teve um dia batendo um papo (...) falou comigo, (...) tem alguns cursos da Universidade daqui e eu vou te mandar alguns e aí você entra, todo online, e você começa a fazer, e o primeiros que eu fiz, ela me mandou alguns links e eu entrei, tinha uns que eu não agradei muito dos temas e aí quando eu vi lá, Metodologias Ativas, (...) o que você pensar de Metodologias Ativas, de julho, de início de agosto do ano passado pra cá, o que você pensar eu já fiz de Metodologias Ativas, de curso, tudo, do híbrido, da sala invertida, todas essas formas que tem nas Metodologias Ativas eu fui aprofundando. E aí, com isso, eu comecei a entender que o mundo a partir de agora seria diferente na		individual, porque a gente não tem o tempo pro planejamento coletivo, dentro da carga horária. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)
--	---	---	--	--

		educação, aí eu parti pras Novas Tecnologias, e aí, das Novas Tecnologias eu não sei quantos e quantos que eu fiz e fico o tempo todo fazendo, hoje, por exemplo, eu passei a tarde toda, acabei agora que eu tô fazendo da Universidade do Ceará. (...) são cursos ótimos, todos voltados pra tecnologias da educação, os temas são fantásticos. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)		
P02	Além da graduação, eu fiz a pós logo depois. Não fiz mais nenhum outro tipo de graduação, mas cursos eu faço constantemente. Todos que aparecem, que vão surgindo... eu tô fazendo. Porque eu gosto. Eu gosto muito disso. Aprender coisas novas é sempre bom, né? (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	Eu gosto muito daqueles cursos, onde eles utilizam muito a prática, como exemplo pra gente. A gente tem muito a absorver. Quando é muita teoria, que é aquela coisa massante. E assim, a gente não tem muito como aplicar aquilo em sala de aula. Quando são cursos que nos passam muita prática, eu geralmente, os exemplos que dão lá, eu tento passar pra sala de aula, pra ver o resultado, se vai dar certo, se não vai dar. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	NÃO TEM RESPOSTA	Sim. Temos momentos sim. Em coletivo é um pouco mais difícil de ocorrer, mas há, entendeu? Geralmente os planejamentos da gente, igual eu tô fazendo o meu aqui, (...), a gente tinha o momento com a Coordenadora, onde ela vinha, sentava com a gente, ia orientando a gente... Quando era marcado uma ou outra reunião, nós sentávamos juntas pra poder discutir uma determinada situação. Mas é a questão de tempo, que não tinha como... “cê” não pode liberar o aluno pra poder sentar todo mundo junto. Na maioria das vezes, quando a gente tinha auxiliar, era assim: “Auxiliar, assume aqui um instantinho”, aí era aquela reunião muito rápida porque a prioridade era estar na sala de aula e uma coisa que eu sempre falava aqui, não é a vontade: “Ah! Tem que liberar, porque a gente tem que fazer isso...” não! Mas esse momento é

				importante pra que aquele da sala de aula dê certo, então tem que ocorrer de qualquer forma. Eu não acho justo a gente ficar fora do nosso horário de trabalho dentro de escola pra gente resolver esse tipo de coisa. Acho que tem que ser dentro do nosso horário de trabalho... sinceramente eu não acho justo. Ah, mas se convocar, eu vou participar? É claro que eu vou. Mas não vou dizer que eu acho justo, porque eu não acho. Uma vez ou outra, ainda vai, mas fazer todas as vezes reunião fora do horário de trabalho, não. Não acho correto porque só a gente que tem que ceder, sempre? Nessa questão aí eu não acho correto, mas tinha sim esses momentos coletivos, mas era bem raro. Era mais individual... eu fazia meu planejamento, tinha horário do A.C. ali fora, passava todo material, ela olhava, dava visto e tal. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)
P03	Depois da minha graduação eu fiz essa pós, na área da educação e fiz essa complementação aí. Mas pra além disso, às vezes, a gente participa de algumas formações que o Município oferece, né. Além disso, pra além disso, às vezes eu busco informações na internet, leituras, às vezes, em algumas revistas, algumas	Ah... então, eu tento né, aplicar aquilo que eu aprendo nos cursos, as dicas, as ideias que os professores passam e que inclusive a teoria muitas vezes nos diz, né, o que seria o ideal, eu tento “tá” passando em sala de aula pros meus alunos, eu tento tá movimentando a turma com aulas dinâmicas, que é o que a gente	Primeiro, cursos voltados exatamente pra aquele público alvo que a gente trabalha, né? Eu acho que cursos voltados pra prática envolvendo, sei lá, jogos, envolvendo leitura, escrita, produção textual, uma coisa que às vezes a gente tem muita dificuldade, né? Os	Olha, existe. Além da gente se encontrar nos intervalos, aqui na escola, pra gente trocar idéias entre os colegas, também tem o momento do A.C. (Atividades Complementares) com o coordenador e o coordenador sempre procura fazer um horário que bata, mais ou menos, com os outros colegas, quando eles estão livres, os colegas que trabalham com o mesmo

	reportagens voltadas pra educação, mas, na medida do possível, eu tenho participado de alguns cursos que aparecem quando a Secretaria de Educação promove ou a própria APLB (<i>Associação dos Professores Licenciados do Brasil</i>) quando tem, por exemplo, aquele encontro em setembro, a gente participa também. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)	sempre ouve, sempre escuta falar, entendeu? Pra poder tá chamando a atenção desses alunos, porque hoje em dia tá difícil. Então eu tento pegar algumas dicas, eu gosto muito dessas formações voltadas mais pra prática, entendeu, a mão na massa, entendeu? Eu tento tá passando isso no meu dia a dia, né, inserindo em minhas aulas, envolvendo os conteúdos. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)	alunos também tem muita dificuldade de leitura e de escrita e nós professores também, às vezes a gente quer buscar meios pra poder tá tentando resolver melhor essas questões que às vezes nos acomete. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)	público pra gente poder tá trocando idéias, tal. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)
P04	Depois da graduação, eu fiz uma especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, por motivos né, de família, de filhos crescendo, tive que parar um pouco estudo para poder dar essa base aos meus filhos, eles estavam ainda num processo de alfabetização, tive um momento de parar para poder dar esse suporte, porque tenho um filho com TDAH. Então isso fez com que eu parasse, mas, eu estou sempre assim, buscando leituras, eu leio artigos. No momento eu não estou, não dei continuidade ao estudo, mas eu sempre to procurando ta lendo pra eu tá, não tá fora do padrão aí não, pra tá dando continuidade. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	Então, os cursos que a gente acaba fazendo de formação eu trago pra sala de aula atividades realmente práticas lúdicas que eu sei que dá para desenvolver com os alunos porque tem coisas que infelizmente não dá a nossa realidade. Não dá para desenvolver todas as sugestões de atividades que dá para desenvolver em sala de aula a gente acaba desenvolvendo aqui na escola e com a ajuda da coordenação também. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	Eu gosto mais de todos os cursos voltados pra Língua Portuguesa não sei por que é a área que eu atuo, eu acho mais fácil, matemática mesmo eu não sei nada. Só o básico para poder dar aula, mas, Língua Portuguesa a gente sempre vai aprendendo novas didáticas. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	Olha, antes da pandemia a gente tinha um momento da coordenação, momento individual de cada professor e depois uma vez na semana sempre nos finais da tarde a gente juntava os grupos pra gente trocar as informações e as atividades para passar essa troca. Agora na pandemia a gente faz as reuniões online e a coordenação vai mandando sugestões de atividades e a gente também vai trocando entre as colegas. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)

P05	Menina, nós já fizemos foi muitos cursos viu, tem que pegar ali só pra fazer... a gente sempre tá fazendo curso na educação né? Você vê agora mesmo, online, sempre tem palestras, sempre tem, sempre tem uma coisa pra gente tá fazendo e, assim, nós fizemos muitos cursos, fizemos Ênfase, enfim, muitos, muitos cursos, aí eu tenho que pegar os nomes ali pra eu tá te falando assim, porque sempre tem um curso fazendo, a gente nunca tá parado, professor também sempre tá pesquisando, sempre tá lendo né, professor, ele, nunca tá parado, professor, eu acredito que é como um médico, ele tá sempre fazendo alguma coisa, agora se você quiser os cursos do Estado, eu vou pegar depois ali pra “mim” passar pra você, porque agora eu nem tô lembrando, é tanto curso, tanta capacitação que a gente faz. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	Olha, como eu falei pra você, nós estamos em constante transformação de aprendizagem, né? Então, não seria possível eu estar dentro da sala de aula com a formação que eu tinha, no início da minha carreira, então assim, a gente tá sempre aprendendo o tempo todo. Eu fiz um curso mesmo, de Psicopedagogia e, assim, sempre tô lendo alguma coisa sobre isso, é... eu vejo que se eu tivesse esse conhecimento que eu tinha, desde o início da minha carreira que eu tenho hoje, como psicopedagoga, eu teria ajudado muito mais crianças. Hoje eu já tenho esse conhecimento, eu leio muito sobre isso, né, e tem toda essa situação, então, esse aí é um dos exemplos. O professor, que ele, estaciona, que ele não tem uma leitura, não vai atrás de novos conhecimentos, ele não tem como ajudar seus alunos, então... é... a nossa prática, ela é baseada nessa situação, de estudo e comprovação, ou seja, a gente estuda e coloca em prática, né, o que nós estudamos pra ver se, realmente, a gente consegue ajudar os nossos alunos. Então assim, a faculdade, ela ajuda muito, esses cursos, nossa, eles são valoriz... né assim, não tem nem como a gente,	Olha, o curso que eu, assim, gostei muito e considerei muito relevante para a minha prática foi o Pró-Letramento, foi o curso né, que, é, assim, ajudou a gente muito na educação, pro professor em sala de aula então, foi um dos cursos quue eu fiz assim, né, um dos cursos que me ajudou muito foi o Pró-Letramento. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	Olha, já existiu esses momentos, né, hoje, geralmente assim , quando tem uma reunião que são expostas algumas situações, mas a questão pedagógica mesmo, hoje, é muito difícil, principalmente agora, né, agora a gente nem pode mais falar sobre isso, só tudo online, tudo online, mas assim, quando as aulas estavam normais, é, existe agora uma cobrança muito grande que não pode se perder tempo, não pode né, então assim, pra você reunir todos os professores daquele segment, é meio complicado, porque o dia de A.C. de um é um horário, o dia de A.C. do outro, então assim, as reuniões são mais com as coordenadoras, mais com os coordenadores, então a gente tá sempre trocando isso, é, às vezes, quando o professor, você sabe que ele sempre tá falando de aluno, então quando ele encontra na hora do recreio, ou quando ele se encontra em outro momento, ele tá sempre perguntando, como tá meu aluno e tal, em tal matéria e tal. Mas assim, se perdeu muito isso, nós tínhamos em outras gestões, né, em outras situações, antes, mas de um tempo pra cá o pessoal fala que se perde, lembra que antes nós tínhamos aquele horário na sexta-feira, depois do recreio que podíamos sentar, os professores poderiam trocar essas experiências, aí depois com toda essa
-------------------	--	--	--	--

		é... falar sobre eles. Então assim, o tempo todo nós estamos construindo, o tempo todo nós estamos aprendendo e inovando nossa prática, porque o professor de hoje não é igual ao professor de antes. O professor de hoje, ele tem outro olhar, ele respeita o conhecimento prévio do aluno, é... eu digo que hoje e ontem, eu nem me vejo a mesma professora, porque os conhecimentos que você vai adquirindo a cada dia, ele vai transformando a sua prática, então nós vamos colocando ela na nossa prática e vamos tentando, né, ajustar os conhecimentos que a gente adquire pra ajudar os nossos alunos em sala de aula. Então, hoje, assim, cê vê a questão mesmo dos alunos especiais, ele tem um outro atendimento dentro das salas de aula, hoje eu vejo que a gente já tem um conhecimento de um aluno que tem, né, dislexia, outro que tem discalculia, entre outras situações que a gente já tem um conhecimento, a gente estuda pra isso. Então assim, os professores de antes não tinha essa base, e nós, assim, que bom que a gente tem essa oportunidade de ter novos conhecimentos e tá ajudando, hoje também nós vivemos num contexto social diferente, né, as		cobrança que não pode, não pode e aí se perdeu, então hoje os professores eles conversam com os coordenadores, os coordenadores geralmente tá passando a situação dos outros colegas para o outro professor que está no seu horário de A.C. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)
--	--	--	--	---

		crianças hoje, elas são outras crianças, elas já nascem com um celular na mão. Então assim, as crianças de hoje, elas exigem professores diferentes, professores que buscam mais, então às vezes as pessoas falam assim, ah, mas as crianças aprendiam diferente, realmente aprendiam, porque não tinha o que elas tem hoje, então, hoje a gente tá nessa situação, agora mesmo, né, nessa prática, nessa nova prática da gente, quanto a gente tem que construir, quanto nós estamos tendo que aprender agora nesse momento, né, a questão tecnológica, que é uma coisa nova para o professor, pra mim mesmo tá sendo novo, tô aprendendo, inclusive tô aprendendo com a minha filha, né, tô aprendendo dentro de casa com a minha filha, coisas que realmente eu não sabia e com os meus alunos, né? Então assim, você tá vendo que são aprendizagens que você vai levando o tempo todo pra sua prática e vai retornando pra você. Hoje, o educador de hoje é um educador diferente, ele não é um educador como antes, o tempo todo ele tá construindo. (Entrevista concedida		
--	--	--	--	--

		por P05 em 29/03/2021)		
P06	Eu fiz curso de Educação do Campo, né, ministrado pela Secretaria de Educação, eu fiz umas quatro capacitações e também agora né, com, nesse período de pandemia, estudando as novas tecnologias, é... o professor tem que ser pesquisador normal, né, acho que isso é de praxe, e os cursos oferecidos pela Prefeitura também, que é o que tá acontecendo agora, com essas aulas remotas, né, então, assim, desse, desse, de um curto período pra cá foi o que eu fiz, eu fiz o curso de Educação do Campo, né, apesar de já ter a minha pós graduação e mais em relação a área das novas tecnologias, as novas ferramentas de trabalho, como trabalhar com essas aulas remotas e essas aulas híbridas. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	Bom, em relação aos cursos de Educação do Campo, a gente passa a ter um olhar diferenciado em relação a esses alunos, porque quando você fala em Educação do Campo, tem hora que o conceito não bate com a realidade vivida pelo aluno ou pelos pais dos alunos ou os responsáveis, a questão de acessibilidade, a questão da parte emocional, a questão da parte financeira, tá? Então, assim, a gente começa a ter uma visão diferente, né, a gente aprende práticas que a gente consegue exercer em sala de aula pra facilitar, né, até mesmo o passar, o auxiliar né, o conhecimento pro aluno, tá? Em relação às novas tecnologias eu aprendi nesses cursos que eu fiz recentemente a questão das novas ferramentas de trabalho pras aulas remotas e híbridas, a questão do Zoom, a questão do Meet, do Google sala de aula, ou seja, eu já tô com essas ferramentas, ou seja, eu aprendi no curso e já passei pros meus alunos né, que é uma ferramenta boa de trabalho, eu consigo atender a todo mundo ao mesmo tempo, tem aquelas pessoas que moram nas zonas rurais, né, onde a informática, a internet não	Bom, falando de curso, né, específico, foi o Programa Despertar né, que teve algumas capacitações, então eu achei bem interessante, né, bem relevante à minha atuação profissional, porque como eu disse nestante, tem hora que o conceito de realidade da Educação do Campo não batem, é uma visão, tem hora, totalmente avessa aquilo que seria pra prática. Então o Projeto Despertar ele trabalhou bastante a Questão da relação do Campo, né, Educação Ambiental, Saúde, a Qualidade de Vida, ou seja, ele focou exatamente a clientela que eu atendo, né, que é o povo das zonas rurais, o povo do campo, o povo das fazendas, o povo do sítios, né, então esse curso foi bem relevante. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	NÃO RESPONDEU

		chega até lá, mas a gente passa, a gente manda as atividades impressas, tá? Tem um período com esse aluno pra poder a gente atender, pra tirar algumas dúvidas que isso é normal, porque eles vão ter, eles vão ter a dúvida normal, né, porque não tá tendo aquele contato sala de aula x professor x aluno, aluno x professor, tá? Então é dessa forma, a gente aprende, a gente assimila e passa, repassa para o aluno, né pra também usufruir dessas ferramentas ao qual a gente aprendeu. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)		
P07	NÃO RESPONDEU	Bom. Eu sou muito conversadeira. Então a primeira coisa que eu gosto é de compartilhar com os colegas. Gosto sempre de falar: “óh! Aprendi isso...” Na semana passada mesmo as meninas estavam falando: “Óh! Prof, você aprendeu com os alunos especiais. Aí eu falei: “Óh! Participei de uma live ótima!” Aí eu quero logo compartilhar, então eu busco compartilhar com quem eu sei que tá aberto pra receber algo novo e eu busco também de alguma forma englobar isso aí pra os meus alunos. Porque agora, questão de dias, que eu mudei, que eu saí da sala. Mas até mês passado eu estava na sala. Então	Não sei dizer assim quais. Eu acho que todo curso que você faz na área da Educação, de alguma forma você vai usar e vai ser relevante. Eu acho que um complementa o outro. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	Existe! Existe! Não com a frequência que deveria. Tanto que depois da conversa com a gestora, ela quer que isso mude. Que trabalhe mais. Que foi pouco, então agora, a conversa é que aconteça mais vezes. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)

		agora eu já vou ter que ter outro olhar né. Já que vesti uma nova camisa, vou ter que procurar uma outra metodologia. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)		
P08	Não e esse processo agora de ensino aprendizagem diferente, online, é um processo onde nós estamos aprendendo tudo de novo, tudo é novo, então às vezes as pessoas têm medo do novo, eu mesmo fiquei, no começo eu fiquei horrorizado, já tava com pavor de novo, mas eu fui adaptando, hoje mesmo tava conversando com a coordenadora, ela falou bem assim: rapaz suas atividades estão maravilhosas! É bom, é gratificante ouvir isso de uma coordenadora, aí eu falei: Foi? Foi! Então tá bom, ou seja, eu estou aprendendo cada dia, com o meu trabalho. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	Olha, o curso, eu fiz um curso, o primeiro curso que eu fiz foi o Normal Superior, o Normal Superior não é Pedagogia, até hoje não foi classificado como Pedagogia, um curso muito rico, a grade curricular maravilhosa, professores maravilhosos, eu aprendi muito, muito, muito, muito, muito, quando entrei na faculdade eu achei que eu sabia tudo, quando entrei na faculdade eu vi que eu não sabia nada, entrei no curso de pós graduação, eu vi que não sabia nada, tô fazendo meu mestrado e tô vendo que eu não sei nada, e aí? A gente tá a cada dia aprendendo mas, é difícil. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	Quais cursos? Cursos em relação assim... curso de graduação? Olha eu acho que hoje, hoje seria, na atualidade, hoje seria um curso de formação tecnológica é o que tá precisando, porque está sendo muito complicado tudo que vem como ícones, como...as pessoas mandam coisas pelo computador e às vezes você não sabe manobrar, é uma coisa tão simples, às vezes um clic e você resolve tudo, mas você não sabe dar aquele clic, nós precisaríamos de uma formação tecnológica. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	Sim, com essa nova regra agora está difícil, está mais difícil, mas, mesmo assim a gente quebra às vezes a regra, porque nós precisamos desse momento coletivo pelo menos uma vez na semana ou uma vez de 15 em 15 dias, todos os professores se reúnem aqui na escola pra trocar informações, aí tem que ficar com distanciamento 1,50m/2,00m, mas é muito bom, é enriquecedor. A gente faz o nosso trabalho da melhor forma possível, mas se a gente não tiver esse contato frente a frente a gente num aprende não. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)

PARTE III – DESAFIOS E DILEMAS ENFRENTADOS NO CONTEXTO DE PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NO ÂMBITO DE SEU DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

PARTICIPANTES	Entendimento sobre inovação pedagógica	Trajetória docente e construção de uma atuação inovativa e transformativa na prática. Descrição dessa atuação	Maiores desafios enfrentados para atuar de maneira inovadora na prática docente	Mudanças na estrutura curricular e nas práticas pedagógicas, a partir do percurso formativo	Importantes investimentos para uma atuação transformativa e inovadora
P01	(...) inovação pedagógica, é você buscar, (...) estar se capacitando, (...) saber o que é que você precisa, tem mais dificuldade, buscar as capacitações, (...) hoje a internet (...) tá surreal, a disponibilidade que tem de ter um melhor do que o outro, e você aprende muito, (...) hoje o professor, ele só não se inova pedagogicamente, se ele não quiser, sabe! Porque não existe mais desculpa, essa coisa de, ah... porque, um exemplo né... ah, porque a Secretaria de Educação não disponibiliza formação, não disponibiliza uma capacitação pra gente, nada! Ahh... tem que cruzar os braços e esperar por Secretaria de Educação? Não! A gente tem que buscar entre a gente, por que que não pode-se pagar o valor por um curso, porque que	Ah, sim, várias! Eu construí várias situações pedagógicas inovadoras, o tempo que eu tenho, por exemplo, de coordenação pedagógica, eu construí muitas coisas inovadoras, eu consegui mostrar pra muitos colegas um outro olhar pedagógico, um outro fazer pedagógico, sabe? Até enquanto professora, que eu tenho que ficar me policiando, porque eu tenho muito essa coisa de resolver, de ir pra frente, despachar logo, ensinar, entendeu? Eu tenho muito isso, tem hora que eu tenho até que ficar me policiando porque às vezes eu penso que eu tô ajudando e eu tô atrapalhando, então assim, eu já construí muito, eu já ensinei muito, eu continuo com essa atuação inovadora muito forte (...). (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	Os maiores desafios que eu tive, (...) há muito tempo na minha vida, muitos anos da minha vida pedagógica, foi a questão financeira, porque se eu tivesse uma situação financeira melhor, eu acho que eu estaria ainda num patamar maior, (...) eu estaria num nível maior, de formação mesmo. Na minha vida profissional, enquanto professora, enquanto o tempo que eu tô na escola, várias escolas, vários segmentos que eu já passei na minha vida, o maior desafios mesmo, o maior dilema que eu já enfrentei foi a situação financeira, em buscar algo a mais e não	Essa mudança, eu busco ela constantemente na sala de aula, sempre que, tendo meu planejamento, eu faço e refaço. (...) eu vejo que as mudanças, elas são necessárias a todo momento, por isso que o planejamento, ele é flexível, porque essa mudança, ela tem que acontecer constantemente, no dia a dia do professor. (...) o ano de 2019 eu trabalhava com o conteúdo de Ciências e eu trabalhava com 2º e 3º ano, de Ciências, e aí eu ficava, gente, poxa, o livro dá muita ideia, experiências, aquela coisa toda, sabe? Mas o que que eu faço pra eu ser diferente, pra fazer uma aula mais atrativa, pra eu mudar isso aí? E aí eu	(...) Eu acho que deveria vir um incentivo, (...) tipo assim, é... você vai receber uma bolsa de X, no valor de X por mês, aí você faz o curso que você quer, (...) eu vou te dar, mas você vai ter que prestar conta dele, (...) você vai ter o incentivo de tanto, (...) mas ao final de tanto que você comprovar, por exemplo, eu vou fazer uma pós-graduação, essa pós-graduação vai me durar 15 meses, então durante esses 15 meses, eu vou receber uma bolsa de 500 reais, ao final desses 15 meses, eu preciso mostrar, comprovar, ou seja, prestar conta daquilo que eu recebi, prestar com o meu certificado da pós-graduação que eu recebi.

não pode pagar, por que que não pode sentar na frente de um computador e fazer um curso (...), por que que não pode fazer isso? Não, tem que esperar pela Secretaria de Educação e a gente sabe que aqui em Porto Seguro essa realidade, ela é muito comum, os professores costumam cruzar os braços, então eles não entendem a importância dessa inovação pedagógica e eu considero a inovação pedagógica é, assim, extremamente importante, (...) porque quando você aplica alguma coisa, você aplica aquilo e você ver o resultado, você fala, poxa vida, eu aprendi isso no curso tal que eu fiz, ou na palestra de fulano de tal que eu ouvi e eu tô conseguindo aplicar e eu tô vendo o resultado! Olha que coisa boa! O que é que eu posso dar de exemplos para considerar essa inovação, é isso, o exemplo que eu posso dar é esse, é que você tem que ir buscar, não tem como. Pra ser um bom professor, (...) é você ver o resultado que você passou para o seu aluno, entende? É		conseguir. (...) na minha vida, eu posso dizer, que o tempo em que eu atuei na Secretaria de Educação, como técnica pedagógica, eu posso te dizer que aí sim foram dilemas, porque eu não conseguia, eu saí frustrada porque eu entrei com muitos sonhos e eu saí sem realizar nenhum, nenhum. Rodei, rodei, rodei, rodei parava no mesmo lugar. Rodava, rodava, rodava e parava no mesmo lugar, então, assim, sabe! Pra mim foi o maior dilema da minha vida, foi uma frustração que eu tive. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	mudava minha aula toda, (...) teve um dia que eu fiz cinema, mas você sabe como foi o cinema? Eu preparei eles no refeitório, nós fizemos a experiência, eu montei uma estrutura cenográfica, eu gravei tudo, eu editei um vídeo, passei no data show pra toda a escola assistir, eles se viram nessa construção de conhecimento, sabe? Assim, foi bastante inovador. (...) tinha a experiência do livro lá, do feijão, a famosa experiência do feijão, falei gente, eu não vou fazer a experiência do feijão, eu vou fazer a do boneco, aí pedi as vasilhinhas, montei o boneco com eles, cada um, aí eu fui inventando tanta coisa pra esse boneco, que no final da história, eu construí uma história pro boneco, o boneco tinha nome, eles caracterizaram o boneco como eles quiseram, eles vestiram roupinha, fizeram	Então, eu acho que deve existir uma política pública, mas uma política pública com troca, eu te dou mas eu quero alguma coisa em troca também, porque só dar o dinheiro, (...) você sabe que a necessidade do ser humano faz com que ele faça mil coisas, menos o curso de formação. Então, eu acho que esses investimentos, tem que partir de políticas públicas. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)
--	--	--	---	--

	você, (...) ver ali, aquele aluno que chegou ali e que não sabia ler, hoje já lê pequenos textos, e você conseguiu construir isso pra esse aluno, (...) Ah, porque eu aprendi lá no Magistério há 30 anos atrás, que é isso? Há 30 anos atrás era muito diferente. E por que que eu não posso tá aprendendo isso agora com esses processos inovadores que estão aí “bombando”, cada um mais fantástico do que o outro. E esse curso que eu tô fazendo, (...) eles falam muito dessas Inovações. A cada tema dele é sobre inovação de alguma forma, é abordado inovação de alguma forma, então, o professor, ele só não se move, (...) se ele não quiser. Não existe mais, eu não consigo ouvir da boca de um professor que ele não tem inovação. Lá na escola, assim, a gente tem um grupo de professores de longas datas né, que já tem muitos anos de município e com um certo comodismo, né? Não é porque eles não queiram, mas se acomodaram, (...) E aí, quando eu chego, eu fico falando, olha			roupinha de papel pro boneco, cabelo do jeito que eles queriam e aí a sementinha foi crescendo e foi ficando cabeludinho, quando tavam bem cabeludinhos eu deixei eles levarem pra casa. (...) o que tinha de mãe me dizendo que eles queriam colocar o boneco fulano de tal, que cada um tinha um nome pra dormir na cama, nao tava escrito! Você tá entendendo? E o dia que teve um que o boneco morreu? Os “cabelo” morreu. E esse menino, tia, vamos fazer outro boneco, vamos fazer outro boneco, isso é o q, eu fiz uma forma que marcasse, e isso pra mim é inovar, Kátia, é buscar, é aplicar. E isso aí, eu planejei? Eu sentei no meu planejamento e falei assim o boneco vai..., eu planejei fazer o boneco, mas como que ia acontecer isso aí? Era só na prática pra eu ver e colocar isso pra andar e outra coisa,	
--	---	--	--	--	--

	gente, eu fiz o curso tal, mando muita coisa no grupo e mostro. Às vezes tem muita palestra, tem uma vídeoaula, uma coisa, eu mando o link, gente, “assistem”, não sei se assistem, mas eu mando o link e faço a minha parte de compartilhar, sabe? (...) mas eu vejo que algumas estão começando a tomar decisão, porque estão sentindo a necessidade. Porque enquanto estavam acomodadas na sala de aula, sentadinha, bonitinha, “senta menino”, “levanta menino”, “faz isso menino”, tava ótimo, agora, que tá precisando “se virar nos 30”... porque agora ou você é professor, ou não sei o que você faz da vida, mas você tem que ensinar. Então agora que estão se virando nos 30, “tão” buscando muitas coisas. Sabe? Ficam me perguntando, (...) você sabe um curso que fala sobre isso (...)? (...) Isso é importante, isso é bom! Porque agora “tão” mesmo sentindo a necessidade. E eu acho que isso é um dos exemplos de inovação. (Entrevista concedida por P01			essa história desse boneco durou, viu? Eu gastei uns 3 meses com a história desse boneco. Eu recebia video no whatsapp do boneco em casa, o boneco na mesa, tô aqui almoçando, o aluno aqui almoçando e o boneco aqui ó, do lado dele, a planta. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	
--	--	--	--	--	--

	em 27/03/2021)				
P02	(...) inovação pedagógica é você não estar parado somente naquilo, aquilo que é rotineiro. É você sempre buscar o novo, e trazer pra dentro da sala de aula. Vou utilizar como exemplo o (...). Quando, por exemplo, eu me deparei com ele, né, que eu não sabia nem pra onde andar, com um monte de pergunta... Eu perguntava: existe algum método, um caminho a seguir, existe um material específico pra poder trabalhar? São coisas que a gente, na verdade, quando entra logo de cara, não tem resposta pra essas coisas, não tem. Aí quando a gente procura, tô precisando disso, o que eu faço com isso aqui? Ah! É professor! É. Só que não tinha experiência, por exemplo, nenhuma em relação aquilo ali. (...) (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	Utilizando isso aí como exemplo, foi uma questão de inovação sim, porque era algo que não tinha, uma bagagem que eu ainda não tinha naquele momento, e acrescentou. Foi algo bom, que só veio acrescentar. Não só ele, como muitos outros aqui dentro da sala de aula. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	(...) foram os maiores desafios que eu achei. Aí quando eu via aquela criança entrar todos os dias e sair da sala de aula como se não rendesse nada... era como se o aluno não existisse dentro da sala de aula, porque às vezes, ela não queria isso, ela não queria aquilo, eu ficava me perguntando, vale a pena? A criança entra, a criança sai... preencheu a presença ali, ela volta pra casa sem nada, sem ter absorvido nada, aí quando eu comecei a conviver com esse tipo de situação, aquilo pra mim era, realmente, um desafio. Eu falei: não, eu não aceito isso. Eu não aceitava isso. Aí, tanto é, que um ou outro falava: (...) mas... é questão da família, é questão disso, questão daquilo... realmente, contribui	Sim. Ao passar do tempo, cada dia que passa, a gente vai acrescentando mais na nossa carreira, no nosso modo de pensar e de agir. Porque, uma eu, por exemplo... existe uma diferença de quando eu entrei, para o dia de hoje. Eu lembro até de uma frase que eu escutei e essa frase não saiu da minha cabeça, quando eu iniciei, assim... tinha uma determinada situação, com uma determinada colega de trabalho, e aí, estavam querendo substituir essa colega de trabalho... eu iria entrar no lugar. Eu tinha vontade de fazer o melhor, mas eu não tinha experiência “praquilo”. Aí eu escutei, né? Na época eu ainda fiquei chateada com essa situação, mas depois eu entendi que na verdade não foi uma crítica, foi um elogio. Tipo assim: os alunos não estão	(...) A gente fala da estrutura física da escola, por exemplo, (...) Era barro, eu passava por uma situação aqui que eu precisava fechar essa janela pra conseguir dar aula. Não tem uma quadra de esportes por aqui. A Educação Física é feita aí. Atrapalha. Tinha momentos que eu tava na sala de aula, dando aula, aí os meninos: “êh.. não sei o que, não sei o que”. Aí eu chegava na porta com o professor de Educação Física, aí ele percebia, ele pedia, mas como é que pede uma criança na aula de Educação Física, pra ele ficar quieto? Não tem como. Aí eu tinha que parar a aula e esperar. Então, investir no prédio, na estrutura da escola, em cursos também, é de fundamental importância, cursos com mais prática, menos teoria. Porque é

			muito, mas eu em si, não conseguia voltar pra casa com aquela situação de uma criança entrar e sair da sala de aula, sem ter conseguido absorver nada, não ter conseguido aprender nada. Aí pra mim, os maiores desafios foram essas questões aí. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	melhores porque não sabe. Não é falta de querer, mas porque não sabe ainda. E realmente eu não sabia e deixei claro aquilo. Então eu fui aprendendo muito. Tiveram colegas aqui na escola que ajudaram muito. Eu não tinha vergonha de chamar e perguntar: olha, isso aqui, como é que faz? Eu não sabia era nada. Nada mesmo. Apesar de eu ter feito o curso, como eu te disse, eu não escolhi, na verdade eu fui forçada a entrar, aí entrei. E aí, a cada dia que passa a gente vai aprendendo mais. Os colegas vão contribuindo, a escola em si ajuda muito. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	muito massante você sair daqui, a gente deixa de trabalhar num determinado dia, vai pra lá, você senta, você escuta, entendeu? Aquela coisa que é cansativo... e você volta pra escola: “Ah! Mas você tava no curso”, mas aí você volta pra escola e... entendeu? Não tem as coisas pra poder você pegar e desenvolver com seus alunos ali dentro da sala de aula. Então que os cursos fossem mais prática e menos teoria. Além do mais, a gente cansa de falar assim... a escola aqui, a impressão que dá é que ela não tá no mapa das escolas de Porto Seguro. Sinceramente, eu vejo isso. Eu sempre canso de falar isso aqui. Porque quando a gente recebe determinada coisa, já passou pelas outras escolas, e a daqui sempre fica no último... entendeu? Lá embaixo. Aí
--	--	--	---	--	---

					quando a escola consegue... igual, por anos a gente naquela batalha com a Provinha Brasil, não é que a gente queira ser bajulado, mas na questão da valorização é importante. É muito bom você receber um elogio, você pensar: Nossa! Me saí bem e tal... Igual... foi muito triste essa última situação da Secretaria, por exemplo, de premiar uma única escola com o resultado da Provinha Brasil. Nós ficamos em segundo lugar e, por anos, a nossa escola conseguiu essa média, entendeu? Teve anos que a gente ficou em primeiro, entendeu? E nunca se ouviu um “a”. É só crítica, é só crítica... A gente não escuta algo positivo. O que deixa qualquer profissional pra baixo (...). (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)
--	--	--	--	--	--

P03	(...) Inovar é você buscar, buscar alternativas, buscar melhorar a sua aplicação em sala de aula, seu ensino, buscando alternativas novas, diferentes que chamam atenção dos alunos. Hoje a gente vive na era digital, aqui na escola, por exemplo, acho que hoje as escolas públicas, né, acho não, tenho certeza, muitas não tem acesso à internet, muitas não tem um dispositivo móvel, pra poder tá acessando e é o mundo deles. E hoje em dia se a gente não buscar alternativas pra tá chamando essa atenção deles, fica mais difícil. Então, o meu fazer pedagógico, o meu dia a dia em sala de aula, eu busco muito trabalhar com músicas, músicas inclusive, que eles gostam, eu trago pra sala de aula, gosto de trabalhar com teatro, gosto de trabalhar com jogos, eu tento dinamizar um pouco minhas aulas, trabalhar em grupo. (Entrevista concedida por P03 em 27/03/2021)	Ah, eu tenho certeza! Eu tenho certeza que eu tenho colaborado muito pra aquisição de conhecimentos dos alunos, pra que eles melhorem cada vez mais, pra eles se tornarem cidadãos críticos, né? Fazendo a própria leitura de si, do mundo em que ele vive, do meio em que ele está inserido. Eu acho que eu tenho colaborado pra isso, né? Pra além dos conteúdos (...).(Entrevista concedida por P03 em 27/03/2021)	Pra mim, o pior, às vezes, é falta de recursos. (...) desde quando eu iniciei e muito antes de eu iniciar e lecionar também, a gente sempre passou por isso, né? É falta de recursos, uma coisa que a gente vem sempre batendo. As escolas precisam de muito material de apoio pra trabalhar com alunos e falta muito. Às vezes também me deparo com a falta de interesse de alguns alunos e isso deixa a gente, né? Meio que... Assim... Será que eu tô fazendo o trabalho certo, será que eu tô no caminho certo, será que eu não tô? Por que que eu consigo chamar a atenção de alguns e não consigo chamar a atenção de todos? Mas aí a gente... acho que às vezes a gente precisa reavaliar né, às vezes o que é válido pra um, não é válido pro outro e...	Mudanças sempre tem, né, acredito que sim, né, a gente tá sempre buscando mudar, né, porque a educação não é a mesma de ontem, o que é hoje não ver ser o mesmo de amanhã, e a gente tem que tá... tá correndo atrás, se especializando, buscando melhorar nossa prática em sala de aula, eu acredito que melhorei muito, eu acredito que... é... Eu sempre tive né, mas cada vez mais eu procuro ter um olhar dentro da sala de aula mais afetivo, chegar perto do aluno, entendeu? Conhecer um pouco da história do aluno, da família, do meio em que ele vive, porque tudo isso interfere né, inclusive na, principalmente na aprendizagem do aluno, então eu procure me aproximar deles, é..., trabalhar de forma democrática também, que é uma coisa que a gente vem aprendendo que a	Investimento pra mim quanto pra o aluno seria, eu acredito, que é investir na cultura digital, eu acho que é muito importante, entendeu? A gente vive agora na era da informação e a gente tá muito atrasado quanto a isso. A gente recebeu aqui na escola alguns computadores há alguns anos e esses computadores nunca foram utilizados, a sala de informática fica aqui do lado, aqui em frente, fizeram tudo, vieram, montaram, ficou tudo bonitinho pra usar, os alunos nunca tiveram a oportunidade de sequer tocar nos computadores. E aí, depois de tanto tempo tentando quebrar uma senha que tinha aí, não sei o que, vai na Secretaria de Educação não resolve, vai não sei aonde não resolve, chamou alguns técnicos que trabalhava, acho que no IFBA, não conseguiram resolver,
------------	--	--	---	---	---

			(Entrevista concedida por P03 em 27/03/2021)	gente precisa respeitar, né, todas as culturas, a classe econômica, a questão racial também. Eu acho que eu tenho melhorado a cada dia, acho que eu busco isso. Trabalhar de forma mais afetiva, trabalhar de forma mais democrática em sala de aula, respeitando as diferenças de cada um, procurando chegar mais próximo de cada um, ajudando aquele aluno que não conseguiu acompanhar tanto quanto outro aluno. (Entrevista concedida por P03 em 27/03/2021)	enfim, os computadores ficaram parados, alguns computadores estragaram, os que ficaram que restaram levaram pra Secretaria, pra sala da coordenação e tudo mais e os alunos nem viram a cor disso, não puderam utilizar, e eu acho que eles precisam e a gente também. Então, o nosso fazer pedagógico, aqui na escola, nós professores também precisamos de investimento nessa parte aí também. Eu acho que é o melhor, o principal no momento seria esse, mas dentre outros, né, falta tanta coisa, esse é algo importante. (Entrevista concedida por P03 em 27/03/2021)
P04	Olha, esse momento, as pessoas hoje falam muito em aulas híbridas. Só que essas aulas híbridas já existiam. Então acho que é um pouco de dificuldade que as pessoas acham que aulas híbridas é apenas aquele	Eu vou te falar agora na pandemia é tudo muito novo né? Principalmente pra nós professores de Fundamental I, que trabalhamos com crianças então passamos a usar essas novas tecnologias, para usar essas novas tecnologias nem.	Olha, fora da sala de aula, fora da sala de aula o tempo que permaneci gestora foi mais difícil porque a gente quer ver as coisas corretas, perfeitas então eu	Quando eu iniciei o magistério, a gente tinha (...) aquela ideia das aulas bem tradicionais, o professor transmitia o conhecimento e o aluno recebia. Com o tempo a	Olha, eu acho que foi um sucess... primordial porque cada dia é uma ferramenta nova cada dia um assunto novo, eu acho que isso nós professores deveríamos estar mais em

	momento que você tá em casa. Este não é esse o conceito né? Então acho que, esse tema ainda acha que deveria ser estudado e explorado por nós professores que temos pouco conhecimento do assunto. (Entrevista concedida por P04 em 27/03/2021)	Internet, computador fica um pouco mais difícil, mas a gente vai ao aluno que não consegue fazer aula online e a gente vinha buscar essas atividades na escola a gente sempre está empenhado para poder estar dando um pouco de conhecimento e antes a dificuldade mesmo era a participação dos pais na vida escolar dos filhos. Mais que isso a gente, a coordenação sempre estava chamando os pais, a gente estava já caminhando para esse progresso mas ainda eram poucos que a família se importava mesmo. (Entrevista concedida por P04 em 27/03/2021)	abdiei um pouco da minha vida familiar e vivenciei muito o meu profissional. Você precisava está na escola cedo cobrando da limpeza, cobrando da merenda, atendendo os pais ao máximo, então eu desempenhei muito essa função, fora da sala de aula e na sala de aula é mesmo aquela inquietação de que o aluno seja alfabetizado. Então buscava sempre atividades diferentes, diferentes para aquele aluno que não conseguia progredir. (Entrevista concedida por P04 em 27/03/2021)	gente foi vendo que a gente também aprende com os alunos e isso, para mim, foi bastante gratificante. E tinha até vocábulos que eu desconhecia, teve um aluno mesmo que falou: “Professora posso fazer nessa linha de riba?” Eu falei: meu Deus o que é linha de riba? Falei: o quê? “Não, professora, nessa linha de riba”. E me mostrou. Foi aí que eu falei: Ah tá, na primeira linha, na linha de cima, pode sim. Então essa troca é gratificante, porque a gente também conhece o outro lado do aluno, até a que ponto o aluno, a vida social dele, até onde vai, até para que a gente, o professor, possa falar com mais clareza com o aluno para que ele entenda. (Entrevista concedida por P04 em 27/03/2021)	constante busca de cursos de aperfeiçoamento para melhor rendimento no nosso trabalho profissional. (Entrevista concedida por P04 em 27/03/2021)
P05	O que nós estamos vivendo agora, o que nós estamos fazendo agora é inovação	Sim, eu acredito que sim, porque antes a gente não trabalhava como hoje, né, hoje a gente já..., hoje	Olha, tudo que é novo assusta, né. Eu me lembro na alfabetização,	Nossa! Sim! Muitas mudanças, muitas mudanças positivas	Olha, nós educadores já temos muitos cursos, né, mas o que eu vejo hoje, a

pedagógica, a questão da tecnologia, e eu acredito que ela veio pra ficar, né? Nós professores, é um desafios, é uma coisa nova, né, pra todos nós, porque pra maioria o telefone era proibido, hoje o telefone é uma ferramenta de trabalho, então é uma inovação pedagógica, e com certeza veio pra ficar. Então, hoje, nós educadores já temos que olhar a questão da tecnologia como uma inovação pedagógica, do fazer diferente. Pra mim mesmo, tá sendo um desafio, estou encarando esse desafio, né, porque antes a gente nem tinha muito tempo de ficar com celular, hoje a gente passa com celular o dia todo, quando dá no final do dia a gente não quer mais ver celular porque é o tempo todo recebendo aluno, é, questões de alunos, é pais, é coordenador, é diretor, então, é uma situação diferente, mas uma situação que veio pra ficar, é algo novo, diferente, mas é algo que está dentro da educação hoje não tem como fugir mais. (Entrevista	não, antes, né, porque agora nós temos a questão da pandemia, nós não utilizávamos tanto o lúdico na sala de aula, depois de um tempo pra cá nós começamos utilizar, então assim, o conhecimento prévio do aluno, ele faz a diferença no fazer do professor, então assim, são coisas diferentes que nós estamos colocando dentro da educação e a gente acredita que o nosso fazer mudou. Eu mesmo acredito que o nosso fazer pedagógico mudou, e mudou pra melhor, eu acredito que vai mudar né, porque é uma construção a cada dia e estamos aí, o tempo todo, é, se mobilizando, né, em busca de novos conhecimentos, que ajude os nossos alunos avançarem eu acredito que sim, tudo isso vai acontecer pra melhorar, né. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	quando eu tava dando aula na alfabetização que eu estava acostumada a alfabetizar com letra cursiva, então foi um momento muito difícil quando eu comecei a fazer os cursos e veio a bastão, então no primeiros momento eu fiquei muito resistente quanto a isso, mas depois eu fui trabalhando né, e vendo que realmente estava funcionando e aí a importância do buscar, a importância dos cursos, a importância do estudo, a importância da formação continuada, por que? Porque eu era uma professora, na época eu alfabetizava, né, e eu tava tão acostumada com aquela questão daquela letra cursiva, que eu fiquei com medo quando entrou a letra bastão e eu fui experimentar e realmente foi uma coisa que funcionou, hoje a minha visão é totalmente	inclusive nas dificuldades de aprendizagem dos alunos, entendeu? Porque hoje a gente já tem uma professora que ela ajuda, ela é psicopedagoga, como eu também tenho essa formação, nessa pós graduação que eu fiz e eu achei muito relevante na minha prática. Hoje o meu olhar é outro, o olhar dos nossos colegas é outro, quando, nas reuniões, né, quando expõe alguma situação, no conselho de classe, que o menino não aprende, que o menino tem a mente atrasada, então, hoje nós temos conhecimento pra está colocando pros nossos colegas que não, o menino não aprende porque ele tem uma dificuldade de aprendizagem, hoje, graças a Deus, nós temos três psicopedagogos na escola, então, assim, o discurso hoje é diferente, porque há uma intervenção, né, dessas pessoas, quando há	necessidade hoje principal, é a questão da ferramenta internet, né, da gente se apropriar, que agora tá acontecendo, né, nós estamos tendo que nos apropriar nesse momento, e a questão também dos alunos, né, porque tanto professor como aluno, formas dele trabalhar, de pesquisa, o computador na escola, essas questões tecnológicas, que a gente, infelizmente ainda está longe de acontecer, né, é..., um computador para o professor pesquisar no seu horário, que funcione realmente, porque as vezes você chega lá, tá numa situação, tem outra, e também pros alunos fazerem as pesquisas né, porque às vezes tem uma sala, mas aquela sala não funciona, então assim, a área de informática hoje, eu acredito, que ainda o que falta tanto na vida do professor, quanto na vida do educando. Então assim,
---	---	---	---	--

	concedida por P05 em 29/03/2021)		diferente, então, assim, a gente vê o que o conhecimento, né, os estudos, a capacitação, a questão de você ir se melhorando, se qualificando, como você vai se melhorando como profissional e ajudando o seu aluno. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	uma reunião de professores que apresenta as dificuldades dos alunos, eu vejo assim, muita diferença, né, a questão lúdica, foi uma questão que, é, eu tive a oportunidade, quando eu estava na coordenação, de fazer um projeto em relação a jogos, a indisciplina com os alunos, então assim, envolveu a escola toda. Então assim, eu vejo muito essa questão do estudo, a questão dos cursos, essa questão das pós, da formação, mudou muito e eu vejo isso muito assim, além do que era antes da nossa realidade, os colegas que não tiveram oportunidade de fazer esses cursos, mas quem teve já fala, já passa pro colega, então já tem aquela troca, então assim, foi muito gratificante pra nós e uma troca muito boa, nossa escola hoje, eu acredito que a mentalidade dos nossos colegas é	esse é o investimento que falta, né, para que o professor avance em suas pesquisas, ele avance no seu conhecimento. E agora, eu vejo assim, que esse é o momento, de oportunizar o professor a fazer isso, de repente ter horários pra esse professor estar se capacitando nessa área, não palestras e tal, mas é o fazer mesmo, é o colocar em prática essa questão da, né, da questão online, dessas questões intelectuais assim, voltadas pra internet. Essa necessidade da gente tá comunicando com o aluno nessa esfera, porque é isso que nós estamos precisando hoje, porque o mais a gente busca né, os outros cursos também nos oportunizou muita coisa, muito conhecimento, mas essa área hoje que nós estamos, os educadores, eu vejo também na minha vida, é a questão mesmo tecnológica. (Entrevista
--	----------------------------------	--	--	---	---

				totalmente diferente de antes. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	concedida por P05 em 29/03/2021)
P06	Bom, isso são experiências de aprendizagens que os professores, eles, preparam né, para desenvolver as suas competências, as suas habilidades, é..., cada componente curricular com alunos né, então é nessa visão que eu tenho dessas práticas, dessas inovações pedagógicas. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	Eu creio que nesse meu percurso de sala, nesse meu percurso de cursos, né, de capacitações, eu aprendi vários mecanismos, né, de atuação em sala de aula, pra quebrar aquele vínculo né, é... quatro paredes, é, o professor e o aluno, então, assim, eu tento, assim, preparar as minhas aulas bem atrativas por que? Todo mundo sabe que é chato, é cansativo a pessoa ficar sentado lá 4h, 3h e meia, vendo o professor falar, né, então, assim, eu sei que é desconfortável, então as tecnologias lá fora, fora da sala de aula, tem hora que é muito mais atrativa do que a própria metodologia de alguns professores dentro de sala de aula, então assim, o professor tem que ser bastante dinâmico mesmo, pra prender a atenção do aluno. Uma das práticas que eu fiz, foi pegar os alunos do “ginásio”, é..., 6º, 7º, 8º e 9º e um Projeto de Leitura que foi feito na escola, então foi o que nós fizemos? Nós pegamos esses adolescentes, esse povo do “ginásio” né, do	Bem, outra pergunta bem interessante você fez. Os desafios são grandes. Tem hora que a gente, que começa até pelo corpo docente da escola, tá? Infelizmente tem alguns colegas que ainda querem trabalhar ainda da forma tradicional, tá? E aí, tem hora que, digamos assim, que atrapalha o desempenho de outro colega e começam algumas críticas em relação a isso. Um exemplo básico, que eu vou citar agora, dessas ferramentas para as aulas remotas, tem professores que não se adequou a realidade, ou seja, tem professores que não quiseram aprender a manusear essa ferramenta, tá? Então assim, atividade ainda impressa: Ah, então eu	Essa pergunta que você fez, ou seja, eu praticamente me antecipei à resposta né. Mas é dessa forma que acabei de contar, é bem complicado, a gente consegue é, melhor dizendo, a gente tenta mudar algumas realidades, algumas práticas né, dentro da medida do possível, dos recursos oferecidos também pela Secretaria de Educação, pelos recursos oferecidos pela própria escola né, mas é... as barreiras são grandes né. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	Bom, boa parte desse investimento, a prefeitura, ela já vem fazendo, né, que são alguns cursos, as capacitações, né? Assim, falta melhorar, que sempre existe o melhorar né, a forma do passar, a forma do receber essas informações, tá, então assim, investir no material humano mesmo, investir no professor, nas práticas das novas metodologias, ou seja, tem professores aí que tá se “virando nos 30”, né? Tem professor trabalhando com notebook, tem professor trabalhando com celular, ou seja, a escola em que eu atuo mesmo, a internet quem paga são os professores, ou seja, a prefeitura deveria auxiliar com esse recurso para que a gente pudesse melhor atender os alunos, mas

		Fundamental II e pegamos pra que eles pegassem os livros de literatura infantil e que lessem para as criancinhas, e aí nós ensinamos algumas técnicas, né, é... deles tá..., quando for fazer a leitura né, sentar no chão pra ficar da mesma altura da criança, né... o contar de uma forma bem lúdica, né..., fazendo gestos com as mãos pra prender a atenção do aluno, ou seja, foi um projeto bastante interessante, pena que não vingou muito né, porque assim, como eu não trabalhava no “ginásio”, eu pedi aos professores de Língua Portuguesa que me auxiliasse nessa prática, ou seja, que liberasse o aluno X minutos, que fizesse a leitura pra esse povo da educação infantil, do 1º, 2º, 3º, 4º, até do 5º ano, porque assim, e os meninos, eles gostavam, tá? Como se sentissem assim, como se já fossem grandes, já tava no “ginásio” também, porque o “ginásio” tava indo pra sala deles, o “ginásio” tava indo lá pra poder conversar com eles, porque aquela separação Fundamental I, Fundamental II, não, nós quebramos o paradigm, botamos todo mundo na mesma roda, então	vou preparar aqui a atividade impressa, vou mandar pro aluno, o aluno faz, vai mandar pra mim, eu corrijo. Ou seja, esse é um dos grandes desafios, é o povo não querer se adequar às novas realidades. E quando o colega incentive, embora eu tô com um 5º ano de Língua Portuguesa e mais outras disciplinas, eu criei, junto com os meninos, o google meet, fizemos, né, cadastrei todo mundo, ensinei como é que usava a ferramenta, como é que fazia pra participar do outro lado e falei assim: olha, eu não atuo sozinho, um exemplo, no 5º ano, né? Eu tenho mais 2 colegas que trabalham comigo. Eu falei, gente ó, os meninos lá do 5º ano já sabem trabalhar com o meet, já sabem trabalhar com o Zoom, vocês podem		infelizmente não é, a internet da Escola Raydahlia, são os professores que pagam, ou seja, mais uma forma de incentivo ao professor. “Olha, vamos botar uma internet de qualidade, que ele possa atender o aluno”. “Olha, bora oferecer os cursos de capacitações de acordo a realidade do povo, ou seja, (a prefeitura já tá fazendo), ou seja, tá direcionando, o povo da zona urbana, o povo da zona rural, o povo da zona do campo, ou seja, mas nada que não possa melhorar. Investimento no material humano é essencial. Investir no professor, você não tem gastos, você investir no professor, você tem perspectivas de futuro e gigantesca. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)
--	--	---	---	--	--

		assim, essa prática que eu desenvolvi na escola eu achei bastante interessante, tá? E motiva as crianças a pegar o gosto pela leitura, que foi a melhor parte, e houve cobranças depois: Professor não vai ter não a leitura pra gente? Então assim, foi bastante interessante. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	trabalhar também, vocês vão baixar o aplicativo no de vocês e vocês podem atender também os meninos também, pelo Zoom, pelo Meet, mas houve uma barreira em relação a isso ainda, né? Não sei se daqui mais pra frente, daqui mais uns dias, ou alguns meses, vamos ver se a gente consegue quebrar essas barreiras, mas desafios há, e muitos! (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)		
P07	Eu acho que na medida em que o profissional, ele tá se capacitando, ele tá buscando algo para poder fazer a diferença ali, eu acho que você já tá... já é inovação. Se você não se acomoda, você não fica naquilo que aprendeu. Eu acho que o profissional tem que se aperfeiçoar, tem que buscar. Então se você tá buscando, se você tá com frequência buscando outros caminhos outras alternativas... é uma inovação pedagógica.	Eu acredito. Quando passa o tempo assim, que você as vezes vê alguns depoimentos. As vezes você faz algo que pra você naquele momento é tão pequeno. Mas depois, no decorrer do tempo, aquele aluno te encontra, e as vezes já são pessoas... são homens, pais de família e aí acaba dando depoimento de algo que você falou, que você não deu tanta importância, então diante disso aí você percebe que você fez algo que mudou. (Entrevista concedida por P07 em	Acho que tem. Não tem como... todo professor, ele passa por desafios, né? Constante... seja diretamente com aluno, seja com a família. Muitas vezes até com a escola.... você tem um ponto de vista, a escola tem outro. E aí a gente tem que procurar alternativas pra poder, né... (Entrevista concedida por P07 em	Sim, aconteceu. Principalmente assim... na área principal, né, alfabetização... A primeira vez que eu fui trabalhar na alfabetização, não tinha assim... conhecimento teórico nenhum, então realmente... depois que terminou o ano, eu falei: “Não, eu tenho que mudar. Alguma coisa eu preciso fazer aqui diferente, porque eu vi que não fiz um trabalho que foi legal.”	Acho que investimento nele próprio, na capacitação... hoje não tem como... o profissional que tá nessa área, ele tem que se capacitar, tem que acompanhar esse avanço aí. E essa Pandemia veio justamente pra isso, pra gente fazer algumas reflexões e mudanças, que a gente sabe que foi até bom por um lado, porque eu percebi que eu, outros, estávamos, assim,

	(Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	30/03/2021)	30/03/2021)	Aí fui buscar fazer as capacitações e aí eu pedi á gestora na época, pra poder me dar uma oportunidade, até porque foi uma coisa que eu estava me devendo. Que eu me culpei muito na época, não sei porquê. Talvez porque também na época eu era muito nova, eu ainda... assim... antigamente você dava aula antes de se formar, né? Eu não tinha o magistério. Porque antigamente tinha isso, né... você dava aula, mesmo não tendo formado. Então aí depois, eu falei não... tanto é que hoje, a minha paixão é a alfabetização, por eu ter ficado com aquela culpa... eu busquei à fundo e eu fiquei muitos anos sendo alfabetizadora. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	acomodados. E aí serviu esse ano pra gente dar uma balançada e ver que tem coisas que têm que ser mudadas. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)
P08	Inovação Pedagógica? Em relação a hoje? É uma pergunta muito ampla, sobre Inovação Pedagógica porque fala em	Não é eu me considerar né? É uma necessidade, o professor tem que ser inovador, tem que ser pesquisador, se a gente não for	(...) Às vezes dificuldades pra conseguir materiais de trabalho. Esse foi o	Com certeza, está mudando a todo momento, todo momento tá mudando a prática de ensino, hoje	(...) O problema que o dinheiro/aluno, relação quantidade/valor muito baixo, quando vem pra

	inovar né? O sistema de ensino, o que que deve, você pergunta assim: o que deve inovar? Acho que muita coisa, mas primeiro, antes de inovar eles tem que estruturar, eles têm que fazer muita coisa, porque pra inovar eles tem que fazer a estruturação da escola, o Estado, o governo, o Município eles não querem fazer essa inovação, porque fica muito caro. Eu não sei te informar direito sobre essa inovação pedagógica. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	pesquisador o nosso trabalho não vai fluir. Hoje todo dia aparece coisa diferente, antigamente o aluno não podia levar um celular pra sala porque era problemático, hoje é uma necessidade de um celular, acho que quando vinher a nova, o novo estudo presencial vai ser uma necessidade na sala a tecnologia, se o professor não acompanhar o ritmo dos alunos porque eles aprendem muito rápido e se a gente não acompanhar o ritmo dos alunos você vai ficar pra trás ou seja você vai fazer uma pergunta, você vai delimitar uma resposta, quando você for falar a resposta ele já está com a resposta na mão, porque é automático, se a gente não acompanhar? Nós temos que inovar, temos que estudar, termos que pesquisar e sermos transformadores né? (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	problema maior, foi a oportunidade de conseguir os materiais, às vezes...o professor não recebe tão bem, e você vai ter que fazer, isso, isso, você vai ter que montar...e aí? Como vou comprar um notebook? Como vou comprar uma impressora boa? Como vou fazer isso, não tenho condições, aí você sente a dificuldade e fica aquela angustia, você vai ter que procurar novos meios, vai ter que ir a uma lan house, você tem que fazer isso, aquilo, essa sim é uma grande dificuldade, mas se tivesse um ponto onde nossos governantes fizessem isso para os professores, seria maravilhoso, seria um problema sanado na educação. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	mesmo tá aí o exemplo de hoje, hoje trabalhar com uma sala cheia de aluno, hoje você não pode nem olhar pra o aluno, o aluno tá lá, você tá aqui, você tem que alcançar um aluno que você nem tá vendo, aí ele manda mensagem pra você, você manda mensagem pra ele, você conversa, ele manda fotos das atividades, você tem que corrigir online, você tem que mandar a resposta, você tem que ver a correção da atividade, é tudo diferente, é tudo diferente. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	escola, uma escola do nosso porte vem R\$ 600,00 (seiscentos reais), R\$ 700,00(setecentos reais), R\$ 800,00 (oitocentos reais) por ano. Isso dá pra quê? Pra fazer o quê? Vai comprar papel e comprar caneta? E aí o restante do investimento onde fica? Tá muito baixo, a educação, eu acho, que tá muito desvalorizado. É tanto que nesse momento, eu acho que o principal público alvo de ser vacinado contra Covid seriam os professores, os profissionais da educação, não só os professores, todos os profissionais, nós estamos ainda no terceiro, quarto, quinto plano. Tá difícil, tá difícil, porque o professor não tem peito de aço, professor, ele trabalha, trabalha e trabalha, tá difícil. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)
--	--	---	--	---	--

APÊNDICE H – Categorias de análise dos grupos focais (Grupo 1 – Área Urbana / Grupo 2 – Educação do Campo / Roteiros I e II)



**CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS GRUPOS FOCALIS
GRUPO 1 – ÁREA URBANA
ROTEIRO I**

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

PARTICIPANTES	Concepção de educação, aluno e professor. Como essa relação constrói a profissão docente	PARTICIPANTES	Instrumentos, contextos e conhecimentos trazidos das vivências pessoais para a construção da profissionalidade	PARTICIPANTES	Forma como o desenvolvimento profissional docente impulsiona práticas pedagógicas inovadoras
P01	Bom, pelo que eu entendi, que eu pude perceber na pergunta, que é saber muito essa relação de aluno e o professor no seu cotidiano escolar e a relação de professor e aluno hoje, ele, por mais que a gente fale que tá difícil, né, que a criação hoje em dia dessas crianças hoje é muito diferente do que a gente tem visto, né, anos atrás, mas é muito difícil essa relação, sabe! Eu acho que essa relação hoje, ela precisa ter mais um, a presença da família mesmo, na questão da educação, porque não tem muito esse respeito com o professor, a gente não vê isso muito lá na escola, sabe, mas isso é muito normal, a gente sabe, eu	P01	Esses instrumentos, esse contexto aí todo, que me trouxe enquanto educadora, ele foi construído sim, ao longo de todos os anos, mas eu preciso mencionar que essa construção minha, ela se deu através de muitas formações, de muitos estudos. Hoje eu posso ver claramente como eu cresci profissionalmente ao longo desses anos todos, mas eu cresci não somente pela experiência do chão da sala de aula, mas com muito estudo, mas são estudos que eu busquei, então, o educador, ele precisa buscar, ele precisa ter a iniciativa de buscar porque senão, esses contextos, esses conhecimentos, eles nunca vão ser	P01	Eu acho que o desenvolvimento profissional do docente, ele só se impulsiona se ele buscar realmente inovações, né, como a gente falou na pergunta anterior, com informações, com estudos, com pesquisas, pra poder dar essa impulsionada, porque, realmente, a gente, a educação ela evolui, tudo na vida evolui, a educação evolui também e agora ela deu uma guinada, né, nessa evolução aí, na função com a, da pandemia, olha aí a guinada que ela deu, hein? A gente nunca imaginaria que poderíamos viver tempos assim. E aí a gente tá buscando o quê? Tá buscando através de estudos, pesquisas,

	já passei por outras escolas, eu já tenho muitos anos de profissão e já vi muito isso. Mas eu também acredito muito que isso é, mesmo que não é tendência mudar, mas eu acho que agora com essa pandemia, com essa relação de família, as suas atividades, tudo, eu acho que isso vai tá nos ajudando, ajudando a ter uma relação melhor com essas crianças, com esses alunos na escola quando tiver o retorno.		suficientes para a sala de aula, por quê? Hoje as crianças, os alunos, eles estão muito avançados, eles trazem uma vivência de mundo muito grande, eles têm uma vivência de mundo, assim, que a gente às vezes depara e fala, meu Deus do céu, eu nunca vi isso no meu tempo de escola, eu nunca vi isso no meu tempo de professora e hoje eu tô deparando com isso, então é por isso que o professor tem que viver sim, se ele quer ser um bom professor, se ele quer continuar fazendo um bom trabalho, ele tem que tá o tempo todo buscando esses instrumentos, né, esses conhecimentos, assim é só através mesmo de estudos, de formação, de pesquisas.		um com o outro, né, um colega com o outro, está aprendendo e buscando fazer o melhor. E isso é desenvolvimento profissional, porque isso, mesmo que volte né, a gente não sabe como vai ser essa volta mesmo que volte um pouco o que era, esse tempo que nós estamos aqui buscando esse diferencial nessas aulas remotas, isso vai ficar marcado pra nossa vida inteira, não tem como ser diferente e graças a Deus que é um, mesmo diante do cenário, mas é um ponto positivo porque a gente buscou uma outra vertente de aprendizagem que a gente nem sabia, nem imaginava que poderíamos, né, ensinar o aluno dessa maneira, que a gente sempre tinha uma visão de sala de aula e nunca imaginávamos que também poderíamos ter outras ferramentas pra levar o conhecimento, né?
P04	O conhecimento dos próprios alunos, eu vejo assim, acho que tem que haver o respeito, tanto com o aluno, tanto com a família, como a escola, pra que juntos possam cooperar para a busca do conhecimento do aluno, esse é o meu ponto de vista, pra o aluno ter um meio assim de tá interagindo, tendo uma troca de conhecimentos, o aluno conhece? Conhece, mas vai buscar o conhecimento como? O professor também aprende muito	P12	O meu percurso de vivência, eu construí através de meu conhecimento de sala de aula e pesquisa. A partir do momento que o professor se torna um pesquisador, ele vai em busca de algo, ele só tem que viver, cursos de capacitações, isso melhora muito e ajuda, então assim, a partir do momento que o professor começa a pesquisar e começa a buscar, ele se torna um ótimo profissional, ele aprende com o aluno dele, mas também a	P12	Eu acredito que essa ferramenta veio pra ficar, né! O professor vai ter que estudar, vai ter que buscar, porque veio pra ficar.

	com o aluno.				
P09	Concordo plenamente!		vivência dele com o aluno faz com que ele se torne um pesquisador. A partir do momento que ele começa a pesquisar, ele começa a melhorar. Foi a partir daí que eu senti a mudança em minha vida, a minha vivência profissional partiu de cursos de capacitações, de pesquisas, porque a gente não pode parar, estacionar, esperar que algo venha até a gente, temos que ir em busca de algo melhor, eu acredito nisso, né. Até hoje mesmo, em minha sala, a dificuldade com os meus alunos eu vou em busca, eu não espero que venha, conversar com minha coordenadora, minha diretora, eu não espero que venha, eu vou em busca, né? Aí você vai melhorando a sua vivência profissional, você vai aprendendo com o seu aluno, a necessidade do momento faz com que você torne-se um pesquisador e eu acho que o professor tem que se tornar um pesquisador, esse é o meu ponto de vista.	P01	Exatamente! A gente pode até voltar pra sala de aula de uma maneira ou de outra, mas essa ferramenta da internet, esse contato aqui virtual que a gente tá tendo com o aluno, eu acho que esse aí veio pra ficar, com certeza!
				P12	Realmente!
				P09	Se o professor não buscar realmente o novo, ele vai ficar parado no tempo, né?

PARTICI PANTES	Existe fomento, estímulo para inovação pedagógica no Município? Como avaliam o investimento feito pelo Município?	PARTICI PANTES	Sentimento de obrigação ou cobrança para serem inovadores por imposição da sociedade ou por órgãos governamentais.	PARTICI PANTES	Cursos de formação na temática inovação pedagógica e instituição formadora
P12	Eu acho que apesar do momento, dessa nova renovação, o Município, ele tem	P01	Eu nunca me senti obrigada a ser inovadora, porque realmente eu sempre	P01	Essa inovação agora, atual ou da vida profissional? Eu já participei de vários, eu

	investido muito pouco, mais pelo administrativo da escola, a desejar para os professores, para os alunos, aí fica faltando algo muito mais, porque veio a mudança de repente, ninguém tava esperando, mas assim voando, então ficou a desejar. O professor, ele quer inovar, o professor, ele quer participar, ele quer coisas novas, mas tá vindo muito devagar.		busquei estudar muito. Olha, anteriormente eu nunca me senti assim, nunca me senti forçada a entrar em modismos da educação, já vivenciei vários, o construtivismo mesmo foi um, teve uma época da febre da Montessori né, do método da Maria Montessori, também vivi muito, lá em Minas foi uma febre, lá todas as escolas trabalhavam, então assim, eu vivi muito algumas fases aí de modismo, mas assim, eu sempre me adequava muito bem por conta de ser isso aí, de buscar sempre e conhecer, pra mim tudo novo eu quero, é desafio pra mim. Agora, hoje eu posso dizer que a cobrança hoje tá sendo assim, muito séria, sabe, eu não falo talvez nem só por mim porque eu não tenho muita dificuldade na questão de tá lidando com as tecnologias com os alunos, mas eu tenho muitas angústias e muitos anseios disso aí. E a cobrança está grande em cima da gente e a contrapartida é qual? Pra mim, nenhuma, não sei se pras colegas, mas não está tendo, nenhuma contrapartida e nós estamos sendo cobrados sim, pressionados sim, pelos governantes, isso aí, isso tá muito claro pra todos aqui, eu acho.		não sei nem agora, assim de cabeça te dizer, o nome dessas instituições.
P01	Completando a fala da colega aí, assim, eu nem sei dizer pra você, como avaliar esse investimento no Município. Está tendo	P12	Essa é a nossa realidade agora.	P12	Eu não tenho lembrança. Eu participei particular, fora, a minha eu paguei particular, não tive apoio de ninguém

	investimento no Município? Pra mim, quase nada, tá? Até agora foi dado um curso aí do Google Classroom, do, ali do Gmail, tal, algo, é..., eu acho que pra nossa realidade dos Anos Iniciais e de Educação Infantil, fora, totalmente fora porque uma criança dos Anos Iniciais ficar em sala de Google Classroom é bastante complicado, isso aí é mais, eu, eu acho que isso aí é mais uma ferramenta pros alunos maiores, assim mesmo, não sei até que ponto, mas, então assim. E eles não são inteiramente culpados, a gente entende, que mudou de gestão, né, que a gestão anterior deveria ter feito algo porque passou o ano inteiro, mas sempre alegando aquela expectativa de que tá voltando, que tá voltando, que tá voltando e nunca que voltou, passou o ano todo e aí chega uma nova gestão, começando tudo novamente do zero, como a gente já conhece essa história, né, dentro de Porto Seguro, enfim, trocou de gestão, aquilo que tava andando volta pro zero, certo? E tão tentando aí levantar tudo novamente, só que acontece que a gente não tem tempo pra ficar aí esperando muito, eu acho que deveria dar uma intensificada nisso aí, contratar empresa, sei lá, fazer algo, pra que nos prepare melhor, prepare os professores do Município de uma forma mais adequada, porque o tempo tá passando, o tempo tá								daqui da Secretaria, ninguém, foi particular, essas atuais, né.
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

	passando e nada. Aí cada um se vira como pode, como quer, ou vai procura um, pede ajuda a um, pede ajuda a outro, vai tentando, vai tentando. Tudo bem, concordo também que pode ser assim, só que eles precisam entrar com mais intensidade nessa história aí, porque são muitos alunos envolvidos nessa história. E será que essa dinâmica toda, cada escola tá buscando a sua melhor forma possível, está de fato atingindo todos os alunos? Tá tendo 100% de acessibilidade desses, desses alunos? Não sabemos, porque tá uma coisa muito assim, muito abstrata, muito no espaço, a gente imagina uma coisa, aí quando começa já é outra coisa, deveria ter um alinhamento de trabalho, sabe, eu acho que deveria ter uma intensificada, o Município, ele ficou aí mais de 1 ano sem pegar merenda, sem pegar essas compras, posso falar, porque que essa parte aí não faz um investimento, eu sei que não pode, eu entendo todas essas questões jurídicas do que pode e do que não pode com a verba do Município, mas existe sim, uma forma e eles sabem, quem tá dentro da Secretaria de Educação sabe, quem está liderando isso sabe que existe alguma forma que pode ser investido pelo menos com a contratação de uma empresa, criar uma plataforma, criar formações, entendeu? Então, eu não estou				
--	---	--	--	--	--

	sendo estimulada, eu estou sendo estimulada por mim mesma, não pelo poder público.				
P12	Eu penso assim, nós como profissionais, nós buscamos a melhoria, só que infelizmente, em contrapartida, nós não temos esse retorno. Então o mínimo que a gente tá fazendo, o que a gente tá fazendo é o mínimo pra gente dar pro aluno, mas infelizmente, como a colega falou aí, esse incentivo, esse investimento, a gente não tem. Por exemplo, a gente tá aqui na escola montando atividades, montando pasta, liga prum pai, liga pro outro, infelizmente a nossa clientela não tem recurso suficiente e acaba tendo mais ainda esse distanciamento mesmo da escola privada pra escola pública, e a escola pública e a exclusão. Mais uma vez eu me sinto mais excluída, a diferença social nesse momento ficou mais visível. Então isso, assim, deixa muito mais angustiada, porque por mais que você busque a melhoria, mas infelizmente a contrapartida a gente não tem, o investimento do nosso Município. Também os nossos alunos, por mais que eles queiram participar, eles não têm internet, não tem uma internet pública.			P01	Eu fiz algumas particulares, fiz também pelo governo federal, pelo MEC, pelo site do MEC, teve alguns lá bem bacana, e fiz também, estou fazendo né, acho que tem alguns colegas aqui que estão fazendo também que é pela Universidade do Ceará, um curso muito bacana que está acontecendo e finaliza em maio, mas fora isso eu fiz muitos particulares, paguei vários também e fiz muitos gratuitos também na internet.
				P03	Mas também tivemos uma formação, se não me engano que a Secretaria de Educação, acho que foi até no CEAME, acho que em 2019 ou 2018, eu não lembro, a formadora acho que era Érica, se não me engano, até bem bacana também, tivemos vários encontros bem legais, bem produtivos, tivemos inclusive alguns Mestres lá trabalhando com a gente também. Tivemos uma aula bem bacana que eu me recordo inclusive, até de Matemática, muita dinâmica, muita forma de trabalhar com os meninos em Matemática e foi uma aula prática, mão na massa, muito bacana. Nisso, nós tivemos outros cursos também que foram de complementação pedagógica, que foi uma

					pós-graduação e outros cursos que a gente fez aí, mas aí particular.
--	--	--	--	--	--



CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS GRUPOS FOCAIS
GRUPO 1 – ÁREA URBANA
ROTEIRO II

DESAFIOS E DILEMAS ENFRENTADOS POR PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

PARTICIPANTES	Como se preparar para agir e decidir sabiamente ao lidar com diferentes dilemas em sala de aula ou na profissão?	PARTICIPANTES	Desafios enfrentados diariamente na prática em sala de aula	PARTICIPANTES	Maiores dificuldades enfrentadas por tentarem fazer com que a inovação pedagógica se torne realidade
P12	Acho que isso aí, tem que ter um planejamento, preparado pela nossa escola, porque ela fica praticamente assim, situada assim e aí tem que ter apoio das autoridades, porque sozinho, o profissional, ele não vai conseguir, nós temos vários bairros em Porto Seguro, aqui mesmo, então precisa se criar um grupo de apoio, direcionar junto com a direção da escola. Precisa de um planejamento e nesse planejamento, temos que ter Conselho Tutelar, policiamento, mandar algum psicólogo, temos que formar um grupo, uma equipe que possa nos ajudar, porque sozinho a escola não funciona, eu sei disso porque eu já passei aqui trabalhando na escola na vice-direção e é um sufoco pra gente, tem que tá sempre chamando o Conselho Tutelar, fazendo reuniões, indo pra Secretaria Municipal de	P03	Ai, acho que muitos desafios né, a gente tem, por exemplo, às vezes excesso de alunos nas turmas, a gente tem, às vezes, defasagem de aprendizado né, ambientes muito violentos, a gente vive em áreas, né, onde as crianças são muito vulneráveis, aqui, por exemplo, onde a gente tá né, nós temos muitos alunos que vivem em áreas de risco, então a gente se depara muito, a gente, vê falta de apoio, às vezes, pedagógico, falta de apoio dos pais, são vários desafios e vários dilemas que a gente vive no dia a dia, que a gente precisa tá totalmente, acho que, se preparando, buscando cada vez mais, até mesmo no campo do direito, pra gente saber se posicionar e saber cobrar, até mesmo de que, porque a gente às vezes, age ainda na verticalidade né, a gente tem algumas pessoas que estão acima de	P01	Eu não vejo, assim, muito..., é..., dificuldade não, quando eu quero colocar algo em prática eu não vejo dificuldade não, porque eu sempre me desenrolei, eu sempre busco, precisa comprar alguma coisa, eu nunca tive esse problema, eu vou, eu compro, eu particularmente, não vejo assim, muita dificuldade pra desenvolver alguma inovação em sala de aula não. Sei reconhecer, poxa, eu fiz isso aqui ó, não foi muito legal, não deu muito certo, eu vou tentar de outra forma, vou fazer outra coisa, porque isso aqui não foi bom, entendeu? Sei reconhecer também, poxa isso aqui foi joia, bacana, vou fazer isso aqui mais vezes porque o resultado foi positivo. Então, eu, na sala de aula eu não vejo por isso, porque eu não espero por ninguém não.

	Educação, e aí, a nossa segurança aqui era através de equipe, de grupo.		nós, né, alguns órgãos também, que a gente também pode tá cobrando de repente, acionando pra também nos ajudar, né, porque às vezes se falam muito por conta, é..., a carga fica muito em cima do professor, a gente precisa também distribuir essas responsabilidades também, né? E por isso a gente precisa se preparar no campo mesmo do Direito, saber quais são os nossos deveres, mas também quais são os nossos direitos e correr atrás deles. Acredito que é por aí.		
P01	É difícil te responder assim, dilemas, isso é uma coisa que não dá pra preparar, eu acho que isso vai acontecendo porque cada realidade é uma, cada caso é um, então assim, eu não consigo me imaginar eu me preparando pra deparar com algum tipo de problema assim. A experiência vai ajudar muito, talvez eu já passei por algo parecido, então agora eu vou saber lidar com isso melhor, mas assim, eu acho que as coisas têm avançado tanto, a gente tem visto coisas assim tão absurdas que a gente não consegue imaginar, prever alguma coisa assim, sabe? E preparar pra quando aquilo acontecer, o que a gente pode é ficar catando mesmo, sabe? Daquela aprendizagem que foi assim, daquela experiência que foi assim, dá pra ser feito isso, mas você se preparar pra algo, eu	P12	É muito cobrado, o professor.	P09	Concordo plenamente, quem quer tem que ir atrás, vai em busca.

	acho bastante, assim, abstrato, entendeu? Muito sem, eu não consigo me preparar pra algo que eu nem sei o que é que é que vai acontecer, entendeu? Mas é claro que a experiência com o tempo, a vivência vai ajudar muita gente tentar resolver ou sair do problema, isso é fato! Com certeza! Não só dentro de sala de aula, mas na vida da gente, né.				
P12	A gente nunca tá preparado, naquele momento vem surgir algo, espontâneo né, porque às vezes as coisas acontecem no dia a dia.			P01	As dificuldades, elas sempre existem, sabe, dentro da escola, através da Secretaria de Educação, essas dificuldade sempre encontram, mas eu acho que se o professor fizer dentro da medida do possível dele, eu acho que dá pra acontecer as coisas, porque se você ficar sentado esperando que alguém que, a gestão da escola, e olha que a gestão da escola faz muito, muito mesmo, por todos dentro da escola, mas ficar esperando pela Secretaria de Educação não vai fazer nada nunca, não vai inovar nunca.
				P03	Mas existem dificuldades. Olha, assim, o professor sempre dá um jeitinho, né, esse é o jeitinho que o professor vai dando né e infelizmente, realmente, às vezes falta apoio, eu te falei ontem que falta muita coisa nas escolas, falta material pedagógico pra trabalhar com os meninos, eu te falei, inclusive, que a gente precisava investir na cultura digital, por exemplo, é uma inovação, e assim, a gente precisa muito e olha o momento que a gente tá

					vivendo, né, a gente começou com essa pandemia o ano passado. Durante o ano todo a Secretaria Municipal de Educação na gestão passada, se reuniu, né, no final disseram que tinham feito licitação, não sei se cabe aqui, de algum aparelho para dar para os meninos, os professores, de internet nas escolas, tinha feito parceria com a (...) a gente iniciou o ano agora de 2021 de uma forma que a gente poderia ter iniciado lá atrás, né? Nós não temos aparelho, nós não temos internet boa para os alunos, os alunos não têm, então assim, olha o momento que precisava tá inovando mesmo, é um momento que pede isso e a gente não tem, infelizmente, então eu acho que também é mais uma dificuldade pra gente, mais um dilema pra gente aí.
				P12	A grande dificuldade é essa mesmo, os pais tão cobrando da gente e não tem como a gente repor.
				P03	E a culpa é do professor, quando o pai chega aqui, eles jogam tudo em cima do professor, entendeu, não quer saber que tem uma coordenação, que tem uma gestão na escola, uma direção, que tem a Secretaria de Educação, que a gente também depende de lá, mas essa carga toda vem pra cima da gente.



CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS GRUPOS FOCAIS
GRUPO 2 – EDUCAÇÃO DO CAMPO
ROTEIRO I

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

PARTICIPANTES	Concepção de educação, aluno e professor. Como essa relação constrói a profissão docente	PARTICIPANTES	Instrumentos, contextos e conhecimentos trazidos das vivências pessoais para a construção da profissionalidade	PARTICIPANTES	Forma como o desenvolvimento profissional docente impulsiona práticas pedagógicas inovadoras
P05	Educação, né, no meu ponto de vista é um processo, é um processo contínuo, nós buscamos o tempo todo estar em conhecimento, em pesquisas e o aluno, ele é o nosso foco. O aluno e o professor eles caminham juntos, no caso, como o aluno e o professor, eles se completam, um com o outro. Então, a educação, ela permeia entre a nossa vivência, né, o contexto em si, ela está acoplada ao contexto social, intelectual, dentre outros. Então a Educação é um processo no qual nós estamos inseridos, no processo de conhecimento, no processo intelectual, no processo acadêmico, no qual nós educadores, né, fazemos parte desse processo. E somos o quê? Nós somos mediadores desse processo. E o aluno, ele é, o nosso foco, o nosso alvo e o nosso	P08	Da concepção de trazer da minha vida para o meu profissional foi muito enriquecedor, por quê? Quando eu vim trabalhar na educação, eu vim como contratado, me deram Educação Física, eu já gostava de trabalhar com Educação Física, eu já gostava de trabalhar com esporte, então já acrescentou mais e me deram Matemática, que eu sou apaixonado por Matemática, então, uniu o útil ao agradável né, e tudo deu certo, tudo deu certo. E cada dia que passou eu fui aprendendo mais, eu aprendi com meus alunos, eu aprendi com meus colegas, aprendi com a direção, e cada escola que eu fui, cada escola que eu trabalhei, cada vez fui enriquecendo mais os meus conhecimentos.	P05	Olha, a nossa prática profissional formativa, ela é importantíssima, pelo menos na minha vida, no último questionamento nós debatemos muito sobre isso, eu tive a oportunidade de fazer uma graduação, e depois eu tive a oportunidade de fazer uma pós-graduação. Na minha pós-graduação eu vi, né, a oportunidade de ajudar alunos no processo ensino aprendizagem, na questão das dificuldades, eu fiz uma pós em Psicopedagogia e eu acho muito importante na minha formação porque a partir daí eu comecei a ver os meus alunos de forma diferente, eu alfabetizava e isso me inquietava né, quando esses alunos não aprendiam e porque esses alunos não aprendiam. Até porque nós não tínhamos conhecimento científico nessa área pra

	parceiro, né, é através do aluno que nós colocamos em prática os nossos estudos e assim vamos, é, pesquisando, vejo o que realmente tem que tá sendo mudado e trabalhando nesse processo. Ao meu ver, né, na minha concepção, a sua pergunta é direcionada nesse ponto. Se os colegas quiserem dar alguma contribuição pode ficar à vontade!				entender porque o aluno não aprendia e até porque não tinha como avançar com esse aluno. Depois desse processo que eu tive, formativo, meu olhar foi totalmente diferente, quando ele entrava na sala de aula eu já conseguia identificar, né, com alguns, com algumas aulas, as dificuldades que o aluno tinha e como intervir nessas dificuldades. Então, a prática formativa, ela é muito importante para os alunos, porque através daí nós temos como intervir e ajudar o nosso aluno para avançar.
		P06	Bom, nós comentamos na entrevista passada e eu trouxe foi a questão do meu convívio pessoal, né, eu falei que na época que eu me formei, tinha outro né, tinha Contabilidade, tinha Científico, tinha outras modalidades de ensino e eu optei pelo Magistério, porque como eu contei pra você, e os demais vão saber agora, é, meu pai era semianalfabeto, e aí eu fui me apaixonando pelo Magistério e assim, meu pai, é, semianalfabeto formou os 5 filhos, tá? E assim, ele me incentivou a estudar e através desse processo, eu fui me apaixonando ainda mais pela minha profissão pra poder ensinar os outros, poder passar um pouco do meu conhecimento para os outros. E isso foi o que me motivou e me motiva cada vez mais, sair de uma família, de uma classe média baixa pra hoje tá dentro		

			de uma sala de aula, passando um pouco do meu conhecimento, um pouco daquilo que eu aprendi tanto na vida pessoal, quanto na vida profissional para algumas pessoas para que elas possam ter futuramente uma vida melhor, uma condição de trabalho melhor, não que a educação vá fazer ele enriquecer, mas a educação vai fazer com que as pessoas não o trate de forma diferente, o trate de forma igual.		
		P05	Só complementando o que os colegas falaram né, a educação, ela nos oportuniza a estarmos passando para os nossos alunos, né, o direito de ir e vir, de exercer, de lutar, porque quando nós trabalhamos, principalmente quem teve oportunidade de trabalhar com a EJA, já é um público diferente e, assim, muito desacreditado, quando eles vêm pra escola, que não têm aquela confiança, acham que já passaram e é muito importante o professor já estar preparado, pra estar passando isso pra eles, né, que eles conseguem, que são capazes, é muito interessante o que o colega falou aí, que nós viemos de uma classe baixa né, que os nossos pais são analfabetos, mas que a gente consegue passar isso de uma forma que o aluno, ele se apropria desse conhecimento para a vida, porque você ler e escrever tem uma função, mas a		

			função social, ela é inserida nesse processo educacional de uma forma muito forte, né, e nós precisamos estar atentos a isso, porque o nosso aluno, ele é um reflexo do que nós pensamos, de como nós trabalhamos e isso é muito importante no educador. Realmente, é uma pergunta assim, que traz uma reflexão de nossa vivência, na nossa prática, na nossa vida pessoal e eu gostei muito quando você questionou sobre isso, me fez lembrar de muitas coisas, né, porque a educação, ela transforma vidas. Como o colega falou, você não vai enriquecer, mas você vai correr atrás de seus sonhos, você vai ser capaz de lutar por aquilo que você acredita e nós na sala de aula, é o nosso papel, é o que nós fazemos de melhor, né, é ter essa parceria com nosso aluno e falar com ele que isso é possível através de nossa influência. É isso aí.		
--	--	--	---	--	--

PARTICIPANTES	Existe fomento, estímulo para inovação pedagógica no Município? Como avaliam o investimento feito pelo Município?	PARTICIPANTES	Sentimento de obrigação ou cobrança para serem inovadores por imposição da sociedade ou por órgãos governamentais.	PARTICIPANTES	Cursos de formação na temática inovação pedagógica e instituição formadora
P06	Bom, nesse período de pandemia o estímulo foi bem pouco. Eu falei naquele dia que esse processo de ensino remoto,	P05	O professor o tempo todo, ele é cobrado, né, a estar inovando sua prática, por quê? Até no processo mesmo de formação. Eu	P08	Inovação pedagógica, eu não participei não.

ele já estava por vir, a pandemia só acelerou, ou seja, aí, a Prefeitura, com esses investimentos, que, quando, no papel era uma maravilha, no papel tudo aquilo que a Secretaria de Educação tava planejando para o retorno das aulas, para os professores, era uma coisa futurística, e quando eu li, eu falei, não, se sair do papel “avemaria” a gente tá no céu. Aí vem as novas plataformas de ensino, vem as novas tecnologias, há uma resistência de alguns colegas em relação a essas inovações pedagógicas. Só que, assim, o Município, ele poderia ter investido mais, porque verba tem, poderia ter investido mais. Em questão de estímulo da escola, da inovação pedagógica da escola, é, deveria ter um incentivo maior, porque eu não vejo, assim, essa preocupação tão grande, nessas inovações pedagógicas, porque ainda há uma resistência de alguns colegas, de alguns profissionais, eu falo num âmbito geral, tá? Pra se adequar a essas novas realidades que nós estamos vivendo. Então, assim, a Prefeitura prometeu no papel, mas não cumpriu na prática, ou seja, esse momento de pandemia seria um momento de um grande investimento para a Educação, porque pegou todo mundo de surpresa, então, assim, faltou um pouco mais de sensibilidade do poder público, né, pra poder fazer esse tipo de investimento	fiz Magistério na época, eu acredito que todos que fizeram também, nós fomos cobrados num determinado tempo a fazer Magistério, bancando do nosso próprio bolso, né, fizemos uma formação. E o tempo todo nós estamos sendo cobrados. Essa pergunta, ela até complementa a outra que os colegas responderam pra não alongar muito tempo, acabei discutindo também. Mas assim, nós estamos, os profissionais da educação, o tempo todo estamos sendo cobrados, né, na prática, na formação, dentre outras coisas, então, assim, existe formação continuada e tem muitos cursos que o professor, ele banca do próprio bolso, né, porque, é uma cobrança que vem pra ele e ele precisa dar conta. E agora, nesse tempo agora de pandemia, ainda mais, porque nós estamos lidando com tecnologias novas que não estávamos acostumados, né, então nesse processo, o que é que acontece, as cobranças vêm, como falou meu colega Luciano, como falou meu colega Márcio, a pouco, né, nós estamos sendo cobrados o tempo todo. Assim, respondemos algumas cobranças, e tentamos dar conta de outras, mas assim, é muita cobrança, é muita coisa, o tempo todo nós estamos sendo cobrados para dar conta. É... planos, né, diferentes, agora nessa	
---	---	--

	para atender melhor a categoria. Antes já existia [investimento] a formação continuada, já existia, igual eu falei mesmo, que, um dos cursos que eu fiz, que me abriu um pouco o leque foi o do SENAR, que foi um curso que eu fiz junto com Socorro, né, teve vários encontros, então me possibilitou ter uma visão diferente, principalmente da Educação voltada para o Campo.		situação de tecnologia mesmo, nós estamos tendo que aprender muita coisa, porque nós não tivemos capacitação pra isso, não tivemos uma formação, a nossa formação não tem nada a ver com o tipo de aula que nós estamos trabalhando hoje. Claro, nós como profissionais, estamos buscando, a cada dia melhorar, pra trabalhar, pra atender a necessidade atual, mas ainda há uma cobrança muito grande. É...eu não sei os colegas, né, mas assim, quando dá..., hoje mesmo, a partir de hoje, nós já temos que nos preocupar com planos, né, com roteiros, com atividades, em si, com muitas coisas que nós fazíamos, trabalhávamos sim, mas, assim, há cobrança o tempo todo, professor é aquele que sempre é cobrado, em todo o tempo ele é cobrado, desde a formação, a aula dele, o tipo, a mudança, o fazer pedagógico, as questões, né, de tecnologia, temos alunos que já nasceram nessa época, e nós não nascemos e não fomos preparados pra isso, nós estamos nesse processo e temos que dar conta, nós temos que dar conta do que tá acontecendo, até porque o nosso aluno, ele não é um aluno como antes, como nós fomos, ele é um aluno atualizado, da era da tecnologia, e nós estamos dando conta desse processo com muita dificuldade e não está sendo fácil pra		
--	---	--	--	--	--

			ninguém, né? Então esse é um processo que nós estamos sentindo, realmente nós estamos em cobrança o tempo todo, o professor ele tá sendo sempre cobrado de algo, seja na área acadêmica, seja em seu fazer pedagógico, ele é uma pessoa, né, do responder as cobranças, é o professor.		
P08	Eu sou muito suspeito em falar porque eu sou muito crítico em relação a esse estímulo do Município para com os professores, para com as nossas escolas, porque eu vejo que o Município, ele não dá tanto estímulo assim para o profissional, ele quer o trabalho bem feito, mas ele não dá o estímulo que nós precisamos. Nós não temos uma sala dos professores equipada para nós pesquisarmos, né, como nós somos eternos pesquisadores, nós temos que ser para estarmos sempre em dia com os nossos alunos, levando atividades com maior clareza pra eles, eles não dão nada disso. A escola em que eu trabalho não tem nem sala de professores, quando o professor sai da sala tem que ficar no corredor, quando vai fazer uma ampliação na escola, a nossa querida diretora tem que remanejar dinheiro daqui, dinheiro daqui, um dinheiro que vem do Governo Federal para fazer alguma coisinha na escola, mas o Município mesmo, nada! E agora, pior ainda né, porque nós estamos trabalhando			P05	Não, eu não me lembro de ter feito nenhum curso com esse tema específico.

	no sistema remoto, onde a Prefeitura Municipal nem sequer, dá um celular para o professor, nós temos que utilizar o nosso celular, o nosso individual, para trabalharmos com os nossos alunos, não nos dão nada, eles querem o trabalho, mas eles não dão incentivo nenhum. Antes da pandemia, a escola funcionava com alunos, merenda escolar, transporte escolar, energia, água, gás, tudo isso acabou, esse dinheiro tá sobrando para os cofres da Prefeitura, e porque não se investe mais na escola, mais no professor, mais no profissional, eu não entendi essa parte ainda.				
P06	Situação é delicada, só pra gente ter uma noção, a internet da nossa escola quem paga é a gente, ou seja, eu tô “pagando”, entre aspas, pra trabalhar, eu tô usando a minha internet pessoal de casa, tem que pagar pela internet da escola, se eu quiser utilizar a ferramenta, que eles deveriam fornecer, aí você fala do celular, (risos), ô Deus, só Jesus de Misericórdia! A internet que nós usamos nós pagamos.				



CATEGORIAS DE ANÁLISE DOS GRUPOS FOCAIS
GRUPO 2 – EDUCAÇÃO DO CAMPO
ROTEIRO II

DESAFIOS E DILEMAS ENFRENTADOS POR PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

PARTICI PANTES	Como se preparar para agir e decidir sabidamente ao lidar com diferentes dilemas em sala de aula ou na profissão?	PARTICI PANTES	Desafios enfrentados diariamente na prática em sala de aula	PARTICI PANTES	Maiores dificuldades enfrentadas por tentarem fazer com que a inovação pedagógica se torne realidade
P05	Não é uma pergunta simples, porque eu acredito que todos nós vivenciamos algumas situações em vários bairros, não vem aqui ao caso ficar citando e não é uma pergunta simples, porque cada profissional, ele vai agir de uma forma, ele vai ter sabedoria pra ministrar a sua aula, ele não vai poder falar algumas coisas, ele vai ter que ter disciplina, discernimento e conhecimento para estar agindo em determinadas situações, por quê? Porque no âmbito que nós vivenciamos, a nossa sociedade em si, não só no bairro onde nós moramos, mas em outros bairros, nós temos uma realidade difícil, diferente, né, então assim, há situações que o professor, ele tem que ser muito profissional e muito sábio, ele tem que ter o discernimento, ele tem que ter o discurso voltado pra	P06	Esses desafios enfrentados diariamente, isso afeta até mesmo uma prática corriqueira em sala de aula, eu escutei (...) falando, e assim, vou usar até uma fala dela, o professor tem que ser ninja pra sair de algumas situações adversas. Eu separei 3 tópicos aqui, primeiro foi a questão em relação até a primeira pergunta complementando a segunda, que é a questão da família. Tem horas que surge temas relacionado à família dentro de sala de aula e o conceito de família mudou-se um pouco, né, que, acredito que aquele conceito tradicional, pai, mãe e filhos, né, hoje a criança mora com dois homens, mora com duas mulheres, assim, são temas muito delicados de participar e que volta e meia vem à tona dentro de sala de aula. A	P06	Bom, uma das grandes dificuldades é você tentar trazer a família para a escola, porque houve uma inversão de valores, né, então a escola hoje ela é responsável por tudo, né, tirou a responsabilidade dos pais e jogou pras costas dos professores, ou seja, pro corpo da escola, isso antes, agora com o período da pandemia, voltar um pouquinho o tema novamente, voltou-se um pouco, porque agora eles têm que acompanhar os filhos dentro de casa, tem que auxiliar o professor dentro de casa. Passa atividades, já teve caso de pais mandar recado desaforado pro professor dizendo que ele não era obrigado não, o professor já ganhava pra poder ensinar, ganhava pra lecionar, hoje eles estão sentindo na pele, ou seja, o professor com 29, 30 alunos dentro de sala de aula, hoje ele tá com 1 ou

	determinadas situações e ao mesmo tempo, ele ter essa sabedoria de conduzir a aula dele de forma científica, né, com cunho científico e tendo esse cuidado de levar para o seu aluno o conhecimento e não trazer vivências mesmo na participação, na questão da participação da... dos colegas e alunos, né, então tem que ter esse cuidado, nós educadores temos que ir e voltar, nós temos que ser mediadores, mas ao mesmo tempo, nós temos que ser muito profissionais para estarmos atuando em algumas áreas e ministrando nossa aula. Determinados temas nós temos que ter muito cuidado em como ser abordado em sala de aula. Eu falo pra você que não existe uma receita de preparação, não existe, psicologicamente nenhum de nós estamos preparados para isso, nós nos preparamos com a nossa realidade, com o nosso dia a dia, nós estamos sempre sendo testados, o professor, ele não tem uma receita pronta, ele é um mediador, ele é um profissional de pesquisa, ele tá o tempo todo indo e voltando, e algumas situações sociais, elas nos trazem ainda muitas surpresas, né, então a gente não tem uma receita, se eu falar pra você, é..., isso aqui funciona ou isso aqui funciona, eu vou estar mentindo, porque cada situação é uma situação e o profissional, ele tem que atuar de forma diferenciada em cada	outra questão é a questão da religião, porque você dá a sua aula de Ciências, na sua aula de História, sempre vem a teoria da evolução, sempre vem a origem do homem, então, são assim, situações bem delicadas pra tá se tratando, porque dentro de uma sala de aula, existe x denominações, né, então você tem que saber lidar bastante né, com essas situações e a última, que eu coloquei aqui pra destacar, que infelizmente, tá em todos os lugares, né, é a questão da criminalidade. Aconteceu comigo em sala de aula, um menino comentando, né, que antigamente quando você via uns “estourozinhos” o povo se assustava, hoje já é coisa cotidiana, já, os meninos nem se assustam mais, comentando dentro da sala de aula, professor, lá em casa é, fulano é, tava fumando lá e a fumacinha chega saia verdinha. E assim, a sala 29 alunos e ele não falou baixo, então assim, eu tive que contornar essa situação, cheguei perto dele e falei que essa situação não poderia tá se contando, etc e tal né, pra contornar a situação, depois o chamei no particular, na hora do intervalo, eu tive a liberdade de chamar os pais dele na escola, conversei a situação, falei ó, aconteceu isso e isso, eu tentei contornar mas assim, você conversa em casa pra que não saia mais	2 dentro de casa, que são seus filhos e volta e meia reclamando no grupo dos pais que não tá aguentando a atividade, não tá aguentando acompanhar o rendimento do filho, ou seja, uma das maiores dificuldades é, trazer a família pro colégio, trazer a família pra escola, trazer a família pro lado dos professores pra que possa fazer um trabalho em harmonia.
--	--	---	--

	momento. Às vezes um aluno, eu já tive situações de um aluno de 3º ano trazer algumas situações e naquele momento, né, eu ter sabedoria de conduzir aquela aula e ao mesmo tempo com os jovens e adultos, então assim, não existe uma receita. O profissional ele está num contexto educacional, ele é um profissional, nós somos, eu falo que nós somos artistas, nós temos esse dom de sair de algumas situações, né, com muita propriedade, com muita sabedoria e darmos conta. Às vezes nem nós mesmos sabemos como damos a conta naquele momento, mas assim, a educação em si, ela nos traz também, algumas experiências e se nós formos relatar aqui vamos passar a noite, mas assim, são experiências que elas somam, pra preparar o profissional nessa área.		do ambiente, pra que não dê problema nem pra um lado, nem pro outro né, então assim, é cada enfrentamento que a gente tem que só Jesus. O professor tem que ser ninja mesmo e sair de situações adversas que volta e meia aparece em sala de aula.		
				P05	Nosso colega foi muito feliz quando ele colocou a questão da família, realmente, a dificuldade que nós temos maior, né, inclusive agora a gente tá tendo essa oportunidade de estar conversando sempre, os pais estão muito, muitos estão desesperados né, com essa nova situação, porque até então o professor, ele era tido como um profissional que não tinha muito trabalho, hoje estamos vivenciando isso como o colega acabou de colocar, nós damos conta de 27, 30 alunos em sala de aula, hoje o pai tá ajudando com atividade

					de 1 e estão reclamando né, e nós precisamos dessa parceria e eu acredito que após essa pandemia vai haver uma mudança, uma mudança de pensamento em relação a família, não sei se vai resolver, com certeza não vai, mas nós estamos percebendo que o educador hoje, né, com toda essa situação que nós estamos passando, está sendo visto de uma forma diferente por quê? Porque antes os pais achavam que educação ensinava a ler e a escrever, né, interpretar, fazer as funções que nós ensinamos e ainda preparamos pra vida, como o colega acabou de colocar aí, muitas pessoas, né, em cima do educador, então assim, a família, se ela tivesse uma parceria com a escola com certeza seria totalmente diferente. Então, realmente é o que o colega acabou de falar, é o que falta, é a questão da família, porque se trabalharmos em conjunto, escola – família, a realidade é outra. Nós vivenciamos isso, eu tenho aluno, que tem o acompanhamento da família, a aprendizagem é completamente diferente, né? Então, é essa situação realmente que passamos. Tem que existir essa parceria entre esses dois, escola e família, no dia que existir eu tenho certeza que a educação de fato vai melhorar.
--	--	--	--	--	--

APÊNDICE I – Grelhas de análise de conteúdo das entrevistas – Partes I, II e III.



**ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS
PARTE I – CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE DOCENTE**

UNIDADES DE SIGNIFICADO	ESCOLHA DA PROFISSÃO DOCENTE	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P01	(...) eu comecei a fazer matemática, eu fiz licenciatura curta em matemática (...). E aí eu tava fazendo com nenhuma intenção de ser professora, nenhuma. (...) eu sabia todo o processo que, e eu tinha feito o magistério, então eu tinha um pouco dessa metodologia, um pouco dessa didática. Meu magistério foi um magistério de quatro anos, então assim, eu tinha muito, muita afinidade mesmo, só não tinha experiência nenhuma, nunca tinha entrado numa sala de aula eu estudei no estágio. (...) a diretora da escola fez uma contratação (...). E aí eu deixei a matemática, quando eu completei os dois anos eu deixei (...) Porque minha tia (...) estava abrindo uma escola de Educação infantil, e minha tia era professora da faculdade, ela não era minha professora, mas ela era professora da Faculdade que eu estudava e aí ela falou pra mim eu vou abrir uma escola porque é um sonho que eu tenho, mas todo mundo que vai trabalhar nessa escola vai ser a família, (...) aí a gente montou uma escola de educação infantil, (...) aí ela virou pra mim assim, por que você não aproveita alguma coisa de matemática e faz pedagogia e, assim..., nunca tinha me passado, eu pensava qualquer coisa, fazer um curso de Enfermagem, terminar matemática, mas pedagogia jamais, jamais pensava. (...) é porque realmente não passava pela minha cabeça. (...) Eu comecei por seis meses dando aula, eu tinha uma turminha de quatro anos. Simplesmente eu fiquei apaixonada pela educação infantil. É tanto que hoje eu sou apaixonada por Educação Infantil. (...) Foi amor	1. Não escolheu a profissão, fez o Magistério (formação inicial) por influência da mãe, que queria a filha professora. 2. Iniciou o curso de Pedagogia por necessidade, não queria, nem gostava do curso. 3. Após ingressar numa escola de Educação Infantil se identificou.

	à primeira vista, com educação infantil. (...) Depois eu fui embora pra cá pra Porto Seguro. E assim começou minha vida na escola. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	
P02	Na verdade, escolher não escolhi não. Foi um acaso. Eu trabalhava na área do comércio, na verdade, e eu fui incentivada a isso. Querer eu não queria, a princípio não. Caí de paraquedas, mas depois que entrei, pra sair... (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	1. Não se identificava com a profissão, pois trabalhava no comércio, iniciou o curso de Pedagogia por incentivo de terceiros, mas depois se identificou.
P03	Acho que desde criança, (...) que eu via minhas tias lecionando, primos lecionando, e eu gostava muito, eu ia à escola com eles, inclusive eu ficava até nas salas de aula, às vezes olhando pra eles, aplicando provas, eles saíam e me deixavam. Vim pra Porto Seguro em 96, eu completei lá o Fundamental I, ou o Fundamental II e entrei aqui no Ensino Médio. Quando eu cheguei aqui, (...) tinha uma professora, (...) era professora de Matemática, às vezes ela saía da sala ou no dia que ela não ia, ela me dava o conteúdo pra eu trabalhar com os meus colegas em sala de aula. Falei, não! É exatamente isso que eu quero, entendeu? (...) depois eu mudei um pouco, meio que, de rumo, (...) minha formação eu mudei um pouquinho, mas depois eu mudei novamente. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)	1. Desde a infância se identificou com a profissão, por influência da família que exercia a profissão de professores, tias, primos. 2. Por necessidade de trabalho sua formação inicial não foi voltada para a educação. 3. Surgiu um concurso público na área de sua formação, para trabalhar com os Anos Finais do Ensino Fundamental na disciplina Turismo. 4. Devido a necessidade acabou ingressando no curso de Pedagogia e atualmente exerce por prazer.
P04	Na realidade esse foi incentivo da minha mãe. Minha mãe era professora (...). Então assim, o que ela deixou para a gente foi a educação e ela tinha esse desejo de que nós, tanto eu, como meus irmãos atuasse na área de educação, porque ela era apaixonada em alfabetizar. Só que apenas eu dei sequência e tive muita força dela para poder trabalhar na educação. Como exemplo dela eu empenhei, estudei, fiz faculdade, com toda dedicação que ela teve de nos proporcionar isso. Eu fui a única que perseverei nessa profissão e estou apaixonada. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	1. Escolheu a profissão por incentivo da mãe, que era professora. 2. Identificou-se com a profissão desde o início.
P05	Eu tinha professoras, eu achava muito bonita a forma como elas explicavam, a forma que elas escreviam, né, e aí, quando eu fui estudar, fazer o Ensino Médio, tinha 2 cursos pra eu escolher, ou eu ia escolher Magistério ou eu ia escolher Administração, aí eu optei pelo Magistério e estou aqui até hoje, graças a Deus, né, e não me arrependi. Foi “aonde” eu me encontrei. Hoje, né, trabalho, graças a Deus e assim, cada dia me capacitando e aprendendo né, que a gente, o tempo todo, nós estamos aprendendo com os alunos, com a comunidade em si, sempre a gente tá	1. Optou pelo curso de Magistério. 2. Inspirou-se em suas professoras.

	na construção de conhecimento. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	
P06	Bom, o que me levou foi a forma que eu via os meus professores e as minhas professoras lecionando, a dedicação que tinha, (...) o amor pela profissão e aí eu fui me identificando com o Magistério, com a profissão, quando eu (...) concluí a 8ª série e pro 1º ano, tinha administração, contabilidade, tinha outros cursos, mas assim, eu já tinha me identificado já, demais, com o Magistério, aí eu optei pelo Magistério (...) devido eu me espelhar em alguns professores que eu tive (...). (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	1. Inspirou-se na dedicação de suas professoras, pelo amor à profissão que tinham. 2. Optou pelo curso de Magistério devido à essas professoras.
P07	De início eu acredito que foi uma questão familiar, porque eu vim de uma família onde todo mundo era professor, então automaticamente, nas brincadeiras, a gente brincava de escola. Então com isso aí, eu fui adquirindo gosto e aí incentivo da minha tia e da minha mãe (...). Então eu fui gostando (...). (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	1. Veio de uma família onde todos eram professores. 2. Incentivo familiar.
P08	Necessidade! Necessidade! Porque na época, aqui tudo era difícil e eu fiz magistério e ingressei na educação devido a necessidade de trabalho. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	1. Entrou na profissão por necessidade na época.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	EXPERIÊNCIAS DA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL QUE CONTRIBUÍRAM PARA O FAZER PEDAGÓGICO	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P01	(...) eu passei por tudo, por todos os segmentos, eu passei por Educação Infantil, Fundamental 1, o 2, o Ensino Médio, eu passava, que na época era o Científico. Eu dava aula de Física, dei muito tempo aula de Física no Científico. Trabalhei no curso de Contabilidade, na época existia o curso de Contabilidade, eu trabalhava, tinha disciplinas de Contabilidade, tinha disciplina no Magistério e era tudo assim, tudo foi experiência (...). Eu inventei de fazer uma pós graduação, ainda cursando. É tanto que quando eu me formei passou uns 4, uns três meses eu terminei uma pós graduação em supervisão pedagógica, (...) e realmente complementou muito, me acrescentou muito na área desse conhecimento, (...). Pra mim foi o pontapé mais, mais grandioso, pra mim, o crescimento acerca da minha profissão, foi quando eu tive realmente certeza de que eu queria ser professora. Eu já estava amando	1. Adquiriu experiência em diferentes em diferentes níveis de escolarização em sua trajetória docente e com o tempo adquiriu gosto pela profissão. 2. A primeira pós-graduação em Supervisão Pedagógica a ajudou a crescer ainda mais em sua profissão. 3. Atualmente acredita que nasceu pra ser professor.

	muito a minha profissão. Quando eu conheci de fato, foi o que eu estudei, foi o que aprofundi isso, eu, literalmente, falei, não, é essa! É essa a minha profissão E daí para cá eu não parei mais. Aliás, eu, há muitos anos, não é de hoje, há muitos anos eu não consigo me ver em uma outra profissão, parece que eu nasci professor. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	
P02	(...) não que não tivesse ocorrido outras experiências, mas de uns dois anos pra cá eu me deparei com a situação de um aluno em sala de aula e que isso contribuiu muito, me fez gostar mais ainda do que faço, que é a questão de um aluno autista que entrou aqui na turma. Logo quando veio foi um susto, nunca tinha passado por essa situação de “tá” com um aluno especial dentro da sala, e quando ele entrou... eu via a situação dele em outras salas. E quando ele veio pra cá, eu falei: É agora que eu vou pedir pra sair. E eu sempre gostei muito das séries 3º, 4º e 5º anos, com alunos maiores, nunca gostei da questão do alfabetizar. Mas justamente, tive que passar por esse processo com esse menino. (...) A família ficou encantada, eu fiquei encantada e acabei gostando da questão do alfabetizar. Não sei se vou seguir essa linha, mas contribuiu muito. Foi muito bom, foi muito gratificante chegar ao final do ano e ver o resultado desse aluno e dentre outros que passaram por aqui. Quando a gente pega a criança, que a gente vê assim, aquela dificuldade que ele tem de aprender, de absorver aquele conteúdo, que aos pouquinhos você vai fazendo. E às vezes pinta aquela insegurança dentro de você: “não vai dar certo”, mas com pouco, você vê o resultado, é gratificante. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	1. O trabalho com aluno autista contribuiu muito para sua trajetória docente e a fez gostar ainda mais da profissão.
P03	Olha, (...) minha família toda praticamente, de tia, tios, meus primos, meus irmãos também. (...) Eu cresci dentro da igreja evangélica, né? Até mesmo a igreja, eu era muito de frente, eu era muito de palco, eu era muito de teatro, eu era muito de canto e isso tudo eu trago pra minha prática, entendeu? Pro dia a dia. Então eu acho que me inspirei muito, sei lá, nesses movimentos aí. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)	1. Adquiriu experiência através de atividades de canto, teatro na igreja que frequentava quando criança.
P04	A nossa experiência do dia a dia, assim como a gente trabalha com vidas, com pessoas e eu trago...trouxe exemplos de valores para os meus filhos mostrando também para os meus alunos e para os meus filhos os valores que nós devemos ter de uma conduta legal, aqui na escola cada dia...é uma experiência diferente porque são famílias com diversas dificuldades. Então você tira sempre o lado positivo da situação. Você tem alunos que	1. Todos os valores adquiridos na escola a partir de seus alunos é levado para a sua família e para a sua vida pessoal, analisando o lado bom e o ruim das coisas.

	não tem condições de ter uma alimentação a gente vai a gente ajuda assim a escola toda em si, tem alunos que não tem, perdeu o pai ou perdeu a mãe, foi criado pela avó. Então a gente mostra que ele não foi abandonado, que tem alguém sempre se preocupando com ele e nós como educadores também estamos aqui pra isso então essas coisas também vou levando pra minha vida pessoal, levo pra os meus filhos, mostrando que Deus nos proporciona coisas boas em nossa vida, tem momentos difíceis, tem. Mas a gente precisa também tirar o lado bom, e isso eu acabo levando para a minha vida pessoal. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	
P05	Olha, eu tive uma professora, né, quando eu estava no 8º ano, que marcou muito a minha história, então assim, essa experiência eu levei pra minha vida profissional, pra minha vida pessoal e consegui ajudar também ajudar muitos alunos através dessa experiência. Ela motivava a gente o tempo todo, ela não deixava os sonhos morrerem e ela sempre falava da importância de você lutar pelos seus ideais. Então assim, eu trabalhei com ensino fundamental e depois tive a oportunidade de trabalhar com a EJA, quando eu fui trabalhar com a EJA, eu cheguei lá, tinha uma realidade muito difícil e aí através dessa realidade (...) eu lembrei dessa professora. E assim eu estimulava o tempo todo e estímulo, até hoje, eu ainda estou trabalhando na EJA e falava sempre pros meus alunos que, como eu falava pros pequenos, mas os grandes, eles perderam essa vontade de vencer, de sonhar, de ir além, e essas pessoas né, que eram meninos numa situação difícil que às vezes trabalhavam na roça conseguia conversar com eles, na aula, e eles falavam assim: “professora realmente você acredita no que você fala?” E eu falava sim, eu acredito! Sabe por quê? Porque os sonhos, eles são capazes de ser realizados, desde que a gente também acredite, mas se vocês não acreditam que vocês podem ir além, como é que vocês vão chegar pra alcançar os seus sonhos? Então assim, é sempre uma fala né, que eu tenho e que marcou a minha vida muito e que até hoje me direciona e eu assim, sempre coloco pros meus alunos, o sonhar, o acreditar, o ir atrás, o não parar, e persistir no sonho, porque quem não sonha não tem como realizar nada, então, eu sempre converso com meus alunos sobre isso, desde o Fundamental I, né, que a gente trabalha até a EJA, na Educação Infantil esse ano, eu tô tendo oportunidade de	1. Teve como referência uma professora da sua 8ª série, que a ensinou a acreditar nos sonhos e a lutar pelos ideais, fazendo-a incentivar os seus alunos da mesma forma.

	trabalhar com a Educação Infantil esse ano e é uma série, assim ,que já é de muitos sonhos. Então assim, o professor em si, ele é um sonhador. Então é isso que eu vejo na minha prática, na minha vida, né, eu sempre fui assim de correr muito atrás dos meus objetivos e eu coloco isso muito pros meus alunos, porque nós que viemos de famílias pobres, né, muito pobres, a única coisa que nós temos que realmente acreditar é nos nossos sonhos e correr atrás. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	
P06	O que me marcou, o meu fazer pedagógico, foi a experiência familiar, nós somos 5 irmãos, todos 5 hoje, graças a Deus, todos 5 formados, e assim, a forma como meu pai e a minha mãe nos incentivaram, né, a estudar, a buscar, porque meu pai era semianalfabeto, e... mas nunca deixou a gente ficar 1 dia sem ter aula, perdeu empregos, é..., até bons na época, né, trabalho braçal na época que ele fazia, né que ele tomava conta de fazendas, apesar de não ter leituras, mas tinha um conhecimento de campo, e aí ele motivou bastante, então foi isso que me levou a, como é que eu posso dizer, a me empenhar mais pela minha profissão, ou seja, de um pai semianalfabeto formou um professor que hoje ajude os filhos dos outros, tá?, a buscar um conhecimento para que possa ter um futuro né, uma vida melhor, ah então isso foi o ponto que mais me marcou. Fora a afetividade dos alunos, né, mesmo em sala de aula, porque tem horas que eles se espelham demais no professor, né, porque tem hora que falta atenção, carinho, em casa, então, o professor como ele passa bastante tempo com o aluno né, tem hora que mais do que com o pai e a própria mãe. Então esses aspectos foram o que foi me motivando cada vez mais desempenhar um bom papel dentro daquilo que eu exerço hoje. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	1. Filho de pais semianalfabetos, que não tinham o conhecimento científico, mas tinham o conhecimento da vida, pois era trabalhador do campo e incentivavam os filhos a estudar.
P07	Eu acredito que, tipo assim, a disciplina que eu trabalhava era Educação Física. Daí já inicia, né... que nos tempo de antigamente, nas nossas brincadeiras, a gente observa que não são como as de hoje. As crianças não têm mais, né... eu falo assim que hoje as crianças, os adolescentes não vivem como a gente viveu, como a gente brincava. É tanto que nas minhas aulas eu busco resgatar essas brincadeiras antigas, que muitos nem conhecem. Então eu acho que é isso aí. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	1.
P08	Não, a experiência foi muita né? Primeiro eu gostava muito de esporte, gosto muito do esporte, entrei como professor de Educação Física no	1. Resgate de brincadeiras da infância

	momento e me adaptei rapidamente, porque eu já gostava muito. (...) Posteriormente comecei a dar aula de matemática, outra também que eu amo de paixão e nesse caso aí, quer dizer, eu já gostava de matemática, fiquei com matemática, eu já gostava do esporte e continuei no esporte, então, tudo deu certo pra mim na educação. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	
--	--	--

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P01	Eu comecei, como eu disse, por uma necessidade, com uma necessidade pessoal, uma necessidade familiar, que hoje, eu não esperava, eu pensei que eu ia, só ali, ajudar a família, porque a gente passou por um momento muito, muito, muito difícil. Então, quando eu fiz Magistério, eu fiz Magistério, porque era um sonho da minha mãe ter uma professora dentro de casa, eu sou a única filha. Então eu fiz Magistério por essa questão, só que como a gente vivia com muita necessidade, muita dificuldade, eu precisei começar a trabalhar muito cedo, então eu com 15 anos eu já trabalhava, com carteira assinada e tudo. (...) E aí na época em que eu fui dar aula de Matemática, (...) Então aí, eu escolhi Matemática porque eu comecei com essa habilidade toda, e a influência da minha prima, minha prima é uma parceirona minha, é igual uma irmã a gente foi criada juntas, e com a influência dela eu comecei. E aí a Pedagogia veio em seguida com a influência de minha tia que é a mãe dela. Então foi assim que eu fui construindo essa afinidade pra esse lado profissional de professora, de educadora. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	1. Iniciou no Magistério por necessidade pessoal. 2. Fez graduação em Pedagogia. 3. Pós-graduação 4. Diversos cursos na sua área de atuação
P02	Eu iniciei com o magistério, sem intenção de exercer. Na verdade eu sempre gostei muito dessa questão. Na época que eu era aluna ainda, eu sempre gostava quando a professora faltava, eu pegava o material dela e aplicar o conteúdo no quadro pro restante da turma. (...) Eu só tinha magistério e, bom..., eu vi a necessidade, claro, de aprender coisas novas, porque, por exemplo, eu cheguei aqui (...), eu nunca tinha me deparado com a sala de aula, então eu cheguei, assim, tava “cheirando a leite”. Não tinha experiência nenhuma. Aí a primeira coisa que eu fiz	1. Iniciou com Magistério, sem intenção de exercer. 2. Com o auxílio dos colegas, foi adquirindo experiência na profissão e os mesmos a incentivaram a cursar Pedagogia. 3. Fez uma pós-graduação, mas ainda tem vontade de continuar estudando, mas no momento, acredita que com filhos complica um pouco.

	quando entrei aqui foi: não sei nada, me ensina, porque não sei fazer. E não sabia mesmo. Aí foram colegas, que foram ajudando, me incentivaram, entrei logo na faculdade, fiz a graduação, a Pedagogia, depois fiz a pós. Tenho vontade de dar seguimento a isso aí, agora o tempo é que, com filho... aí complicou. Não é impedimento, que eu sei que tem muitos que fazem, mas... ainda não tá no momento. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	
P03	Eu comecei primeiro no Magistério, me formei em Magistério, depois de alguns anos eu acabei ingressando na faculdade de Turismo. Pra gente viver nessa região, turística, tal, eu imaginei né, eu falei, vou trabalhar, é..., dando aula e paralelo a isso vou trabalhar no turismo, mas também a gente tinha a disciplina de Turismo, eu nem sei se hoje em dia ainda tem a disciplina. Não tem mais, né! Aí então eu disse, eu vou fazer. Fiz, depois que eu fiz eu falei não, eu já com alguns anos de concurso não vou largar meu concurso pra me aventurar na área de turismo. Aí terminei o curso de Turismo e fiquei naquele impasse, inclusive de mudança de nível, né, se conseguiria ou não conseguiria, acabei conseguindo e mudando, porque na época ainda tinha a disciplina de Turismo e tal e mudei de nível. Mas depois eu fiz uma pós na área de educação e fiz uma complementação pedagógica (...). (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)	1. Iniciou no Magistério. 2. Fez faculdade de Turismo e passou em concurso público para atuar com a disciplina Turismo. 3. Pensou em largar o concurso público. 4. Desistiu de largar o concurso e investiu na progressão da carreira. 5. Fez graduação em Pedagogia como complementação pedagógica.
P04	Primeiro formei o meu magistério, depois de 3 anos que eu fui fazer uma faculdade, quando vim fazer a faculdade eu já estava com família, então foi difícil conciliar família com a escola, que a gente leva tempo maior para isto. Eu tinha família, eu trabalhava e estudava, dormia super tarde, três, quatro horas da manhã. Porque (...) pra mim era tudo novo, resenha, resumo, relatórios. Então foi um aprendizado muito importante para mim, mais do que nunca, para o meu empenho profissional foi muito bom. Eu gostei disso, entendeu? Desse desafio, então, é isso que me motiva cada dia, estar buscando novas experiências. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	1. Formou-se em Magistério, depois de 3 anos cursou faculdade.
P05	Olha, como eu falei pra você, eu fiz o Magistério né, na época profissionalizante, depois com o tempo, que aqui não tinha faculdade, chegou quando veio a faculdade eu fiz na Nossa Senhora de Lourdes, a graduação, depois eu fiz uma pós-graduação e depois eu fiz o Mestrado, e assim, estamos aí, aptos a fazermos novos cursos porque, é sempre	1. Cursou Magistério, depois graduação, pós-graduação e mestrado. 2. Continua fazendo novos cursos para seu desenvolvimento profissional.

	uma aprendizagem né, o tempo todo a gente tá aprendendo e é isso aí. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	
P06	Esse processo foi construído né, com bastante esforço e empenho, como a maioria dos professores, né, que batalham pra conseguir estar num ponto que está hoje. Ó, eu comecei com o Magistério, né, logo assim que eu me formei, depois fui trabalhar pra ajudar meus pais porque eles já tinham me ajudado bastante, passei um tempo até interessante só com Magistério, né, depois fui me qualificando, fazendo uns cursos, né, de extensão pela Prefeitura, que a Prefeitura oferecida, depois eu fiz a Pedagogia, depois da Pedagogia eu fiz 2 pós, eu fiz uma pós em alfabetização e Letramento e fiz também uma pós em Educação do Campo, e recentemente acabei minha segunda licenciatura em Letras, né, então, meu trajeto foi dessa forma, sempre se empenhando, né, buscando novos conhecimentos, é, para atuar melhor pela minha profissão, né. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	1. Iniciou com o Magistério e depois foi se qualificando. 2. Fez Pedagogia, uma segunda licenciatura 2 Pós-graduações em Alfabetização e Letramento e Educação do Campo, cursos de extensão oferecidos pela Prefeitura. 3. Buscou se qualificar para atuar melhor na profissão.
P07	Todo ano eu busco assim, né... através agora do whatsapp, né, que é o momento e também entro em sites pra ver algumas formações. Agora mesmo eu tô fazendo a pós em Educação Infantil porque é uma vontade que eu sempre tive, que eu gosto de lidar com o pequeno e... eu falei: “Não... já que eu já fiz tantas capacitações, tá na hora de fazer uma formação pra essa área”. Porque não sei, amanhã, vai que eu consiga colocar em prática, né? Que é trabalhar diretamente com os pequenos. Pelo menos eu vou tá já entendendo e preparada. Então eu tô fazendo curso, tô pretendendo, quer dizer, eu ia iniciar em janeiro o mestrado. Já até me arrependi, porque eu passei... e aí eles ficaram até mês passado falando que não dava tempo. E agora eu vou buscar... eu tava falando pro outro que eu nunca me arrependi assim... tudo o que eu quis estudar, eu estudei. E eu não sei o que foi, que o mestrado eu passei e resolvi... Na verdade eu sei, foi assim, mais por questão pessoal mesmo. Que eu tive três percas assim, dentro de três meses, então isso aí me abalou, sabe? Mexeu comigo. Então hoje eu entendo que foi isso. Mas agora eu quero ver se eu consigo no meio do ano realizar isso aí. Porque todo ano eu faço. Sempre eu gosto de fazer alguma coisa. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	1. Busca cursos em sites de formação, faz pós em Educação Infantil, pois é uma área que deseja atuar futuramente.
P08	Não, primeiramente, há muitos anos atrás tinha como: a contabilidade, o magistério e administração. Eu optei pelo magistério por ser uma parte mais fácil para conseguir um trabalho. E depois que eu me formei logo,	1. Pela ausência de Universidades em Porto Seguro há alguns anos, quem detivesse o curso de Magistério facilmente conseguiam se inserir no mercado de

	logo surgiu essa vaga para trabalhar dando aula, naquela época quase ninguém, ninguém tinha faculdade, pouquíssimas pessoas né? E era muito difícil, raro, muito raro você ver uma pessoa que tinha faculdade. Aí disse assim: (...) você tem magistério, você quer dá aula? Eu disse: eu quero, Tá precisando de uma vaga. (...) tô precisando trabalhar mesmo, e nisso foi bom, porque o aprendizado foi muito grande. Eu acho que aprendi mais do que eu ensinei, eu aprendi muito com tudo isso. E nesse decorrer do... depois eu fiz faculdade, pós graduação, fiz outra graduação e fui sempre ampliando meus conhecimentos, e ainda tô precisando aprender mais, né? (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	trabalho. 2. Após alguns anos cursou a graduação, pós-graduação e foi ampliando seus conhecimentos.
--	--	--

ANÁLISE DOS CONTEÚDOS TRATADOS NAS ENTREVISTAS

PARTE II – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

UNIDADES DE SIGNIFICADO	DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DEPOIS DA GRADUAÇÃO	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P01	(...) já fiz muitas coisas, pra você ter ideia eu já fiz curso até de oratória, tudo como ouvinte, e aí eu terminei uma pós-graduação com 4 meses de formada e aí fiquei fazendo esses cursos e me aperfeiçoando e era tudo voltado pra Educação Infantil. O que você falasse pra mim, que era curso de Educação Infantil onde fosse eu procurava um jeito de ir. Fazia muito! (...) tem 20 anos que eu tô em Porto Seguro e aqui, eu cheguei, fui trabalhar no Municipal de Porto Seguro como professora de Português, de Língua Portuguesa, (...) mas, assim, eu dava aula de Língua Portuguesa mas o meu coração era de Educação Infantil, minha vida sempre foi Educação Infantil e aí, (...), eu fiz uma pós-graduação na Educação Infantil, aí pronto, a minha paixão só aumentou, com essa formação aí. (...) fui trabalhar em escolas de Fundamental I, porque as escolas de Educação Infantil eu não tive oportunidade, porque eu era recente de concurso, não tinha como escolher, a gente tinha que ir pra onde enviasse, (...) (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	1. Fez pós-graduação e cursos de extensão.
P02	Além da graduação, eu fiz a pós logo depois. Não fiz mais nenhum outro tipo de graduação, mas cursos eu faço constantemente. Todos que aparecem, que vão surgindo... eu tô fazendo. Porque eu gosto. Eu gosto muito disso. Aprender coisas novas é sempre bom, né? (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	1. Fez pós-graduação e cursos de extensão constantemente.

P03	Depois da minha graduação eu fiz essa pós, na área da educação e fiz essa complementação aí. Mas pra além disso, às vezes, a gente participa de algumas formações que o Município oferece, né. Além disso, pra além disso, às vezes eu busco informações na internet, leituras, às vezes, em algumas revistas, algumas reportagens voltadas pra educação, mas, na medida do possível, eu tenho participado de alguns cursos que aparecem quando a Secretaria de Educação promove ou a própria APLB (<i>Associação dos Professores Licenciados do Brasil</i>) quando tem, por exemplo, aquele encontro em setembro, a gente participa também. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)	1. Fez pós-graduação; uma segunda licenciatura em Pedagogia (havia cursado Bacharelado em Turismo); informações na internet, leituras, algumas em revistas voltadas pra educação, participa de cursos oferecidos pela Secretaria de Educação ou promovido pela APLB Sindicato.
P04	Depois da graduação, eu fiz uma especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, por motivos né, de família, de filhos crescendo, tive que parar um pouco estudo para poder dar essa base aos meus filhos, eles estavam ainda num processo de alfabetização, tive um momento de parar para poder dar esse suporte, porque tenho um filho com TDAH. Então isso fez com que eu parasse, mas, eu estou sempre assim, buscando leituras, eu leio artigos. No momento eu não estou, não dei continuidade ao estudo, mas eu sempre to procurando ta lendo pra eu tá, não tá fora do padrão aí não, pra tá dando continuidade. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	1. Fez pós-graduação e pretende continuar os estudos, deu uma pausa por conta da família e dos filhos.
P05	Menina, nós já fizemos foi muitos cursos viu, tem que pegar ali só pra fazer... a gente sempre tá fazendo curso na educação né? Você vê agora mesmo, online, sempre tem palestras, sempre tem, sempre tem uma coisa pra gente tá fazendo e, assim, nós fizemos muitos cursos, fizemos Ênfase, enfim, muitos, muitos cursos, aí eu tenho que pegar os nomes ali pra eu tá te falando assim, porque sempre tem um curso fazendo, a gente nunca tá parado, professor também sempre tá pesquisando, sempre tá lendo né, professor, ele, nunca tá parado, professor, eu acredito que é como um médico, ele tá sempre fazendo alguma coisa, agora se você quiser os cursos do Estado, eu vou pegar depois ali pra “mim” passar pra você, porque agora eu nem tô lembrando, é tanto curso, tanta capacitação que a gente faz. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	1. Fez pós-graduação e vários cursos de extensão. Está sempre se atualizando.
P06	Eu fiz curso de Educação do Campo, né, ministrado pela Secretaria de Educação, eu fiz umas quatro capacitações e também agora né, com, nesse período de pandemia, estudando as novas tecnologias, é... o professor tem que ser pesquisador normal, né, acho que isso é de praxe, e os cursos oferecidos pela Prefeitura também, que é o que tá acontecendo agora, com essas aulas remotas, né, então, assim, desse, desse, de um curto período pra cá foi o que eu fiz, eu fiz o curso de	1. Fez pós-graduação em Educação do Campo que é sua área de atuação e cursos de extensão. Atualmente fez cursos referentes às novas tecnologias e como trabalhar com aulas remotas e híbridas.

	Educação do Campo, né, apesar de já ter a minha pós graduação e mais em relação a área das novas tecnologias, as novas ferramentas de trabalho, como trabalhar com essas aulas remotas e essas aulas híbridas. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	
P07	NÃO RESPONDEU	
P08	Não e esse processo agora de ensino aprendizagem diferente, online, é um processo onde nós estamos aprendendo tudo de novo, tudo é novo, então às vezes as pessoas têm medo do novo, eu mesmo fiquei, no começo eu fiquei horrorizado, já tava com pavor de novo, mas eu fui adaptando, hoje mesmo tava conversando com a coordenadora, ela falou bem assim: rapaz suas atividades estão maravilhosas! É bom, é gratificante ouvir isso de uma coordenadora, aí eu falei: Foi? Foi! Então tá bom, ou seja, eu estou aprendendo cada dia, com o meu trabalho. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	1.

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	COMO ARTICULA APRENDIZADOS DOS CURSOS COM A PRÁTICA. PROCESSO DE TRANSPOSIÇÃO DA TEORIA PARA A PRÁTICA	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P01	(...) Eu busco muito porque eu preciso, eu necessito. E pra eu estar evoluindo eu preciso estar principalmente atualizada. O educador hoje, como eu canso de dizer pras minhas alunas na faculdade, o professor hoje ele é um mediador do conhecimento e sem esse conhecimento ele não consegue mediar nada. Então se você vive nesse momento, nesse tempo todo se atualizando você consegue evoluir na questão do ensino aprendizagem. Então assim, eu busco muito, eu peneiro, na verdade e busco tudo o que é bom no que eu faço e coloco sim em prática. (...) Eu acho que o professor, ele tem que viver constantemente em formação, sabe, ele tem que estar o tempo todo se inovando, se atualizando, porque a gente está num processo de evolução muito rápida, em todos os sentidos e a educação parece que fez assim, ó, deu um estalo e deu uma guinada de 360 graus e hoje se o professor não se encaixar ele não fica num espaço escolar principalmente por conta dessa pandemia. E aí eu, no início, eu estava muito preocupada com essa questão da pandemia e me deixei um pouco de lado, nessas questões de formação. Eu continuei dando a aula online na faculdade, mas eu estava muito apreensiva em o que fazer com os meus alunos pequenos, com os meus dos anos iniciais. E aí eu demorei alguns meses, (...) Aí teve um dia batendo um papo (...) falou comigo, (...) tem alguns cursos da Universidade daqui e eu vou te mandar alguns e aí você	1. Busca constantemente cursos de formação continuada por necessidade de se evoluir. 2. Acredita que o professor é mediador do conhecimento e que este, deve estar constantemente se atualizando, inovando e que se este não se encaixar, não fica em um espaço escolar. 3. Faz uma “peneira” do que é bom e coloca em prática. 4. Entendeu que o mundo a partir de agora seria diferente na educação. 5. Buscou cursos voltados para Novas Tecnologias, Metodologias ativas.

	entra, todo online, e você começa a fazer, e o primeiros que eu fiz, ela me mandou alguns links e eu entrei, tinha uns que eu não agradei muito dos temas e aí quando eu vi lá, Metodologias Ativas, (...) o que você pensar de Metodologias Ativas, de julho, de início de agosto do ano passado pra cá, o que você pensar eu já fiz de Metodologias Ativas, de curso, tudo, do híbrido, da sala invertida, todas essas formas que tem nas Metodologias Ativas eu fui aprofundando. E aí, com isso, eu comecei a entender que o mundo a partir de agora seria diferente na educação, aí eu parti pras Novas Tecnologias, e aí, das Novas Tecnologias eu não sei quantos e quantos que eu fiz e fico o tempo todo fazendo, hoje, por exemplo, eu passei a tarde toda, acabei agora que eu tô fazendo da Universidade do Ceará. (...) são cursos ótimos, todos voltados pra tecnologias da educação, os temas são fantásticos. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	
P02	Eu gosto muito daqueles cursos, onde eles utilizam muito a prática, como exemplo pra gente. A gente tem muito a absorver. Quando é muita teoria, que é aquela coisa massante. E assim, a gente não tem muito como aplicar aquilo em sala de aula. Quando são cursos que nos passam muita prática, eu geralmente, os exemplos que dão lá, eu tento passar pra sala de aula, pra ver o resultado, se vai dar certo, se não vai dar. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	1. Preferência por cursos que utilizam mais exemplos práticos. 2. Considera cursos teóricos maçantes e que não tem muito como aplicar em sala de aula.
P03	Ah... então, eu tento né, aplicar aquilo que eu aprendo nos cursos, as dicas, as ideias que os professores passam e que inclusive a teoria muitas vezes nos diz, né, o que seria o ideal, eu tento “tá” passando em sala de aula pros meus alunos, eu tento tá movimentando a turma com aulas dinâmicas, que é o que a gente sempre ouve, sempre escuta falar, entendeu? Pra poder tá chamando a atenção desses alunos, porque hoje em dia tá difícil. Então eu tento pegar algumas dicas, eu gosto muito dessas formações voltadas mais pra prática, entendeu, a mão na massa, entendeu? Eu tento tá passando isso no meu dia a dia, né, inserindo em minhas aulas, envolvendo os conteúdos. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)	1. Tenta aplicar as dicas e as ideias adquiridas nos cursos e o que a teoria diz ser ideal para os seus alunos em sala de aula. 2. Chamar a atenção dos alunos com aulas dinâmicas. 3. Gosta de formações voltadas para a prática. 4. Tenta inserir no dia a dia, nas aulas, envolvendo os conteúdos.
P04	Então, os cursos que a gente acaba fazendo de formação, eu trago pra sala de aula atividades realmente práticas lúdicas que eu sei que dá para desenvolver com os alunos porque tem coisas que infelizmente não dá a nossa realidade. Não dá para desenvolver todas as sugestões de atividades que dá para desenvolver em sala de aula, a gente acaba desenvolvendo aqui na escola e com a ajuda da coordenação também. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	1. A partir dos cursos de formação, leva pra sala de aula atividades práticas lúdicas. 2. Tem atividades que não dá para adequar à realidade da escola.
P05	Olha, como eu falei pra você, nós estamos em constante transformação de aprendizagem, né? Então, não seria possível eu estar dentro da sala de aula com a formação que eu tinha, no início da minha carreira, então assim, a gente tá sempre	1. Não é possível estar em sala de aula apenas com a formação inicial. 2. O professor deve aprender o tempo todo.

	aprendendo o tempo todo. Eu fiz um curso mesmo, de Psicopedagogia e, assim, sempre tô lendo alguma coisa sobre isso, é... eu vejo que se eu tivesse esse conhecimento que eu tinha, desde o início da minha carreira que eu tenho hoje, como psicopedagoga, eu teria ajudado muito mais crianças. Hoje eu já tenho esse conhecimento, eu leio muito sobre isso, né, e tem toda essa situação, então, esse aí é um dos exemplos. O professor, que ele, estaciona, que ele não tem uma leitura, não vai atrás de novos conhecimentos, ele não tem como ajudar seus alunos, então... é... a nossa prática, ela é baseada nessa situação, de estudo e comprovação, ou seja, a gente estuda e coloca em prática, né, o que nós estudamos pra ver se, realmente, a gente consegue ajudar os nossos alunos. Então assim, a faculdade, ela ajuda muito, esses cursos, nossa, eles são valoriz... né assim, não tem nem como a gente, é... falar sobre eles. Então assim, o tempo todo nós estamos construindo, o tempo todo nós estamos aprendendo e inovando nossa prática, porque o professor de hoje não é igual ao professor de antes. O professor de hoje, ele tem outro olhar, ele respeita o conhecimento prévio do aluno, é... eu digo que hoje e ontem, eu nem me vejo a mesma professora, porque os conhecimentos que você vai adquirindo a cada dia, ele vai transformando a sua prática, então nós vamos colocando ela na nossa prática e vamos tentando, né, ajustar os conhecimentos que a gente adquire pra ajudar os nossos alunos em sala de aula. Então, hoje, assim, cê vê a questão mesmo dos alunos especiais, ele tem um outro atendimento dentro das salas de aula, hoje eu vejo que a gente já tem um conhecimento de um aluno que tem, né, dislexia, outro que tem discalculia, entre outras situações que a gente já tem um conhecimento, a gente estuda pra isso. Então assim, os professores de antes não tinha essa base, e nós, assim, que bom que a gente tem essa oportunidade de ter novos conhecimentos e tá ajudando, hoje também nós vivemos num contexto social diferente, né, as crianças hoje, elas são outras crianças, elas já nascem com um celular na mão. Então assim, as crianças de hoje, elas exigem professores diferentes, professores que buscam mais, então às vezes as pessoas falam assim, ah, mas as crianças aprendiam diferente, realmente aprendiam, porque não tinha o que elas tem hoje, então, hoje a gente tá nessa situação, agora mesmo, né, nessa prática, nessa nova prática da gente, quanto a gente tem que construir, quanto nós estamos tendo que aprender agora nesse momento, né, a questão tecnológica, que é uma coisa nova para o professor, pra mim mesmo tá sendo novo, tô aprendendo, inclusive tô aprendendo com a minha filha, né, tô aprendendo dentro de casa com a minha filha, coisas que realmente eu não sabia e com os meus alunos, né? Então assim, você tá vendo que são aprendizagens que você vai levando o tempo todo pra	3. Após cursar Psicopedagogia continua realizando leituras sobre o tema, pois a auxilia na condução com as crianças. 4. Os conhecimentos adquiridos a cada dia vão transformando a prática. 5. A partir dos conhecimentos adquiridos vão ajustando, tentando, colocando na sua prática, para ajudar o aluno em sala de aula. 6. A criança hoje já nasce com um celular na mão, assim a aprendizagem precisa ser diferente. 7. O educador de hoje é diferente, o tempo todo está construindo.
--	---	--

	sua prática e vai retornando pra você. Hoje, o educador de hoje é um educador diferente, ele não é um educador como antes, o tempo todo ele tá construindo. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	
P06	Bom, em relação aos cursos de Educação do Campo, a gente passa a ter um olhar diferenciado em relação a esses alunos, porque quando você fala em Educação do Campo, tem hora que o conceito não bate com a realidade vivida pelo aluno ou pelos pais dos alunos ou os responsáveis, a questão de acessibilidade, a questão da parte emocional, a questão da parte financeira, tá? Então, assim, a gente começa a ter uma visão diferente, né, a gente aprende práticas que a gente consegue exercer em sala de aula pra facilitar, né, até mesmo o passar, o auxiliar né, o conhecimento pro aluno, tá? Em relação às novas tecnologias eu aprendi nesses cursos que eu fiz recentemente a questão das novas ferramentas de trabalho pras aulas remotas e híbridas, a questão do Zoom, a questão do Meet, do Google sala de aula, ou seja, eu já tô com essas ferramentas, ou seja, eu aprendi no curso e já passei pros meus alunos né, que é uma ferramenta boa de trabalho, eu consigo atender a todo mundo ao mesmo tempo, tem aquelas pessoas que moram nas zonas rurais, né, onde a informática, a internet não chega até lá, mas a gente passa, a gente manda as atividades impressas, tá? Tem um período com esse aluno pra poder a gente atender, pra tirar algumas dúvidas que isso é normal, porque eles vão ter, eles vão ter a dúvida normal, né, porque não tá tendo aquele contato sala de aula x professor x aluno, aluno x professor, tá? Então é dessa forma, a gente aprende, a gente assimila e passa, repassa para o aluno, né pra também usufruir dessas ferramentas ao qual a gente aprendeu. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	1. Olhar diferenciado para os alunos quando o curso é voltado para a Educação do Campo mesmo. 2. Visão diferente, aprendizagem de práticas para exercer em sala de aula. 3. Não consegue atender a todos com as aulas remotas, pois as pessoas que moram nas zonas rurais, nem sempre conseguem acesso a internet e a informática.
P07	Bom. Eu sou muito conversadeira. Então a primeira coisa que eu gosto é de compartilhar com os colegas. Gosto sempre de falar: “ôh! Aprendi isso...” Na semana passada mesmo as meninas estavam falando: “Ôh! Prof, você aprendeu com os alunos especiais. Aí eu falei: “Ôh! Participei de uma live ótima!” Aí eu quero logo compartilhar, então eu busco compartilhar com quem eu sei que tá aberto pra receber algo novo e eu busco também de alguma forma englobar isso aí pra os meus alunos. Porque agora, questão de dias, que eu mudei, que eu saí da sala. Mas até mês passado eu estava na sala. Então agora eu já vou ter que ter outro olhar né. Já que vesti uma nova camisa, vou ter que procurar uma outra metodologia. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	1. Compartilha com os colegas. 2. Busca englobar o conhecimento adquirido para os alunos.
P08	Olha, o curso, eu fiz um curso, o primeiro curso que eu fiz foi o Normal Superior, o Normal Superior não é Pedagogia, até hoje não foi classificado como Pedagogia, um curso muito rico, a grade curricular maravilhosa, professores maravilhosos, eu	1. Aprendendo a cada dia.

	aprendi muito, muito, muito, muito, muito, muito, quando entrei na faculdade eu achei que eu sabia tudo, quando entrei na faculdade eu vi que eu não sabia nada, entrei no curso de pós graduação, eu vi que não sabia nada, tô fazendo meu mestrado e tô vendo que eu não sei nada, e aí? A gente tá a cada dia aprendendo mas, é difícil. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	
--	--	--

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CURSOS MAIS RELEVANTES PARA EXPERIÊNCIA DOCENTE	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P01	(...) quando eu escolho os cursos pra fazer eu já coloco relevância nele, pra começar, sabe? Quando eu falo assim: não, esse aqui eu vou fazer porque ele vai ser relevante e vai ser útil pra mim, na minha vida e aplicabilidade na sala de aula, independente do tema. Eu só escolho o tema que eu vejo que é o que eu quero, eu não faço um curso que, ah, porque esse aqui é bom pros anos iniciais, não é assim, ele tem que ter que ser bom pra mim, pro meu entendimento, pro meu prazer de estudar. Sabe? Então, (...) Metodologias Ativas e Tecnologias da Educação. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	1. Escolhe o curso se for relevante pra sua vida, se vai ser útil pra ela e pela aplicabilidade em sala de aula.
P02	NÃO TEM RESPOSTA	
P03	Primeiro, cursos voltados exatamente pra aquele público alvo que a gente trabalha, né? Eu acho que cursos voltados pra prática envolvendo, sei lá, jogos, envolvendo leitura, escrita, produção textual, uma coisa que às vezes a gente tem muita dificuldade, né? Os alunos também tem muita dificuldade de leitura e de escrita e nós professores também, às vezes a gente quer buscar meios pra poder tá tentando resolver melhor essas questões que às vezes nos acomete. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)	1. Cursos voltados para o público alvo que trabalha. 2. Cursos envolvendo jogos, leitura, escrita, produção textual.
P04	Eu gosto mais de todos os cursos voltados pra Língua Portuguesa, não sei por que é a área que eu atuo, eu acho mais fácil, matemática mesmo eu não sei nada. Só o básico para poder dar aula, mas, Língua Portuguesa a gente sempre vai aprendendo novas didáticas. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	1. Cursos voltados para Língua Portuguesa, pois é a área em que atua.
P05	Olha, o curso que eu, assim, gostei muito e considereei muito relevante para a minha prática foi o Pró-Letramento, foi o curso né, que, é, assim, ajudou a gente muito na	1. Curso muito relevante para a sua prática: o Pró-Letramento ⁴⁷ .

⁴⁷ Programa de formação continuada de professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e matemática nos anos/séries iniciais do ensino fundamental. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/pro-letramento>

	educação, pro professor em sala de aula então, foi um dos cursos que eu fiz assim, né, um dos cursos que me ajudou muito foi o Pró-Letramento. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	
P06	Bom, falando de curso, né, específico, foi o Programa Despertar né, que teve algumas capacitações, então eu achei bem interessante, né, bem relevante à minha atuação profissional, porque como eu disse nestante, tem hora que o conceito de realidade da Educação do Campo não batem, é uma visão, tem hora, totalmente avessa aquilo que seria pra prática. Então o Projeto Despertar ele trabalhou bastante a Questão da relação do Campo, né, Educação Ambiental, Saúde, a Qualidade de Vida, ou seja, ele focou exatamente a clientela que eu atendo, né, que é o povo das zonas rurais, o povo do campo, o povo das fazendas, o povo do sítios, né, então esse curso foi bem relevante. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	1. O Programa Despertar⁴⁸ foi relevante à sua atuação profissional, pois é específico à realidade da Educação do Campo. 2. O programa trabalhou questões da relação do campo, Educação Ambiental, Saúde, qualidade de vida, voltada pra realidade dos alunos com os quais atua.
P07	Não sei dizer assim quais. Eu acho que todo curso que você faz na área da Educação, de alguma forma você vai usar e vai ser relevante. Eu acho que um complementa o outro. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	1. Qualquer curso que faz na área da Educação é relevante.
P08	Quais cursos? Cursos em relação assim... curso de graduação? Olha eu acho que hoje, hoje seria, na atualidade, hoje seria um curso de formação tecnológica é o que tá precisando, porque está sendo muito complicado tudo que vem como ícones, como...as pessoas mandam coisas pelo computador e às vezes você não sabe manobrar, é uma coisa tão simples, às vezes um clic e você resolve tudo, mas você não sabe dar aquele clic, nós precisaríamos de uma formação tecnológica. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	1. Curso de formação tecnológica.

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	MOMENTOS COLETIVOS PARA TROCAS DE EXPERIÊNCIAS, PLANEJAMENTO E ESTUDOS NA ESCOLA	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P01	Sempre teve esses momentos coletivos, a escola em que eu trabalho é uma escola muito pequenininha, então assim, pra gente fazer um momento, por exemplo, coletivo desses, a gente tem que sentar na mesa da cozinha da escola. Sempre a	1. Infraestrutura física da escola é pequena, assim os momentos coletivos tem que ocorrer na mesa da cozinha da escola.

⁴⁸ Programa realizado em parceria entre o SENAR-AR/BA, Sindicatos dos Produtores Rurais e Prefeituras Municipais. com o objetivo de promover a educação voltada para a responsabilidade social, a qual deve alavancar mudança de valores, aliada à postura cidadã e socioambiental. Disponível em <http://www.sistemafae.org.br/senar/programa-despertar/>

	gente consegue, sempre tá desenvolvendo alguma coisa, a gente se reúne, então, a gente pega sempre uns 10, 15 minutinhos, coloca os meninos, estende um pouco o horário do recreio, sabe, porque a gente não tem esse momento coletivo na nossa carga horária, a gente não tem esse momento coletivo. A gente tem que fazer esse momento. Certo? Então a gente coloca uma atividade para as crianças e deixa as auxiliares ou as cuidadoras tomando conta um pouquinho, menina da secretária, mas, assim, é tudo muito rápido, mas a gente consegue, por quê? Porque assim, a gente sempre vai pra discussão de alguma experiência já com os assuntos prepostos, entendeu? Então a gente já tem eles como em mente, já o que que vai ser decidido, é isso, isso e isso. E em relação a planejamentos, aí esse planejamento é individual, porque a gente não tem o tempo pro planejamento coletivo, dentro da carga horária. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	2. Se reúne sempre que consegue, portanto não é uma rotina pré-estabelecida. 3. Quando ocorrem esses momentos, por serem nos horários de aula, colocam atividades para as crianças e deixam uma pessoa olhando, mas é muito rápido. 4. Os planejamentos são individuais com a coordenação, pois não tem tempo pro planejamento coletivo dentro da carga horária.
P02	Sim. Temos momentos sim. Em coletivo é um pouco mais difícil de ocorrer, mas há, entendeu? Geralmente os planejamentos da gente, igual eu tô fazendo o meu aqui, (...), a gente tinha o momento com a Coordenadora, onde ela vinha, sentava com a gente, ia orientando a gente... Quando era marcado uma ou outra reunião, nós sentávamos juntas pra poder discutir uma determinada situação. Mas é a questão de tempo, que não tinha como... “cê” não pode liberar o aluno pra poder sentar todo mundo junto. Na maioria das vezes, quando a gente tinha auxiliar, era assim: “Auxiliar, assume aqui um instantinho”, aí era aquela reunião muito rápida porque a prioridade era estar na sala de aula e uma coisa que eu sempre falava aqui, não é a vontade: “Ah! Tem que liberar, porque a gente tem que fazer isso...” não! Mas esse momento é importante pra que aquele da sala de aula dê certo, então tem que ocorrer de qualquer forma. Eu não acho justo a gente ficar fora do nosso horário de trabalho dentro de escola pra gente resolver esse tipo de coisa. Acho que tem que ser dentro do nosso horário de trabalho... sinceramente eu não acho justo. Ah, mas se convocar, eu vou participar? É claro que eu vou. Mas não vou dizer que eu acho justo, porque eu não acho. Uma vez ou outra, ainda vai, mas fazer todas as vezes reunião fora do horário de trabalho, não. Não acho correto porque só a gente que tem que ceder, sempre? Nessa questão aí eu não acho correto, mas tinha sim esses momentos coletivos, mas era bem raro. Era mais individual... eu fazia meu planejamento, tinha horário do A.C. ali fora, passava todo material, ela olhava, dava visto e tal. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	1. Momentos coletivos são mais difíceis de ocorrer, mas há. 2. Quando era marcada uma ou outra reunião, mas não tinham muito tempo, pois não podem liberar alunos para sentarem juntos. 3. Quando ocorrem esses momentos, auxiliares assumem rapidamente, pois a prioridade era o professor na sala de aula. 4. Acredita que este momento é importante, que tem que ocorrer de qualquer forma, mas não acha justo que esses encontros sejam fora do horário do professor.
P03	Olha, existe. Além da gente se encontrar nos intervalos, aqui na escola, pra gente trocar idéias entre os colegas, também tem o momento do A.C. (Atividades Complementares) com o coordenador e o coordenador sempre procura fazer um	1. Existem esses momentos, mas ocorrem nos intervalos, para uma troca de ideias. 2. O coordenador procura fazer um horário de

	horário que bata, mais ou menos, com os outros colegas, quando eles estão livres, os colegas que trabalham com o mesmo público pra gente poder tá trocando idéias, tal. (Entrevista concedida por P03 em 29/03/2021)	A.C. que bata com outros colegas, quando eles estão livres, os que trabalham com o mesmo público.
P04	Olha, antes da pandemia a gente tinha um momento da coordenação, momento individual de cada professor e depois uma vez na semana sempre nos finais da tarde a gente juntava os grupos pra gente trocar as informações e as atividades para passar essa troca. Agora na pandemia a gente faz as reuniões online e a coordenação vai mandando sugestões de atividades e a gente também vai trocando entre as colegas. (Entrevista concedida por P04 em 29/03/2021)	1. Antes da pandemia faziam um momento individual com o coordenador e uma vez na semana sempre nos finais da tarde a gente juntava os grupos pra gente trocar as informações e as atividades. Na pandemia ocorrem reuniões online.
P05	Olha, já existiu esses momentos, né, hoje, geralmente assim, quando tem uma reunião que são expostas algumas situações, mas a questão pedagógica mesmo, hoje, é muito difícil, principalmente agora, né, agora a gente nem pode mais falar sobre isso, só tudo online, tudo online, mas assim, quando as aulas estavam normais, é, existe agora uma cobrança muito grande que não pode se perder tempo, não pode né, então assim, pra você reunir todos os professores daquele segmento, é meio complicado, porque o dia de A.C. de um é um horário, o dia de A.C. do outro, então assim, as reuniões são mais com as coordenadoras, mais com os coordenadores, então a gente tá sempre trocando isso, é, às vezes, quando o professor, você sabe que ele sempre tá falando de aluno, então quando ele encontra na hora do recreio, ou quando ele se encontra em outro momento, ele tá sempre perguntando, como tá meu aluno e tal, em tal matéria e tal. Mas assim, se perdeu muito isso, nós tínhamos em outras gestões, né, em outras situações, antes, mas de um tempo pra cá o pessoal fala que se perde, lembra que antes nós tínhamos aquele horário na sexta-feira, depois do recreio que podíamos sentar, os professores poderiam trocar essas experiências, aí depois com toda essa cobrança que não pode, não pode e aí se perdeu, então hoje os professores eles conversam com os coordenadores, os coordenadores geralmente tá passando a situação dos outros colegas para o outro professor que está no seu horário de A.C. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	1. Já existiu, mas quando são expostas algumas situações, mas a questão pedagógica é muito difícil. Principalmente agora que é tudo online. 2. As reuniões ocorrem com a coordenação pedagógica, no dia do horário de A.C. individualmente. 3. Informalmente os professores sempre estão trocando informações, no intervalo na hora do recreio, quando encontram-se em algum outro momento.
P06	NÃO RESPONDEU	
P07	Existe. Existe, não com a frequência que deveria. Tanto que depois da conversa com a gestora, ela quer que isso mude. Que trabalhe mais. Que foi pouco, então agora, a conversa é que aconteça mais vezes. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	1. Existe, mas não com a frequência que deveria.
P08	Sim, com essa nova regra agora está difícil, está mais difícil, mas, mesmo assim a gente quebra às vezes a regra, porque nós precisamos desse momento coletivo pelo menos uma vez na semana ou uma vez de 15 em 15 dias, todos os professores se	1. É difícil ocorrer com a “nova regra” – não pode liberar alunos, mas quando quebram a regra, às vezes, acontece.

	reúnem aqui na escola pra trocar informações, aí tem que ficar com distanciamento 1,50m/2,00m, mas é muito bom, é enriquecedor. A gente faz o nosso trabalho da melhor forma possível, mas se a gente não tiver esse contato frente a frente a gente num aprende não. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	
--	--	--

ANÁLISE DOS CONTEÚDOS TRATADOS NAS ENTREVISTAS

PARTE III – DESAFIOS E DILEMAS ENFRENTADOS NO CONTEXTO DE PROCESSOS DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NO ÂMBITO DE SEU DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	ENTENDIMENTO SOBRE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P01	(...) inovação pedagógica, é você buscar, (...) estar se capacitando, (...) saber o que é que você precisa, tem mais dificuldade, buscar as capacitações, (...) hoje a internet (...) tá surreal, a disponibilidade que tem de ter um melhor do que o outro, e você aprende muito, (...) hoje o professor, ele só não se inova pedagogicamente, se ele não quiser, sabe! Porque não existe mais desculpa, essa coisa de, ah... porque, um exemplo né... ah, porque a Secretaria de Educação não disponibiliza formação, não disponibiliza uma capacitação pra gente, nada! Ahh... tem que cruzar os braços e esperar por Secretaria de Educação? Não! A gente tem que buscar entre a gente, por que que não pode-se pagar o valor por um curso, porque que não pode pagar, por que que não pode sentar na frente de um computador e fazer um curso (...), por que que não pode fazer isso? Não, tem que esperar pela Secretaria de Educação e a gente sabe que aqui em Porto Seguro essa realidade, ela é muito comum, os professores costumam cruzar os braços, então eles não entendem a importância dessa inovação pedagógica e eu considero a inovação pedagógica é, assim, extremamente importante, (...) porque quando você aplica alguma coisa, você aplica aquilo e você ver o resultado, você fala, poxa vida, eu aprendi isso no curso tal que eu fiz, ou na palestra de fulano de tal que eu ouvi e eu tô conseguindo aplicar e eu tô vendo o resultado! Olha que coisa boa! O que é que eu posso dar de exemplos para considerar essa inovação, é isso, o exemplo que eu posso dar é esse, é que você tem que ir buscar, não tem como. Pra ser um bom professor, (...) é você ver o resultado que você passou para o seu aluno, entende? É você, (...) ver ali, aquele aluno que chegou ali e que não sabia ler, hoje já lê pequenos textos, e você conseguiu construir isso pra esse aluno, (...) Ah, porque eu aprendi lá no Magistério há 30 anos atrás, que é isso? Há 30 anos atrás era muito	1. Inovação pedagógica é buscar, é estar se capacitando, saber o que precisa, o que tem mais dificuldade. 2. Com a necessidade de trabalhar com aulas remotas após a pandemia, alguns tiveram que sair do comodismo e estão tendo que se aperfeiçoar, estudar, para trabalhar com tecnologias.

	diferente. E por que que eu não posso tá aprendendo isso agora com esses processos inovadores que estão aí “bombando”, cada um mais fantástico do que o outro. E esse curso que eu tô fazendo, (...) eles falam muito dessas Inovações. A cada tema dele é sobre inovação de alguma forma, é abordado inovação de alguma forma, então, o professor, ele só não se move, (...) se ele não quiser. Não existe mais, eu não consigo ouvir da boca de um professor que ele não tem inovação. Lá na escola, assim, a gente tem um grupo de professores de longas datas né, que já tem muitos anos de município e com um certo comodismo, né? Não é porque eles não queiram, mas se acomodaram, (...) E aí, quando eu chego, eu fico falando, olha gente, eu fiz o curso tal, mando muita coisa no grupo e mostro. Às vezes tem muita palestra, tem uma vídeoaula, uma coisa, eu mando o link, gente, “assistem”, não sei se assistem, mas eu mando o link e faço a minha parte de compartilhar, sabe? (...) mas eu vejo que algumas estão começando a tomar decisão, porque estão sentindo a necessidade. Porque enquanto estavam acomodadas na sala de aula, sentadinha, bonitinha, “senta menino”, “levanta menino”, “faz isso menino”, tava ótimo, agora, que tá precisando “se virar nos 30”... porque agora ou você é professor, ou não sei o que você faz da vida, mas você tem que ensinar. Então agora que estão se virando nos 30, “tão” buscando muitas coisas. Sabe? Ficam me perguntando, (...) você sabe um curso que fala sobre isso (...)? (...) Isso é importante, isso é bom! Porque agora “tão” mesmo sentindo a necessidade. E eu acho que isso é um dos exemplos de inovação. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	
P02	(...) inovação pedagógica é você não estar parado somente naquilo, aquilo que é rotineiro. É você sempre buscar o novo, e trazer pra dentro da sala de aula. Vou utilizar como exemplo o (...). Quando, por exemplo, eu me deparei com ele, né, que eu não sabia nem pra onde andar, com um monte de pergunta... Eu perguntava: existe algum método, um caminho a seguir, existe um material específico pra poder trabalhar? São coisas que a gente, na verdade, quando entra logo de cara, não tem resposta pra essas coisas, não tem. Aí quando a gente procura, tô precisando disso, o que eu faço com isso aqui? Ah! É professor! É. Só que não tinha experiência, por exemplo, nenhuma em relação aquilo ali. (...) (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	1. Inovação pedagógica é você não estar parado somente naquilo, aquilo que é rotineiro. É você sempre buscar o novo, e trazer pra dentro da sala de aula. Vou.
P03	(...) Inovar é você buscar, buscar alternativas, buscar melhorar a sua aplicação em sala de aula, seu ensino, buscando alternativas novas, diferentes que chamam atenção dos alunos. Hoje a gente vive na era digital, aqui na escola, por exemplo, acho que hoje as escolas públicas, né, acho não, tenho certeza, muitas não tem acesso à internet, muitas não tem um dispositivo móvel, pra poder tá acessando e é o mundo deles. E hoje em dia se a gente não buscar alternativas pra tá chamando	1. Inovar é você buscar, buscar alternativas, buscar melhorar a sua aplicação em sala de aula, seu ensino, buscando alternativas novas, diferentes que chamam atenção dos alunos.

	essa atenção deles, fica mais difícil. Então, o meu fazer pedagógico, o meu dia a dia em sala de aula, eu busco muito trabalhar com músicas, músicas inclusive, que eles gostam, eu trago pra sala de aula, gosto de trabalhar com teatro, gosto de trabalhar com jogos, eu tento dinamizar um pouco minhas aulas, trabalhar em grupo. (Entrevista concedida por P03 em 27/03/2021)	
P04	Olha, esse momento, as pessoas hoje falam muito em aulas híbridas. Só que essas aulas híbridas já existiam. Então acho que é um pouco de dificuldade que as pessoas acham que aulas híbridas é apenas aquele momento que você tá em casa. Este não é esse o conceito né? Então acho que, esse tema ainda acho que deveria ser estudado e explorado por nós professores que temos pouco conhecimento do assunto. (Entrevista concedida por P04 em 27/03/2021)	1. Aulas híbridas (um tipo de inovação) 2. Esse tema ainda acho que deveria ser estudado e explorado por nós professores que temos pouco conhecimento do assunto.
P05	O que nós estamos vivendo agora, o que nós estamos fazendo agora é inovação pedagógica, a questão da tecnologia, e eu acredito que ela veio pra ficar, né? Nós professores, é um desafios, é uma coisa nova, né, pra todos nós, porque pra maioria o telefone era proibido, hoje o telefone é uma ferramenta de trabalho, então é uma inovação pedagógica, e com certeza veio pra ficar. Então, hoje, nós educadores já temos que olhar a questão da tecnologia como uma inovação pedagógica, do fazer diferente. Pra mim mesmo, tá sendo um desafio, estou encarando esse desafio, né, porque antes a gente nem tinha muito tempo de ficar com celular, hoje a gente passa com celular o dia todo, quando dá no final do dia a gente não quer mais ver celular porque é o tempo todo recebendo aluno, é, questões de alunos, é pais, é coordenador, é diretor, então, é uma situação diferente, mas uma situação que veio pra ficar, é algo novo, diferente, mas é algo que está dentro da educação hoje não tem como fugir mais. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	1. O que nós estamos vivendo agora, o que nós estamos fazendo agora é inovação pedagógica, a questão da tecnologia.
P06	Bom, isso são experiências de aprendizagens que os professores, eles, preparam né, para desenvolver as suas competências, as suas habilidades, é..., cada componente curricular com alunos né, então é nessa visão que eu tenho dessas práticas, dessas inovações pedagógicas. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	
P07	Eu acho que na medida em que o profissional, ele tá se capacitando, ele tá buscando algo para poder fazer a diferença ali, eu acho que você já tá... já é inovação. Se você não se acomoda, você não fica naquilo que aprendeu. Eu acho que o profissional tem que se aperfeiçoar, tem que buscar. Então se você tá buscando, se você tá com frequência buscando outros caminhos, outras alternativas... é uma inovação pedagógica. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	1. Entende que inovação é quando o professor está se capacitando, buscando algo para poder fazer a diferença. É quando busca frequentemente outros caminhos, outras alternativas.
P08	Inovação Pedagógica? Em relação a hoje? É uma pergunta muito ampla, sobre Inovação Pedagógica porque fala em inovar né? O sistema de ensino, o que que deve, você pergunta assim: o que deve inovar? Acho que muita coisa, mas	

	primeiro, antes de inovar eles tem que estruturar, eles têm que fazer muita coisa, porque pra inovar eles tem que fazer a estruturação da escola, o Estado, o governo, o Município eles não querem fazer essa inovação, porque fica muito caro. Eu não sei te informar direito sobre essa inovação pedagógica. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	
UNIDADES DE SIGNIFICADO	TRAJETÓRIA DOCENTE E CONSTRUÇÃO DE UMA ATUAÇÃO INOVATIVA E TRANSFORMATIVA NA PRÁTICA. DESCRIÇÃO DESSA ATUAÇÃO	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P01	Ah, sim, várias! Eu construí várias situações pedagógicas inovadoras, o tempo que eu tenho, por exemplo, de coordenação pedagógica, eu construí muitas coisas inovadoras, eu consegui mostrar pra muitos colegas um outro olhar pedagógico, um outro fazer pedagógico, sabe? Até enquanto professora, que eu tenho que ficar me policiando, porque eu tenho muito essa coisa de resolver, de ir pra frente, despachar logo, ensinar, entendeu? Eu tenho muito isso, tem hora que eu tenho até que ficar me policiando porque às vezes eu penso que eu tô ajudando e eu tô atrapalhando, então assim, eu já construí muito, eu já ensinei muito, eu continuo com essa atuação inovadora muito forte (...). (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	1. Diz que construiu várias situações pedagógicas inovadoras.
P02	Utilizando isso aí como exemplo, foi uma questão de inovação sim, porque era algo que não tinha, uma bagagem que eu ainda não tinha naquele momento, e acrescentou. Foi algo bom, que só veio acrescentar. Não só ele, como muitos outros aqui dentro da sala de aula. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	
P03	Ah, eu tenho certeza! Eu tenho certeza que eu tenho colaborado muito pra aquisição de conhecimentos dos alunos, pra que eles melhorem cada vez mais, pra eles se tornarem cidadãos críticos, né? Fazendo a própria leitura de si, do mundo em que ele vive, do meio em que ele está inserido. Eu acho que eu tenho colaborado pra isso, né? Pra além dos conteúdos (...). (Entrevista concedida por P03 em 27/03/2021)	1. Acredita que tem colaborado para a aquisição de conhecimentos.
P04	Eu vou te falar agora na pandemia é tudo muito novo, né? Principalmente pra nós professores de fundamental I, que trabalhamos com crianças, então passamos a usar essas novas tecnologias, para usar essas novas tecnologias, sem internet, computador fica um pouco mais difícil, mas a gente vai ao aluno que não consegue fazer aula online e a gente vinha buscar essas atividades na escola, a gente sempre está empenhado para poder estar dando um pouco de conhecimento e antes a dificuldade mesmo era a participação dos pais na vida escolar dos filhos. Mais que isso, a gente, a coordenação sempre estava chamando os pais, a gente estava já caminhando para esse progresso mas ainda eram poucos que a família se importava	

	mesmo. (Entrevista concedida por P04 em 27/03/2021)	
P05	Sim, eu acredito que sim, porque antes a gente não trabalhava como hoje, né, hoje a gente já..., hoje não, antes, né, porque agora nós temos a questão da pandemia, nós não utilizávamos tanto o lúdico na sala de aula, depois de um tempo pra cá nós começamos utilizar, então assim, o conhecimento prévio do aluno, ele faz a diferença no fazer do professor, então assim, são coisas diferentes que nós estamos colocando dentro da educação e a gente acredita que o nosso fazer mudou. Eu mesmo acredito que o nosso fazer pedagógico mudou, e mudou pra melhor, eu acredito que vai mudar né, porque é uma construção a cada dia e estamos aí, o tempo todo, é, se mobilizando, né, em busca de novos conhecimentos, que ajude os nossos alunos avançarem eu acredito que sim, tudo isso vai acontecer pra melhorar, né. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	1. Acredita que o fazer pedagógico mudou.
P06	Eu creio que nesse meu percurso de sala, nesse meu percurso de cursos, né, de capacitações, eu aprendi vários mecanismos, né, de atuação em sala de aula, pra quebrar aquele vínculo né, é... quatro paredes, é, o professor e o aluno, então, assim, eu tento, assim, preparar as minhas aulas bem atrativas, por quê? Todo mundo sabe que é chato, é cansativo a pessoa ficar sentado lá 4h, 3h e meia, vendo o professor falar, né, então, assim, eu sei que é desconfortável, então as tecnologias lá fora, fora da sala de aula, tem hora que é muito mais atrativa do que a própria metodologia de alguns professores dentro de sala de aula, então assim, o professor tem que ser bastante dinâmico mesmo, pra prender a atenção do aluno. Uma das práticas que eu fiz, foi pegar os alunos do “ginásio”, é..., 6º, 7º, 8º e 9º e um Projeto de Leitura que foi feito na escola, então foi o que nós fizemos? Nós pegamos esses adolescentes, esse povo do “ginásio” né, do Fundamental II e pegamos pra que eles pegassem os livros de literatura infantil e que lessem para as criancinhas, e aí nós ensinamos algumas técnicas, né, é... deles tá..., quando for fazer a leitura né, sentar no chão pra ficar da mesma altura da criança, né... o contar de uma forma bem lúdica, né..., fazendo gestos com as mãos pra prender a atenção do aluno, ou seja, foi um projeto bastante interessante, pena que não vingou muito né, porque assim, como eu não trabalhava no “ginásio”, eu pedi aos professores de Língua Portuguesa que me auxiliasse nessa prática, ou seja, que liberasse o aluno X minutos, que fizesse a leitura pra esse povo da educação infantil, do 1º, 2º, 3º, 4º, até do 5º ano, porque assim, e os meninos, eles gostavam, tá? Como se sentissem assim, como se já fossem grandes, já tava no “ginásio” também, porque o “ginásio” tava indo pra sala deles, o “ginásio” tava indo lá pra poder conversar com eles, porque aquela separação Fundamental I, Fundamental II, não, nós quebramos o paradigma, botamos todo mundo na mesma roda, então assim, essa prática que eu desenvolvi	1. Acredita que com o seu percurso formativo aprendeu vários mecanismos de atuação em sala de aula. 2. Prepara as aulas bem atrativas. 3. Descreve uma atividade feita com os alunos.

	na escola eu achei bastante interessante, tá? E motiva as crianças a pegar o gosto pela leitura, que foi a melhor parte, e houve cobranças depois: Professor não vai ter não a leitura pra gente? Então assim, foi bastante interessante. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	
P07	Eu acredito. Quando passa o tempo assim, que você às vezes vê alguns depoimentos. Às vezes você faz algo que pra você naquele momento é tão pequeno. Mas depois, no decorrer do tempo, aquele aluno te encontra, e às vezes já são pessoas... são homens, pais de família e aí acaba dando depoimento de algo que você falou, que você não deu tanta importância, então diante disso aí você percebe que você fez algo que mudou. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	
P08	Não é eu me considerar né? É uma necessidade, o professor tem que ser inovador, tem que ser pesquisador, se a gente não for pesquisador o nosso trabalho não vai fluir. Hoje todo dia aparece coisa diferente, antigamente o aluno não podia levar um celular pra sala porque era problemático, hoje é uma necessidade de um celular, acho que quando vier a nova, o novo estudo presencial vai ser uma necessidade na sala a tecnologia, se o professor não acompanhar o ritmo dos alunos porque eles aprendem muito rápido e se a gente não acompanhar o ritmo dos alunos você vai ficar pra trás ou seja você vai fazer uma pergunta, você vai delimitar uma resposta, quando você for falar a resposta ele já está com a resposta na mão, porque é automático, se a gente não acompanhar? Nós temos que inovar, temos que estudar, termos que pesquisar e sermos transformadores né? (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	

UNIDADES DE SIGNIFICADO	MAIORES DESAFIOS ENFRENTADOS PARA ATUAR DE MANEIRA INOVADORA NA PRÁTICA DOCENTE	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P01	Os maiores desafios que eu tive, (...) há muito tempo na minha vida, muitos anos da minha vida pedagógica, foi a questão financeira, porque se eu tivesse uma situação financeira melhor, eu acho que eu estaria ainda num patamar maior, (...) eu estaria num nível maior, de formação mesmo. Na minha vida profissional, enquanto professora, enquanto o tempo que eu “tô” na escola, várias escolas, vários segmentos que eu já passei na minha vida, o maior desafios mesmo, o maior dilema que eu já enfrentei foi a situação financeira, em buscar algo a mais e não conseguir. (...) na minha vida, eu posso dizer, que o tempo em que eu atuei na Secretaria de Educação, como técnica pedagógica, eu posso te dizer que aí sim foram dilemas,	1. Questão financeira.

	porque eu não conseguia, eu saí frustrada porque eu entrei com muitos sonhos e eu saí sem realizar nenhum, nenhum. Rodei, rodei, rodei, rodei parava no mesmo lugar. Rodava, rodava, rodava e parava no mesmo lugar, então, assim, sabe! Pra mim foi o maior dilema da minha vida, foi uma frustração que eu tive. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	
P02	(...) foram os maiores desafios que eu achei. Aí quando eu via aquela criança entrar todos os dias e sair da sala de aula como se não rendesse nada... era como se o aluno não existisse dentro da sala de aula, porque às vezes, ela não queria isso, ela não queria aquilo, eu ficava me perguntando, vale a pena? A criança entra, a criança sai... preencheu a presença ali, ela volta pra casa sem nada, sem ter absorvido nada, aí quando eu comecei a conviver com esse tipo de situação, aquilo pra mim era, realmente, um desafio. Eu falei: não, eu não aceito isso. Eu não aceitava isso. Aí, tanto é, que um ou outro falava: (...) mas... é questão da família, é questão disso, questão daquilo... realmente, contribui muito, mas eu em si, não conseguia voltar pra casa com aquela situação de uma criança entrar e sair da sala de aula, sem ter conseguido absorver nada, não ter conseguido aprender nada. Aí pra mim, os maiores desafios foram essas questões aí. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	1. O maior desafio é uma criança entrar e sair da aula sem absorver nada, não ter conseguido aprender nada.
P03	Pra mim, o pior, às vezes, é falta de recursos. (...) desde quando eu iniciei e muito antes de eu iniciar e lecionar também, a gente sempre passou por isso, né? É falta de recursos, uma coisa que a gente vem sempre batendo. As escolas precisam de muito material de apoio pra trabalhar com alunos e falta muito. Às vezes também me deparo com a falta de interesse de alguns alunos e isso deixa a gente, né? Meio que... Assim... Será que eu “tô” fazendo o trabalho certo, será que eu “tô” no caminho certo, será que eu não “tô”? Por que que eu consigo chamar a atenção de alguns e não consigo chamar a atenção de todos? Mas aí a gente... acho que às vezes a gente precisa reavaliar né, às vezes o que é válido pra um, não é válido pro outro e... (Entrevista concedida por P03 em 27/03/2021)	1. Falta de recursos materiais. 2. Falta de interesse dos alunos, fazendo-o questionar se está no caminho certo, se consegue chamar a atenção de todos.
P04	Olha, fora da sala de aula, fora da sala de aula o tempo que permaneci gestora foi mais difícil porque a gente quer ver as coisas corretas, perfeitas então eu abdiquei um pouco da minha vida familiar e vivenciei muito o meu profissional. Você precisava está na escola cedo cobrando da limpeza, cobrando da merenda, atendendo os pais ao máximo, então eu desempenhei muito essa função, fora da sala de aula e na sala de aula é mesmo aquela inquietação de que o aluno seja alfabetizado. Então buscava sempre atividades diferentes, diferentes para aquele aluno que não conseguia progredir. (Entrevista concedida por P04 em 27/03/2021)	

P05	Olha, tudo que é novo assusta, né. Eu me lembro na alfabetização, quando eu “tava” dando aula na alfabetização que eu estava acostumada a alfabetizar com letra cursiva, então foi um momento muito difícil quando eu comecei a fazer os cursos e veio a bastão, então no primeiros momentos eu fiquei muito resistente quanto a isso, mas depois eu fui trabalhando né, e vendo que realmente estava funcionando e aí a importância do buscar, a importância dos cursos, a importância do estudo, a importância da formação continuada, por que? Porque eu era uma professora, na época eu alfabetizava, né, e eu “tava” tão acostumada com aquela questão daquela letra cursiva, que eu fiquei com medo quando entrou a letra bastão e eu fui experimentar e realmente foi uma coisa que funcionou, hoje a minha visão é totalmente diferente, então, assim, a gente vê o que o conhecimento, né, os estudos, a capacitação, a questão de você ir se melhorando, se qualificando, como você vai se melhorando como profissional e ajudando o seu aluno. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	1. Dificuldade com o novo, com as mudanças na prática.
P06	Bem, outra pergunta bem interessante você fez. Os desafios são grandes. Tem hora que a gente, que começa até pelo corpo docente da escola, tá? Infelizmente tem alguns colegas que ainda querem trabalhar ainda da forma tradicional, tá? E aí, tem hora que, digamos assim, que atrapalha o desempenho de outro colega e começam algumas críticas em relação a isso. Um exemplo básico, que eu vou citar agora, dessas ferramentas para as aulas remotas, tem professores que não se adequou a realidade, ou seja, tem professores que não quiseram aprender a manusear essa ferramenta, tá? Então assim, atividade ainda impressa: Ah, então eu vou preparar aqui a atividade impressa, vou mandar pro aluno, o aluno faz, vai mandar pra mim, eu corrijo. Ou seja, esse é um dos grandes desafios, é o povo não querer se adequar às novas realidades. E quando o colega incentive, embora eu tô com um 5º ano de Língua Portuguesa e mais outras disciplinas, eu criei, junto com os meninos, o google meet, fizemos, né, cadastrei todo mundo, ensinei como é que usava a ferramenta, como é que fazia pra participar do outro lado e falei assim: olha, eu não atuo sozinho, um exemplo, no 5º ano, né? Eu tenho mais 2 colegas que trabalham comigo. Eu falei, gente ó, os meninos lá do 5º ano já sabem trabalhar com o meet, já sabem trabalhar com o Zoom, vocês podem trabalhar também, vocês vão baixar o aplicativo no de vocês e vocês podem atender também os meninos também, pelo Zoom, pelo Meet, mas houve uma barreira em relação a isso ainda, né? Não sei se daqui mais pra frente, daqui mais uns dias, ou alguns meses, vamos ver se a gente consegue quebrar essas barreiras, mas desafios há, e muitos! (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	1. Professores não se adequarem a realidade atual.

P07	Acho que tem. Não tem como... todo professor, ele passa por desafios, né? Constante... seja diretamente com aluno, seja com a família. Muitas vezes até com a escola.... você tem um ponto de vista, a escola tem outro. E aí a gente tem que procurar alternativas pra poder, né... (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	
P08	(...) Às vezes dificuldades pra conseguir materiais de trabalho. Esse foi o problema maior, foi a oportunidade de conseguir os materiais, às vezes...o professor não recebe tão bem, e você vai ter que fazer, isso, isso, você vai ter que montar...e aí? Como vou comprar um notebook? Como vou comprar uma impressora boa? Como vou fazer isso, não tenho condições, aí você sente a dificuldade e fica aquela angustia, você vai ter que procurar novos meios, vai ter que ir a uma lan house, você tem que fazer isso, aquilo, essa sim é uma grande dificuldade, mas se tivesse um ponto onde nossos governantes fizessem isso para os professores, seria maravilhoso, seria um problema sanado na educação. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	1. Falta de materiais de trabalho. 2. Salário baixo.
UNIDADES DE SIGNIFICADO	MUDANÇAS NA ESTRUTURA CURRICULAR E NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, A PARTIR DO PERCURSO FORMATIVO	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P01	Essa mudança, eu busco ela constantemente na sala de aula, sempre que, tendo meu planejamento, eu faço e refaço. (...) eu vejo que as mudanças, elas são necessárias a todo momento, por isso que o planejamento, ele é flexível, porque essa mudança, ela tem que acontecer constantemente, no dia a dia do professor. (...) o ano de 2019 eu trabalhava com o conteúdo de Ciências e eu trabalhava com 2º e 3º ano, de Ciências, e aí eu ficava, gente, poxa, o livro dá muita ideia, experiências, aquela coisa toda, sabe? Mas o que que eu faço pra eu ser diferente, pra fazer uma aula mais atrativa, pra eu mudar isso aí? E aí eu mudava minha aula toda, (...) teve um dia que eu fiz cinema, mas você sabe como foi o cinema? Eu preparei eles no refeitório, nós fizemos a experiência, eu montei uma estrutura cenográfica, eu gravei tudo, eu editei um vídeo, passei no data show pra toda a escola assistir, eles se viram nessa construção de conhecimento, sabe? Assim, foi bastante inovador. (...) tinha a experiência do livro lá, do feijão, a famosa experiência do feijão, falei gente, eu não vou fazer a experiência do feijão, eu vou fazer a do boneco, aí pedi as vasilhinhas, montei o boneco com eles, cada um, aí eu fui inventando tanta coisa pra esse boneco, que no final da história, eu construí uma história pro boneco, o boneco tinha nome, eles caracterizaram o boneco como eles quiseram, eles vestiram roupinha, fizeram roupinha de papel pro boneco, cabelo do jeito que eles queriam e aí a sementinha foi crescendo e foi ficando cabeludinho, quando “tavam” bem cabeludinhos eu deixei eles levarem pra casa. (...) o que tinha de mãe me dizendo	1. Relato de experiência em sala de aula.

	que eles queriam colocar o boneco fulano de tal, que cada um tinha um nome pra dormir na cama, nao “tava” escrito! Você tá entendendo? E o dia que teve um que o boneco morreu? Os “cabelo” morreu. E esse menino, tia, vamos fazer outro boneco, vamos fazer outro boneco, isso é o q, eu fiz uma forma que marcasse, e isso pra mim é inovar, Kátia, é buscar, é aplicar. E isso aí, eu planejei? Eu sentei no meu planejamento e falei assim o boneco vai..., eu planejei fazer o boneco, mas como que ia acontecer isso aí? Era só na prática pra eu ver e colocar isso pra andar e outra coisa, essa história desse boneco durou, viu? Eu gastei uns 3 meses com a história desse boneco. Eu recebia vídeo no whatsapp do boneco em casa, o boneco na mesa, tô aqui almoçando, o aluno aqui almoçando e o boneco aqui ó, do lado dele, a planta. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	
P02	Sim. Ao passar do tempo, cada dia que passa, a gente vai acrescentando mais na nossa carreira, no nosso modo de pensar e de agir. Porque, uma eu, por exemplo... existe uma diferença de quando eu entrei, para o dia de hoje. Eu lembro até de uma frase que eu escutei e essa frase não saiu da minha cabeça, quando eu iniciei, assim... tinha uma determinada situação, com uma determinada colega de trabalho, e aí, estavam querendo substituir essa colega de trabalho... eu iria entrar no lugar. Eu tinha vontade de fazer o melhor, mas eu não tinha experiência “praquilo”. Aí eu escutei, né? Na época eu ainda fiquei chateada com essa situação, mas depois eu entendi que na verdade não foi uma crítica, foi um elogio. Tipo assim: os alunos não estão melhores porque não sabe. Não é falta de querer, mas porque não sabe ainda. E realmente eu não sabia e deixei claro aquilo. Então eu fui aprendendo muito. Tiveram colegas aqui na escola que ajudaram muito. Eu não tinha vergonha de chamar e perguntar: olha, isso aqui, como é que faz? Eu não sabia era nada. Nada mesmo. Apesar de eu ter feito o curso, como eu te disse, eu não escolhi, na verdade eu fui forçada a entrar, aí entrei. E aí, a cada dia que passa a gente vai aprendendo mais. Os colegas vão contribuindo, a escola em si ajuda muito. (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	1.
P03	Mudanças sempre tem, né, acredito que sim, né, a gente tá sempre buscando mudar, né, porque a educação não é a mesma de ontem, o que é hoje não vai ser o mesmo de amanhã, e a gente tem que tá... tá correndo atrás, se especializando, buscando melhorar nossa prática em sala de aula, eu acredito que melhorei muito, eu acredito que... é... Eu sempre tive né, mas cada vez mais eu procuro ter um olhar dentro da sala de aula mais afetivo, chegar perto do aluno, entendeu? Conhecer um pouco da história do aluno, da família, do meio em que ele vive, porque tudo isso interfere né, inclusive na, principalmente na aprendizagem do aluno, então eu procure me aproximar deles, é..., trabalhar de forma democrática também, que é uma coisa que	1. Mudanças tem que haver. 2. Vem se especializando, buscando melhorar a prática em sala de aula. 3. Procura ter um olhar mais afetivo, chegar perto do aluno, conhecer a sua história, o meio em que vive, a família. 4. Respeito à cultura dos alunos, classe econômica, questão racial. 5. Trabalha de forma mais afetiva e

	a gente vem aprendendo que a gente precisa respeitar, né, todas as culturas, a classe econômica, a questão racial também. Eu acho que eu tenho melhorado a cada dia, acho que eu busco isso. Trabalhar de forma mais afetiva, trabalhar de forma mais democrática em sala de aula, respeitando as diferenças de cada um, procurando chegar mais próximo de cada um, ajudando aquele aluno que não conseguiu acompanhar tanto quanto outro aluno. (Entrevista concedida por P03 em 27/03/2021)	democrática em sala de aula, respeitando as diferenças. 6. Houve mudança em como tratar o currículo, acrescentando temas necessários de serem trabalhados atualmente.
P04	Quando eu iniciei o magistério, a gente tinha (...) aquela ideia das aulas bem tradicionais, o professor transmitia o conhecimento e o aluno recebia. Com o tempo a gente foi vendo que a gente também aprende com os alunos e isso, para mim, foi bastante gratificante. E tinha até vocábulos que eu desconhecia, teve um aluno mesmo que falou: “Professora posso fazer nessa linha de riba?” Eu falei: meu Deus o que é linha de riba? Falei: o quê? “Não, professora, nessa linha de riba”. E me mostrou. Foi aí que eu falei: Ah tá, na primeira linha, na linha de cima, pode sim. Então essa troca é gratificante, porque a gente também conhece o outro lado do aluno, até a que ponto o aluno, a vida social dele, até onde vai, até para que a gente, o professor, possa falar com mais clareza com o aluno para que ele entenda. (Entrevista concedida por P04 em 27/03/2021)	1. Iniciou a carreira no magistério trabalhando com o paradigma da instrução, o professor transmite conhecimentos e alunos recebem. 2. Aprendeu com o tempo que o professor aprende com o aluno.
P05	Nossa! Sim! Muitas mudanças, muitas mudanças positivas inclusive nas dificuldades de aprendizagem dos alunos, entendeu? Porque hoje a gente já tem uma professora que ela ajuda, ela é psicopedagoga, como eu também tenho essa formação, nessa pós graduação que eu fiz e eu achei muito relevante na minha prática. Hoje o meu olhar é outro, o olhar dos nossos colegas é outro, quando, nas reuniões, né, quando expõe alguma situação, no conselho de classe, que o menino não aprende, que o menino tem a mente atrasada, então, hoje nós temos conhecimento pra está colocando pros nossos colegas que não, o menino não aprende porque ele tem uma dificuldade de aprendizagem, hoje, graças a Deus, nós temos três psicopedagogos na escola, então, assim, o discurso hoje é diferente, porque há uma intervenção, né, dessas pessoas, quando há uma reunião de professores que apresenta as dificuldades dos alunos, eu vejo assim, muita diferença, né, a questão lúdica, foi uma questão que, é, eu tive a oportunidade, quando eu estava na coordenação, de fazer um projeto em relação a jogos, a indisciplina com os alunos, então assim, envolveu a escola toda. Então assim, eu vejo muito essa questão do estudo, a questão dos cursos, essa questão das pós, da formação, mudou muito e eu vejo isso muito assim, além do que era antes da nossa realidade, os colegas que não tiveram oportunidade de fazer esses cursos, mas quem teve já fala, já passa pro colega, então já tem aquela troca, então assim, foi	1. Mudanças na prática, tem outra perspectiva após fazer um curso de especialização em psicopedagogia e ter feito muitas leituras de lá pra cá. 2. A especialização unida à experiência a ajudou a perceber e observar melhor as dificuldades que os alunos tinham de aprendizagem. 3. Percebeu a importância do lúdico. 4. Os estudos, os cursos e as especializações foram importantes na trajetória formativa e na mudança em sala de aula.

	muito gratificante pra nós e uma troca muito boa, nossa escola hoje, eu acredito que a mentalidade dos nossos colegas é totalmente diferente de antes. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	
P06	Essa pergunta que você fez, ou seja, eu praticamente me antecipei à resposta né. Mas é dessa forma que acabei de contar, é bem complicado, a gente consegue é, melhor dizendo, a gente tenta mudar algumas realidades, algumas práticas né, dentro da medida do possível, dos recursos oferecidos também pela Secretaria de Educação, pelos recursos oferecidos pela própria escola né, mas é... as barreiras são grandes né. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	1. Mudança de prática dentro do possível, do recursos oferecidos também pela SME, pela própria escola.
P07	Sim, aconteceu. Principalmente assim... na área principal, né, alfabetização... A primeira vez que eu fui trabalhar na alfabetização, não tinha assim... conhecimento teórico nenhum, então realmente... depois que terminou o ano, eu falei: “Não, eu tenho que mudar. Alguma coisa eu preciso fazer aqui diferente, porque eu vi que não fiz um trabalho que foi legal.” Aí fui buscar fazer as capacitações e aí eu pedi a gestora na época, pra poder me dar uma oportunidade, até porque foi uma coisa que eu estava me devendo. Que eu me culpei muito na época, não sei porquê. Talvez porque também na época eu era muito nova, eu ainda... assim... antigamente você dava aula antes de se formar, né? Eu não tinha o magistério. Porque antigamente tinha isso, né... você dava aula, mesmo não tendo formado. Então aí depois, eu falei não... tanto é que hoje, a minha paixão é a alfabetização, por eu ter ficado com aquela culpa... eu busquei à fundo e eu fiquei muitos anos sendo alfabetizadora. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	1. Mudanças em como alfabetizar, através de estudos da temática.
P08	Com certeza, está mudando a todo momento, todo momento tá mudando a prática de ensino, hoje mesmo tá aí o exemplo de hoje, hoje trabalhar com uma sala cheia de aluno, hoje você não pode nem olhar pra o aluno, o aluno tá lá, você tá aqui, você tem que alcançar um aluno que você nem tá vendo, aí ele manda mensagem pra você, você manda mensagem pra ele, você conversa, ele manda fotos das atividades, você tem que corrigir online, você tem que mandar a resposta, você tem que ver a correção da atividade, é tudo diferente, é tudo diferente. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	
UNIDADES DE SIGNIFICADO	IMPORTANTES INVESTIMENTOS PARA UMA ATUAÇÃO TRANSFORMATIVA E INOVADORA	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P01	(...) Eu acho que deveria vir um incentivo, (...) tipo assim, é... você vai receber uma bolsa de X, no valor de X por mês, aí você faz o curso que você quer, (...) eu vou te dar, mas você vai ter que prestar conta dele, (...) você vai ter o incentivo de	1. Bolsa (incentivo) para o curso que o professor desejar fazer.

	tanto, (...) mas ao final de tanto que você comprovar, por exemplo, eu vou fazer uma pós-graduação, essa pós-graduação vai me durar 15 meses, então durante esses 15 meses, eu vou receber uma bolsa de 500 reais, ao final desses 15 meses, eu preciso mostrar, comprovar, ou seja, prestar conta daquilo que eu recebi, prestar com o meu certificado da pós-graduação que eu recebi. Então, eu acho que deve existir uma política pública, mas uma política pública com troca, eu te dou mas eu quero alguma coisa em troca também, porque só dar o dinheiro, (...) você sabe que a necessidade do ser humano faz com que ele faça mil coisas, menos o curso de formação. Então, eu acho que esses investimentos, tem que partir de políticas públicas. (Entrevista concedida por P01 em 27/03/2021)	
P02	(...) A gente fala da estrutura física da escola, por exemplo, (...) Era barro, eu passava por uma situação aqui que eu precisava fechar essa janela pra conseguir dar aula. Não tem uma quadra de esportes por aqui. A Educação Física é feita aí. Atrapalha. Tinha momentos que eu tava na sala de aula, dando aula, aí os meninos: “êh.. não sei o que, não sei o que”. Aí eu chegava na porta com o professor de Educação Física, aí ele percebia, ele pedia, mas como é que pede uma criança na aula de Educação Física, pra ele ficar quieto? Não tem como. Aí eu tinha que parar a aula e esperar. Então, investir no prédio, na estrutura da escola, em cursos também, é de fundamental importância, cursos com mais prática, menos teoria. Porque é muito massante você sair daqui, a gente deixa de trabalhar num determinado dia, vai pra lá, você senta, você escuta, entendeu? Aquela coisa que é cansativo... e você volta pra escola: “Ah! Mas você ‘tava’ no curso”, mas aí você volta pra escola e... entendeu? Não tem as coisas pra poder você pegar e desenvolver com seus alunos ali dentro da sala de aula. Então que os cursos fossem mais prática e menos teoria. Além do mais, a gente cansa de falar assim... a escola aqui, a impressão que dá é que ela não tá no mapa das escolas de Porto Seguro. Sinceramente, eu vejo isso. Eu sempre canso de falar isso aqui. Porque quando a gente recebe determinada coisa, já passou pelas outras escolas, e a daqui sempre fica no último... entendeu? Lá embaixo. Aí quando a escola consegue... igual, por anos a gente naquela batalha com a Provinha Brasil, não é que a gente queira ser bajulado, mas na questão da valorização é importante. É muito bom você receber um elogio, você pensar: Nossa! Me saí bem e tal... Igual... foi muito triste essa última situação da Secretaria, por exemplo, de premiar uma única escola com o resultado da Provinha Brasil. Nós ficamos em segundo lugar e, por anos, a nossa escola conseguiu essa média, entendeu? Teve anos que a gente ficou em primeiro, entendeu? E nunca se ouviu um “a”. É só crítica, é só crítica... A gente não escuta	1. Investir na estrutura física da escola e em cursos com mais práticas e menos teorias.

	algo positivo. O que deixa qualquer profissional pra baixo (...). (Entrevista concedida por P02 em 29/03/2021)	
P03	Investimento pra mim, quanto pra o aluno, seria, eu acredito, que é investir na cultura digital, eu acho que é muito importante, entendeu? A gente vive agora na era da informação e a gente tá muito atrasado quanto a isso. A gente recebeu aqui na escola alguns computadores há alguns anos e esses computadores nunca foram utilizados, a sala de informática fica aqui do lado, aqui em frente, fizeram tudo, vieram, montaram, ficou tudo bonitinho pra usar, os alunos nunca tiveram a oportunidade de sequer tocar nos computadores. E aí, depois de tanto tempo tentando quebrar uma senha que tinha aí, não sei o que, vai na Secretaria de Educação não resolve, vai não sei aonde não resolve, chamou alguns técnicos que trabalhava, acho que no IFBA, não conseguiram resolver, enfim, os computadores ficaram parados, alguns computadores estragaram, os que ficaram que restaram levaram pra Secretaria, pra sala da coordenação e tudo mais e os alunos nem viram a cor disso, não puderam utilizar, e eu acho que eles precisam e a gente também. Então, o nosso fazer pedagógico, aqui na escola, nós professores também precisamos de investimento nessa parte aí também. Eu acho que é o melhor, o principal no momento seria esse, mas dentre outros, né, falta tanta coisa, esse é algo importante. (Entrevista concedida por P03 em 27/03/2021)	1. Investimento na cultura digital, em computadores, tanto para alunos quanto para professores.
P04	Olha, eu acho que foi um sucess... primordial porque cada dia é uma ferramenta nova cada dia um assunto novo, eu acho que isso nós professores deveríamos estar mais em constante busca de cursos de aperfeiçoamento para melhor rendimento no nosso trabalho profissional. (Entrevista concedida por P04 em 27/03/2021)	1. Investimento em cursos para o aperfeiçoamento do trabalho profissional.
P05	Olha, nós educadores já temos muitos cursos, né, mas o que eu vejo hoje, a necessidade hoje principal, é a questão da ferramenta internet, né, da gente se apropriar, que agora tá acontecendo, né, nós estamos tendo que nos apropriar nesse momento, e a questão também dos alunos, né, porque tanto professor como aluno, formas dele trabalhar, de pesquisa, o computador na escola, essas questões tecnológicas, que a gente, infelizmente ainda está longe de acontecer, né, é..., um computador para o professor pesquisar no seu horário, que funcione realmente, porque as vezes você chega lá, tá numa situação, tem outra, e também pros alunos fazerem as pesquisas né, porque às vezes tem uma sala, mas aquela sala não funciona, então assim, a área de informática hoje, eu acredito, que ainda o que falta tanto na vida do professor, quanto na vida do educando. Então assim, esse é o investimento que falta, né, para que o professor avance em suas pesquisas, ele avance no seu conhecimento. E agora, eu vejo assim, que esse é o momento, de oportunizar o professor a fazer isso, de repente ter horários pra esse professor estar	1. A necessidade principal atualmente é investir em internet, computadores na escola, investimento em tecnologia. 2. Investir em cursos práticos e não teóricos em relação à tecnologia.

	se capacitando nessa área, não palestras e tal, mas é o fazer mesmo, é o colocar em prática essa questão da, né, da questão online, dessas questões intelectuais assim, voltadas pra internet. Essa necessidade da gente tá comunicando com o aluno nessa esfera, porque é isso que nós estamos precisando hoje, porque o mais a gente busca né, os outros cursos também nos oportunizou muita coisa, muito conhecimento, mas essa área hoje que nós estamos, os educadores, eu vejo também na minha vida, é a questão mesmo tecnológica. (Entrevista concedida por P05 em 29/03/2021)	
P06	Bom, boa parte desse investimento, a prefeitura, ela já vem fazendo, né, que são alguns cursos, as capacitações, né? Assim, falta melhorar, que sempre existe o melhorar né, a forma do passar, a forma do receber essas informações, tá, então assim, investir no material humano mesmo, investir no professor, nas práticas das novas metodologias, ou seja, tem professores aí que tá se “virando nos 30”, né? Tem professor trabalhando com notebook, tem professor trabalhando com celular, ou seja, a escola em que eu atuo mesmo, a internet quem paga são os professores, ou seja, a prefeitura deveria auxiliar com esse recurso para que a gente pudesse melhor atender os alunos, mas infelizmente não é, a internet da Escola (...), são os professores que pagam, ou seja, mais uma forma de incentivo ao professor. “Olha, vamos botar uma internet de qualidade, que ele possa atender o aluno”. “Olha, bora oferecer os cursos de capacitações de acordo a realidade do povo, ou seja, (a prefeitura já tá fazendo), ou seja, tá direcionando, o povo da zona urbana, o povo da zona rural, o povo da zona do campo, ou seja, mas nada que não possa melhorar. Investimento no material humano é essencial. Investir no professor, você não tem gastos, você investir no professor, você tem perspectivas de futuro e gigantesca. (Entrevista concedida por P06 em 30/03/2021)	1. Melhorar a forma do passar e receber informações a partir dos cursos de formação continuada. 2. Investir em material humano, no professor, nas práticas das novas metodologias. 3. Os cursos deverão atender a essa nova realidade. 4. Investir em equipamento como notebooks para os professores, internet na escola.
P07	Acho que investimento nele próprio, na capacitação... hoje não tem como... o profissional que tá nessa área, ele tem que se capacitar, tem que acompanhar esse avanço aí. E essa Pandemia veio justamente pra isso, pra gente fazer algumas reflexões e mudanças, que a gente sabe que foi até bom por um lado, porque eu percebi que eu, outros, estávamos, assim, acomodados. E aí serviu esse ano pra gente dar uma balançada e ver que tem coisas que têm que ser mudadas. (Entrevista concedida por P07 em 30/03/2021)	1. Investimento em cursos de formação para o professor. 2. A pandemia serviu para ver que as coisas têm que ser mudadas.
P08	(...) O problema que o dinheiro/aluno, relação quantidade/valor muito baixo, quando vem pra escola, uma escola do nosso porte vem R\$ 600,00 (seiscentos reais), R\$ 700,00(setecentos reais), R\$ 800,00 (oitocentos reais) por ano. Isso dá pra quê? Pra fazer o quê? Vai comprar papel e comprar caneta? E aí o restante do investimento onde fica? Tá muito baixo, a educação, eu acho, que tá muito desvalorizado. É tanto que nesse momento, eu acho que o principal público alvo de	

	ser vacinado contra Covid seriam os professores, os profissionais da educação, não só os professores, todos os profissionais, nós estamos ainda no terceiro, quarto, quinto plano. Tá difícil, tá difícil, porque o professor não tem peito de aço, professor, ele trabalha, trabalha e trabalha, tá difícil. (Entrevista concedida por P08 em 30/03/2021)	
--	--	--

APÊNDICE J – Grelhas de análise de conteúdo dos grupos focais – Área urbana – Roteiros I e II



**ANÁLISE DE CONTEÚDO GRUPOS FOCALIS
ÁREA URBANA**

ROTEIRO I – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO, ALUNO E PROFESSOR COMO ESSA RELAÇÃO CONSTRÓI A PROFISSÃO DOCENTE	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P01	Bom, pelo que eu entendi, que eu pude perceber na pergunta, que é saber muito essa relação de aluno e o professor no seu cotidiano escolar e a relação de professor e aluno hoje, ele, por mais que a gente fale que tá difícil, né, que a criação hoje em dia dessas crianças hoje, é muito diferente do que a gente tem visto, né, anos atrás, mas é muito difícil essa relação, sabe! Eu acho que essa relação hoje, ela precisa ter mais um, a presença da família mesmo, na questão da educação, porque não tem muito esse respeito com o professor, a gente não vê isso muito lá na escola, sabe, mas isso é muito normal, a gente sabe, eu já passei por outras escolas, eu já tenho muitos anos de profissão e já vi muito isso. Mas eu também acredito muito que isso é, mesmo que não é tendência mudar, mas eu acho que agora com essa pandemia, com essa relação de família, as suas atividades, tudo, eu acho que isso vai tá nos ajudando, ajudando a ter uma relação melhor com essas crianças, com esses alunos na escola quando tiver o retorno.	4. A criação das crianças hoje em dia é muito diferente de anos atrás. 5. Essa relação precisa ter a presença da família. 6. É natural o não respeito ao professor em várias escolas no que concerne à família. 7. Com a pandemia a tendência é mudar a relação da família com as crianças.
P04	O conhecimento dos próprios alunos, eu vejo assim, acho que tem que haver o respeito, tanto com o aluno, tanto com a família, como a escola, pra que juntos possam cooperar para a busca do conhecimento do aluno, esse é o meu ponto de vista, pra o aluno ter um meio assim de tá interagindo, tendo uma troca de conhecimentos, o aluno conhece? Conhece, mas vai buscar o conhecimento como? O professor também aprende muito com o aluno.	2. Tem que haver o respeito tanto com o aluno, quanto com a família e a escola, de modo que possam cooperar para a busca do conhecimento do aluno. 3. Interação aluno x professor para uma troca de conhecimentos. 4. O professor aprende com o aluno.

P09	Concordo plenamente!	
------------	----------------------	--

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	INSTRUMENTOS, CONTEXTOS E CONHECIMENTOS TRAZIDOS DAS VIVÊNCIAS PESSOAIS PARA A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P01	Esses instrumentos, esse contexto aí todo, que me trouxe enquanto educadora, ele foi construído sim, ao longo de todos os anos, mas eu preciso mencionar que essa construção minha, ela se deu através de muitas formações, de muitos estudos. Hoje eu posso ver claramente como eu cresci profissionalmente ao longo desses anos todos, mas eu cresci não somente pela experiência do chão da sala de aula, mas com muito estudo, mas são estudos que eu busquei, então, o educador, ele precisa buscar, ele precisa ter a iniciativa de buscar porque senão, esses contextos, esses conhecimentos, eles nunca vão ser suficientes para a sala de aula, por quê? Hoje as crianças, os alunos, eles estão muito avançados, eles trazem uma vivência de mundo muito grande, eles têm uma vivência de mundo, assim, que a gente às vezes depara e fala, meu Deus do céu, eu nunca vi isso no meu tempo de escola, eu nunca vi isso no meu tempo de professora e hoje eu tô deparando com isso, então é por isso que o professor tem que viver sim, se ele quer ser um bom professor, se ele quer continuar fazendo um bom trabalho, ele tem que tá o tempo todo buscando esses instrumentos, né, esses conhecimentos, assim é só através mesmo de estudos, de formação, de pesquisas.	4. A construção de sua profissionalidade foi através de muita formação, de estudos e experiência ao longo dos anos. 5. O educador precisa ter a iniciativa de buscar o conhecimento, pois nunca serão suficientes para a sala de aula, já que os alunos trazem uma vivência de mundo muito grande. 6. Se o professor quiser ser um bom professor, se ele quiser continuar fazendo um bom trabalho, ele tem que estar o tempo todo buscando esses instrumentos, esses conhecimentos, e é só através de estudos, de formação, de pesquisas.
P12	O meu percurso de vivência, eu construí através de meu conhecimento de sala de aula e pesquisa. A partir do momento que o professor se torna um pesquisador, ele vai em busca de algo, ele só tem que viver, cursos de capacitações, isso melhora muito e ajuda, então assim, a partir do momento que o professor começa a pesquisar e começa a buscar, ele se torna um ótimo profissional, ele aprende com o aluno dele, mas também a vivência dele com o aluno faz com que ele se torne um pesquisador. A partir do momento que ele começa a pesquisar, ele começa a melhorar. Foi a partir daí que eu senti a mudança em minha vida, a minha vivência profissional partiu de cursos de capacitações, de pesquisas, porque a gente não pode parar, estacionar, esperar que algo venha até a gente, temos que ir em busca de algo melhor, eu acredito nisso, né. Até hoje mesmo, em minha sala, a dificuldade com os meus alunos eu vou em busca, eu não espero que venha, conversar com minha coordenadora, minha diretora, eu não espero que	2. O percurso formativo foi construído através de conhecimento de sala de aula (experiência) e pesquisa. 3. A necessidade do momento faz com que o professor se torne um pesquisador.

	venha, eu vou em busca, né? Aí você vai melhorando a sua vivência profissional, você vai aprendendo com o seu aluno, a necessidade do momento faz com que você torne-se um pesquisador e eu acho que o professor tem que se tornar um pesquisador, esse é o meu ponto de vista.	
--	---	--

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	FORMA COMO O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE IMPULSIONA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P01	Eu acho que o desenvolvimento profissional do docente, ele só se impulsiona se ele buscar realmente inovações, né, como a gente falou na pergunta anterior, com informações, com estudos, com pesquisas, pra poder dar essa impulsionada, porque, realmente, a gente, a educação ela evolui, tudo na vida evolui, a educação evolui também e agora ela deu uma guinada, né, nessa evolução aí, na função com a, da pandemia, olha aí a guinada que ela deu, hein? A gente nunca imaginaria que poderíamos viver tempos assim. E aí a gente tá buscando o quê? Tá buscando através de estudos, pesquisas, um com o outro, né, um colega com o outro, está aprendendo e buscando fazer o melhor. E isso é desenvolvimento profissional, porque isso, mesmo que volte né, a gente não sabe como vai ser essa volta mesmo que volte um pouco o que era, esse tempo que nós estamos aqui buscando esse diferencial nessas aulas remotas, isso vai ficar marcado pra nossa vida inteira, não tem como ser diferente e graças a Deus que é um, mesmo diante do cenário, mas é um ponto positivo porque a gente buscou uma outra vertente de aprendizagem que a gente nem sabia, nem imaginava que poderíamos, né, ensinar o aluno dessa maneira, que a gente sempre tinha uma visão de sala de aula e nunca imaginávamos que também poderíamos ter outras ferramentas pra levar o conhecimento, né?	5. O desenvolvimento profissional docente é impulsionado se buscar por inovações, com estudos, com pesquisas. 6. Mesmo diante do cenário pandêmico, houve pontos positivos, dentre eles a busca por outra vertente de aprendizagem. 7. Não se imaginava ensinar de outra maneira, nem com outras ferramentas para se chegar ao conhecimento, a não ser dentro da própria sala de aula.
P12	Eu acredito que essa ferramenta veio pra ficar, né! O professor vai ter que estudar, vai ter que buscar, porque veio pra ficar.	4. Acredita-se que esta nova ferramenta (ensino remoto ou híbrido) veio pra ficar. Para isso, o professor vai precisar estudar, buscar.
P01	Exatamente! A gente pode até voltar pra sala de aula de uma maneira ou de outra, mas essa ferramenta da internet, esse contato aqui virtual que a gente tá tendo com o aluno, eu acho que esse aí veio pra ficar, com certeza!	6. Pode-se até voltar para sala de aula, mas a ferramenta (aulas pela internet), veio pra ficar.
P09	Se o professor não buscar realmente o novo, ele vai ficar parado no tempo, né?	2. Professor deve buscar o novo para não ficar parado no tempo

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	EXISTE FOMENTO, ESTÍMULO PARA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NO MUNICÍPIO? COMO AVALIAM O INVESTIMENTO FEITO PELO MUNICÍPIO?	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P12	Eu acho que apesar do momento, dessa nova renovação, o Município, ele tem investido muito pouco, mais pelo administrativo da escola, a desejar para os professores, para os alunos, aí fica faltando algo muito mais, porque veio a mudança de repente, ninguém tava esperando, mas assim voando, então ficou a desejar. O professor, ele quer inovar, o professor, ele quer participar, ele quer coisas novas, mas tá vindo muito devagar.	1. Apesar do momento, da renovação, o Município investiu muito pouco. 2. Investe-se mais no administrativo que no professor e no aluno. 3. O professor quer inovar, quer participar, quer coisas novas, mas tá vindo muito devagar.
P01	Completando a fala da colega aí, assim, eu nem sei dizer pra você, como avaliar esse investimento no Município. Está tendo investimento no Município? Pra mim, quase nada, tá? Até agora foi dado um curso aí do Google Classroom, do, ali do Gmail, tal, algo, é..., eu acho que pra nossa realidade dos Anos Iniciais e de Educação Infantil, fora, totalmente fora porque uma criança dos Anos Iniciais ficar em sala de Google Classroom é bastante complicado, isso aí é mais, eu, eu acho que isso aí é mais uma ferramenta pros alunos maiores, assim mesmo, não sei até que ponto, mas, então assim. E eles não são inteiramente culpados, a gente entende, que mudou de gestão, né, que a gestão anterior deveria ter feito algo porque passou o ano inteiro, mas sempre alegando aquela expectativa de que tá voltando, que tá voltando, que tá voltando e nunca que voltou, passou o ano todo e aí chega uma nova gestão, começando tudo novamente do zero, como a gente já conhece essa história, né, dentro de Porto Seguro, enfim, trocou de gestão, aquilo que tava andando volta pro zero, certo? E tão tentando aí levantar tudo novamente, só que acontece que a gente não tem tempo pra ficar aí esperando muito, eu acho que deveria dar uma intensificada nisso aí, contratar empresa, sei lá, fazer algo, pra que nos prepare melhor, prepare os professores do Município de uma forma mais adequada, porque o tempo tá passando, o tempo tá passando e nada. Aí cada um se vira como pode, como quer, ou vai procura um, pede ajuda a um, pede ajuda a outro, vai tentando, vai tentando. Tudo bem, concordo também que pode ser assim, só que eles precisam entrar com mais intensidade nessa história aí, porque são muitos alunos envolvidos nessa história. E será que essa dinâmica toda, cada escola tá buscando a sua melhor forma possível, está de fato atingindo todos os alunos? Tá tendo 100% de acessibilidade desses, desses alunos? Não sabemos, porque tá uma coisa muito assim, muito abstrata, muito no	1. Não há quase investimentos pelo Município. 2. O ano de 2020, com a pandemia não houve ensino remoto. 3. A Secretaria de Educação poderia arcar com a contratação de uma empresa, criar uma plataforma, criar formações. 4. Não está sendo estimulada, o estímulo vem dela mesma, não pelo poder público.

	espaço, a gente imagina uma coisa, aí quando começa já é outra coisa, deveria ter um alinhamento de trabalho, sabe, eu acho que deveria ter uma intensificada, o Município, ele ficou aí mais de 1 ano sem pegar merenda, sem pegar essas compras, posso falar, porque que essa parte aí não faz um investimento, eu sei que não pode, eu entendo todas essas questões jurídicas do que pode e do que não pode com a verba do Município, mas existe sim, uma forma e eles sabem, quem tá dentro da Secretaria de Educação sabe, quem está liderando isso sabe que existe alguma forma que pode ser investido pelo menos com a contratação de uma empresa, criar uma plataforma, criar formações, entendeu? Então, eu não estou sendo estimulada, eu estou sendo estimulada por mim mesma, não pelo poder público.	
P12	Eu penso assim, nós como profissionais, nós buscamos a melhoria, só que infelizmente, em contrapartida, nós não temos esse retorno. Então o mínimo que a gente tá fazendo, o que a gente tá fazendo é o mínimo pra gente dar pro aluno, mas infelizmente, como a colega falou aí, esse incentivo, esse investimento, a gente não tem. Por exemplo, a gente tá aqui na escola montando atividades, montando pasta, liga prum pai, liga pro outro, infelizmente a nossa clientela não tem recurso suficiente e acaba tendo mais ainda esse distanciamento mesmo da escola privada pra escola pública, e a escola pública e a exclusão. Mais uma vez eu me sinto mais excluída, a diferença social nesse momento ficou mais visível. Então isso, assim, deixa muito mais angustiada, porque por mais que você busque a melhoria, mas infelizmente a contrapartida a gente não tem, o investimento do nosso Município. Também os nossos alunos, por mais que eles queiram participar, eles não têm internet, não tem uma internet pública.	1. Não há contrapartida nem retorno do Município. 2. Os professores estão fazendo o mínimo para dar ao aluno. 3. Não tem incentivo, nem investimento. 4. Os alunos não possuem recursos suficientes e acabam sendo mais excluídos e acentuando as diferenças sociais, se comparadas com as escolas privadas. 5. Os alunos não tem internet.

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	SENTIMENTO DE OBRIGAÇÃO OU COBRANÇA PARA SEREM INOVADORES POR INPOSIÇÃO DA SOCIEDADE OU POR ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS.	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P01	Eu nunca me senti obrigada a ser inovadora, porque realmente eu sempre busquei estudar muito. Olha, anteriormente eu nunca me senti assim, nunca me senti forçada a entrar em modismos da educação, já vivenciei vários, o construtivismo mesmo foi um, teve uma época da febre da Montessori né, do método da Maria Montessori, também vivi muito, lá em Minas foi uma febre, lá todas as escolas trabalhavam, então assim, eu vivi muito algumas fases aí de modismo, mas assim, eu sempre me adequava muito bem por conta de ser isso aí, de buscar sempre e conhecer, pra mim tudo novo eu quero, é desafio pra mim. Agora, hoje eu posso	1. Nunca se sentiu obrigada para ser inovadora, sempre buscou estudar por ela mesma. 2. Nunca se sentiu forçada a entrar em modismos da educação, apenas se adequava bem ao novo, por buscar sempre conhecer. 3. A cobrança atualmente está muito séria na questão do uso das tecnologias com os alunos.

	dizer que a cobrança hoje tá sendo assim, muito séria, sabe, eu não falo talvez nem só por mim porque eu não tenho muita dificuldade na questão de tá lidando com as tecnologias com os alunos, mas eu tenho muitas angústias e muitos anseios disso aí. E a cobrança está grande em cima da gente e a contrapartida é qual? Pra mim, nenhuma, não sei se pras colegas, mas não está tendo, nenhuma contrapartida e nós estamos sendo cobrados sim, pressionados sim, pelos governantes, isso aí, isso tá muito claro pra todos aqui, eu acho.	4. A cobrança é em cima do professor, mas sem contrapartida. 5. Estão sendo pressionados pelos governantes.
P12	Essa é a nossa realidade agora.	

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CURSOS DE FORMAÇÃO NA TEMÁTICA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E INSTITUIÇÃO FORMADORA	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P01	Essa inovação agora, atual ou da vida profissional? Eu já participei de vários, eu não sei nem agora, assim de cabeça te dizer, o nome dessas instituições.	
P12	Eu não tenho lembrança. Eu participei particular, fora, a minha eu paguei particular, não tive apoio de ninguém daqui da Secretaria, ninguém, foi particular, essas atuais, né.	
P01	Eu fiz algumas particulares, fiz também pelo governo federal, pelo MEC, pelo site do MEC, teve alguns lá bem bacana, e fiz também, estou fazendo né, acho que tem alguns colegas aqui que estão fazendo também que é pela Universidade do Ceará, um curso muito bacana que está acontecendo e finaliza em maio, mas fora isso eu fiz muitos particulares, paguei vários também e fiz muitos gratuitos também na internet.	1. Curso de Tecnologias da Educação pela Universidade do Ceará.
P03	Mas também tivemos uma formação, se não me engano que a Secretaria de Educação, acho que foi até, acho que em 2019 ou 2018, eu não lembro, a formadora acho que era Érica, se não me engano, até bem bacana também, tivemos vários encontros bem legais, bem produtivos, tivemos inclusive alguns Mestres lá trabalhando com a gente também. Tivemos uma aula bem bacana que eu me recordo inclusive, até de Matemática, muita dinâmica, muita forma de trabalhar com os meninos em Matemática e foi uma aula prática, mão na massa, muito bacana. Nisso, nós tivemos outros cursos também que foram de complementação pedagógica, que foi uma pós-graduação e outros cursos que a gente fez aí, mas aí particular.	2. Cursos oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação.



ANÁLISE DE CONTEÚDO GRUPOS FOCAIS ÁREA URBANA

ROTEIRO II – DESAFIOS E DILEMAS ENFRENTADOS POR PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	COMO SE PREPARAR PARA AGIR E DECIDIR SABIAMENTE AO LIDAR COM DIFERENTES DILEMAS EM SALA DE AULA OU NA PROFISSÃO?	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P12	Acho que isso aí, tem que ter um planejamento, preparado pela nossa escola, porque ela fica praticamente assim, situada assim e aí tem que ter apoio das autoridades, porque sozinho, o profissional, ele não vai conseguir, nós temos vários bairros em Porto Seguro, aqui mesmo, então precisa se criar um grupo de apoio, direcionar junto com a direção da escola. Precisa de um planejamento e nesse planejamento, temos que ter Conselho Tutelar, policiamento, mandar algum psicólogo, temos que formar um grupo, uma equipe que possa nos ajudar, porque sozinho a escola não funciona, eu sei disso porque eu já passei aqui trabalhando na escola na vice-direção e é um sufoco pra gente, tem que tá sempre chamando o Conselho Tutelar, fazendo reuniões, indo pra Secretaria Municipal de Educação, e aí, a nossa segurança aqui era através de equipe, de grupo.	1. Tem que haver planejamento preparado pela escola.
P01	É difícil te responder assim, dilemas, isso é uma coisa que não dá pra preparar, eu acho que isso vai acontecendo porque cada realidade é uma, cada caso é um, então assim, eu não consigo me imaginar eu me preparando pra lidar com algum tipo de problema assim. A experiência vai ajudar muito, talvez eu já passei por algo parecido, então agora eu vou saber lidar com isso melhor, mas assim, eu acho que as coisas têm avançado tanto, a gente tem visto coisas assim tão absurdas que a gente não consegue imaginar, prever alguma coisa assim, sabe? E preparar pra quando aquilo acontecer, o que a gente pode é ficar catando mesmo, sabe? Daquela aprendizagem que foi assim, daquela experiência que foi assim, dá pra ser feito isso, mas você se preparar pra algo, eu acho bastante, assim, abstrato, entendeu? Muito sem, eu não consigo me preparar pra algo que eu nem sei o que é que vai acontecer, entendeu? Mas é claro que a experiência com o tempo, a vivência vai ajudar muita gente tentar resolver ou sair do problema, isso é fato! Com certeza! Não	1. Uma coisa que não dá pra preparar, pois vai acontecendo porque cada realidade é uma, cada caso é um. 2. Não consegue se imaginar se preparando para se lidar com algum tipo de problema. 3. A experiência pode ajudar muito, por já ter passado por alguma situação parecida e saber lidar melhor. 4. A experiência, a vivência ajuda a tentar resolver ou sair do problema. 5.

	só dentro de sala de aula, mas na vida da gente, né.	
P12	A gente nunca tá preparado, naquele momento vem surgir algo, espontâneo né, porque às vezes as coisas acontecem no dia a dia.	2. O professor nunca está preparado.

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	DESAFIOS ENFRENTADOS DIARIAMENTE NA PRÁTICA EM SALA DE AULA	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P03	Ai, acho que muitos desafios né, a gente tem, por exemplo, às vezes excesso de alunos nas turmas, a gente tem, às vezes, defasagem de aprendizado né, ambientes muito violentos, a gente vive em áreas, né, onde as crianças são muito vulneráveis, aqui, por exemplo, onde a gente tá né, nós temos muitos alunos que vivem em áreas de risco, então a gente se depara muito, a gente, vê falta de apoio, às vezes, pedagógico, falta de apoio dos pais, são vários desafios e vários dilemas que a gente vive no dia a dia, que a gente precisa tá totalmente, acho que, se preparando, buscando cada vez mais, até mesmo no campo do direito, pra gente saber se posicionar e saber cobrar, até mesmo de que, porque a gente às vezes, age ainda na verticalidade né, a gente tem algumas pessoas que estão acima de nós, né, alguns órgãos também, que a gente também pode tá cobrando de repente, acionando pra também nos ajudar, né, porque às vezes se falam muito por conta, é..., a carga fica muito em cima do professor, a gente precisa também distribuir essas responsabilidades também, né? E por isso a gente precisa se preparar no campo mesmo do Direito, saber quais são os nossos deveres, mas também quais são os nossos direitos e correr atrás deles. Acredito que é por aí.	1. Excesso de alunos nas turmas; defasagem de aprendizado; ambientes muito violentos; professores trabalham em áreas muito vulneráveis; falta de apoio pedagógico; falta de apoio dos pais. 2. A carga fica muito em cima do professor. 3. As responsabilidades precisam ser distribuídas.
P12	É muito cobrado, o professor.	
UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	MAIORES DIFICULDADES ENFRENTADAS POR TENTAREM FAZER COM QUE A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA SE TORNE REALIDADE	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P01	Eu não vejo, assim, muito..., é..., dificuldade não, quando eu quero colocar algo em prática eu não vejo dificuldade não, porque eu sempre me desenrolei, eu sempre busco, precisa comprar alguma coisa, eu nunca tive esse problema, eu vou, eu compro, eu particularmente, não vejo assim, muita dificuldade pra desenvolver alguma inovação em sala de aula não. Sei reconhecer, poxa, eu fiz isso aqui ó, não foi	1. Quando quer colocar algo em prática não vê dificuldade. 2. Não vê dificuldade pra desenvolver alguma inovação em sala de aula. 3. Sabe reconhecer quando não faz alguma

	muito legal, não deu muito certo, eu vou tentar de outra forma, vou fazer outra coisa, porque isso aqui não foi bom, entendeu? Sei reconhecer também, poxa isso aqui foi joia, bacana, vou fazer isso aqui mais vezes porque o resultado foi positivo. Então, eu, na sala de aula eu não vejo por isso, porque eu não espero por ninguém não.	coisa legal e tenta melhorar ou que algo dá certo em sala de aula. 4. Não espera por ninguém.
P09	Concordo plenamente, quem quer tem que ir atrás, vai em busca.	
P01	As dificuldades, elas sempre existem, sabe, dentro da escola, através da Secretaria de Educação, essas dificuldade sempre encontram, mas eu acho que se o professor fizer dentro da medida do possível dele, eu acho que dá pra acontecer as coisas, porque se você ficar sentado esperando que alguém que, a gestão da escola, e olha que a gestão da escola faz muito, muito mesmo, por todos dentro da escola, mas ficar esperando pela Secretaria de Educação não vai fazer nada nunca, não vai inovar nunca.	1. As dificuldades sempre existem dentro da escola, através da SME. 2. O professor precisa fazer dentro da medida do possível, não ficar esperando que a gestão faça. 3. Se esperar pelas gestões (escola ou SME) nunca irão fazer nada, nem inovar.
P03	Mas existem dificuldades. Olha, assim, o professor sempre dá um jeitinho, né, esse é o jeitinho que o professor vai dando né e infelizmente, realmente, às vezes falta apoio, eu te falei ontem que falta muita coisa nas escolas, falta material pedagógico pra trabalhar com os meninos, eu te falei, inclusive, que a gente precisava investir na cultura digital, por exemplo, é uma inovação, e assim, a gente precisa muito e olha o momento que a gente tá vivendo, né, a gente começou com essa pandemia o ano passado. Durante o ano todo a Secretaria Municipal de Educação na gestão passada, se reuniu, né, no final disseram que tinham feito licitação, não sei se cabe aqui, de algum aparelho para dar para os meninos, os professores, de internet nas escolas, tinha feito parceria com a (...) a gente iniciou o ano agora de 2021 de uma forma que a gente poderia ter iniciado lá atrás, né? Nós não temos aparelho, nós não temos internet boa para os alunos, os alunos não têm, então assim, olha o momento que precisava tá inovando mesmo, é um momento que pede isso e a gente não tem, infelizmente, então eu acho que também é mais uma dificuldade pra gente, mais um dilema pra gente aí.	1. Dificuldades existem, mas o professor sempre dá um jeitinho. 2. Falta muita coisa nas escolas, falta apoio pedagógico para trabalhar com os alunos. 3. Precisa haver investimento na cultura digital, que é uma inovação. 4. Não tem computadores nas escolas, nem internet. 5. Os alunos não tem internet.
P12	A grande dificuldade é essa mesmo, os pais tão cobrando da gente e não tem como a gente repor.	1. Pais cobram dos professores.
P03	E a culpa é do professor, quando o pai chega aqui, eles jogam tudo em cima do professor, entendeu, não quer saber que tem uma coordenação, que tem uma gestão na escola, uma direção, que tem a Secretaria de Educação, que a gente também depende de lá, mas essa carga toda vem pra cima da gente.	1. A culpa é sempre do professor. 2. Os pais jogam tudo em cima do professor.

APÊNDICE K – Grelhas de análise de conteúdo dos grupos focais – Educação do Campo – Roteiros I e II



**ANÁLISE DE CONTEÚDO GRUPOS FOCALIS
EDUCAÇÃO DO CAMPO
ROTEIRO I – DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO, ALUNO E PROFESSOR COMO ESSA RELAÇÃO CONSTRÓI A PROFISSÃO DOCENTE	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P05	Educação, né, no meu ponto de vista é um processo, é um processo contínuo, nós buscamos o tempo todo estar em conhecimento, em pesquisas e o aluno, ele é o nosso foco. O aluno e o professor eles caminham juntos, no caso, como o aluno e o professor, eles se completam, um com o outro. Então, a educação, ela permeia entre a nossa vivência, né, o contexto em si, ela está acoplada ao contexto social, intelectual, dentre outros. Então a Educação é um processo no qual nós estamos inseridos, no processo de conhecimento, no processo intelectual, no processo acadêmico, no qual nós educadores, né, fazemos parte desse processo. E somos o quê? Nós somos mediadores desse processo. E o aluno, ele é, o nosso foco, o nosso alvo e o nosso parceiro, né, é através do aluno que nós colocamos em prática os nossos estudos e assim vamos, é, pesquisando, vejo o que realmente tem que tá sendo mudado e trabalhando nesse processo. Ao meu ver, né, na minha concepção, a sua pergunta é direcionada nesse ponto. Se os colegas quiserem dar alguma contribuição pode ficar à vontade!	8. Educação é um processo contínuo. 9. O aluno e o professor caminham juntos, se complementam. 10. A educação permeia essa vivência, acoplada ao contexto social e intelectual. 11. Educação é um processo no qual todos estão inseridos, no processo de conhecimento, intelectual, acadêmico, no qual os educadores, fazem parte. 12. Professor é mediador desse processo de conhecimento.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	INSTRUMENTOS, CONTEXTOS E CONHECIMENTOS TRAZIDOS DAS VIVÊNCIAS PESSOAIS PARA A CONSTRUÇÃO DA PROFISSIONALIDADE	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P08	Da concepção de trazer da minha vida para o meu profissional foi muito enriquecedor, por quê? Quando eu vim trabalhar na educação, eu vim como contratado, me deram Educação Física, eu já gostava de trabalhar com Educação Física, eu já gostava de trabalhar com	7. A aprendizagem veio com o convívio com os colegas, direção, alunos, nas escolas que passou.

	esporte, então já acrescentou mais e me deram Matemática, que eu sou apaixonado por Matemática, então, uniu o útil ao agradável né, e tudo deu certo, tudo deu certo. E cada dia que passou eu fui aprendendo mais, eu aprendi com meus alunos, eu aprendi com meus colegas, aprendi com a direção, e cada escola que eu fui, cada escola que eu trabalhei, cada vez fui enriquecendo mais os meus conhecimentos.	
P06	Bom, nós comentamos na entrevista passada e eu trouxe foi a questão do meu convívio pessoal, né, eu falei que na época que eu me formei, tinha outro né, tinha Contabilidade, tinha Científico, tinha outras modalidades de ensino e eu optei pelo Magistério, porque como eu contei pra você, e os demais vão saber agora, é, meu pai era semianalfabeto, e aí eu fui me apaixonando pelo Magistério e assim, meu pai, é, semianalfabeto formou os 5 filhos, tá? E assim, ele me incentivou a estudar e através desse processo, eu fui me apaixonando ainda mais pela minha profissão pra poder ensinar os outros, poder passar um pouco do meu conhecimento para os outros. E isso foi o que me motivou e me motiva cada vez mais, sair de uma família, de uma classe média baixa pra hoje tá dentro de uma sala de aula, passando um pouco do meu conhecimento, um pouco daquilo que eu aprendi tanto na vida pessoal, quanto na vida profissional, para algumas pessoas, para que elas possam ter futuramente uma vida melhor, uma condição de trabalho melhor, não que a educação vá fazer ele enriquecer, mas a educação vai fazer com que as pessoas não o trate de forma diferente, o trate de forma igual.	4. Aprendeu tanto na vida pessoal, quanto profissional.
P05	Só complementando o que os colegas falaram né, a educação, ela nos oportuniza a estarmos passando para os nossos alunos, né, o direito de ir e vir, de exercer, de lutar, porque quando nós trabalhamos, principalmente quem teve oportunidade de trabalhar com a EJA, já é um público diferente e, assim, muito desacreditado, quando eles vêm pra escola, que não têm aquela confiança, acham que já passaram e é muito importante o professor já estar preparado, pra estar passando isso pra eles, né, que eles conseguem, que são capazes, é muito interessante o que o colega falou aí, que nós viemos de uma classe baixa né, que os nossos pais são analfabetos, mas que a gente consegue passar isso de uma forma que o aluno, ele se apropria desse conhecimento para a vida, porque você ler e escrever tem uma função, mas a função social, ela é inserida nesse processo educacional de uma forma muito forte, né, e nós precisamos estar atentos a isso, porque o nosso aluno, ele é um reflexo do que nós pensamos, de como nós trabalhamos e isso é muito importante no educador. Realmente, é uma pergunta assim, que traz uma reflexão de nossa vivência, na nossa prática, na nossa vida pessoal e eu gostei muito quando você questionou sobre isso, me fez lembrar de muitas coisas, né, porque a educação, ela transforma vidas. Como o colega falou, você não vai enriquecer, mas você vai correr atrás de seus sonhos, você vai ser	1. A educação oportuniza passar para os alunos o direito de ir e vir, de exercer, de lutar. 2. O professor deve passar para os alunos que eles podem, que são capazes. 3. O aluno é o reflexo do que nós pensamos, de como trabalhamos. 4. A educação transforma vidas.

	capaz de lutar por aquilo que você acredita e nós na sala de aula, é o nosso papel, é o que nós fazemos de melhor, né, é ter essa parceria com nosso aluno e falar com ele que isso é possível através de nossa influência. É isso aí.	
--	--	--

UNIDADES DE SIGNIFICADO	FORMA COMO O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE IMPULSIONA PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P05	Olha, a nossa prática profissional formativa, ela é importantíssima, pelo menos na minha vida, no último questionamento nós debatemos muito sobre isso, eu tive a oportunidade de fazer uma graduação, e depois eu tive a oportunidade de fazer uma pós-graduação. Na minha pós-graduação eu vi, né, a oportunidade de ajudar alunos no processo ensino aprendizagem, na questão das dificuldades, eu fiz uma pós em Psicopedagogia e eu acho muito importante na minha formação porque a partir daí eu comecei a ver os meus alunos de forma diferente, eu alfabetizava e isso me inquietava né, quando esses alunos não aprendiam e porque esses alunos não aprendiam. Até porque nós não tínhamos conhecimento científico nessa área pra entender porque o aluno não aprendia e até porque não tinha como avançar com esse aluno. Depois desse processo que eu tive, formativo, meu olhar foi totalmente diferente, quando ele entrava na sala de aula eu já conseguia identificar, né, com alguns, com algumas aulas, as dificuldades que o aluno tinha e como intervir nessas dificuldades. Então, a prática formativa, ela é muito importante para os alunos, porque através daí nós temos como intervir e ajudar o nosso aluno para avançar.	1. A partir das formações teve a oportunidade de ajudar alunos no processo de aprendizagem, na questão das dificuldades. 2. A partir do processo formativo o olhar é totalmente diferente, pois conseguia intervir e ajudar o aluno.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	EXISTE FOMENTO, ESTÍMULO PARA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NO MUNICÍPIO? COMO AVALIAM O INVESTIMENTO FEITO PELO MUNICÍPIO?	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P06	Bom, nesse período de pandemia o estímulo foi bem pouco. Eu falei naquele dia que esse processo de ensino remoto, ele já estava por vir, a pandemia só acelerou, ou seja, aí, a Prefeitura, com esses investimentos, que, quando, no papel era uma maravilha, no papel tudo aquilo que a Secretaria de Educação tava planejando para o retorno das aulas, para os professores, era uma coisa futurística, e quando eu li, eu falei, não, se sair do papel “avemaria” a gente tá no céu. Aí vem as novas plataformas de ensino, vem as novas tecnologias, há uma resistência de alguns colegas em relação a essas inovações pedagógicas. Só que, assim, o Município, ele poderia ter investido mais, porque verba tem, poderia ter investido mais. Em questão de estímulo da escola, da inovação pedagógica da	1. Com a pandemia o estímulo foi muito pouco. 2. Havia planejamento no papel, mas não saiu disso. 3. Com as novas tecnologias vem a resistência de alguns colegas em relação a inovações pedagógicas. 4. A escola deveria incentivar, estimular mais a inovação

	escola, é, deveria ter um incentivo maior, porque eu não vejo, assim, essa preocupação tão grande, nessas inovações pedagógicas, porque ainda há uma resistência de alguns colegas, de alguns profissionais, eu falo num âmbito geral, tá? Pra se adequar a essas novas realidades que nós estamos vivendo. Então, assim, a Prefeitura prometeu no papel, mas não cumpriu na prática, ou seja, esse momento de pandemia seria um momento de um grande investimento para a Educação, porque pegou todo mundo de surpresa, então, assim, faltou um pouco mais de sensibilidade do poder público, né, pra poder fazer esse tipo de investimento para atender melhor a categoria. Antes já existia [investimento] a formação continuada, já existia, igual eu falei mesmo, que, um dos cursos que eu fiz, que me abriu um pouco o leque foi o do SENAR, que foi um curso que eu fiz junto com Socorro, né, teve vários encontros, então me possibilitou ter uma visão diferente, principalmente da Educação voltada para o Campo.	pedagógica. 5. Faltou sensibilidade do poder público em fazer esse tipo de investimento.
P08	Eu sou muito suspeito em falar porque eu sou muito crítico em relação a esse estímulo do Município para com os professores, para com as nossas escolas, porque eu vejo que o Município, ele não dá tanto estímulo assim para o profissional, ele quer o trabalho bem feito, mas ele não dá o estímulo que nós precisamos. Nós não temos uma sala dos professores equipada para nós pesquisarmos, né, como nós somos eternos pesquisadores, nós temos que ser para estarmos sempre em dia com os nossos alunos, levando atividades com maior clareza pra eles, eles não dão nada disso. A escola em que eu trabalho não tem nem sala de professores, quando o professor sai da sala tem que ficar no corredor, quando vai fazer uma ampliação na escola, a nossa querida diretora tem que remanejar dinheiro daqui, dinheiro daqui, um dinheiro que vem do Governo Federal para fazer alguma coisinha na escola, mas o Município mesmo, nada! E agora, pior ainda né, porque nós estamos trabalhando no sistema remoto, onde a Prefeitura Municipal nem sequer, dá um celular para o professor, nós temos que utilizar o nosso celular, o nosso individual, para trabalharmos com os nossos alunos, não nos dão nada, eles querem o trabalho, mas eles não dão incentivo nenhum. Antes da pandemia, a escola funcionava com alunos, merenda escolar, transporte escolar, energia, água, gás, tudo isso acabou, esse dinheiro tá sobrando para os cofres da Prefeitura, e porque não se investe mais na escola, mais no professor, mais no profissional, eu não entendi essa parte ainda.	4. Não há muito estímulo por parte do Município para o profissional. 5. Em sua escola não há sala de professores, o professor fica no corredor. 6. Prefeitura não disponibiliza aparelhos celulares para os professores trabalharem. 7. Os professores utilizam o aparelho celular pessoal para trabalhar com os alunos.
P06	Situação é delicada, só pra gente ter uma noção, a internet da nossa escola quem paga é a gente, ou seja, eu tô “pagando”, entre aspas, pra trabalhar, eu tô usando a minha internet pessoal de casa, tem que pagar pela internet da escola, se eu quiser utilizar a ferramenta, que eles deveriam fornecer, aí você fala do celular, (risos), ô Deus, só Jesus de Misericórdia! A internet que nós usamos nós pagamos.	1. Quem paga a internet da escola são os próprios professores.
UNIDADES DE SIGNIFICADO	SENTIMENTO DE OBRIGAÇÃO OU COBRANÇA PARA SEREM INOVADORES POR INPOSIÇÃO DA SOCIEDADE OU POR	ELEMENTOS PARA ANÁLISE

PROFESSORES	ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS	
P05	O professor o tempo todo, ele é cobrado, né, a estar inovando sua prática, por quê? Até no processo mesmo de formação. Eu fiz Magistério na época, eu acredito que todos que fizeram também, nós fomos cobrados num determinado tempo a fazer Magistério, bancando do nosso próprio bolso, né, fizemos uma formação. E o tempo todo nós estamos sendo cobrados. Essa pergunta, ela até complementa a outra que os colegas responderam pra não alongar muito tempo, acabei discutindo também. Mas assim, nós estamos, os profissionais da educação, o tempo todo estamos sendo cobrados, né, na prática, na formação, dentre outras coisas, então, assim, existe formação continuada e tem muitos cursos que o professor, ele banca do próprio bolso, né, porque, é uma cobrança que vem pra ele e ele precisa dar conta. E agora, nesse tempo agora de pandemia, ainda mais, porque nós estamos lidando com tecnologias novas que não estávamos acostumados, né, então nesse processo, o que é que acontece, as cobranças vêm, como falou meu colega Luciano, como falou meu colega Márcio, a pouco, né, nós estamos sendo cobrados o tempo todo. Assim, respondemos algumas cobranças, e tentamos dar conta de outras, mas assim, é muita cobrança, é muita coisa, o tempo todo nós estamos sendo cobrados para dar conta. É... planos, né, diferentes, agora nessa situação de tecnologia mesmo, nós estamos tendo que aprender muita coisa, porque nós não tivemos capacitação pra isso, não tivemos uma formação, a nossa formação não tem nada a ver com o tipo de aula que nós estamos trabalhando hoje. Claro, nós como profissionais, estamos buscando, a cada dia melhorar, pra trabalhar, pra atender a necessidade atual, mas ainda há uma cobrança muito grande. É...eu não sei os colegas, né, mas assim, quando dá..., hoje mesmo, a partir de hoje, nós já temos que nos preocupar com planos, né, com roteiros, com atividades, em si, com muitas coisas que nós fazíamos, trabalhávamos sim, mas, assim, há cobrança o tempo todo, professor é aquele que sempre é cobrado, em todo o tempo ele é cobrado, desde a formação, a aula dele, o tipo, a mudança, o fazer pedagógico, as questões, né, de tecnologia, temos alunos que já nasceram nessa época, e nós não nascemos e não fomos preparados pra isso, nós estamos nesse processo e temos que dar conta, nós temos que dar conta do que tá acontecendo, até porque o nosso aluno, ele não é um aluno como antes, como nós fomos, ele é um aluno atualizado, da era da tecnologia, e nós estamos dando conta desse processo com muita dificuldade e não está sendo fácil pra ninguém, né? Então esse é um processo que nós estamos sentindo, realmente nós estamos em cobrança o tempo todo, o professor ele tá sendo sempre cobrado de algo, seja na área acadêmica, seja em seu fazer pedagógico, ele é uma pessoa, né, do responder as cobranças, é o professor.	1. O professor é constantemente cobrado a estar inovando a sua prática. 2. Os profissionais da educação estão o tempo todo sendo cobrados na prática, na formação, dentre outras coisas. 3. Existe formação continuada e tem muitos cursos que o professor banca do próprio bolso porque é uma cobrança que vem pra ele e ele precisa dar conta. 4. Estão lidando com tecnologias que não estão acostumados a lidar e com isso vem as cobranças e eles têm que dar conta. 5. Não tiveram formação pra isso, as formações não tem nada a ver com o tipo de aula que estão trabalhando hoje. 6. Como profissionais estão buscando melhorar a cada dia para atender a necessidade atual, mas a cobrança ainda é muito grande. 7. Os professores precisam dar conta em seu fazer pedagógico pois os seus alunos já nasceram na era tecnológica, não são como antes, são alunos atualizados e os professores precisam dar conta desse processo, mas não está sendo fácil.
UNIDADES DE SIGNIFICADO	CURSOS DE FORMAÇÃO NA TEMÁTICA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E INSTITUIÇÃO FORMADORA	ELEMENTOS PARA ANÁLISE

PROFESSORES		
P08	Inovação pedagógica, eu não participei não.	
P05	Não, eu não me lembro de ter feito nenhum curso com esse tema específico.	



ANÁLISE DE CONTEÚDO GRUPOS FOCAIS EDUCAÇÃO DO CAMPO

ROTEIRO II – DESAFIOS E DILEMAS ENFRENTADOS POR PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	COMO SE PREPARAR PARA AGIR E DECIDIR SABIAMENTE AO LIDAR COM DIFERENTES DILEMAS EM SALA DE AULA OU NA PROFISSÃO?	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P05	Não é uma pergunta simples, porque eu acredito que todos nós vivenciamos algumas situações em vários bairros, não vem aqui ao caso ficar citando e não é uma pergunta simples, porque cada profissional, ele vai agir de uma forma, ele vai ter sabedoria pra ministrar a sua aula, ele não vai poder falar algumas coisas, ele vai ter que ter disciplina, discernimento e conhecimento para estar agindo em determinadas situações, por quê? Porque no âmbito que nós vivenciamos, a nossa sociedade em si, não só no bairro onde nós moramos, mas em outros bairros, nós temos uma realidade difícil, diferente, né, então assim, há situações que o professor, ele tem que ser muito profissional e muito sábio, ele tem que ter o discernimento, ele tem que ter o discurso voltado pra determinadas situações e ao mesmo tempo, ele ter essa sabedoria de conduzir a aula dele de forma científica, né, com cunho científico e tendo esse cuidado de levar para o seu aluno o conhecimento e não trazer vivências mesmo na participação, na questão da participação da... dos colegas e alunos, né, então tem que ter esse cuidado, nós educadores temos que ir e voltar, nós temos que ser mediadores, mas ao mesmo tempo, nós temos que ser muito profissionais para estarmos atuando em algumas áreas e ministrando nossa aula. Determinados temas nós temos que ter muito cuidado em como ser abordado em sala de aula. Eu falo pra você que não existe uma receita de preparação, não existe, psicologicamente nenhum de nós estamos preparados para isso, nós nos preparamos com a nossa realidade, com o nosso dia a dia, nós estamos sempre sendo testados, o professor, ele não tem uma receita pronta, ele é um mediador, ele é um profissional de pesquisa, ele tá o tempo todo indo e voltando, e algumas situações sociais, elas nos trazem ainda muitas surpresas, né, então a gente não tem uma receita, se eu falar pra você, é..., isso aqui funciona ou isso aqui funciona, eu vou estar mentindo, porque cada	1. O professor precisa ter discernimento, conhecimento para agir em determinadas situações. 2. Há situações em que o professor precisará ser muito profissional e muito sábio, ter o discernimento, discurso voltado para determinadas situações e ao mesmo tempo, ter sabedoria para conduzir a aula de forma científica. 3. Professor tem que ser mediador. 4. Determinados temas nós temos que ter muito cuidado em como ser abordado em sala de aula. 5. Não existe receita de preparação. 6. Professor não está preparado psicologicamente para determinadas situações, está o tempo todo sendo testado.

	situação é uma situação e o profissional, ele tem que atuar de forma diferenciada em cada momento. Às vezes um aluno, eu já tive situações de um aluno de 3º ano trazer algumas situações e naquele momento, né, eu ter sabedoria de conduzir aquela aula e ao mesmo tempo com os jovens e adultos, então assim, não existe uma receita. O profissional ele está num contexto educacional, ele é um profissional, nós somos, eu falo que nós somos artistas, nós temos esse dom de sair de algumas situações, né, com muita propriedade, com muita sabedoria e darmos conta. Às vezes nem nós mesmos sabemos como damos a conta naquele momento, mas assim, a educação em si, ela nos traz também, algumas experiências e se nós formos relatar aqui vamos passar a noite, mas assim, são experiências que elas somam, pra preparar o profissional nessa área.	
--	---	--

UNIDADES DE SIGNIFICADO	DESAFIOS ENFRENTADOS DIARIAMENTE NA PRÁTICA EM SALA DE AULA	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
PROFESSORES		
P06	Esses desafios enfrentados diariamente, isso afeta até mesmo uma prática corriqueira em sala de aula, eu escutei (...) falando, e assim, vou usar até uma fala dela, o professor tem que ser ninja pra sair de algumas situações adversas. Eu separei 3 tópicos aqui, primeiro foi a questão em relação até a primeira pergunta complementando a segunda, que é a questão da família. Tem horas que surge temas relacionado à família dentro de sala de aula e o conceito de família mudou-se um pouco, né, que, acredito que aquele conceito tradicional, pai, mãe e filhos, né, hoje a criança mora com dois homens, mora com duas mulheres, assim, são temas muito delicados de participar e que volta e meia vem à tona dentro de sala de aula. A outra questão é a questão da religião, porque você dá a sua aula de Ciências, na sua aula de História, sempre vem a teoria da evolução, sempre vem a origem do homem, então, são assim, situações bem delicadas pra tá se tratando, porque dentro de uma sala de aula, existe x denominações, né, então você tem que saber lidar bastante né, com essas situações e a última, que eu coloquei aqui pra destacar, que infelizmente, tá em todos os lugares, né, é a questão da criminalidade. Aconteceu comigo em sala de aula, um menino comentando, né, que antigamente quando você via uns “estourozinhos” o povo se assustava, hoje já é coisa cotidiana, já, os meninos nem se assustam mais, comentando dentro da sala de aula, professor, lá em casa é, fulano é, tava fumando lá e a fumacinha chega saia verdinha. E assim, a sala 29 alunos e ele não falou baixo, então assim, eu tive que contornar essa situação, cheguei perto dele e falei que essa situação não poderia tá se contando, etc e tal né, pra contornar a situação, depois o chamei no particular, na hora do intervalo, eu tive a liberdade de chamar os pais dele na escola, conversei a situação, falei ó, aconteceu isso e	1. Os desafios são enfrentados diariamente. 2. A família é um desafio, o conceito de família mudou e são temas delicados para se tratar em sala de aula. 3. A religião é outra questão, nas aulas de ciências e de história tem situações bem delicadas para se tratar, precisa saber lidar com essas situações. 4. Lidar com situações de drogas ilícitas e violência por conta da própria comunidade.

	isso, eu tentei contornar mas assim, você conversa em casa pra que não saia mais do ambiente, pra que não dê problema nem pra um lado, nem pro outro né, então assim, é cada enfrentamento que a gente tem que só Jesus. O professor tem que ser ninja mesmo e sair de situações adversas que volta e meia aparece em sala de aula.	
--	---	--

UNIDADES DE SIGNIFICADO PROFESSORES	MAIORES DIFICULDADES ENFRENTADAS POR TENTAREM FAZER COM QUE A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA SE TORNE REALIDADE	ELEMENTOS PARA ANÁLISE
P06	Bom, uma das grandes dificuldades é você tentar trazer a família para a escola, porque houve uma inversão de valores, né, então a escola hoje ela é responsável por tudo, né, tirou a responsabilidade dos pais e jogou pras costas dos professores, ou seja, pro corpo da escola, isso antes, agora com o período da pandemia, voltar um pouquinho o tema novamente, voltou-se um pouco, porque agora eles têm que acompanhar os filhos dentro de casa, tem que auxiliar o professor dentro de casa. Passa atividades, já teve caso de pais mandar recado desaforado pro professor dizendo que ele não era obrigado não, o professor já ganhava pra poder ensinar, ganhava pra lecionar, hoje eles estão sentindo na pele, ou seja, o professor com 29, 30 alunos dentro de sala de aula, hoje ele tá com 1 ou 2 dentro de casa, que são seus filhos e volta e meia reclamando no grupo dos pais que não tá aguentando a atividade, não tá aguentando acompanhar o rendimento do filho, ou seja, uma das maiores dificuldades é, trazer a família pro colégio, trazer a família pra escola, trazer a família pro lado dos professores pra que possa fazer um trabalho em harmonia.	1. Trazer a família para a escola.
P05	Nosso colega foi muito feliz quando ele colocou a questão da família, realmente, a dificuldade que nós temos maior, né, inclusive agora a gente tá tendo essa oportunidade de estar conversando sempre, os pais estão muito, muitos estão desesperados né, com essa nova situação, porque até então o professor, ele era tido como um profissional que não tinha muito trabalho, hoje estamos vivenciando isso como o colega acabou de colocar, nós damos conta de 27, 30 alunos em sala de aula, hoje o pai tá ajudando com atividade de 1 e estão reclamando né, e nós precisamos dessa parceria e eu acredito que após essa pandemia vai haver uma mudança, uma mudança de pensamento em relação a família, não sei se vai resolver, com certeza não vai, mas nós estamos percebendo que o educador hoje, né, com toda essa situação que nós estamos passando, está sendo visto de uma forma diferente por quê? Porque antes os pais achavam que educação ensinava a ler e a escrever, né, interpretar, fazer as funções que nós ensinamos e ainda preparamos pra vida, como o colega acabou de colocar aí, muitas pessoas, né, em cima do educador, então assim, a família, se ela tivesse	4. Os pais estão desesperados com essa nova situação. 5. O trabalho escola x família deve ser em conjunto. 6. Quando o aluno tem acompanhamento da família a aprendizagem é completamente diferente.

	uma parceria com a escola com certeza seria totalmente diferente. Então, realmente é o que o colega acabou de falar, é o que falta, é a questão da família, porque se trabalharmos em conjunto, escola – família, a realidade é outra. Nós vivenciamos isso, eu tenho aluno, que tem o acompanhamento da família, a aprendizagem é completamente diferente, né? Então, é essa situação realmente que passamos. Tem que existir essa parceria entre esses dois, escola e família, no dia que existir eu tenho certeza que a educação de fato vai melhorar.	
--	---	--